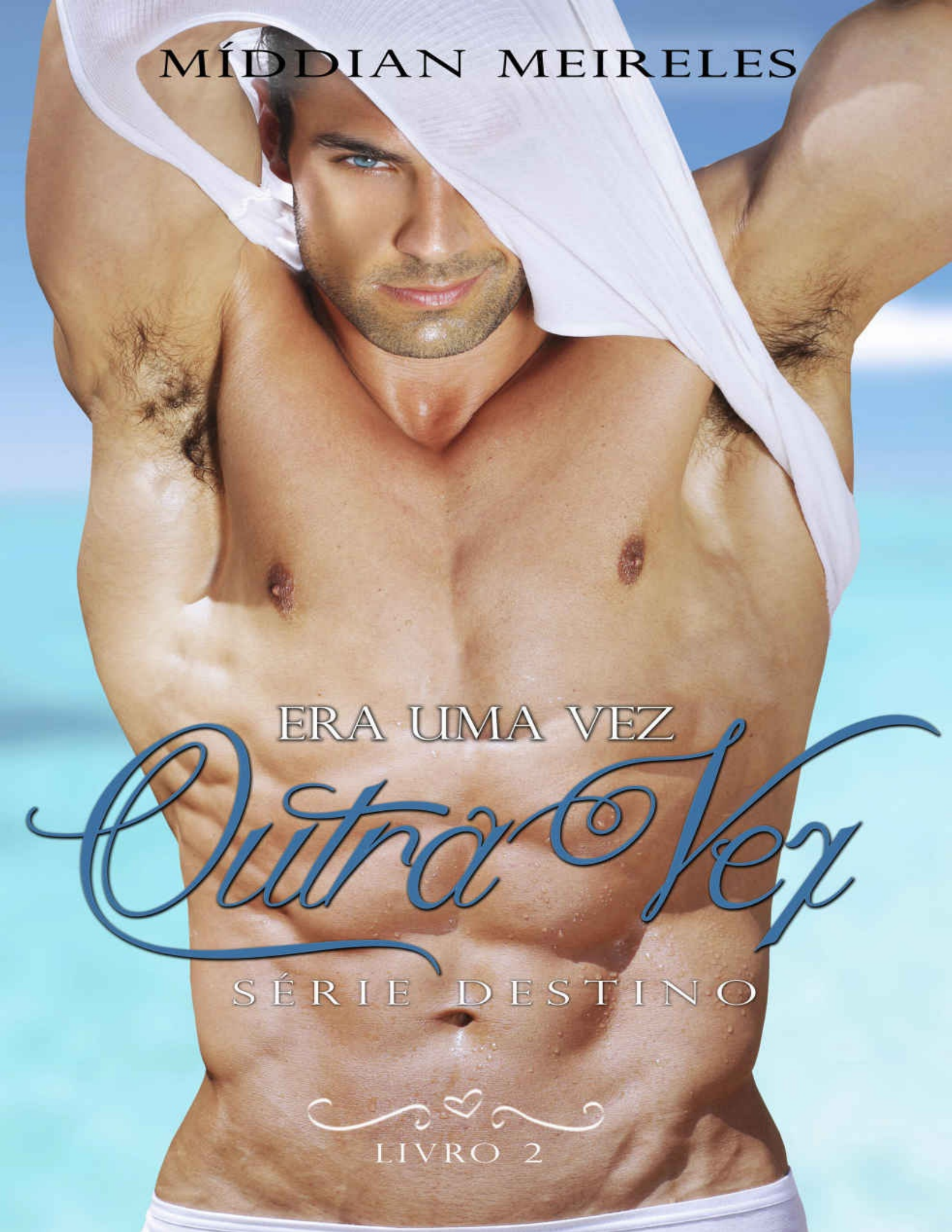




MÍDDIAN MEIRELES

ERA UMA VEZ

Outra Vez

SÉRIE DESTINO

~♡~
LIVRO 2



ERA UMA VEZ OUTRA VEZ

MÍDDIAN MEIRELES

2ª Edição

2015

Copyright © 2015 por Míddian Meireles

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

Equipe Editorial

Diagramação Digital: Míddian Meireles

Capa: Míddian Meireles

Agradecimentos

Não posso deixar de começar agradecendo àqueles que estão ao meu lado independente de qualquer coisa: Pai, Mãe, filho, obrigada por me fazerem acreditar em mim! Amo vocês mais do que tudo!

Uma grande autora da qual eu sou fã, disse que ao longo da vida encontramos pessoas que se tornam amigos, sem os quais não podemos mais imaginar viver. E eu tive o prazer de conhecer algumas. Desde que comecei a me aventurar no mundo da escrita, recebi incentivo não apenas da minha família e dos meus amigos, mas também de pessoas que eu conheci através dos meus livros e que hoje fazem tanta diferença em minha vida. Thuany, Taciana, Thais e Kami, minhas *bechatas* lindas e amigas maravilhosas, obrigada por serem as melhores betas do mundo! Obrigada pela paciência, apoio e puxões de orelha.

Tati, minha amiga rabugenta linda, por entender minhas maluquices. Carlie, minha BFF, sem palavras para agradecer o prazer que é ter sua amizade, mesmo quando você me faz chorar com suas histórias lindas, mas também por me fazer rir e sonhar. Bah, minha corujinha linda, por ser a minha malvada mais fofa que existe. Minhas outras amigas lindas que nos presenteiam com o dom da escrita: Amanda Lopes, Aline Alves, Ali, Ana Rita e tantas outras queridas que não cabem aqui. E é claro, as minhas princesas de sempre: Martinha, Danila, Babi, Sarinha, Jess, Jessi, Nay, Vic, Marlinha KP, Milena, Michelly, Talita, Fernanda, Xanda, Bah, Gisa, Elaine, Maik. Vocês são essas pessoas imprescindíveis na minha vida.

E a todas as minhas leitoras, que se apaixonaram pelo nosso casal e esperaram ansiosamente por esse encontro. Isso é para vocês!

Míddian Meireles

ERICK

Ainda naquele dia...

Meu sorriso morreu assim que bati a porta do meu carro. Eu estava animado, mesmo que provavelmente aquele *Riquinho Rico* tivesse quebrado meu nariz. Mas, quando sentei no banco do motorista, a verdade finalmente me bateu. Existe coisa pior do que descobrir que você mais uma vez fez tudo de errado? Que você fodeu com tudo depois da milionésima vez? Que estragou mais uma vez a chance de provar para mulher que ama que é o cara certo para ela?

— Sou um idiota! — grito, para mim mesmo, batendo com minhas mãos em punhos no volante do carro, como se ele fosse o culpado por tudo em vez de mim mesmo.

Cinco anos de merda me enganando. Cinco anos tentando negar a mim mesmo que eu ainda amava aquela mulher. Cinco anos me escondendo atrás de uma máscara de playboy pegador. Cinco anos sendo estupidamente idiota. Não... Mentira! Era idiota há muito mais tempo. A primeira vez que havia sido idiota foi quando a trai pela primeira vez. Agora, era apenas o imbecil que perdeu a mulher da sua vida.

Dirigindo sem rumo, parei num hospital para fazer um curativo no nariz e, depois que voltei a dirigir, comecei a pensar em como pude ser capaz de ter feito aquilo com ela. Ainda lembrava perfeitamente quando a tinha visto pela primeira vez. Apesar de estar muito mais linda, Sophia já era incrivelmente linda na época em que tinha dezoito anos. Lembrava que tinha paralisado na porta do bar quando escutei sua voz doce. Olhei imediatamente para o palco e a vi cantando, apenas o fato de vê-la fez com que me arrepiasse. Sabe uma sereia? Era assim que ela parecia; longos cabelos loiros, rosto de boneca, uma voz de cair o queixo e um corpo de parar o trânsito.

Putá merda! Era perfeita!

Eu soube, naquele exato momento, que eu a queria. Ela precisava ser minha. Mas ainda que eu a quisesse de uma forma como nunca quis outra, eu estava assustado. Por que eu me assustaria com uma mulher, sendo que pegava todas as que queria? Isso não se encaixava. Nunca tinha visto ela por ali. Era caloura, só podia, porque eu com certeza não teria deixado uma gata daquelas passar. Como ela não vestia nenhuma peça de roupa branca, e considerando que eu já havia traçado mais de oitenta por cento das meninas do campus de saúde, ela com certeza não era dessa área.

Hoje incrivelmente havia dispensado todas as *piriguetes* que vinham atrás de mim. Sim, era isso que acontecia. Elas ficavam atrás, mas, naquela noite, eu tinha um propósito. Ela ainda estava no palco, e eu não queria perder um segundo dela. Precisava chegar até ela, e esse pensamento estava me incomodando cada vez mais. Nunca havia precisado disso antes. Não sou convencido... Mas elas sempre vieram atrás, e fariam qualquer coisa para ter um pouquinho da minha atenção – ou até mesmo um pouco mais. O que me levava a crer que ela faria exatamente isso, não é mesmo? Mas qual foi minha surpresa quando ela saiu do palco ovacionada, com as pessoas assoviando e gritando o quanto ela era “linda, gostosa e talentosa”, e, mesmo que tivesse me posicionado estrategicamente para que ela me notasse, ela nem pareceu perceber minha existência?

Fiquei chocado. Nunca havia me acontecido isso antes. Achem-me convencido, prepotente, o que for, mas, bem ou mal, sempre pegava olhares das mulheres me cobiçando, mesmo que fossem comprometidas. E a loira estava mesmo me deixando passar? Será que ela era lésbica? Isso talvez explicasse. Não gostei. Um lado meu - o lado que estava acostumado a ter todas as mulheres que queria, ou até mais, de uma só vez - gritava para mim que eu saísse correndo. Mas o outro lado, o lado que eu nunca tinha escutado a voz antes, disse-me que ela valia a pena. Eu estava em conflito

comigo mesmo. Por isso, precisei sentar e pedir um chope enquanto analisava o que fazer.

Só que algo me chamou atenção: ao se dirigir a uma mesa, ela se sentou em uma cadeira do lado de outra garota muito bonita e um cara que eu conhecia. Rodrigo era um carinha que estava nos últimos semestres de Engenharia Ambiental e malhava comigo na academia da faculdade. Ele era muito gente boa, e sempre nos encontrávamos por lá e tomávamos umas juntos com a galera da academia - ou saíamos para farrear e pegar umas gatinhas. Só que há uns dois meses, não nos víamos mais com frequência, porque ele tinha me dito que estava namorando. Os rapazes comentaram que sua namorada era bonita, e pude realmente confirmar que ela era uma gata. Lembrava que eu tinha ficado tirando sarro dele por estar com as “bolas pregadas”. Entendam-me: não o julgava, porque ela realmente era uma gata, mas isso não era para mim.

Eu não tinha relacionamentos. Não gostava de me envolver verdadeiramente. Apesar de não serem separados, meu pai era um homem que não fazia questão de esconder sua infidelidade de ninguém, e muito menos da minha mãe. Se meu próprio pai não era fiel e não respeitava seu casamento de mais de vinte e um anos com minha mãe, por que eu deveria acreditar em relacionamentos? Não. Preferia ficar sozinho do que fingir ser um “casal feliz”.

Peguei minha caneca e parti para o ataque. Não era muito de pensar antes de agir, e estava perdendo tempo demais só analisando o que fazer para ficar com a loira. E a verdade é que não estava gostando nada disso. Meu lado desconhecido continuava repetindo que valia a pena, mas meu lado cafajeste repetia que eu só precisava me enterrar dentro de uma boceta para tirá-la da minha cabeça. Só que meus planos eram me enterrar na dela. Sorri com meu pensamento. Só pensar em me enterrar dentro daquela mulher cheia de curvas e fodê-la até perder os sentidos, fiquei eufórico. Não que eu estivesse precisando de uma foda, porque naquele dia já havia até comido duas. Mas Deus sabia que eu não dispensava ninguém que estivesse disposta a me dar o que queria. Era uma pessoa caridosa.

Cheguei à mesa de Rodrigo, e os três ainda estavam em uma conversa animada. Ela lhes dizia algo que, pelo barulho do som que voltou a encher o bar, era impossível de escutar. Ainda assim, Rodrigo e sua namorada gargalhavam - o que logicamente me levou a crer que ela não era aquela típica “mulher camarão”, que, apesar do corpinho delicioso, não tinha nada na cabeça. Só que, mais uma vez, isso não me interessava. Não queria me casar com ela mesmo. Era para ser uma foda e nada mais. Até duas ou três se valer realmente a pena repetir.

— E aí, Digão! Nunca mais nos encontramos aqui, cara! — cumprimentei-o, chamando a atenção.

— Erick, seu calhorda! Como você tá, mano? — Levantou-se e me cumprimentou com aquele típico cumprimento “testosterônico”.

— Porra, cara! Você largou os pesos para poder nadar borboleta? — perguntei, tirando sarro, porque Rodrigo fazia natação. Os três começaram a rir.

— Seu cu, seu viado! Só que não estou malhando todos os dias. O estágio está me deixando insano, e quando tenho tempo de malhar, malho logo cedo. Hora que você chega da zona. — rebateu, fazendo-me gargalhar.

Merda! Ele já está queimando meu filme!

Pela minha visão periférica, vi que a loira estava me olhando descaradamente. Mas não com cobiça, curiosidade e mais do que isso: com um olhar analítico, como se me estudasse. Gostei e não gostei. Gostei porque ela finalmente havia me notado, e não gostei porque de cara percebi que ela não seria tão fácil como qualquer outra.

— Deixa eu te apresentar, cara. Essa aqui é minha namorada, Carol. — Sorri e a cumprimentei com dois beijos.

— Prazer, Carol. Esse idiota fala muito de você. — falei, e ela sorriu simpaticamente.

— E essa aqui é Sophia, amiga minha e de Carol. — ele continuou. — Eu já tinha falado com vocês sobre ela. A conheci na minha turma de Metodologia, e viramos amigos. Marotinha, esse é Erick... Só tome cuidado. — ele a advertiu, brincando.

Realmente me lembrei que ele havia falado sobre ela. Dizia que, embora fosse linda, a amizade tinha sido instantânea, e ela havia lhe apresentado sua namorada. Ela olhou para mim. Realmente olhou. Vi o quanto ela era ainda mais linda de perto e meu melhor “sorriso de pegador” fraquejou quando eu a vi sorrindo diretamente para mim.

O que foi essa merda de estômago revirar e coração bater em disparado?

Eu já disse que havia começado minha carreira com as meninas aos nove anos? Pois é. Segundo minha mãe, eu era precoce, mas nunca, em toda a minha vida, uma mulher havia me causado aquela reação. Assustei-me, e meus instintos predadores gritaram, dando-me avisos para sair correndo. Mas eu simplesmente não conseguia. Cumprimentei-a com dois beijos e tentei disfarçar quando puxei a respiração e senti o cheiro doce do seu perfume. Parecia de frutas, doces, e eu adorei. Quando nos afastamos, ela desceu seus lindos olhos castanhos pelo meu corpo, e eu sabia que ela ia gostar do que estava vendo. Mas de certa forma, bateu-me a merda de uma insegurança de que ela não gostasse.

Sério? Nem acredito que estou pensando nisso!

— Nem quero pensar no que Rodrigo deve ter falado de mim para os caras da academia. — ela disse, com um enorme sorriso, indicando-me a cadeira para que me sentasse ao seu lado. Notei que eu gostava dela e do seu jeito espontâneo.

— Só coisas boas, acredite. Ele só não me disse que eu precisava lhe conhecer. — respondi, deixando o que diria no ar juntamente com um sorriso provocante que ela prontamente retribuiu.

— Talvez seja porque sou uma pessoa difícil de conhecer e se conviver. Apesar de nos conhecermos há pouco tempo, ele sabe que não é qualquer um que aguenta o tranco. — complementou, e eu ri.

Oh eu aguentaria!

E foi. Sophia era linda, engraçada e sempre direta. Aquela noite foi a primeira de muitas vezes que ficamos. Eu não tinha uma regra fixa sobre não repetir a “comidinha”, mas olhando pelo lado de nunca ter tido que esperar ou ir devagar, demoramos mais do que eu gostaria para irmos finalmente para a cama. Porém, toda a espera valeu a pena.

Ela era gostosa para caralho e me deixava louco antes, durante e depois da transa. Com ela, eu ficava com um tesão sem fim. Não via necessidade de “comer” outras, afinal Sophia me satisfazia completamente. Com tudo isso, acabamos cada vez mais envolvidos. Foi natural começarmos a namorar. Apesar de nunca ter tido uma namorada antes - e o mais importante: nunca querer ter tido antes dela -, Sophia nunca deixou nosso convívio monótono. Eu sempre ria, divertia-me e farreava com ela. Mas duas coisas fazem o homem fraquejar: a insegurança e o medo.

Como eu já disse e não canso de repetir, Sophia era linda e gostosa para caralho. Todos os homens no corredor da faculdade entortavam o pescoço quando ela passava. Ela nunca se comportou como tal, mas usava umas porras de roupas curtas, de *piriguete*, e rebolava aquela bunda enorme quando andava, deixando todos os caras babando e as mulheres morrendo de inveja. Entenda: não querendo justificar, mas eu era filho único. Não sabia dividir e nem lidar com a perda. Todos os meus amigos tiravam sarro de mim, porque logo eu, que sempre julguei quem tinha relacionamentos, estava finalmente com as “bolas pregadas”. Tinha ciúmes até da sua sombra. Havia dado murro em uns três caras que se diziam meus amigos só porque haviam comentado sobre a bunda dela. A verdade é que eu não gostava do que estava me tornando.

Eu simplesmente não me reconhecia mais. Não era mais o Erick que eu sempre havia sido. Comecei a me desesperar com a possibilidade de simplesmente não conseguir lidar com o fato de um dia Sophia me trair ou até mesmo me largar pelo primeiro babaca que aparecesse. Não estou dizendo que ela me dava motivos para que eu pensasse sobre isso, muito pelo contrário, porque ela sempre foi carinhosa e atenciosa na medida certa. Só que eu estava me vendo cada vez mais inseguro, e não conseguia lidar com isso.

Era uma merda!

Sophia começou a ficar um pouco diferente. Um pouco mais distante. Eu não entendia muito bem o porquê. Meu inferno astral começou no dia em que fui conhecer seus amigos de fora da faculdade e descobri que os amigos-irmãos de quem ela tanto falava, eram caras super boa pinta e playboys do caralho, como eu. O engomadinho do Nick morava nos Estados Unidos, mas estava sempre no Brasil e era descaradamente apaixonado por ela, mas acho que só ela não percebia. Como se já não bastasse isso, ainda descobri que o tal de Duda ainda tinha sido seu namorado e o cara com quem ela havia perdido a porra do seu cabaço. Para completar o estrago, até João me encarava meio ameaçadoramente, e eu não gostava em nada daquela superproteção deles em relação a ela. Parecia que eles estavam esperando a primeira oportunidade para pegarem minha garota.

Pronto. Fodeu com a minha mente!

Quando você está cheio de caraminholas na cabeça, você bebe e fica depressivo, isso é fato. Em uma bela noite, deixei Sophia em casa e voltei para o bar para encher a cara. Cheguei em casa triste de bêbado e nem sabia realmente como havia chegado. Só me lembro que comecei a chorar sozinho. E eu já estava arrasado e acabei ficando ainda mais quando meu pai gritou na minha cara que não acreditava que eu estava daquele jeito por causa de rabo de saia. Que ele havia criado filho para ser “macho”, e não para andar daquele jeito, sofrendo pelos cantos, porque “boceta” a gente achava em qualquer esquina.

Me chame de egoísta, traiçoeiro, filho da puta, o que for. Sophia era linda, inteligente, engraçada e apaixonante. Eu consegui entender que eu a amava, mas não queria que ela me largasse por descobrir que eu não era homem o bastante para ela... Ou que enfeitasse minha cabeça, mesmo que fosse com um daqueles filhos das puta amigos dela.

Não. Eu não seria aquele que foi trocado ou traído. Eu era Erick Queiroz, o maior pegador de toda a faculdade, aquele para quem as meninas atiravam suas calcinhas e que tinha pelo menos uma foda quente por noite. Então, no dia seguinte, preferi voltar a ter minha máscara fria e tentar ser eu mesmo de novo. Quase fraquejei quando ela me perguntou por que eu estava diferente. Mas eu não podia dizer.

Dia de festa com a galera do Poker era sucesso e sinal de pegações, e até mesmo orgias. Entenda: desde que comecei a namorar com Sophia, sempre a levava comigo, mas quando a festa começava a esquentar, resolvia ir embora, porque não a queria em um ambiente assim. Mas no dia em que ela disse que não poderia ir porque tinha que se encontrar com os “meninos”, como ela se referia aos seus amigos, fiquei muito puto e fui sozinho.

Com a frustração e as bebidas, não deu outra: acabei na cama com uma ruiva e uma morena. Só que na manhã seguinte, acordei com ressaca e uma baita culpa. Por mais que eu soubesse que era errado, e que também quisesse garantir para mim mesmo que boceta nenhuma me controlava, de certa forma fiquei mais temeroso. *E se ela descobrisse?* Pois é. Ela descobriu. Cheguei perto dela na faculdade e, pelo olhar que me deu, soube ali que ela tinha descoberto. Ainda assim, tentei explicar o que sabia que não era possível ter explicação. Nunca recebi um tapa tão ardido antes. Ela já tinha uma boca suja para palavrões, mas conseguiu me dizer uma cartilha completa, que me deixou atônito.

Fiquei uma semana na merda, tentando me convencer de que era melhor assim, que essa vida não era para mim, até que não aguentei e fui atrás dela. Sophia estava saindo da academia e eu a impensei no seu carro. A gostosa tentou lutar, mas quando sentiu que era eu, estremeceu. Era uma coisa louca quando minha pele tocava seu corpo. Só era melhor quando estávamos nus e comigo enterrado dentro dela. Eu sabia que ela gostava de mim, só não sabia que seria tão fácil ela me perdoar quando eu pedi desculpas. Voltamos a namorar, mas Sophia estava mais na dela. Estava diferente, mais distante, e, por vezes, parecia até mais abatida. Alguma coisa dentro de mim dizia que podia ser culpa que ela sentia, por estar comigo ou por querer me dispensar e não conseguir. Mas como era um covarde egoísta, resolvi ignorar.

É Interessante como, quando a gente tem uma namorada, as mulheres parecem sentir o cheiro de “homem amarrado” e vão cada vez mais à caça deles. Eu não era de ferro. Já disse que nunca havia negado fogo, e era exatamente isso que eu fazia. Pegava mesmo. Sophia? Eu me arrependia, mas ela me xingava e me perdoava quando eu prometia não repetir. Os meses foram passando, e continuávamos juntos. Só que em um belo dia, eu estava pegando minha professora de Fisiologia quando me ligaram dizendo que Sophia tinha ido parar em um hospital. Fiquei sem ar. Um milhão de coisas passaram pela minha cabeça, e a maior delas foi a culpa e o medo de perdê-la. Fui até lá correndo e chegando na sala de espera encontrei uma Carol muito puta. Seus amigos também estavam irritados comigo.

O que? Eu não havia feito nada!

Já disse que eles não gostavam de mim? Não, eles não gostavam nem um pouco. Como falei, os caras faziam questão de não serem simpáticos. Olhavam-me com cara feia. Rafaela fazia questão de me ignorar. Carol nunca perdia a oportunidade de me alfinetar. Não sabia como Rodrigo a aguentava. Rodrigo era o único que me tratava de boa, mesmo que ele discordasse das minhas atitudes em relação a Sophia e já tivesse puxado minha orelha algumas vezes. Só que o que eles não sabiam era que eu estava pouco me fodendo para o que eles achavam de mim. Sophia era minha namorada, e não era da conta deles nosso relacionamento. Eles não me assustavam com suas caras feias para mim.

O que eu não sabia era que aquele maldito dia no hospital ia mudar a minha vida para sempre. O medico saiu e falou algo sobre pressão baixa, medicação excessiva, esofagite... E eu não prestei atenção em mais nada quando ele disse a última palavra que eu imaginei que ouviria naquele momento: “gravidez”! Sophia estava grávida. De mim. Eu ia ser pai.

Vocês sabem o quão assustador isso é para um cara com vinte anos de idade, que não trabalha, está no quarto semestre da faculdade e, ainda por cima mora com os pais? São aquelas coisas típicas que acontecem com as pessoas e você sabe que é realmente possível que aconteça, mas nunca acha que pode acontecer com você. E os três meses de gravidez de um embrião de 6 centímetros estavam lá, dando na minha cara para comprovar isso.

A minha reação? Nem eu sei como foi. Eu ainda não conseguia assimilar. Era tipo uma experiência extracorpórea. Sabe quando você vê você mesmo e tudo que está ao seu redor lá de cima? Foi exatamente assim que se passaram os dias para mim naquele hospital em que ela estava internada. Minha mãe ficou preocupada comigo e com Sophia quando eu contei que estava no hospital e tudo o que estava acontecendo, mas foi lá ficar ao meu lado. Ela adorava Sophia, mas era aquilo: quem não adorava aquela sereia?

Meu pai? Não sei como ele não teve um infarto fulminante pelo jeito que estava gritando comigo no telefone. Antes ele tivesse falado pelo som interno do hospital, porque tenho certeza de que todos que estavam ali na sala de espera ouviram quando ele me chamou de “merdinha irresponsável”. Fiquei calado o tempo todo, até quando ele perguntou se eu tinha certeza de que era meu mesmo.

Mas, quando ele mandou que eu “resolvesse” essa situação, bati o telefone na cara dele, porque eu nem queria ouvir o que ele queria dizer com isso.

Achei que com a notícia da gravidez nós pudéssemos nos acertar. Ledo engano. Foram meses de brigas e mais brigas minhas com Sophia. Por mais que meu desejo fosse outro, quase toda a gravidez acompanhei como expectador. Acompanhava-a nas consultas e nas ultrassons de vez em quando e apenas nos falávamos o essencial.

Ela quis assim. O que eu poderia fazer além de aceitar?

Até que a Giovanna nasceu, e tudo mudou pra gente. Nossa “pequena surpresa” era a coisa mais linda que eu já tinha visto em toda a minha vida. Desde que descobrimos que ela estava grávida, eu obviamente sabia que seria pai. Sabia quando me emocionei nas ultrassons, mas, ainda assim, quando vi aquele pedacinho de gente e puder ver a primeira vez em que ela abriu os olhos, vi que ela tinha herdado os meus olhos verdes e assim realmente acreditei que era pai.

Foi com nossos sentimentos confusos, a euforia da maternidade e da paternidade que resolvemos tentar novamente. Sophia deixou mais do que claro que era pela Giovanna e me garantiu que aquela seria nossa última chance. Por mais que meu ego tenha ficado ferido por ouvir isso, aceitei. Eu não tinha realmente muito o que reclamar depois de tudo o que a havia feito passar.

Com o passar dos meses, por mais que eu visse Sophia sorrindo para nossa filha, o sorriso não chegava aos seus olhos. Algo dentro de mim dizia que era por minha causa. E isso só se intensificou no dia em que a peguei chorando escondida e descobri que ela não estava amamentando nossa filha. Eu fazia Fisioterapia, mas entendia o básico de saúde e sabia que ocorriam casos de depressão pós-parto. Mas, normalmente, eles eram desencadeados por um ou vários motivos externos. Tudo em mim gritava que o culpado era eu. Provavelmente o leite dela havia secado, e a culpa era minha.

Como se já não bastasse tudo isso, a pressão na minha casa estava cada vez maior. Minha mãe queria que eu tomasse um rumo em minha vida, e meu pai queria que eu assumisse as responsabilidades das minhas decisões. Foi tipo assim:

— Erick, ela tem uma filha sua... Você tem que casar com ela!

Putá merda! Como assim? Eu ainda estou me acostumando com a ideia de ser pai, e agora essa história de casamento?

Não aguentava ficar em casa. Precisava espairecer. Ligaram-me falando sobre a inauguração de uma boate, e eu fui. Bebi. Bebi muito, e fiz uma coisa que eu não tinha feito há muito tempo: me droguei. Não que justifique meus conflitos, mas me vi bêbado e chapado e, quando olhei para o lado, tinha uma pessoa que eu conhecia muito bem e que estava no mesmo estado que eu: Rafaella. Rafaella era uma morena linda. Era homem, e, apesar de para mim ninguém se comparar com Sophia, ela era, sim, muito gostosa. Não era cego, e, com os meses de convivência com ela, mesmo que ela fizesse sempre questão de me ignorar, era impossível não olhar. Mas, naquela noite, ela parecia tão perturbada quanto eu. Não sei como e nem por que, mas quando dei por mim, já estávamos nos pegando. Fomos para a minha casa, ou melhor, para a minha cama.

Ainda que eu não me lembre de muita coisa, sei que foi ótimo, mas a merda que aconteceu no dia seguinte vocês já sabem: Sophia nos flagrou. Fui atrás dela, porque me senti o maior filho da puta do mundo. Não apenas por ser amiga dela, mas por tudo. E, bem... Ela não se abalou dessa vez e eu me desesperei. Nunca a tinha visto tão arrasada em outras traições quanto a vi com Rafaella. Rafaella essa que nem vi saindo e, depois de um tempo sumiu. E foi aí que acabou. Um tempo depois que terminamos, vi-me louco de ciúmes dela com um cara numa festa da faculdade. Como estávamos bêbados, acabamos na cama mais uma vez. Achei que tudo se resolveria ali, mas me enganei. Sophia acordou soltando os cachorros e muito puta por termos ficado juntos. Saiu sem olhar para trás.

Sentia uma saudades do caralho e me repreendia por estar longe delas, mas tentei tocar minha vida. Sophia aguentou toda a barra de ser mãe adolescente e, ainda por cima, continuou a faculdade. Sabia que era muito mais do que errado da minha parte, mas pensei em mim quando tentei ficar afastado. Ainda a amava, e tê-la perto e não poder estar com ela era uma tortura. Isso, de certa forma, refletiu-se na minha relação com Giovanna. Foram cinco anos assim.

Havia começado a namorar Clara há cerca de um ano. Fora o cabelo loiro, era completamente diferente de Sophia. Era uma gata, gostosa, um vulcão na cama, mas apenas isso. Eu não a amava e nunca iria amar, mas, ainda assim, continuei com ela, não sabendo bem o porquê. Minha mãe na verdade, não a suportava; e eu também. Até a Giovanna já havia dito que ela era uma chata, e eu também achava. Fazia questão de mantê-la longe de Giovanna, da minha família, da minha vida.

Quando dei por mim, vi-me parado diante do bar da faculdade em que vi Sophia pela primeira vez. Era onde tudo começou entre nós dois. Soltei do carro, mesmo sem saber o porquê de estar ali. Era aquela merda de culpa misturada com nostalgia. Sentei-me ao balcão e pedi uma cerveja.

— Mal dia? — perguntou o barman, e apenas me limitei em acenar com a cabeça. Não estava bom para papo.

Enquanto eu esperava, mais uma vez me vi pensando em Sophia quando olhei de volta para o palco. Sophia esteve ali tantas vezes, cantando e encantando todos os marmanjos que a assistiam. Quando estávamos juntos, eu ficava puto, mas sabia que era na minha cama que ela estaria no final da noite. Quando terminamos, eu ficava de longe a vendo cantar, porque mesmo depois de tanto tempo, ela ainda me hipnotizava com sua voz de sereia. Sentia vontade de chegar perto, mas sabia que ela não queria isso. Ao menos em relação a isso eu era sensato, porque não queria estragar ainda mais nossa relação fodida de pai e mãe da Giovanna.

Era inevitável. Eu engolia minha raiva quando via os caras darem em cima dela ou quando ela estava ficando com algum filho da puta. Eu queria me meter. Queria quebrar a cara de qualquer um que chegasse perto da minha mulher, dizer que nenhum homem era o bastante para ela... Mas quem era eu? Um filho da puta arrogante, egoísta, que quando teve a melhor coisa da sua vida, não foi homem o bastante para segurá-la e muito menos homem ainda para manter seu pau dentro das calças. Havia sido um fraco. Não a merecia.

Suspirando, virei a cerveja quase toda de uma só vez e me lembrei de que não adiantou em nada tanto tempo quieto, porque meu pesadelo pessoal havia começado no dia em que a vi estampada em todas as colunas sociais.

É... O Riquinho Rico apareceu e acabou com o resto de sossego que eu ainda tinha!

Já disse que sou um egoísta do caralho, mas não vou mentir que ficava satisfeito de saber que nenhum relacionamento dela dava certo. Ela nunca realmente namorou depois de mim. Nunca levou ninguém a sério. Fui atrás de buscar o que era meu e pirei quando percebi o quanto ela estava envolvida e parecia apaixonada por ele. O quanto parecia feliz. Até a minha filha ele estava roubando. Giovanna era louca por ele, isso eu não podia negar. E, por mais que eu ficasse irritado com isso, a culpa era minha por não estar ao lado da minha filha. Mas o que me tirou mesmo o chão foi o dia que descobri que eles iriam casar.

Casar! Eles mal se conheciam... Como assim iriam se casar?

Ela não podia simplesmente se casar com ele. Nós dois tínhamos uma filha. Era para ela ser minha. Era para sermos uma família. Mas, mais uma vez o erro foi meu. Tinha sido um idiota. Havia sido eu aquele quem não conseguira manter o pau dentro da cueca, aquele quem a traíra, aquele quem a fizera sofrer. Aquele quem a havia deixado sozinha com a filha por todos aqueles anos.

O que eu queria? Que ela esperasse por mim a vida toda? Eu, no lugar dela, me mandaria à

merda também!

Foi completamente insano da minha parte chegar e reivindicá-la “do nada”. Mesmo que estivesse desesperado para fazer meu ponto, não podia tê-la beijado assim. Ela não queria. Lutou, e as marcas de unhas e roxos que eu tinha pelo corpo eram prova disso, mesmo que por um segundo ela tivesse retribuído. Doía-me pensar assim, mas, no fundo, eu sabia que era apenas pela familiaridade do ato. Ela nem sequer amoleceu em meus braços; ela continuou tensa e arredia, e em nenhum momento se aproximou mais de mim ou deu a entender que iria ceder ao beijo. Muito pelo contrário... Senti que ela estava prestes a morder a minha língua, empurrar-me ou até mesmo me deixar estéril com um chute nas bolas, mas foi quando o *Riquinho Rico* chegou.

Merda!

Só que consegui ser ainda mais idiota e o provoquei. Como pude ser mais egoísta ainda fazendo isso com ela? Sophia devia estar me odiando, e com razão. Depois de tudo o que tínhamos passado, eu tinha que provar para ela, de outra maneira, que tínhamos que ficar juntos, que eu tinha amadurecido e não iria atrapalhar a sua vida. A primeira coisa que eu faria seria terminar meu relacionamento sem noção com Clara. Seria o pai que deveria ter sido desde o início. Ia tomar meu rumo e deixar de ser o “filhinho de papai”. Sophia enxergaria que eu era o homem da sua vida pelos meus próprios esforços, por ser homem o suficiente para ela. E não porque atrapalhei a merda do seu relacionamento com o *Riquinho Rico*. Meu amor por ela era maior do que isso.

Foi pensando exatamente nisso que digitei uma mensagem para o número que peguei da agenda do celular da Giovanna:

“Sei que não tenho o direito de dizer nada disso depois do que fiz, mas a culpa não foi dela. Ela tentou se defender e se soltar, mas eu a forcei. Se você tivesse chegado um segundo depois, eu com certeza teria sido nocauteado por ela. Acredite: a culpa foi minha. Apesar de estar tirando a culpa dela nisso e te pedindo desculpas por ela, quero dizer que estarei lutando por Sophia de forma limpa, como homem.”

Não demorou nem dois minutos para que eu recebesse a resposta:

“Boa sorte com isso. Que vença o melhor, seu coglione!”

“Coglione”? Que porra isso significa?

Procurei no Google e descobri que o filho da puta do Riquinho Rico estava me chamando de “cuzão” em italiano! Pedi outra cerveja.

Idiota. Ele vai ver só o cuzão!

Como se não bastasse a merda que eu estava me sentindo depois de tudo, depois de sua mensagem, estava pensando no que fazer para finalmente “virar homem” e conquistar a minha família, quando para meu humor piorar, meu celular tocou. Peguei-o do bolso da calça, rezando para que fosse Sophia me querendo de volta, mesmo sabendo que isso era quase impossível no momento. Mas fiquei confuso e decepcionado quando vi no visor quem era. Pois sabia que ela nunca, em hipótese alguma, me ligaria. Ainda assim resolvi atender.

— Carol?

PRÓLOGO

Sophia

Alguma vez você já parou e percebeu que, se você não tivesse tomado uma certa decisão ou conhecido uma determinada pessoa, sua vida poderia ter tido um rumo completamente diferente? Que, se você não tivesse decidido fazer certas coisas, depois não teria se arrependido? Pois é. Eu, infelizmente, também percebi. Talvez da pior forma que se pode tomar na cara. Se uma determinada pessoa não tivesse aparecido em minha vida, eu ainda seria a senhora “abaixo ao amor”. Ainda ficaria longe de relacionamentos. Seria fria e calculista nos meus rolos, porque relacionamentos não eram para mim. E eu não seria aquela que agora estaria assim, com o coração completamente partido.

Um término sempre faz com que a gente reflita sobre certas coisas em nossas vidas. Nos faz rever valores e decisões, nos faz mudar de atitude etc. Mas antes que a gente chegue a essa parte do “amadurecimento” do fim de um relacionamento, vem sempre a parte pior, que se trata de um sentimento inevitável: a dor.

Convenhamos, o tempo passa, as coisas mudam, mas o destino continua sendo o mesmo filho da puta de sempre!

Tanta coisa pra vida dar, e ela insistia em dar errado para mim. Todos os dias têm sido difícil pra caralho ser a protagonista da minha própria vida. Estava dramática e mais boca suja, mesmo, mas calma, eu sabia que não iria morrer. Não era tão louca assim. Mas tinha horas em que já não sabia mais interpretar o papel “sou forte” e simplesmente encarnava o papel da “mocinha sofredora”. Meu diretor precisava mudar meu papel, porque seria bem mais divertido ser a protagonista do “ligue o foda-se e seja feliz”. Seria tão mais simples para mim.

Recapitulemos: fiquei louca e apaixonada por um cara que me fez perder o medo de tentar e me fez entrar de corpo e alma em um relacionamento, coisa que eu corria longe. Me fez sentir amada e desejada e mais do que tudo, me fazia feliz. Pouco tempo depois de ficarmos juntos, estávamos vivendo um relacionamento maravilhoso e sem que eu esperasse por mais, fui pedida em casamento. Um conto de fadas, até então. Mas, e aí, que dramalhão é esse? E aí que o meu príncipe estava me traindo com outra.

Que porra eu ia esperar da vida agora?

Havia sonhado acordada demais, e ao dar de cara com Luca e aquela vagabunda, a vida veio dar na minha cara que a realidade era outra e bem diferente do que eu esperava. A verdade verdadeira era que havia achado que ele fosse diferente e que dessa vez eu queria, muito mais do que qualquer coisa, que fosse diferente também. Tinha cansado de viver a mesma história. Havia trocado o “era uma vez” por “é dessa vez”. Porque daquela vez, com Luca, eu queria que desse certo.

Claro que eu me culpava pelo beijo fodido que Erick havia me forçado e que havia de alguma forma correspondido, mas eu nunca iria até onde ele havia chegado. Nunca. Jamais. Mas independente de “toda ação, uma reação”, queria que eu não tivesse o visto com outra. E que outra? Sua ex-namorada, vagabunda do *megahair* nojento, que nunca deixou de dar em cima dele, vulgo *Jessicadela*.

Uma merda!

Tenho que dizer que olhando para trás, nosso relacionamento parecia meio clichê. Já li não um, nem dois, mas milhares de livros que contavam a história da “mocinha insegura” e do CEO

bilionário lindo, gostoso e desejado por todas. Elassempre tiveram finais felizes? Não, nem sempre. É duro dizer, mas era assim comigo agora, e eu não sabia se poderia reescrever minha história.

Uma coisa que eu não podia negar a mim mesma é que com certeza, depois de tudo o que nós tínhamos passado para ficarmos juntos, certamente nos imaginava contando e recontando nossa história em um futuro próximo. Achava que estaríamos nos amando ainda mais. Imaginava filhos e quem sabe, netos em alguns anos. Ledo engano. Outra vez errada. No tempo em que estávamos juntos, havia passado a acreditar, veementemente, que apesar dos meus relacionamentos passados, uma mulher precisava de um cara que fosse homem o suficiente para provar que nem todos os homens eram iguais. Porém, pela milionésima vez, por mais que meu ego inseguro gritasse para eu sair correndo quando o conheci, teimei e acabei quebrando a cara. Deveria ter previsto.

Agora? Eu não podia deixar de ver aquela garota de dezoito anos, que se escondia para chorar dentro do banheiro do bar que todos os alunos da faculdade frequentavam. Chorar por alguém que não tinha o mínimo senso de *semancol*, pois eu o tinha descoberto pegando mais uma piriguete, traindo aquela de quem ele sabia que ganhara o coração desde o primeiro beijo. Por que mesmo depois de cinco anos de autoproteção e cuidado para me manter longe de qualquer coisa que envolvesse coração, eu precisava fazer agora o mesmo papel que havia feito? Não precisava, mas insisti comigo mesma. Se bem que agora a dor era muito maior do que a que havia sentido no passado. Nem se comparava... Era dolorosa demais.

Seguir em frente? Ok. Tudo bem, achava válido e entendia que era isso que precisava, tinha que e realmente queria fazer. Mas em qual direção? Onde ficava o tal do “em frente”? Todas as respostas das palavras de consolo que nos dão parecem se esconder quando você está com a vida estacionada, sem saber para onde ir. “Seguir em frente” parecia tão distante. Ok, ok, o eterno clichê “isso passa”. Mais do que ninguém, eu queria que aquilo realmente passasse.

Deus! Que passe... De preferência logo, por favor!

A verdade mais dolorosa é que só Luca tinha visto meu corpo de verdade. Minha alma de verdade. Meu prazer de verdade. Meu “eu” completamente de verdade. Só para ele eu havia aberto toda a minha insegurança e meu medo de não ser bonita o bastante, não apenas para ele me amar, mesmo sendo exageradamente imperfeita, mas minha insegurança comigo mesma. Havia confiado nele para tudo, principalmente para me amar e sonhar com um futuro. Mas aqui estávamos agora, vivendo essa realidade que tanto havia evitado.

Era inevitável não me pegar pensando em tudo o que nos aconteceu. Mas o problema maior a enfrentar mesmo, era no final do dia. Puta merda! Era o pós-trabalho, quando íamos jantar. A hora em que eu me sentia viva e feliz ao lado dele. A hora em que eu tinha ele perto de mim. Em que sentia seu abraço, seu cheiro, seu calor. Era a hora em que vivíamos na nossa “bolha” e parecia que nada podia nos afastar. E agora, antes de dormir era a hora perfeita para sentir o soco no estômago.

Todas as noites me encolhia sob meu edredom, ao som de músicas de fossa, minhas novas companheiras. Piscava para o teto escuro para em seguida olhar para o lado vazio da minha cama. Dormir em uma cama sozinha nunca havia me incomodado antes. Não mesmo. Tinha passado mais de cinco anos sem ter companhia ao meu lado, sem dividir minha cama com ninguém e não sentia falta. Mas agora, um vazio enorme me preencheu. Uma saudade imensa sempre ameaçava me dominar quando me deitava, fazendo com que eu me sentisse verdadeiramente sozinha pela primeira vez em muito tempo. E doía. Era inevitável: voltava a chorar sozinha, até realmente dormir.

Sei que às vezes vinha me fazendo de forte, estava determinada a esquecer aquilo que havia visto. Mas tinha horas em que sentia tanta falta, mas tanta, que sentia vontade de botar o meu orgulho na prateleira e dizer para ele que apesar da distância, a porra do amor que sentia por ele continuava

igual, ou se duvidar, até maior.

Tomara que essa merda passe logo, na moral! Porque a vontade de ir atrás dele e ressuscitar nosso amor, às vezes, é foda e me domina de tal forma que dá uma vontade de gritar!

Inúmeras foram as vezes em que peguei meu celular para ligar para Luca, só para escutar a sua voz, e quase tive que jogá-lo na parede para não cair em tentação. De madrugada, ficava com raiva e tinha vontade de dizer que estava doendo pra caralho, que tudo o que eu estava sentindo era culpa dele. Mas eu simplesmente não podia. Eu não merecia. Não outra vez... Não mais.

Não acreditava mais em nenhum homem, porque infelizmente ou felizmente, tinha muitos amigos para abrirem literalmente o jogo. Tinha conseguido um “detector de babacas” depois de tudo; e pra piorar, tinha um cupido que claramente tinha mal de Parkinson. Tá bom, não? Porque, se tivesse um limite pré-estabelecido, eu com certeza já teria esgotado minha cota de merdas em relacionamentos.

Luca tentou por diversas vezes conversar comigo. Mas o que teríamos para conversar depois do que eu vi? Sempre me disseram que “o que os olhos não veem, o coração não sente”, e eu gostaria mesmo de não ter visto nada da merda que vi. Estava sempre ali, na minha frente. Eu ainda conseguia ouvir aquela vagabunda rindo da minha cara, mostrando-me que todos os meus medos estavam se concretizando. De nenhuma maneira, no inferno, eu conseguiria tirar isso de mim. Era como viver em um pesadelo acordada. Doía cada vez mais.

Rosas não foram capazes de me fazer esquecer, e nem o escritório cheio delas foi o suficiente. Mensagens e e-mails, não poderiam dizer nada que pudesse apagar o que aconteceu. E cada tentativa dele de reconciliação da sua parte fazia com que a dor aumentasse mais. Nunca seriam o suficiente. Luca ao menos se calou depois de alguns dias e quando isso aconteceu, eu não sabia o que era pior: ele não parar de tentar consertar o que tinha sido quebrado ou pensar que ele havia desistido de nós.

Seria cômico se não fosse trágico meu drama mexicano!

Olha, eu não sei se existe algo pior do que uma traição, porque quando você se dedica, se entrega e se deixa amar alguém, planeja e sonha com um futuro ao lado dessa pessoa. Mas o que esse alguém faz? Te trai. É. “A carne é fraca” justificava por que meu cartão de crédito vinha estourado, não a infidelidade. A carne era fraca, mas eu era forte ou ao menos precisava ser e não merecia alguém fraco do meu lado. Era ruim demais conviver com isso.

O que me faltava aprender ou compreender, não sei, é que raramente essas histórias de amor são tão perfeitas como aquelas histórias de amor de cinema ou dos meus maravilhosos romances literários. É diferente daquelas, que fazem com que você chore de emoção e deseje encontrar um amor exatamente assim. No entanto, a realidade é outra: é mais como um “conto de falhas”, completamente diferente, fodida e insuportável. Por vezes, a achamos até mesmo cruel. E era mesmo. Mas, por mais doloroso que seja confessar a mim mesma, agora eu sabia que essas histórias com *happy, the end* não existiam ou, quem sabe, simplesmente não eram para mim.

Vai saber se meu cupido realmente não queria me dividir com ninguém, né?

Convenhamos, o que não dá certo, ao menos para mim, era realmente amar alguém. Em matéria de relacionamentos, eu poderia ser professora facilmente, e também seria minha pior aluna. Não tinha nada contra o amor, mas é meio que óbvio que ele que não iria mesmo com a minha cara. Talvez eu não fosse ‘namorável’. Ou então simplesmente nasci para viver sozinha.

O começo do nosso namoro, os encontros, os flertes, o carinho, a paixão, o amor. Foi tudo tão rápido, sem querer, de repente... Mas foi mais forte do que tudo que eu poderia sonhar. Mas o fim foi uma merda completa. Por que, diferente do início, ele tinha que demorar tanto a ser um fim, mesmo? Chorei sete dias e trinta e dois minutos, quase ininterruptamente, na minha cama. Senti uma dor e uma solidão profunda, devastadora, invencível, arrebatadora e inexplicável. Não queria ver ninguém, e

meus amigos me respeitaram. Tomei dez latas de leite condensado, mas depois também parei, com medo de ficar diabética ou ainda pior: gorda. Coisa que com meu psicológico fraco e meu passado com distúrbios alimentares, não seria a melhor coisa a acontecer.

Mas é isso. De vez em quando, tudo o que a gente quer é mesmo dar um tempo da vida, e foi esse tempo de luto que eu me dei ao luxo de me entregar. Então, sentei, respirei, esperei e resolvi desprezar a dor que ainda sentia. Precisava ser mais forte agora. Precisava apenas seguir. Não sabia mais o que vestir, e não tinha mais pra “onde” ir. Precisava seguir e me reencontrar, encontrar o meu lugar. Não conseguia mais ficar assistindo àquele “desastre nada romântico” que minha vida havia se tornado. Eu apenas sabia que, independente de qualquer coisa, a vida continuava, outra vez.

LUCA

Existe algum limite de dor que a gente possa aguentar? Se existir, tenho certeza de que estava na porra da minha cota. Se aquilo fosse a merda de um teste, eu preferia ser reprovado a ter que passar por tudo isso novamente novamente. Nunca pensei que fosse capaz de sentir tanta dor em dois momentos distintos e, ainda por cima, em menos de vinte e quatro horas.

Só faltava cavarem minha cova para completar!

A primeira delas, foi quando cheguei e peguei minha noiva sendo agarrada pelo seu ex-namorado idiota, vulgo *coglione*. Sim, ele era um cuzão! Posso ter sentido uma faca cravada no meu peito no momento em que vi a cena, mas depois que pedi um tempo e saí de lá, comecei a beber para refletir a cena que tinha visto e percebi o quanto aquilo não parecia algo que Sophia realmente faria.

Veja bem, não, eu não era um corno conformado. Era economista, e como tal, sabia analisar os mercados e ações!

Analisando a cena novamente, percebi algumas coisas. Um: Sophia estava com o corpo completamente tenso e não parecia sequer querer aprofundar o beijo. Dois: antes mesmo de quebrar seu nariz, Erick já tinha arranhões pelo corpo, sinal claro de que ela havia lutado contra ele. Terceiro, e muito mais importante: seu olhar me disse tudo. Ela podia não saber, mas seu olhar era uma miríade de emoções e dizia muito sobre ela. Ela estava desesperada, com medo e arrependida.

No fundo, eu sempre soube disso. Sophia nunca seria capaz de me trair. Traição era um limite rígido para ela. Mesmo sabendo disso tudo, esse acontecimento me abalou. Claro que me abalou, afinal ela era a mulher que eu amava, a única com quem eu queria ter um futuro. Como não me sentir abalado por vê-la beijando outro? Mas era isso: a minha forma de lidar com certas coisas era me afastar. Sempre fui assim a minha vida inteira. Não gostava de enfrentar nada sem ter certeza de que podia lidar com tal situação. Era minha forma de defesa e de proteção. Eu não estava deixando o amor da minha vida para trás. Jamais seria capaz de deixa-la. Só estava me afastando para tomar um fôlego.

No meu jatinho, recebi uma mensagem de texto que me deixou mais do que surpreso: Erick. Tenho que admitir que fiquei admirado pela sua ação. Seria muito mais fácil que ele me deixasse acreditar que Sophia quis aquilo, mas não, ele admitiu seu próprio erro por ela. *Por ela...* Foi aí que entendi exatamente seu jogo. Erick era mais inteligente do que eu havia pensado. Ele sabia que, se fosse o mesmo homem - homem não, moleque - de sempre, jamais teria uma chance com Sophia. A única coisa que ele poderia fazer para que algo mudasse entre eles, era provar para ela que havia amadurecido e que não era o mesmo de antes. Que ele não era mais aquele que havia feito-a sofrer. Sentia muito por ele. Porque no que dependesse de mim, não faria as coisas mais fáceis para o seu

lado. Digitei minha resposta desejando-lhe sorte, porque ele ia precisar.

Cheguei em Gramado bêbado. Não tive nem coragem de ligar meu celular. Queria mais do que tudo ligar para ela, porque era só lhe dar as costas que sentia saudades da minha *princesa*, mas eu precisava de um tempo para colocar minha cabeça no lugar. Esperava que Sophia entendesse. Eu lhe explicaria isso.

Um copo de uísque foi o que logo peguei quando desci para o coquetel de inauguração do novo hotel que a Campanaro estava lançando. Como era de se imaginar, o lugar estava lotado de repórteres, investidores e bajuladores. Logo as pessoas vieram me cumprimentar, e me lembrei de um filme que tinha assistido com minha pequena princesinha Giovanna, onde os pinguins diziam: “*acene e sorria!*”. Era isso que eu estava fazendo, estava agindo no automático. Mais do que isso era pedir demais para mim.

— Está tudo bem? — Jéssica perguntou, se aproximando de mim.

— Não é da sua conta — respondi, sem remorso algum de estar sendo grosso.

— Nossa, Luca! Não precisa ser grosso. Só estava preocupada com você. — falou se fazendo de ofendida, e eu tive que olhar para ela.

— Jéssica, sejamos sinceros aqui, ok? Você não está preocupada comigo. Você quer saber realmente o por que de Sophia não estar aqui. Estou mentindo? — perguntei, irritado, e ela fingiu surpresa.

— Claro que eu me preocupo com você, *amore*. Só não costumo ver você desse jeito. Aconteceu algo com vocês para você estar bebendo desse jeito? — perguntou, interessada.

Dissimulada!

— Pare de me chamar de “*amore!*” — rosnei. — Eu não sou seu amor, e muito menos você é o meu. Faça um favor para mim, Jéssica... Apenas fique longe! Procure outro para você encher. Você não sabe o bem que isso vai me fazer. — falei, antes de dar as costas para ela.

A próxima hora foi desgastante. Um caridoso garçom deve ter percebido que eu precisava dele por perto, pois não saiu do meu lado nesse. Fiquei mais do que grato por isso, pois era uma ótima forma de manter o copo cheio. Fiquei por ali, sendo o anfitrião que deveria ser, tentando não demonstrar muito minhas emoções. Depois disso? Branco. Não lembrava de mais nada. Só não sabia que, quando acordasse, sentiria uma dor pior do que eu imaginava que sentiria algum dia em minha vida.

Minha cabeça doía. Parecia que meu cérebro estava sendo espremido sem piedade alguma. Na verdade, acho que cada centímetro do meu corpo parecia ter sido moído. Abri os olhos, sentindo-me zozinho e meio desorientado. Minha cabeça girava sem parar. A sensação que tinha era de estar meio grogue, e meus sentidos pareciam muito mais lentos do que o normal. Era como se eu não pudesse comandá-los. Tentei me mexer e percebi que tinha alguém ao meu lado. Tentando recobrar meu juízo, logo me sentei, sentindo-me na obrigação de saber o que porra estava acontecendo. A pessoa que estava ali se mexeu com meu movimento, e assim que seus olhos focaram os meus ainda turvos, ela sorriu para mim.

— Bom dia, *amore*. — Jéssica falou, com a voz sonolenta.

Que diabos!

— Que merda você está fazendo aqui, Jéssica? — perguntei, com dificuldade, sentindo as palavras saindo enroladas em minha boca. E antes mesmo de me responder, ela me beijou.

Meus movimentos ainda estavam lentos. Meu corpo parecia não processar as informações que meu cérebro enviava. Tudo em mim gritava para me afastar, mas meu corpo parecia não reagir de

acordo com o que meu cérebro mandava. Depois disso, já se sabe o que aconteceu: Sophia entrou em meu quarto e flagrou essa cena deplorável.

Foda! Como isso foi acontecer?

Eu não sabia se era pior a forma como me senti por ouvir ela terminar tudo ou se era pior ver a dor em seus olhos por aquela situação, que eu não sabia como tinha vindo a acontecer. Era tudo tão fodido, que quando ela pediu para que não a seguisse se eu a amasse, não fui capaz de desobedecer, porque eu a amava com cada fibra do meu ser e não seria capaz de fazê-la sofrer ainda mais.

Sophia era tudo para mim. Sem falsos clichês. Ela era literalmente a minha vida. Coloquei-me em seu lugar. Sabia como havia agido com ela sobre apenas um beijo, e imaginava como ela devia estar se sentindo nesse momento, principalmente com o histórico sobre traições que tinha no seu passado. Tive que me controlar. Nem sabia que eu tinha tanto controle. Doía vê-la dar as costas para mim, mas eu precisava respeitá-la. Eu a respeitaria, mesmo que isso me fizesse sofrer. Era o mínimo que eu podia fazer depois de toda aquela merda. Ao contrário do *coglione*, eu era um homem, e não um moleque.

Dividia-me entre o desejo de ir atrás da minha mulher ou ir dar uns tapas na cara de Jéssica. Não me julgue. Era totalmente contra a violência a mulher, mas Jéssica estava pedindo para tomar uns tapas há muito tempo. Se bem que Sophia havia feito seu trabalho direitinho quando partiu para cima dela. Não querendo mais perder tempo, mandei uma mensagem para minha gerente do RH, dando todas as ordens para a demissão mais do que tardia de Jéssica. Também dei ordens expressas para que o gerente do meu hotel mandasse ela juntar suas coisas e a escoltasse até a saída. Não queria nem correr o risco de olhar para a cara dessa mulher mais uma vez. Tinha sido um idiota e permissivo demais por ter deixado chegar até aquele ponto, mas não iria deixar mais aquela mulher interferir na minha vida. Não mesmo.

Fiquei quase uma hora no mesmo lugar que Sophia havia me deixado, sem nem ao menos me mexer além dos telefonemas que dei. Quando finalmente percebi que continuar ali não iria mudar em nada a merda que estava acontecendo, segui para o banheiro e fiquei não sei quanto tempo embaixo da água, sentindo-me tão mal que não sabia o que era pior; se a dor da minha ressaca moral ou a dor no meu coração.

Saindo do banho, solicitei que mudassem o quarto onde eu estava. Não queria mais ficar naquele lugar. Parecia que permanecer ali naquele ambiente me sufocaria. Joguei-me nos lençóis limpos da nova cama e me segurei para não me afundar em minha própria dor. Não quis nem ao menos comer, apesar de nem me lembrar qual a última refeição eu havia feito. Na verdade não queria fazer nada. Nada parecia certo. Só queria que tudo isso fosse um pesadelo e eu finalmente acordasse dele.

Fiquei deitado na minha cama, olhando para a foto do amor da minha vida no meu celular, sentindo-me a pior criatura da Terra.

Afinal, como não se sentir assim vendo que tudo de bom que se tem na vida Deus dá as costas para você?

Até que bateram na porta do meu quarto, e me vi obrigado a abri-la. Era Thiago.

— Que merda aconteceu, seu idiota? — perguntou, antes mesmo que eu pudesse abrir a boca.

— Como você... — Não terminei a pergunta, pois ele respondeu.

— Como eu sei? Simplesmente porque esbarrei com Sophia quando ela estava saindo aos prantos daqui do hotel. Você tem noção de como a deixou? — perguntou, apontando o dedo para mim, irritado.

— Onde ela foi? — perguntei, querendo desesperadamente ir até ela. Me doía saber que eu era o único culpado pela sua dor. Eu queria acabar com qualquer lágrima que ousasse cair. Acabar com

qualquer dor.

— Levei-a ao aeroporto. Coloquei ela no primeiro avião para Manaus. — explicou-me, com a cara fechada.

— Como ela está? — perguntei, preocupado.

— Como você acha? — me perguntou, com sarcasmo.

— Eu não sei nem como isso foi acontecer! — admiti, derrotado.

— Como não? Vocês brigaram... Você bebeu e dormiu com outra. Simples assim!

— Eu não sei o que aconteceu, tá legal?! — gritei. E foi então que senti as primeiras lágrimas sendo derramadas. Mas eu não me importei.

Foda-se tudo!

— Não? Eu te conheço, Luca. Você não bebe e esquece... Você sabe que fez merda. Pelo menos assuma! — disse, irritado.

— Vai se foder, Thiago! Eu sei que fiz merda, sim! Mas também tenho minha consciência tranquila de que não me lembro de caralho de nada! Eu nunca faria isso com Sophia, nunca! Ela saiu daqui deixando meu coração destroçado... Não me humilhei, não caí de joelhos aos seus pés, não implorei para que ela voltasse para mim, porque ela me pediu! Você tem noção do quanto essa porra doeu? Eu nunca teria deixado ela ir por minha escolha... Ela é a mulher da minha vida, o ar que eu respiro. Ela é tudo para mim. Merda!

E foi aí que não aguentei a dor que eu estava sentindo e comecei a chorar como o menino que me sentia nesse momento. Naquele momento, a dor de tê-la perdido parecia me rasgar e não me importei de chorar. Por que eu me importaria como eu me parecia diante do meu melhor amigo se tudo o que era melhor na minha vida tinha acabado de ir embora?

Nada mais importava. Nada mais fazia sentido sem ela. Sem Sophia, eu estava completamente destruído.

— Desculpe por te julgar, cara. Sou seu amigo e sei que você a ama, nunca duvidei disso. Mas convenhamos que essa história toda é muita estranha, não acha? — perguntou, e eu assenti. — Você não acha que podem ter te drogado?

Depois de me acalmar, decidi voltar pra casa. Ia dar um tempo a ela, mas chegaria o dia de conversar com Sophia. Mas antes mesmo de ir, segui o conselho de meu amigo. Realmente, aquilo estava muito estranho. Eu estava acostumado a beber, e beber muito mais do que havia bebido na noite anterior. Ainda assim, nunca havia me sentido tão mal e fora de mim como estava me sentindo desde o momento em que acordei. Eu realmente parecia ter sido drogado.

Não consegui cumprir minha promessa de lhe dar um tempo por muito tempo. Eu não era forte quando se tratava dela. Ainda que eu tivesse tentado, foram muitas tentativas fracassadas, chamadas rejeitadas, visitas não atendidas, buquês devolvidos e e-mails sem resposta. Foi então que tomei a decisão, cancelei todos os meus compromissos e fui buscar forças no lugar onde eu sabia que encontraria. No lugar onde no pior momento da minha vida obtive forças para lutar: na fazenda. Anteriormente lá era minha primeira casa, onde eu me sentia mais forte e próximo a minha família. Mas agora, era a segunda, pois eu definitivamente precisava de forças para lutar pela minha primeira casa: Minha mulher. Pois minha casa seria onde Sophia estivesse. Ao seu lado, com ela em meus braços sempre.

Eu não estava desistindo. Jamais seria capaz de fazer isso, porque seria o mesmo que desistir da minha própria vida. Estava apenas dando tempo a nós dois. Nós pertencíamos um ao outro, isso estava mais do que claro e definido para mim no momento em que pus meus olhos sobre ela. Nem

que custasse o resto da minha vida, eu iria provar para ela que não iria a lugar nenhum. Sophia só precisava de ações, e não palavras. Palavras ela tinha ouvido antes. Agora, eu provaria em minhas atitudes e ações que a merecia, que eu faria de tudo para fazê-la feliz. Que faria ela e nossa Princesinha felizes. Meus amores eram meu tudo e eu não poderia desistir delas jamais. Sophia era minha, e eu faria tudo para reconquistá-la *outra vez*.

Capítulo 1

Depois de dezesseis dias, que eu chamo de forma carinhosa – porém masoquista – de “pós-Luca”, acabei criando uma nova rotina para minha vida. Essa rotina é obviamente aquela que todas as pessoas com o coração partido fazem, ou pelo menos deveriam fazer para parar de tentar fingir que nada está acontecendo ao seu redor. Essa nova rotina consiste em cinco atividades: dormir, trabalhar, gastar, beber e beber mais um pouco. Ou muito, se eu for realmente sincera.

Tenho que fazer uma observação: Existem muitas pessoas que são contra bebida como um tipo de sistema de escape. Se são contra, é porque certamente essas pessoas com certeza nunca tiveram mágoas, chifres ou péssimos relacionamentos para ter de afogar. *Lamento por elas... Ou devo lhes dar os parabéns? Tanto faz. Apenas invejo e odeio essas pessoas nesse momento.* Mas voltando ao assunto... Também existem machistas que insistem em dizer que mulher bêbada é feio, principalmente quando se embriaga com o coração partido ou melhor, por causa de homem mesmo. No entanto, nas últimas semanas tenho achado exatamente ao contrário. Garanto que as coisas ficam feias mesmo quando estou sóbria. Quando se passa pelo que estou passando, com certeza até ressaca é melhor do que como me sinto.

Se meu coração não se importa comigo, eu por um acaso tenho que ter compaixão com meu fígado? Acho que não.

É tão piegas, pois as pessoas sempre nos mandam sair das nossas fossas, que a impressão que tenho é que elas acham que é como se a gente pudesse escolher ficar tão mal ou não. É sempre assim, afinal no “dos outros” é sempre refresco. Mas estou me divertindo, ué! Seguindo os “conselhos” que tanto insistem em dar. Não é isso que mandam a gente fazer? Sair da cama, sair do nosso buraco, parar de fazer tanto drama e se divertir? Ainda assim, acham que estou maluca por tentar me abstrair e encher a cara. Ironia ou uma puta sacanagem o nome disso, isso sim.

A segunda pior coisa do mundo é saber que você precisa mudar completamente a sua vida. Principalmente quando a mudança é compulsória e não estamos preparadas para que ela aconteça. Mas a primeira é não saber por onde começar. Isso sim é definitivamente o mais difícil de se fazer. Por conta disso, resolvi voltar à academia após praticamente tê-la abandonado, pois eu não tinha tempo desde que comecei a namorar com Luca. Nossa vida era tão “movimentada” que eu achava que não precisava de mais exercícios, e sim de mais pique para suprir toda aquela “movimentação” que tínhamos.

Não que eu goste de me lembrar disso. Absolutamente. Não. Eu não gosto de lembrar!

Só que agora que minhas únicas atividades são sacar o cartão de crédito na hora de pagar minha terapia - leia-se “compras” -, levantamento de copo e dançar feito uma louca quando já estava bêbada, tenho certeza que não ajudaria em nada a eliminar as calorias que adquiro durante o restante do dia. E com certeza ir para academia era o passatempo mais saudável que eu tinha. Era realmente esgotante, e eu ficava grata por cair na cama e adormecer depois de tantas atividades.

Pelo menos eu posso dizer que algumas coisas ficaram melhores *pós-Luca*. A primeira, e sem dúvidas mais importante de todas elas, é que tenho mais tempo para minha Giovanna. Nas minhas horas com minha princesa, consigo me desligar completamente da dor e esquecer realmente de tudo. Ela é a única pessoa no mundo que consegue fazer com que eu me sinta feliz e em paz - com exceção de quando pergunta por Luca, porque tenho que admitir que independente do que houve entre nós eles são loucos um pelo outro. Mas isso não vem ao caso. A outra coisa é que, agora eu não preciso mais me preocupar com os *encontros à escura*, apresentações de propensos pretendentes ou qualquer

outra tentativa desesperada dos meus amigos para fazer com que eu tenha um relacionamento. O que não posso negar que foi ótimo. Meus amigos sabiam exatamente que não havia espaço algum na minha vida para qualquer coisa que envolvesse me relacionar com alguém.

Só não sei se devo lhes contar que talvez esse dia não chegue mais... Um dia, quem sabe, eu lhes digo.

Mas é isso, eu já aceitei, pois quando você é possivelmente azarada no que diz respeito ao coração, uma coisa eu tenho certeza: não há “santo” e nem promessa alguma que resolva, porém sempre haverá um cartão de crédito - ou muitos - para estourar os limites. Ou uma bebida - ou muitas - para te consolar nesse momento de fragilidade. Ao menos por ora.

Quando terminamos um relacionamento, existem algumas regras que devemos seguir, porque caso ao contrário a tendência é nos afundarmos ainda mais em nossa própria depressão. A primeira regra e uma das mais importantes, por exemplo, é que a gente nunca deve dar o braço a torcer quando estamos certas. Seja tendo uma recaída ou até mesmo ligando “acidentalmente” para quem não deve. Ou regra de fundamental importância para fim do relacionamento é:

Se você ainda está emocionalmente abalada, não entre em nenhuma loja.

Bem... Sei que obviamente não sou a pessoa certa para dar sermão quanto a isso, mas é apenas uma dica que me deram. Quem estiver afim de se torturar, não entre. Até os mais leigos sabem que sou meio masoquista, por isso, sempre entro. Nunca disse que era boa mesmo em ouvir conselhos. E ao se tratar disso, faço questão de fazer ouvido de mercador.

Sou do tipo de compradora consumista assumida. Não tenho problemas em aceitar que sou uma viciada mesmo. Loja, cheirinho de roupa nova, coração palpitando, pelos brevemente arrepiados, sorriso curvado no rosto e uma sensação de paz e euforia ao mesmo tempo. Gosto dessa sensação. Gosto de me sentir assim, mais alegre, mais leve e principalmente mais feliz.

Quem se importa com a fatura de cartão de crédito quando você sabe que precisa disso? Trabalhamos para isso, né? Fim. Não preciso me dar mais justificativas.

Sei que pode parecer completamente insano, mas para mim cheiro de roupa nova é muito mais excitante do que cheiro de chocolate. Não que eu goste de chocolate, mas queria fazer uma analogia de algo que as pessoas normalmente idolatram e são viciadas. Enfim, a verdade é que comprar é a lei da vida e é completamente viciante, mas também é bem mais interessantes do que aquele maldito pozinho branco que corrói o nariz e o cérebro. Porque depois o efeito “Mulher Maravilha” continuava, e ainda por cima linda e elegante. Alguém me diz agora que existe algo melhor?

Quer dizer... Tem, mas prefiro não pensar sobre esse assunto.

Amo comprar, mas isso sempre fiz mesmo, e queria mudar. Mudar o visual tem um efeito incrível para o nosso ego e faz com que a gente se sinta uma pessoa renovada. Uma coisa que sempre ouvi e achei importe levar pra vida: *Seja a melhor amiga do seu cabelo. Cuide dele mesmo nos momentos ruins, e ele lhe fará muito feliz.* Por um momento pensei em cortar meus longos cabelos, mas depois de quase vinte e cinco anos de relacionamento sério com ele, não sabia se conseguiria. E arrependimento era a última coisa que queria depois de tantos outros que tive no decorrer da vida.

Exatamente por isso que resolvi pintar. Lembrei de *Sex and the City*, quando Carrie foi largada no altar por Big - o que não deixa de ser um eufemismo – e ela resolveu inovar mudando a cor dos cabelos. Sempre adorei cabelos cor de chocolate e acho lindo, mas não tinha coragem de pintar. Pinte e deixei as pontas levemente mais claras. Deveria ter pintado antes. Pois quando me olhei no espelho, adorei a “Sophia” que vi ali olhando para mim e me senti quase outra. Quase... Falta apenas eu me reencontrar.

Mas, como diz o velho ditado, “nada como um dia após o outro”.

Quando eu não estava curtindo minha pequena, estava tentando me focar o máximo que podia no trabalho para me distrair. E graças a Deus tinha a Gio para me distrair nos finais de semana, pois quando chegava sexta-feira começava a me incomodar com a possibilidade de dar lugar a minha depressão. Depois de uma semana aterrada em projetos, chegou mais uma sexta “desejada” e com ela fui completamente contrariada, intimidada e arrastada a um local que eu definitivamente não queria e não estava preparada a voltar tão cedo: a *Fabric*. Porém, meus amigos insistiram tanto, pois haveria um show de um cantor bem badalado - do qual, ironicamente, nunca ouvi falar – me vi obrigada a ir. Eu, que sou baladeira, nunca realmente ouvi falar desse cantor. Daí vocês imaginam. Como queria saber onde estava me metendo, joguei no santo *Google* e o encontrei. O cara era até comentado, mas nada que valha muito a pena o alarde. Porém eu sabia que essa era apenas mais uma tentativa deles fazerem com que eu saísse da minha fossa.

Não vou dizer que foi tão fácil assim chegar até aqui. Na verdade, Carol finalmente me convenceu a vir quando disse que eu sabia que apesar de Luca ser o dono, ele não frequentava realmente o local. Mas voltar na *Fabric* é como voltar no tempo. Voltar e me lembrar do nosso primeiro beijo ali, lembrar da primeira vez que percebi que ele era exatamente tudo que eu queria e precisava. Lembrar onde tudo começou e tudo que ele havia feito para que as coisas entre nós acontecessem.

Quando entro no antigo armazém, ele está completamente igual há umas semanas atrás. Exceto, talvez, pelo embrulho no estômago e o frio que agora está me causando. *Você pode fazer isso, Sophia!* Tudo, repito, tudo - é mais fácil quando você preenche o vazio com algumas coisas: amigos, bares, livros, músicas e compras. O mais importante é que não importa quanto tempo seus problemas e dores vão durar, quantos drinks você vai tomar por causa disso. Mas a verdade é que você nunca consegue superar nada disso sem seus amigos. E eu sei que tenho os melhores.

Nota para mim mesma: nunca pare de pensar nele por um minuto, porque tenha certeza de que é aí que ele vai aparecer.

Já estou na quarta Jamaica - um dos meus drinks prediletos - quando percebo que algo está acontecendo. Uma coisa é certa: quando seus amigos te olharem inseguros e parecem estar nervosos, como se tivesse chegado a fatura do cartão de crédito, tenha certeza de que o que está acontecendo é algo que, de fato, não vai te agradar. Não preciso olhar duas vezes para Carol e Rodrigo pra ter certeza de que Luca chegou.

Tomo uma respiração profunda e olho para onde eles estão olhando. Afinal, desgraça pouca é bobagem; sou masoquista, mesmo, então, tenho que ver como ele está. Existem duas coisas fundamentais que o homem faz à mulher: falta e raiva. E uma coisa eu tenho que protestar: as mulheres, quando se separam, ou engordam muito ou emagrecem demais, parecendo terem pegado gripe suína. Já os homens? Aff... Tem alguns que têm o dom de fazer com que você se sinta uma merda.

Sim. Inferno! Ele está mais bonito que eu me lembrava..

Como é mesmo que minha mãe diz? Ah sim! : “*Quem não é visto, não é lembrado*”. “*Longe dos olhos, longe do coração*”. Sim, ela estava completamente certa no quis diz respeito a isso. Felizmente havia conseguido evitá-lo ao longo desses dias. E agora, olhando-o em minha frente sabia exatamente o porquê da minha decisão. Alguns dias de abstinência dele e o coração já queria ter recaídas.

Respira fundo, sorri e finge que não está vendo, que não há saudade apertando por dentro... Sophia Montenegro! Você sabe exatamente o que sente, mas você é mulher, Sophia... Pode fingir

que não sente nada, para tentar não sentir nada por ele. Tenho apenas que me lembrar que ele é um idiota traidor e mentiroso, que me traiu na primeira oportunidade...

Eu posso fazer isso. Absolutamente. Sou mais forte do que penso.

Aprenda uma coisa: Nunca, jamais diga o que sente. Por mais que doa, por mais que te faça feliz. Quando sentir algo muito forte, peça um drink. Tenho certeza agora, que ainda não bebi o suficiente para passar por esse encontro.

— Cadê esse garçom? — pergunto, fingindo que não estou sentindo meu coração chegando a minha boca.

— *Sophie?* — Carol chama, olhando-me insegura. — Você está bem?

— Sim. Não... Não sei. — confesso, passando a mão pelo cabelo. — Eu vou ficar bem, amiga. — garanto, mais para mim do que para ela.

— Você quer ir embora, *Marotinha?* — Rodrigo pergunta, olhando-me genuinamente preocupado.

— Não, gente. Eu estou bem. — digo, ao levantar. — Só preciso de um minuto e de um drink. Já volto.

Meus amigos assentem um pouco nervosos, e tratei logo de sair andando rapidamente dali e ir até o banheiro. Chegando lá, respiro fundo e resolvo fazer algo que toda mulher com o coração quebrado e confiante - não que eu seja, mas tenho que parecer - deveria fazer: retocar a maquiagem.

Não posso chorar. Não! Meu rímel foi muito caro! Minha maquiagem está no lugar! Nenhum homem, e nem Luca, merece que eu o desperdice e, ainda por cima, estrague minha maquiagem.

Respirei fundo novamente e sorri para mim mesma, enquanto me olhava no espelho. Eu só precisava ser forte como eu havia sido nos últimos dias. Eu sabia que ia ficar bem. Eu merecia ficar bem.

Quando estava voltando para a mesa, a primeira coisa que vi ainda de longe, foi que Luca e Mariah estavam conversando com meus amigos. *Sem problema... Quem já tá na merda não se incomoda!* Como se sentisse minha presença, seus olhos se encontram com os meus, e nesse momento meu coração batia tão forte, que me sinto no ensaio do Olodum.

Como pode você ter vontade de abraçar e jogar uma garrafa de tequila na cabeça dele ao mesmo tempo?

— Ei — ele diz, sem jeito.

— Ei... — respondo, finalmente tirando meu olhar do seu.

Ah coração, não me envergonhe! Reaja cérebro, você não é tão idiota como ele!

Um dia isso teria que acontecer, né? Não podemos passar a vida fingindo que não existimos. Que não fizemos parte da vida do outro. Afinal, somos adultos. Há certas coisas que não podemos evitar. Principalmente quando ao nosso redor existem pessoas que apesar de tudo que nos aconteceu, nos amam e não seria justo com elas que fizéssemos isso.

Mas agora em frente a ele, fica a questão: Devo cumprimentá-lo? *Não.* Beijo no rosto? *Estranho.* Nossas bocas se conhecem há semanas, de mais formas que eu posso ou quero me lembrar. Não acho que vamos saber agir sem parecermos desastrados se formos nos cumprimentar como conhecidos. Então, como agir?

Tento agir naturalmente e reparo que nossos amigos estão mais tensos do que nós dois visualmente. Por um lado, queria rir da cara que eles estão fazendo, mas para falar a verdade, não é tão engraçado quando eles sabem realmente o quanto esse encontro mexe com a gente mais do que possamos admitir.

— Sophia? — Mariah me chama, quebrando a tensão ao me abraçar.

— Oi, amiga. Como foi a viagem? — pergunto, retoricamente, pois já sabia como havia sido. Porém estou querendo me concentrar em algo que não seja o poderoso homem ao meu lado e seus belos olhos azuis, que fazem com que eu me sinta não apenas observada, mas tocada com a intensidade do seu olhar sob mim.

— Foi ótima. — ela responde, ainda um pouco sem jeito.

Mariah estava na Itália visitando o namorado quando nós terminamos. Não que não tenhamos nos falado, porque sim, nós nos falamos bastante desde então. Porém quando aconteceu o que aconteceu, ela disse que preferia me dar um pouco de espaço, para que isso não interferisse na nossa amizade por Luca ser seu irmão. E a verdade é que senti falta dela tanto quanto apreciei seu gesto. Ela realmente é especial demais para mim, e eu não quero estragar nossa amizade por nada nesse mundo. E muito menos por causa do término com seu irmão. Já não consigo imaginar minha vida sem Mariah nela.

— Bom... — Luca fala, relativamente deslocado. — Vou deixar vocês se divertirem e vou resolver umas coisas pendentes lá em cima no escritório. Pedirei para um garçom servir vocês. — ele diz, antes de arriscar olhar diretamente para mim novamente.

Sinceramente? Não sei se é uma coisa boa sentir o que estou sentindo agora. Se eu dissesse que estou bem, estaria mentindo. Não é fácil olhar pra Luca e fingir que não estou sentindo mais absolutamente nada por ele, mas é preciso. Sinto um misto de vontade de chegar mais perto, com vontade de me proteger. Aquela coisa insegura, misturada com saudades e necessidade. Odeio isso. E odeio ainda mais me sentir assim depois de tudo.

— Não precisa se incomodar, Luca. Mas ainda assim, obrigada. — agradeço, tentando não parecer mal-educada.

— Não há de que, *bab...* — interrompe o que diria e eu fecho os olhos, porque sei que ele iria me chamar de “*baby*”. — Sophia. — continua, ainda sem parar de me olhar. Desvio o olhar do dele, precisando fazer isso para meu próprio bem e ele continua a falar com Mariah: — *Sorella...* Qualquer coisa, estou no celular.

Mariah assente e ele parte em direção ao seu escritório da *Fabric*. Mas não sem antes dar uma olhada para trás. E agora, com ele parado ao pé da escada, pude ver nitidamente dentro dos seus olhos aquela mesma paixão que via quando estávamos juntos. Aquele olhar de devoção e adoração que ele me dava a cada vez que olhava para mim. E eu pude sentir dentro de mim, que assim como eu, ele está morrendo de saudades.

Isso definitivamente não é nada bom. Por que tem de ser tão difícil?

— Venha, vamos sentar. — Mariah diz, quebrando nossa conexão visual. E eu sei que deveria agradecê-la, porém ainda assim fico triste por perde esse momento com ele. Sento-me ao seu lado, e ela mais uma vez me abraça antes de dizer: — Senti mesmo sua falta, amiga.

— Também senti sua falta, amiga. — concordo, sinceramente, sorrindo um pouco, coisa que não fiz muito esses dias.

Sério. Chega a ser estranho!

— Amiga? — Carol me chama, e eu me viro para ouvi-la falar. — Eu e o Rodrigo vamos tomar alguma coisa e depois vamos dançar, ok? Daqui a pouco voltamos. — Aceno com a cabeça, e logo eles saem.

Sei que na verdade eles estão fazendo isso, para que possam me deixar a sós com Mariah.

— Vamos... Como você está realmente? — Mariah me pergunta.

— Uma merda, como você deve imaginar. — respondo, olhando para ela. Ela me dá um pequeno sorriso triste, e sei que ela entende como me sinto. — Estou tentando lidar com a situação, mas é foda. A verdade é que tem sido pior do que eu achei que poderia ser. — confesso.

— Eu sei. — ela diz, segurando minha mão. — Se te serve de consolo, Luca também está uma merda.

— Na verdade, isso não me consola. — admito, antes de suspirar. — Eu só não sei o que fazer. Eu não queria, mas ao mesmo tempo queria falar com ele. E vê-lo aqui hoje é... Tão estranho. Tão difícil. — confesso, engolindo em seco.

— Eu sei. — ela responde, com carinho. — Ele não tem dito muita coisa, além do quanto se arrepende do que houve e do quanto sente sua falta como um louco. Ele me disse que queria tanto ver a Giovanna também. Mas não sabe como você reagiria. Se você o impediria de vê-la. Meu irmão pode não ter me dito, mas a *Nonna* me falou que ele passou uma semana trancado no casarão.

Chocada. É como olho para Mariah ao ouvi-la dizer que ele tinha estado isolado na Fazenda *Di Palacci*. Por mais que eu saiba que ele ama estar lá, não sabia que ele não estava na cidade trabalhando. Acho que talvez isso explique o porquê de não nos encontrarmos. Porém o que me deixa mal nessa descoberta, é que Luca havia me dito que ele havia feito exatamente isso quando sua mãe morreu. *Se afastar*. Segundo ele, foi a sua forma de lidar com a dor. Sua forma de buscar forças para seguir. E saber isso faz com que inevitavelmente me sinta ainda pior. Porque por mais que ele não mereça, depois de ter me traído, é impossível que eu não me sinta mal por ter certeza de que ele está realmente sofrendo. Afinal, ninguém quer ver a pessoa que a gente ama sofrer.

— Quando *Nonna* foi vê-lo, ele apenas disse que estava sofrendo e não sabia o que fazer mais para tê-la de volta. Que não aguentava mais ficar sem você. — continua, fazendo meu coração se apertar mais um pouco. Mariah parece perceber, porque faz com que eu olhe de volta para ela. — Ele diz que não lembra de nada, Sophia. Apenas lembra de que bebeu muito no coquetel e, quando acordou, Jéssica estava ao lado dele e simplesmente o beijou.

— Eles estavam se beijando e ela vestia a roupa dele, Mariah. Passaram a noite juntos. — digo, sentindo uma lágrima escorrendo no meu rosto. — Você sabe que eu fui lá me desculpar pela cena que ele viu do Erick tentando me beijar... Não estou negando que errei. Errei, sim. Deveria ter acabado com a raça do Erick no momento em que ele apareceu em minha frente, mas fiquei igual a uma idiota, sem reação. Acho que não pensei que ele chegaria a fazer o que fez. Muito menos imaginei que Luca teria dormido com a *Jessicadela* e que eu presenciaria aquela cena quando entrasse ali.

— Eu sei. — ela diz, enxugando minhas lágrimas. — Eu não estou querendo defendê-lo. Deus sabe o quanto fiquei puta da vida com meu irmão. — afirma séria, e eu sei que é verdade. — Sei que você errou, mas você tentou provar isso para ele e foi atrás. Independente de Luca ter bebido ou não, ele estava errado. Isso não anula os fatos. Mas ele não se lembra de nada até o beijo que você viu.

— Mariah... Independente dele estar bêbado ou não, ele fez essa merda. Luca sempre soube como eu me sentia em relação a ela. E principalmente em relação a traição. Se ela se aproveitou da situação ou não, ele permitiu. Afinal, quando um não quer, dois não brigam. E fora que depois do que vi, sabe-se Deus quantas vezes ela já não havia tentado. Ou até mesmo, quantas vezes podem ter acontecido enquanto estivemos juntos.

— Você está certa. Sinceramente, duvido que aquela vagabunda não tenha tentado antes. — ela concorda, um pouco triste. — Mesmo ele sendo meu irmão, acho que eu pensaria da mesma forma se fosse você. Realmente briguei com ele diante a situação, e ele não deixou de me dar razão. No entanto, conhecendo sua índole, eu duvido que ele tenha te traído alguma outra vez. Luca jamais

mentiria para você. Eu apenas gostaria que vocês ficassem bem... Ele te ama, você o ama. Vocês iam se casar daqui a dois meses. — ela termina de falar e mais algumas lágrimas caem ao me lembrar do nosso casamento lindo que estava sendo planejado. — Eu só acho que vocês deveriam se dar uma chance de conversar.

— Não sei... Não sei se posso, ou até mesmo se estou preparada. Sei que nada do que vivi é comparado com o que eu sinto por seu irmão, pelo amor que ainda sinto tão fortemente por ele. Mas já passei por isso antes, Mariah. — digo, limpando as lágrimas que insistem em cair. — Quando ele saiu da minha casa sem querer explicações, me deu o direito de fazer o mesmo. Estou muito magoada, arrasada, decepcionada ainda... Não sei se com o tempo poderemos conversar. A verdade é que não sei se posso fazer isso comigo. Não quero sofrer tudo de novo.

— Eu sei, querida. — ela afirma, apertando minha mão. — Eu te entendo. Eu amaria que vocês se acertassem, mas só quero que saiba que, independente de vocês estarem juntos ou não, eu estou aqui. Você pode contar comigo. Como eu já avia te dito antes, não quero que o fato de Luca ser meu irmão interfira na nossa amizade.

— Eu sei disso. Obrigada por estar comigo, por me apoiar... — agradeço, abraçando-a. — Você sabe que não vai interferir. Eu amo você, sua boba. Você é especial demais para que eu consiga me livrar facilmente. — brinco e ela ri, com lágrimas nos olhos.

— O mesmo aqui, baiana. — ela brinca, dando-me outro abraço.

— Olha... Vou arrumar essa bagunça que está meu rosto, mas volto para continuarmos nossa noite, ok? — digo, limpando minhas lágrimas.

— Ok. — responde, com um sorriso contido. — Vou pedir bebidas pra gente. — Pisca.

— Sim, por favor. Adoro quando você fala nosso idioma — digo, rindo, e ela cai na gargalhada, enquanto saio de novo em direção ao banheiro.

Arrumei novamente minha maquiagem, respirei fundo e decidi que era hora de voltar lá. Podia não estar com o coração feliz e realizado, mas ao menos podia me dar a chance de me divertir. Essa era uma das coisas que eu havia aprendido nos últimos meses: a me permitir.

Deixo minha *clutch* com Rodrigo na mesa. Pego Mariah e Carol pelas mãos e com a outra seguramos cada uma seu drink, que já estavam deliciosamente à espera, antes de irmos para pista de dança.

Sim... Absolutamente. Preciso disso.

Não iria embora agora. Não podia fazer isso comigo. Ficarei aqui e vou me divertir. Rebolarei ao máximo a bunda que sei que tenho. E exatamente por isso, escolho o ângulo perfeito, aquele que sei que não tem como Luca não ver do escritório. Minha intuição diz que ele está me olhando mesmo. Começo a desfilar minha falsa alegria pela pista. Rio e danço como se fosse a pessoa mais alegre do planeta. Por um momento tento, tento com todas as minhas forças ser essa pessoa e principalmente acreditar nisso.

Preciso acreditar nisso!

Depois do que me parecem horas de dança, faço mais uma viagem ao banheiro, para voltar a ficar apresentável e aliviar um pouco a bexiga que estava cheia após todos os coquetéis que bebi essa noite. Assim que estou para sair do banheiro, vejo que Luca está me esperando do lado de fora. Minha garganta seca e meu coração bate naquele ritmo alucinante, pois sei que ele obviamente está ali querendo falar comigo. Apesar dos meus esforços na pista para chamar sua atenção, já não sei se posso com isso nesse momento.

— *Amore?* — chama, ao me avistar. — Preciso falar com você. — Sua voz é sofrida.

Oh Droga!

— Não me chame assim, Luca! — rosno, séria, porque isso dói. — Não temos mais o que falar.

Por favor... — tento falar, mas as palavras somem.

— Você sabe que temos, Sophia. — diz, ao pegar meu cotovelo enquanto tentava passar por ele.

— Você está a cada dia mais linda. Amei você morena, *baby*. É mesmo impossível que você fique feia. — Ele vai colocando meu cabelo atrás da orelha, como sempre fazia comigo e eu fecho os olhos, engolindo em seco.

— Luca... — digo, quase sem voz.

— Eu queria tanto te ver. Queria tanto ver a Giovanna... Deus! Estou com tantas saudades dela!

Da minha princesinha! Estou com tanta saudades de vocês que isso está me matando! — ele admite, com a voz derrotada.

Por mais que me doa ouvi-lo dizer isso, sinto-me mal, porque independente do que houve entre nós dois, sei o quanto ele a adora. E a recíproca é mais do que verdadeira.

— Luca... — Engulo em seco. — A Giovanna está bem. Ela também está com saudades de você... — ele me interrompe, fazendo-me olhar para ele.

— Sophia, não faça isso comigo, com a gente... Vocês duas são a minha vida! Te ver ali, dançando, me provocando, foi foda pra mim. Só fez com que eu me sentisse ainda pior por não estar com você. Não faça isso comigo, por favor. — implora. — Eu sinto tanto sua falta... Estou com saudades. Tanta saudades de vocês... Você não sabe a merda que me sinto por ter estragado tudo...

Oh Deus! Me ajude!

O nome disso é “sacanagem”. Só pode ser. Quase consegui me acostumar a estar sem ele. Não absolutamente, mas ao menos consegui me manter constante no meu dia-a-dia durante todo esse tempo. Mas aí, Luca volta do inferno e fala que tá com saudades.

Merda! Por que ele tem que fazer isso tão difícil para mim?

— Por favor, me deixe ir — peço, já sentindo as lágrimas caindo e um caroço na garganta.

— Não... Por favor, não chore. — ele suplica, ao enxugar minhas lágrimas. — Me perdoa, *baby*.

Eu não sou mais “eu” sem você. Eu simplesmente não consigo. E não quero ficar assim. Eu sinto tanto sua fal...

— Não termine! — Cuspo para fora a minha raiva, porque é exatamente assim que me sinto. —

Eu não preciso ouvir você dizer que está arrependido. Apenas me deixa em paz! — termino, libertando-me da sua mão e relutantemente indo em direção aos meus amigos, suprimindo a vontade de ficar e não deixá-lo mais me largar. Luca felizmente não me segue.

Muito bem, Sophia. Mais um dia conseguindo ser forte...

Capítulo 2

Quando certas coisas acontecem, parece que a gente acaba se esquecendo completamente do nosso roteiro de vida. Nesses últimos meses, aconteceram tantas coisas - boas e ruins - para mim que eu tinha me esquecido completamente de algo com o qual praticamente planejei e sonhei a minha vida inteira e demorou exatos três anos para ficar pronto: meu apartamento. Há três anos, comprei um apartamento na planta. Como ainda estava na faculdade, meus pais me ajudaram com a entrada, e eu fiquei pagando as prestações com meu estágio na empresa. Carol e Rodrigo resolveram se juntar a mim para comprar um para eles, também - que, ainda por cima, é ao lado do meu. Poderia ficar melhor? Assim que a construtora me liga, avisando-me para ir finalmente pegar as chaves, eu mal posso acreditar. Parece que, mesmo com tanta merda acontecendo na minha vida, uma luz está brilhando para mim lá no fim do túnel.

Enfim! Depois de tanta merda, posso finalmente sorrir com uma notícia boa.

O apartamento não é nada demais. Nada chique, para falar a verdade. Não parece em nada com a espaçosa cobertura que Luca tinha à beira do rio. É um condomínio simples, com área de lazer e alguns blocos de apartamentos. O prédio tem apenas três andares. Mas eu adoro, e é o que me atende e o que posso pagar com meu salário. Tem três quartos; pequeno e perfeito para mim e a Giovanna. Meu plano é só nós duas, então, não poderia ser melhor que isso, né? Não que eu estivesse desesperada para sair da casa dos meus pais... Gostava de morar com eles, e eles também me ajudavam com a Giovanna quando eu precisava.

Mas sempre sonhei em ter um canto só nosso... Quem nunca?

Quando fomos comprar o apartamento, fizemos um acordo com a construtora de já o entregassem com todos os armários planejados e o valor já vinha embutido dentro das parcelas mensais do imóvel. Então, acabei não sentindo tanto o valor disso. Só tive que me preocupar praticamente em pular para dentro. Durante a semana, acabei conseguindo me distrair da minha fossa com toda a expectativa da mudança. Carol, sempre organizada, já vinha comprando as coisas deles aos poucos. O que fez com que eu achasse uma tremenda burrice da minha parte não ter feito a mesma coisa.

Por que tenho que ser tão desorganizada e não guardar nenhum dinheiro para isso?

Agora, estou tendo que comprar tudo, desde panelas e lençóis à mesa de jantar. Não quero nem imaginar quanto virá as minhas faturas dos cartões no próximo mês. Tudo por uma boa causa. Então, estou mais do que feliz por isso. Enquanto passeava pelo shopping, quase me estapeei pela minha burrice. O propósito era de comprar coisas para minha casa nova, e não de fazer compras. Porém parecia tortura, porque quando você quer comprar alguma coisa, nunca encontra o que quer ou acha seu tamanho. Mas quando você não precisa de nada, além de se manter longe das tentações, parece que todas as lojas decidem te sacanear.

Aquela pergunta que a gente se faz sempre que se depara encalacrada e sem dinheiro, mas tá louca para gastar: *Por que diabos eu não nasci rica?* Mariah, por exemplo, tem mais dinheiro do que eu vou ganhar na minha vida toda. Ainda assim é super controlada. Bem. Nem tanto. Só às vezes. Uma coisa é certa, quando você define novas metas e prioridades, olhar vitrines é quase um crime. Quase sinto orgulho de mim. Quase.

Com a expectativa de uma casa nova, assim que comecei a arrumar a mudança, pensei: *Quem sabe, mudando de casa, esse amor não se muda e resolve ir embora de vez?* Parafraseando Carrie Bradshaw, foram quarenta caixas que encaixotaram a minha vida, desde que me mudei da Bahia para Manaus. Chegou a ser estranho colocar minha vida em uma quantidade limitada de caixas. Mas assim

que acabei de esvaziar a última caixa, minhas esperanças se foram junto com elas. Nada feito. Casa nova, sofá novo, novas contas pra pagar, porém o mesmo coração idiota.

Por que diabos essa merda tem que ser tão difícil?

Consegui organizar quase tudo exatamente como queria em nosso novo lar. Ainda faltavam as persianas serem instaladas e outros detalhes e coisinhas de decoração para comprar, mas quando tiver uma folguinha em meu orçamento e nos meus cartões de crédito, deixarei tudo exatamente como quero. Pelo menos poderia respirar aliviada, pois o lugar estava habitável para nós duas.

Obviamente que eu adorava decoração, mas sou bem básica e prática quando se trata desse assunto. Em quase todo o apartamento usei tons branco e preto. Gosto da mistura e principalmente de contrastar a decoração com uma cor forte no ambiente. Fiz uma cozinha americana, com banquetas de acrílico na cor rosa, os armários pretos e eletrodomésticos de aço-inox. Podem falar que sou fresca, mas realmente adoro cozinhar. Depois do closet, a cozinha foi o lugar que mais amei planejar.

A sala acompanhou com o preto da cozinha, mas usei um pouco de branco nos modulados e quebrei com um aparador amarelo e um enorme tapete felpudo rosa choque. Como meu espaço é limitado, usei uma mesa de jantar de vidro com os pés cromados e quatro cadeiras rosas de acrílico. Como painel, utilizei papel de parede *vintage* na cor preta atrás da TV, que havia sido presenteada pelo meu pai. O enorme sofá com *chaise longue* era de camurça preto, e foi definitivamente o item mais caro que comprei na casa. Mas é sério, não pude resistir a ele. Assim que coloquei os olhos em cima dele, só me imaginei deitada, para não dizer esparramada, assistindo filmes e comendo pipoca em dia de chuva.

Para o quarto da Giovanna, foi muito mais difícil do que pensei que seria. Depois do quarto lindo que havia ganhado de Luca, ela não estava muito satisfeita com o que eu havia pensado em fazer para ela. Mas com jeitinho pedi para que ela me ajudasse, e acabamos entrando em harmonia sobre seu quarto, que ela acabou ganhando de presente dos avôs. A Gio escolheu um quarto provençal branco, com paredes rosa bebê, sendo que a parede da cabeceira da sua cama ganhou uma pintura especial de jardim. Que foi pintada por seu dindo João, porque apesar dele ter seguido uma carreira completamente diferente, tinha realmente o dom e ficou realmente uma graça.

No meu quarto, realmente não quis mudar muita coisa, pois já gostava dele do jeito que era. Por isso economizei e acabei usando os mesmos móveis, pois ainda estavam novos. Resolvi pintar várias listras horizontais de preto e branco, o que com os objetos na cor *pink*, fez com que ficasse um arraso. Fora isso, só tem mais um painel para TV e uma cômoda, porque honestamente meu quarto era um verdadeiro ovinho comparado ao meu quarto na casa dos meus pais. Exatamente por isso que o terceiro quarto acabou servindo de closet/estúdio e também quarto de hóspedes. Ali acabou ficando a minha antiga e amada penteadeira provençal, um closet para roupas e sapatos, uma área que reservei para colocar uma mesa de computador e uma prateleira com todos os meus livros, além de um confortável sofá-cama para visitas.

— Mãe, você já deu o nosso endereço para o tio Luca vim me visitar? Você tem que avisar a ele que não estamos mais morando na casa da vovó e do vovô. — Giovanna disse, tirando minha atenção da arrumação.

— Co-como filha? — perguntei, sem saber direito o que respondê-la.

— Você não disse para o tio Luca que estamos morando aqui agora? — ela perguntou com um bico irritado.

— Filha... Er... O Luca tem andado ocupado. Não sei se ele poderá vir nos visitar. — tentei disfarçar, mas o que ela disse a seguir me quebrou:

— O tio Luca não vai mais voltar? — perguntou com a voz chorosa.

Oh Deus!

Eu não sabia o que dizer, porque me matava ainda mais vê-la sofrendo pela ausência de alguém que em tão pouco tempo se tornou especial demais para ela. Eles se amavam de uma forma que eu não sabia explicar, isso era fato para mim. E ver minha filha sofrendo não apenas por causa dos acontecimentos entre mim e Luca, mas também por tê-la afastado dele, fazia com que eu me sentisse ainda mais culpada. Sento no sofá e trago minha pequena para os meus braços, abraçando-a com carinho.

— Eu vou falar com ele. Tudo bem? — perguntei, limpando uma lágrima sua que escorreu.

— Fala com ele agora, mamãe. Liga para o tio Luca, por favor. — pede com a voz dengosa e aquele olhar de gatinho do *Shrek* que me deixa em suas mãos.

Droga!

— Ok. — beijo sua testa, antes de pegar o celular que estava ao meu lado.

Respiro fundo e mais uma vez peço forças a Deus para poder fazer isso. Eu sabia que essa ligação mexeria comigo, mas eu faria qualquer sacrifício pela minha pequena. Inclusive passar por cima da minha dor e do meu orgulho. Disquei seu número e não chegou a tocar nem uma segunda vez antes dele atender.

— *Alô?* — sua voz soou surpresa, mas também ansiosa e eu fechei os olhos. — *Sophia. Por favor, fala comigo.* — pediu e eu abri os olhos, focando na minha pequena que esperava ansiosa para falar com ele.

— Er... Oi... Luca. Tudo bom? Desculpe te ligar, mas é que a Giovanna pediu para falar com você. — falei em um fôlego só e não esperei que ele me respondesse, antes de passar o telefone para Gio.

— Tio Luca! — a Giovanna pegou o telefone animada, mas apesar de sorrir pelo seu entusiasmo, inevitavelmente me senti mais uma vez culpada por tê-la afastado dele. — Estou bem. A mamãe disse que estamos morando agora no nosso apartamento? — ela perguntou e logo fez exatamente o que eu não queria que ela fizesse: colocou a ligação o viva-voz.

Eu não sabia se queria ouvir a conversa dos dois. Era um momento deles. Também não sabia se estava preparada para ouvir o que eles diriam. Eu até poderia sair dali e deixa-los a sós e não apenas o fato da Giovanna estar no meu colo me impediu de ir, mas o tom de voz de Luca.

— *Eu não sabia, princesinha.* — Luca respondeu. — *E você gostou da sua casa nova?* — perguntou incerto.

— Sim. Eu gostei. Meu quarto não é tão lindo, quanto o que o senhor fez para mim, mas é legal. — ela parou de falar e pareceu ficar triste de repente. — Tio, o senhor não está com Saudades? — perguntou e meu coração se doeu com sua pergunta.

— Claro que estou com saudades, meu amor. Você é minha Princesinha! Sempre será! — falou emocionado.

— Eu sei que você e a mamãe brigaram. Mas eu não quero isso. Estou com saudades. O senhor não quer mais que a gente more com você? — perguntou, acabando de acabar comigo.

Ai. Meu. Deus.

A respiração de Luca falhou tanto quanto a minha. Era como se eu estivesse vendo ele em minha frente agora e a situação me doeu ainda mais. Eu achei que não seria capaz de piorar, mas nesse momento a dor que eu senti ouvindo-a perguntar isso e a certeza de que no fundo Luca também sentia mal por isso, fez com que eu sentisse uma vontade incontável de chorar, de colocar para fora tudo.

— *É, o que eu mais quero, princesa. Ter vocês comigo. Para sempre.* — respondeu com a voz

rouca de emoção e eu não pude mais controlar me controlar.

Tentei não chorar, tentei mais uma vez não dar vazão a dor que eu sentia por não tê-lo mais em nossas vidas, mas eu falhei terrivelmente e foi então que me vi derramando minhas lágrimas sem conseguir mais me conter. Afinal, tem horas que é impossível agir como se não me importasse.

No sábado à noite, organizamos um chá de casa nova duplo para receber nossos amigos. Resolvemos fazer na casa de Carol, pois como ela já havia feito todo seu “enxoval” há tempos, como maníaca por organização que ela é, já estava tudo no seu devido lugar. Fora que além disso, eu também não estava no clima de ser anfitriã de festa. Só aceitei mesmo porque Carol insistiu e convenhamos, nada melhor do que uma festa entre amigos para a gente encher a cara.

Não dispenso oportunidades jamais!

Estava terminando meu banho quando ouvi a campainha tocar. Como estou devidamente sozinha, pois a Giovanna tinha ido no final da tarde passar o resto do final de semana com o pai, tenho que atender a porta. Enrolo-me em um roupão branco de seda e amarro meu cabelo em um coque, antes de ir correndo até a porta.

Seja lá quem for, não me importo que me veja assim, porque quase ninguém sabe onde estou morando agora... Somente meus amigos e meus pais sabem onde moro.

Mas eu não poderia estar mais enganada, pois assim que abro a porta estanco.

Tenho que dizer, viu? Maldito dia em que você está saindo do banho, sem rímel, sem corretivo e sem dignidade, e sua campainha toca. Quando você abre a porta, vê o homem lindo que despedaçou seu coração, segurando um belo buquê de flores e uma garrafa de vinho.

Sim. Seria cômico se não fosse trágico!

— O que você está fazendo aqui?

Enquanto ainda estou assustada com sua presença, percebo que seu olhar bebe meu corpo. Lembro-me que o roupão que visto é apenas de seda fina, e não precisa ir muito além para enxergar algo por baixo dele. Então, automaticamente cruzo os braços sobre os meus seios, já duros de excitação e vejo Luca engolindo em seco com o que já viu.

Merda! Porque ele tem de mexer comigo assim?

— Oi... Er... Vim desejar boa sorte na casa nova. — fala de forma gentil, após tentar recuperar a sua compostura.

— Como... — Não consigo nem ao menos terminar de perguntar, porque estou muito ligada no seu olhar me despindo. Na verdade, estou é meio tonta com a intensidade do seu olhar sob mim.

— Rodrigo me convidou — ele responde, sem jeito. — Sei que ele é seu amigo, mas ele tem sido um bom amigo para mim também, me deixando saber como você e a Giovanna estão. Além do mais, minha irmã não queria dizer onde você estava morando, já que sabia que certamente não era algo que você queria que eu soubesse. — confessa, cabisbaixo.

Rodrigo me paga! Aquele nadador de borboleta de uma figa!

— Hm... Entendo. — Mais um ponto para minha amiga Mariah. — Você quer entrar? — pergunto, educadamente, sem saber se é realmente uma boa ou uma péssima ideia.

— Se você não se incomodar... — diz, com um sorriso tímido.

— Tudo bem para mim. — Recuo, dando passagem para que ele possa entrar.

Está tudo bem para mim? Nem eu sei...

Mas logo tenho minha resposta, pois assim que Luca passa por mim e fecho a porta, já tenho certeza de que é uma péssima ideia. Pois enquanto ele analisa minha pequena sala, perco-me no seu

cheiro. No cheiro doce e embriagador que tenho sentido falta todos os dias desde que terminamos. Respiro fundo, tentando me controlar e ao menos consigo agradecer quando ele me entrega as flores e a garrafa de vinho que estavam em suas mãos. Coloco as flores em cima do balcão da cozinha e o vinho na pequena adega, que havia sido presente de Mariah.

— Adorei seu apartamento. — ele diz, sorrindo e olhando ao redor.

— Obrigada. — respondo. — Ainda não terminei de organizar tudo, porque não tive tempo... E, na verdade, tinha me esquecido completamente que já iam me entregá-lo. — Luca se vira para mim, parecendo sem jeito.

— Você nunca me disse sobre ele. Comprou há muito tempo? — pergunta, incerto.

— Sim, há uns três anos. — respondo e ele acena com a cabeça.

— Como eu já te disse várias vezes, você tem muito bom gosto. Está incrível.

— Obrigada. — agradeço, engolindo em seco ao pensar na casa que estávamos fazendo juntos. — Hm... — murmuro, precisando sair dessa. — Acho que eu deveria me trocar. Fique à vontade. — falo.

Luca congela. Um olhar malicioso passa pelo seu rosto antes mesmo que eu perceba o que acabei de dizer. Ele me examina da cabeça aos pés, e por um momento, acho que ele vai falar algo. Senso sincera comigo mesma, talvez eu queira que ele realmente fale algo.

— Tudo bem. Espero você aqui. — Luca diz, antes de sentar-se no sofá e eu sair correndo dali.

Respiro fundo pela milésima vez em uma tentativa de me acalmar, assim que termino de colocar meu vestido e começo a fazer meu caminho de volta pra sala. Luca está analisando uma fotografia em cima do meu chamativo aparador amarelo e ao deparar-me com a cena, o aperto em meu peito que já era grande, aumenta ainda mais quando percebo qual é a fotografia que ele está olhando. É a mesma foto que ele utilizava como papel de parede do seu *iPhone* e Notebook. Eu não sei porque eu havia escolhido essa, mas eu apenas fiz, talvez por que sou uma masoquista assumida mesmo.

Luca parece sentir a minha presença, porque antes mesmo que eu anuncie meu retorno, ele se vira para mim, ainda segurando o porta-retratos em suas mãos.

— Adoro essa sua foto — ele diz, olhando de mim para a foto. — Lembro que você estava dando risada na hora, porque eu estava dizendo para você fazer pose de “*Garota Fantástica*” — ele diz, antes de sorrir torto.

Fecho os olhos tentando não me lembrar, mas sou tão masoquista que deixo meu coração lembrar ao “idiota do meu cérebro” sobre esse momento. Nós dois em Miami. Uma vontade forte de voltar no tempo e estar lá com ele outra vez me domina. Uma vontade de voltar no tempo e esquecer tudo que houve e apagar os dias ruins que vive desde aquele maldito dia. Uma vontade esmagadora de sentir seus braços, seu calor, seus beijos, parece querer me vencer.

Quando finalmente me permito abrir os olhos, Luca está olhando para mim e sorrindo de forma triste, como se estivesse pensando, sentindo e desejando a mesma coisa.

— Sophia... — ele diz, com uma voz fraca. — Eu nunca te disse o verdadeiro motivo para achar essa sua foto linda. Eu amo essa foto, porque ela mostra exatamente quem você é. Linda, doce, alegre, engraçada e cheia de energia. Você ri com os olhos e com a sombra da covinha que você não tem. Você ri com o rosto todo. Sua risada é tão gostosa que contagia as pessoas. Pois pior do que seja o dia, não tem como não se sentir feliz e completo como eu me sinto quando vejo você sorrir. E é exatamente por isso que eu amo olhar essa sua foto.

Santa Mãe! Ele poderia ser mais lindo? Sim... Se não tivesse me traído.

Apenas engulo em seco. Fico ali parada, olhando para ele como uma completa e total idiota, tentando o meu melhor para não me afogar em lágrimas ou me atirar em seus braços. Por que ele

precisa me dizer isso?

Eu estava indo bem ignorando minhas saudades... Isso é um teste?

— Você pode não saber, mas a sua presença me ilumina. — Ele engole em seco e continua, com uma voz fraca: — E eu estou no inferno sem você, *baby*.

— Não, Luca. Por favor... — Fecho os olhos, tentando empurrar o nó na minha garganta.

Respiro fundo novamente e oro, com todas as forças, para tentar resistir a ele. Mas ainda que uma parte de mim queira que essa tortura acabe, continuo a ouvir o som sedutor da sua voz:

— Sophia, deixa só eu terminar. Não precisa voltar para mim quando eu terminar de falar... — pede, diminuindo a distância entre nós. — Eu só preciso falar agora. Só quero que você me escute, quero que você saiba como eu me sinto... Apenas isso. — suplica com a voz e o olhar derrotados.

Merda de vida!

Uma saudade profunda e gigantesca ameaça me rasgar por completo. Parece que vou me derreter com o toque dos seus lábios na minha testa e o arrepio que seu toque provoca com o mínimo contato com meu corpo. Ele troca seus lábios pela sua testa e fecha os olhos, como eu. Minhas saudades parecem apenas aumentar, porque sei, dentro de mim, que ele sente da mesma forma que eu. E isso tudo é ainda pior. Automaticamente me contraio, tentando me abraçar para me proteger. Pois ainda que eu tenha tentado me manter forte em todos esses dias, sou indefesa diante os meus sentimentos por Luca.

Como posso suportar sentir seu cheiro e seu calor e não me atirar em seus braços, quando é exatamente isso que eu preciso?

— Não tem um segundo da minha vida em que eu não sinto sua falta. Não tem um minuto da minha vida em que eu não me arrependa de não ter te escutado antes de ir para Gramado, de não ter levado você comigo... — Ele toma uma respiração profunda. — Não tem uma hora do meu dia em que não me pergunto por que eu te ouvi, ao invés de ir atrás de você quando você me pediu para eu deixar você ir... — Sua voz está rouca, e eu já estou chorando. — Eu me odeio por ter feito você sofrer, eu me odeio por estar perdendo cada batida do seu coração... Por cada momento ao seu lado e da nossa filha, porque sim, para mim ela é minha. Mas eu me odeio muito mais por não lutar por você, por vocês, a cada segundo do meu dia. Eu não consigo ficar sem você...

— Ops... — Carol interrompe assim que abre a porta, o que faz com que eu acorde da nuvem de lágrimas que virei. — Finjam que eu não entrei! — ela grita, batendo a porta por onde entrou.

Jesus! O que eu faço agora?

— Luca, é melhor você ir — peço, conseguindo finalmente me afastar, temendo que eu caia na tentação de me jogar em seus braços.

— Tudo bem. Como você preferir. — responde, engolindo em seco, depois de me olhar.

E mais uma vez lá no fundo pude ver a mesma dor que sinto. Mas eu simplesmente não posso. Não me permito olhar para trás enquanto ele sai. Não sei se suportaria. Assim que escuto o som da porta batendo, sinto como se meu coração tivesse ficado preso na porta. Jogo-me no meu tapete e deixo-me afogar em uma rio de lágrimas.

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas quando já não aguento mais chorar, levanto-me, seguindo até a adega e pego o vinho que ele havia me presenteado e quase morro com o rótulo que li: *Banfi Brunello di Montalcino*.

Sério? Ele só pode estar de sacanagem comigo! Quer foder com meus miolos!

Esse vinho foi o vinho que havíamos tomado juntos no nosso primeiro encontro. E Luca sabe mais do que ninguém o quanto eu o amo. Ele inclusive dizia que era o “nosso vinho”.

Como ele foi capaz de me presentear com uma garrafa dessas? Se ao menos ele tivesse me dado

três, eu entraria em coma alcoólico e não reclamaria.

Precisando me entorpecer, ligo no som da sala uma sequência de músicas de *fossa* até as alturas. Não me importando em nada com o fato de que os vizinhos possam vir a reclamar. *Eles que se danem! Estou sofrendo! Curtindo a minha fossa!* Cantando com Lucas Lucco, “*Para Te Fazer Lembrar*”, vou até a cozinha pegar um saca-rolhas e uma taça de vinho.

*“... Eu tenho uma má notícia pra te dar
Isso não vai passar tão cedo, não adianta esperar
Às vezes ficamos bem, mas depois vem o desespero
Eu tento esconder, mas vi que pensei em você o dia inteiro*

*Mas sempre haverá uma data, palavra, um olhar
Um filme, uma música, pra te fazer lembrar
Um perfume, um abraço, um sorriso só pra atrapalhar
Só pra te fazer lembrar de mim...”*

No que me pareceram horas depois, estou tentando “espremer” em vão a garrafa vazia do maldito vinho que ele havia me dado. Estou amaldiçoando a vinícola da cidade de Montalcino por fazer um vinho tão bom, mas tão caro. Estou me amaldiçoando por não comprar vinhos bons para mim em vez de sapatos. Mas, mais do que tudo, estou amaldiçoando Luca por ter me dado apenas uma garrafa de vinho, como se fosse um castigo, não me deixando esquecê-lo.

Hm... E se ele deu uma garrafa para Carol e Rodrigo também?

Corro para o espelho da minha penteadeira e faço uma maquiagem básica em uma tentativa de esconder minha cara de choro. Pego algo para calçar, afinal não posso chegar lá descalça porque senão não seria eu. Saio do meu apartamento estranhamente silencioso, e cambaleio em uma sandália vermelha de salto agulha de verniz. Assim como já nos acostumamos a fazer, abro a porta ao lado da minha sem bater e me deparo com a outra versão da minha pequena sala, onde está tocando uma música alta e tem pelo menos umas quinze pessoas apertadas ali. Muitas caras conhecidas e desconhecidas, que não estou muito animada de cumprimentar. Cumprimento com a mão, sem dar muita importância para quem fala. Sabe aquele sorriso de político? É o meu.

Estou aqui em uma missão! Preciso encontrar aquele vinho!

Mariah me avista assim que fecho a porta atrás de mim e sai correndo para me abraçar. Por um momento, acho que ela está bêbada, mas começo a achar que sou no momento em que ela me segura para não cair no chão, caindo logo em seguida em uma gargalhada escandalosa.

— Sua falsa! Já ficou bêbada sem mim? — Mariah pergunta, com um biquinho que provavelmente já lhe dera muitas coisas.

— Acredite em mim... Não por vontade própria. — admito, apontado para ela, que ri com minha admissão.

— Acabei de chegar. Carol disse que Luca esteve aqui. Eu juro que não disse nada... Está tudo bem? — pergunta, olhando-me realmente preocupada.

— Tudo bem. Você deve saber como me sinto. — tranquilizo-a. — Luca me disse que você não tinha nada a ver com sua visita. Nesse momento odeio Rodrigo! — Faço uma cara feia, e ela ri. — Me acerto com esse traidor nadador de *crawl* depois. — resolvo mudar de assunto, porque como eu já havia dito, minha missão agora é beber. — Falando nisso, você viu se Luca deixou algum vinho

por aqui? — pergunto, na expectativa.

Por um momento, acho que Mariah vai se recusar a me deixar beber mais, porque me estuda pelo que me parecem horas. Estou quase dizendo a ela que caso ela não libere o álcool, irei quebrar o porquinho da Giovanna para comprar o maldito vinho, quando então ela me puxa em direção à “imaculada” e nada usada - pois Carol é a pior cozinheira que conheço - e muito branca cozinha de Carol. Assim que avisto uma garrafa embaixo do armário, juro que quase choro de emoção.

Obrigada senhor!

— *Yes!* — grito, animada e Mariah ri do meu entusiasmo.

— Acho que você está mais feliz de ver o vinho, do que fica depois de uma noite com o *Rabbit*.

— afirma rindo.

Ela tem razão. *Rabbit* é meu vibrador em forma de coelho, o “famoso:” de *Sex and the City* e o único que tem feito minha vida mais “alegre” ultimamente. Juro que se eu não estivesse tão animada e alta pelo vinho, ficaria corada corada com sua afirmação, mas apenas rio. Afinal, estou com o meu desejo em minhas mãos.

Enquanto Mariah começa a puxar assunto, peço a alguém, não me pergunte quem, para abrir a garrafa. Depois de aberta, nos sirvo e tomo um longo gole na taça que havia trazido de casa, que misteriosamente ainda não havia saído da minha mão. Fiquei tão entretida com nossa conversa e principalmente com a delícia em forma de vinho, que quando dou por mim, já estamos na metade da garrafa do vinho. E foi nesse momento que cheguei a uma conclusão incrível:

— Mariah. Preciso ir para Toscana! — Ela me olha sem entender e, depois cai na risada.

— Você só pode estar maluca. — fala, ainda rindo.

— Não! — paro de falar, antes de tomar mais um gole. — Preciso ir para Toscana e comprar todo vinho da *Banfi* que eu conseguir. — digo, entusiasmada.

— Ok, amiga. Vamos para Toscana apenas para comprar vinho? — pergunta, incrédula.

Sério... Odeio quando estou filosofando e as pessoas não entendem o meu raciocínio!

— Não. Deve ser incrível conhecer toda a região com uma boa garrafa de vinho do lado. E é exatamente essa minha ideia. — divago, com um sorriso de orelha a orelha.

— Certo. — ela diz, tentando esconder o fato de achar graça do meu sonho. — Talvez a gente deva ir, mesmo. — Ela coloca um sorriso malicioso, fazendo com que ela fique a cara do *Jack Sparrow*. — Não sei se você sabe, mas Luca adora a região da Toscana. — afirma, provocativamente.

Fecho a cara para ela e mostro a língua, em um ato muito adulto.

Claro que o homem que partiu meu coração é louco por lá! Séria cômico se não fosse trágico!
, Acho que ele havia se tornado o meu mantra pessoal. Eu deveria mandar fazer camisetas assim.

— Vamos. Vou te apresentar para o pessoal do colégio — desconverso, puxando-a da cozinha, não querendo mais pensar em Luca.

Já chega né coração? Me deixe ao menos aproveitar a euforia causada pelo vinho essa noite!

Assim como a cozinha, o gosto de Carol é muito neutro. Toda sua casa havia sido decorada com tons entre bege e branco. Na sua sala, a única coisa que contrasta essa monotonia de cor são as almofadas vermelha e preta do sofá, que eu tive que seriamente persuadi-la a comprar, para poder quebrar todo o “branco”. Ela havia preferido um sofá maior a uma mesa de jantar como eu, então a impressão que tínhamos é de que sua sala parecia ter mais espaço do que a minha.

Mas olhando tudo ao meu redor agora, começo a pensar que se Carol já não estivesse bêbada seriamente bêbada como está, estaria surtando com a bagunça que sua casa está nesse momento, pois

se ela já tinha um TOC com limpeza e arrumação antes de se mudar, agora então esse transtorno aumentou ainda mais.

Não quero nem pensar em como isso vai estar amanhã! Pretendo estar em coma alcoólico para não presenciar sua cena!

Depois de falar com algumas pessoas no caminho, encontramos com Carol e os meninos na varanda. Eu ainda não tinha ficado muito a fim de falar com ninguém, mas precisava, antes que eles viessem brigar comigo.

— Linda! Está feliz em me ver, ou por um acaso sua alegria tem a ver com essa garrafa de vinho na mão? — Nick me provoca ao me abraçar.

— Um pouco dos dois. — confesso, fazendo biquinho. — Ei! — cumprimento o restante dos meninos, enquanto Mariah agarra Nick em um abraço de urso.

— Uh. Já não era sem tempo, Sophia — diz, com um sorriso malicioso e extremamente familiar.

— Duda? — pergunto, surpresa. Faz meses que não o via, e não sabia que ele viria essa noite. — Ei. Por que você não me disse que estava de volta? Estava com saudades seu puto. Como você está? — pergunto, antes de bater em seu braço e em seguida abraçá-lo.

— Melhor agora, gata! — Seus olhos sobem e descem meu corpo, mas já estou tão acostumada com essa sua mania, que nem ligo mais. — Você está linda! É seu aniversário? Porque você está de parabéns! — brinca, assim que me dá mais um beijo demorado na bochecha.

— Idiota! — falo, rindo, com meu melhor e animado sorriso do vinho.

Duda está mais forte e maior do que eu me lembrava. Ele é moreno claro, e sempre usou o cabelo meio penteado para cima, o que só realça o brilho do seu sorriso, sempre arrogante. Duda sempre foi bonito, e sabe disso. E parece que ele só fica ainda mais bonito com o passar dos anos. Sempre o achei parecido com o aquele ator lindo, Ryan Guzman. Ele sempre teve essa aura confiante e provocativa, de quem pode tudo e pode mesmo. Era aquele típico garoto que tinha todas as suas pernas e assumidamente um *galinha*-mor na época da escola. A palavra monogamia estava fora do seu dicionário desde que terminamos. Ainda que seja esse mauricinho mimado e arrogante, com muito dinheiro, era um amigo maravilhoso, cheio de predicados. Eu o amo de verdade.

— Hoje, definitivamente vou fazer minha cama — brinca o sempre provocativo João.

— De novo? — brinco, dando-lhe um tapinha no ombro, antes de lhe abraçar. — Achei que depois de anos sendo sua mulher, você estaria entrando com o processo de divórcio. — complemento.

— Com essa bunda, essas pernas e esses seios, como posso resistir a ficar longe de você e desse trio? — brinca, apertando-me em um abraço apertado.

— Gente! — digo, virando-me para Mariah. — Essa é Mariah, minha... — gaguejo.

— Amiga! — ela complementa, ao perceber minha hesitação.

— Bem. Mariah, esses são Duda e João — finalmente os apresento.

— *Oh Deus!* — Seus olhos se arregalam, e ela olha de mim para Duda. — Ele é Duda? — ela pergunta, de forma nada discreta.

Como estou muito bêbada para ficar envergonhada do porque da sua reação ao reconhecê-lo, a minha reação e a de Carol é de cair na gargalhada.

Afinal, não há como chorar o leite derramado! Quanto mais...

— Você já ouviu falar de mim? — Duda pergunta, surpreso.

— Com certeza. Ouvi falar de todos vocês. Mas você... — ela responde, antes de voltar a rir e nesse momento Duda troca um olhar duvidoso comigo.

Sim. Ele entendeu!

— “Margarita” te lembra alguma coisa, Duda? — Carol pergunta, com sua voz já embotada e ele fica vermelho. — *Bah!* Não adianta se envergonhar agora. Todo mundo aqui sabe. — diz, sacudindo a mão, como se para ela o fato de ter perdido minha virgindade com ele não fosse nada. Todo mundo ri, exceto Nick.

— Bem... — Duda fala, tentando se recompor, assumindo seu ar de presunção. — Se você precisar de um *flashback*, estamos aí, gata. — Pisca para mim.

— Não. Muito obrigada, Duda. — Dispensando com a mão, dando outro gole no meu vinho. — Minha ameaça para você não contar nada sobre nós dois, não foi de toda uma mentira. — Pisco, provocando-o, fazendo os meninos se contorcerem de rir pela minha antiga ameaça, de dizer que ele tinha o pinto pequeno e não se segurava para chegar lá, caso ele dissesse a alguém sobre nós.

— Já sabe que estou à sua disposição para você atestar que você sempre esteve mais do que equivocada. — diz, ainda sem jeito.

Bem, esse é Duda!

— Obrigada pela proposta, mas estou satisfeita com o *Rabbit*. — As meninas riem com a minha piada interna, enquanto os meninos ficam sem entender o que eu disse.

— *Rabbit?* — Nick pergunta, com a sobancelha erguida.

— É melhor você não querer saber, Nick. Você pode não gostar... Ou gostar até demais. — Carol fala, ainda rindo.

— Ah, não! Pode falar. Já estou ficando animado! — João diz, animado.

— *Sex and the City*, primeira temporada, episódio nove. Todos procurando no *Youtube*. Três, dois, um...

Oh Jesus! Definitivamente, o álcool destruiu o filtro entre meu cérebro e minha boca!

Nem ao menos terminei de falar e todos eles já estão pegando seus celulares para procurarem o significado do que foi dito. Carol e Mariah estão rindo tanto, que precisei pedir para que elas parassem de fazer tanto alarde, pois outras pessoas começaram a nos olhar com interesse. E eu definitivamente odeio ser o centro das atenções.

Assim que os meninos levantam seus olhos da tela de seus respectivos celulares e olham para mim, vejo que me encaram perplexos. Talvez não esperassem nada do tipo. Nick está vermelho. Duda... Bem, Duda parece estar ainda mais arrogante depois do que viu.

— Cara. — João começa a falar, passando os braços em meu ombro. — Eu sempre achei que você fosse a mulher perfeita para mim. Agora, eu tenho certeza! Quer se casar comigo? — brinca, recebendo outro soco no ombro.

— Como se eu fosse a única. — Reviro os olhos, enquanto ele ri.

— Uma mulher como você é bem capaz de me colocar as rédeas. — brinca, me fazendo rir.

— Você nem venha fazer piadinhas! — aponto para Duda, que ri, levantando as mãos em rendição.

— Estou quietinho, meu amor. — fala, sorrindo malicioso.

— Você está muito tensa, gata! — Nick fala, massageando minhas costas.

— Ela precisa é dar, isso sim. — João rebate.

— A única coisa que eu tenho dado ultimamente, é problema e prejuízo com cartão. — confesso.

— Nós sempre podemos resolver esse problema, você sabe. — Duda fala, piscando para mim, me fazendo revirar os olhos.

— Poupe-me dessas propostas que você não pode cumprir. — provooco.

— Pague para ver. — Ele sorri e pisca para mim, me fazendo bufar.

— Vinho... Preciso de vinho. — penso alto, quando constato que a outra garrafa que está em

minha mão, já esta vazia.

— Você tem pelo menos uma dúzia de vinhos em sua casa. — Carol diz, rindo.

— *Oh não!* Não quero qualquer vinho... Preciso desse. — Levanto a garrafa vazia para que vejam.

— Providencio para você, gata. — Duda oferece, com um olhar malicioso.

Sim, ele nunca se cansa!

— Tenho um aviso para você, seu Eduardo: Eu não vou transar com você. Principalmente por causa disso. E se mesmo assim, você continua disposto a pagar mais de quatrocentos reais em uma garrafa de vinho como essa... Vá em frente! — aviso.

— Ah! Esqueci que você agora está acostumada a ter uma vida de princesa. — ele tem a audácia de me pirraçar.

— Acontece, que quando a gente conhece o “ótimo”, a gente não se interessa mais pelo “mais ou menos”. — rebato, fazendo sinal com as mãos.

Escuto um coro de “*uiii*” e de “*ohhh, toma!*”, seguido por tapinhas na nuca de Duda, vindo dos nossos amigos. Sorrio, satisfeita, porque tudo parece estar como deveria estar.

Acho que finalmente estou voltando ao meu lugar...

— Sempre sincera e perversa, Sophia. Adoro quando você cala a boca dos idiotas — Nick fala, beijando minha bochecha.

Sobre ontem? O que eu posso dizer? A noite foi incrível. Há pelo menos uns seis meses que nós não ficávamos todos juntos. Confesso que senti tanta falta deles, que às vezes não sei como tem gente que sobrevive sem seus amigos. As piadas sem noção de João, mesmo as provocações sem graça de Duda, nossas brincadeiras e risadas infinitas... Tão bom! Definitivamente, precisamos fazer isso mais vezes.

Mariah parece ter crescido no grupo com a gente, porque em nenhum momento pareceu que ela tinha conhecido eles apenas há poucas horas. Ela também foi a minha salvadora, quando pegou duas garrafas do “meu” vinho no seu restaurante, o *Per Mangiare*. Não preciso nem dizer que escondi uma e a outra não dividi com ninguém. Sei que amanheci o dia bebendo doses de tequila, jogando *sueca* e rindo como nunca mais tinha rido. Cinco e meia da manhã foi a hora em que eu e Mariah finalmente nos jogamos na minha cama. Só conseguimos colocar uma camisola de tão acabadas que estávamos. Nick tinha ido pra casa um pouco mais cedo, porém Duda e João da última vez que vi, estavam dormindo abraçados no meu sofá. Fechei os olhos, sorrindo como há muito não sorria.

Sim. Estou começando a me reencontrar!

Capítulo 3

O que me pareceu ser cinco minutos após ter caído na cama, e muito cedo para pensar em me levantar, estava bem sonhando com Lucas Lucco fazendo um show particular para mim. Ele estava usando um violão e nada mais, e aí é que escuto um toque irritantemente alto tocando “*Single Ladies*”, da Beyoncé, seguido de um baque de algo pesado caindo no chão e um grito abafado.

Acordando do meu doce sonho, levanto assustada e principalmente frustrada, para encontrar Mariah se levantando do chão onde estava caída. Minha amiga está com o rímel e o batom todo borrado, em uma cara verde de quem precisa urgentemente vomitar. Mesmo sonolenta, com dor de cabeça, de ressaca e morrendo de vontade de fazer xixi, desato a rir.

— Merda! — ela xinga, ainda de joelhos, quando finalmente consegue pegar o celular, tentando enxergar o que tá escrito na tela. — Acho que ainda estou bêbada. — confessa, antes de atender. — Acho melhor ser importante, Johnny, porque fui dormir mais de cinco da manhã, estou com uma puta de uma ressaca e juro que se não for, irei te encontrar apenas para vomitar na sua cara. — diz, colocando a mão na testa, como se quisesse sentir sua temperatura. — Oh merda! — fala de repente, enquanto se levanta em um pulo depois que ele fala algo. — Estou a caminho! — avisa, antes de desligar.

— Espero que seja mesmo importante, porque você me acordou de um doce sonho. Lucas Lucco tinha acabado de cantar uma música no meu ouvidinho e ia tirar o violão do seu pescoço, que era a única coisa que ele estava usando. Se não for, juro por Deus que vou te afogar em um copo de tequila! — ameaço, verdadeiramente frustrada e Mariah me olha, tentando processar o que acabei de dizer.

Com certeza, ela ainda está bêbada!

Depois de tico e teco finalmente processarem o que eu disse a ela, Mariah começa a rir e a se contorcer ao mesmo tempo, colocando a mão na barriga e na cabeça, parecendo estar em uma dança estranha.

— Não me faça rir, merda! — pede, ainda rindo. — E por favor, não me fale de tequila. De hoje pra trás, não bebo mais. — promete, enquanto começo a rir. — Preciso de um banho e uns dois *Engov's*. Esqueci que eu tinha um congresso no auditório do *Di Palacci* hoje. Tenho que verificar o andamento da preparação do bufê. — Geme de dor. — A verdade é que eu daria tudo para ficar em uma cama hoje! — diz, jogando-se em cima de mim, o que me faz gemer de enjoo.

— Ui! — grito, enquanto ela ainda se esparrama em cima de mim.

— Eu não podia ser advogada ou contadora? Algo que não me fizesse sair de casa de domingo a domingo. — tagarela, retoricamente.

— Pensando bem, você poderia ser madame, que nem sua querida madrasta. Vocês se parecem tanto. — provoco, sabendo que ela odeia quando falo isso.

Sabia que Mariah não deixaria barato, pois começa a me cutucar, fazendo-me cócegas e começo a rir, porque até do meu enjoo esqueci.

— Nunca! Prefiro a labuta, e até a escravidão, a ser diplomada uma vagabunda. — brada, e eu rio com gosto.

— Boa menina. Na segunda gaveta do lado direito do banheiro tem um pequeno estoque de *Engov*. Fique à vontade para pegar uma roupa no closet e vá tomar banho, porque você fede a álcool, e estou ficando cada vez mais enjoada com você por perto. Como você já estragou meu sonho mesmo, vou fazer um café da manhã pra gente. Provar que sou uma boa amiga. — Empurro Mariah e

me levanto, tentando empurrar minha ressaca para os pés.

— Você sabe que eu te amo, né? — Mariah pergunta rindo, antes de fechar a porta do banheiro.

Quando chego à sala, deparo-me com Duda e João, que ainda estão seriamente enroscados dormindo no sofá. Enquanto a cafeteira coa o café, aproveito a oportunidade e começo a tirar foto dos dois nesse meu flagra. Depois da vigésima foto que tiro, João finalmente abre seu olho ao ouvir minha risada abafada e sorri para mim. Ele então se levanta e começa a fazer altas poses sugestivas em cima de Duda, e é demais para mim, pois não aguento e caio na gargalhada. Duda obviamente desperta e dá um murro nele ao perceber o que estava fazendo.

— Você é veado, velho? — pergunta, com sua voz ainda rouca de sono.

— Foi exatamente isso que eu te perguntei ontem à noite, quando você ficou de quatro se oferecendo para mim. — João o provoca, antes de sair correndo para não ser atingido, por uma almofada que fatalmente atinge Mariah bem em cheio na cara. Que olha para Duda com cara feia.

— Uma almofada na cara, era exatamente o que eu precisava em vez de café. Obrigada, Duda! — agradece, de forma irônica, lançando a almofada de volta na cara de Duda, que por ainda estar muito ressacado, não consegue nem reagir e é atingido bem na sua cara, fazendo com que todos ríssemos.

— Já vi que hoje serei o motivo de chacota! — resmunga, espreguiçando-se.

— Hoje? — satirizo, fazendo João e Mariah rirem de novo.

— Mulher! Faça logo meu café! — Duda brada, ironicamente sério, enquanto me agarra pela cintura e bate na minha bunda. — Se tenho que aguentar suas provocações, preciso de um banho, um *Engov* e um café da manhã. Depois disso, serei todo seu. — insinua-se, fazendo-me rir.

— Agora também preciso de um *Engov* e um *Dramin*. Você está me deixando enjoada, Eduardo! — pirraço, fazendo-os rir novamente.

— Ah, é? — me olha maliciosamente. — Vou fazer você se sentir melhor agora... Ainda não fui ao banheiro. Já ouviu falar em tesão matinal, querida? Posso te mostrar! — diz, abraçando-me mais apertado, fazendo com que eu realmente sinta...

Ops...

— Eca! Saia! — grito, empurrando-o e eles riem. — No armário, embaixo da pia do meu banheiro tem toalha. Por favor, levante a tampa da privada, senão juro que vou fazer com que esse seu nojento tesão matinal, seja o último que você terá na vida. — Aponto o dedo, ameaçando-o, e Duda ri enquanto vai em direção ao meu quarto.

Eu mereço!

Viro-me para encontrar Mariah distraída em uma conversa com um João muito animado para o meu gosto.

Enzo? Thiago? E, agora, João? Ah, não! Isso não é nada bom... Conheço esse olhar de paquera dos dois.

Meu sensor logo apita e por um momento não sei o que fazer para digerir essa informação dos dois. Para distrair minha cabeça embaralhada, a porta do meu apartamento se abre e por ela entra uma Carol, com a cara pior que o inferno.

— Seria legal você ligar ou bater, para que eu me prepare para ver essa sua cara feia. Não sabia que já tinha chegado o Halloween. — brinco.

— Por que você trancou a porta? — Carol pergunta, com uma voz irritantemente rouca.

— Desculpe, mas trancar a porta é o que pessoas normais fazem para evitar visitas surpresas e desagradáveis como essa sua. — provoco.

— Sabe quanto tempo levei para finalmente me lembrar que tinha uma chave reserva embaixo no

tapete da sua porta? Umas duas horas! Juro! Mas eu não tinha forças para levantar do encosto da porta. — fala, antes de se jogar no sofá.

— Acho que precisamos ligar para o IML. Tu já era. Se você morrer, por favor, não suje meu sofá, porque eu ainda nem paguei a primeira parcela. — Ela me mostra o dedo do meio. — Ah! Posso ficar com aquela sua sandália azul com tornoeleira de verniz? — provoco, porque sei que é sua sandália preferida e ela quase não a usa, porque tem pena.

— Nunca! — grita, levantando-se do sofá. — Pretendo ser enterrada com ela! — avisa, quando começo a rir.

— Cadê meu sócio, amorzinho? — João pergunta para Carol.

— Rodrigo teve que ir resolver um problema urgente do trabalho, no Pará. Acredita numa coisa dessas? Seis horas da manhã ele se levantou, mais bêbado do que estava quando foi dormir. Achei que talvez as coisas melhorassem quando começássemos a morar juntos, mas pelo visto eu estava errada. Às vezes, acho que namoro com um médico e não sei. — murmura, irritada, aproximando-se da gente.

— Relaxa, amorzinho. Posso acabar com esse estresse. Você sabe, gata. Relembrar os velhos tempos. — insinua-se, batendo as sobrancelhas e Carol faz uma careta quase doentia pela sua proposta, o que faz com que eu e Mariah rirmos.

— Obrigado pela “*ex-periência*”, mas seu tempo “*ex-pirou*”. — agora todos rimos da sua afirmação, inclusive João.

— Gente, por mais que eu queira muito ficar e curtir essa ressaca junto com vocês, preciso ir. Tenho trezentas pessoas para alimentar. — Mariah bufá, irritada, antes de dar o último gole do café e sair correndo pra porta devidamente vestida com meu vestido. — Mais tarde ligo! Boa ressaca para todos! — grita já da porta.

— Gostei dela. — João fala, olhando pra porta que acabou de fechar.

— Quem tem tetas que você não gosta? — Carol lhe dá um sorriso irônico. — Mas Mariah é ótima mesmo. Nem acredito que em tão pouco tempo ficamos tão amigas! — diz, agora sorrindo de verdade.

— Verdade. Mariah é incrível. Tem horas que parece que a conheço a vida toda. — Carol concorda com a cabeça, enquanto eu tomo o lugar de Mariah e começo a beber meu café.

— Sem querer falar, mas já falando... — João se desculpa, jogando as mãos pra cima. — Mas se eu bem me lembro do que você me disse alguns dias atrás, ela é irmã do seu noivo, ou ex, não sei. Não é? — pergunta, olhando-me curiosamente.

— Uhum. — murmuro, com o coração apertado. — E você disse certo: “ex”. Eu posso dizer com certeza que ela foi a melhor coisa da minha relação com Luca. — afirmo, sinceramente.

— Sophia. — João fala, de frente para mim do outro lado do balcão. — Eu te conheço desde que você usava aparelho nos dentes. Sei que durante o namoro de vocês não tivemos muito perto, pois viajei e tudo mais. E quando vocês terminaram, você não queria falar sobre o assunto. Só sei o que Carol ou Nick me disseram, e foi superficial. Mas o que eu quero saber, é o que houve de verdade com vocês? — pergunta, preocupado.

Sei que posso confiar em João. Ele sempre foi um dos meus melhores amigos e principalmente sempre esteve ao meu lado, assim como os outros. Seja para me amparar ou até mesmo para me dar um puxão de orelha. Nunca me julgou, independente do que acontecia. Mas não sei se estou pronta para confessar o que ainda faz com que eu me sinta péssima e o fato de ainda amar depois de toda merda que aconteceu, não me ajuda em nada.

— Luca pegou ela beijando Erick, e ela pegou ele na cama com outra, depois de uma noite de

bebedeira. — Carol conta, fazendo com que eu lhe dê um olhar mortal.

— Obrigada por simplificar as coisas! — digo, irritada e ela apenas dá de ombros.

— Você não confia em mim? — João pergunta, parecendo verdadeiramente ofendido.

— Claro que confio! Você sabe que sim. — Pego sua mão e aperto. — Mas eu só não gosto de pensar e falar nisso ainda. Já tem sido o inferno sem que eu escute todos os meus amigos falando disso o tempo todo. — confesso e ele parece me compreender, quando acena com a cabeça.

— Você não pode guardar tudo pra você sempre, *Sophie*! — Carol fala de forma triste e João concorda com a cabeça, ainda em silêncio.

Sempre fui assim. Escondo como me sinto, e eles sabem disso. Sabem que é a maneira que tenho de aprender a lidar com as minhas merdas. Já começo a sentir a dor querer me dominar, mas ainda assim tento empurrá-la para baixo.

— Eu já fui gordinha, feita de aço e adoçante. Posso lidar com isso! — Dou um sorriso irônico, para tentar mostrar que estou bem.

Eles riem amargamente, mas conhecendo meus amigos como conheço, sei que eles não vão discutir sobre isso comigo. Ainda que eles tenham a melhor das intenções para comigo, eles também sabem que eu não gosto de compartilhar minhas feridas. Sabem principalmente a hora que devem ou não me pressionar.

— Deixa eu entender... O que houve realmente? Você comeu o bom senso e beijou o filho da puta do Erick? — João pergunta, confuso.

— Não. — Paro para pensar direito. — Quer dizer... Ele me agarrou. Tentei lutar contra isso, mas meu corpo idiota acabou cedendo por um milésimo de segundo — explico e Carol faz uma careta.

— Hm... — ele geme, em frustração. — Você parou para pensar no que Luca possa ter se sentido uma merda ao te pegar aos beijos com seu ex que só te fez sofrer?

Oh, merda!

Conheço João bem demais para saber que ele me fez essa pergunta não para que eu lhe respondesse, mas sim para que eu pensasse pelo lado de Luca. Ele sempre foi bom em nos ajudar a resolver nossos problemas. Agora, estou aqui, perguntando-me se pensei que Luca pode ter se sentido realmente assim.

Bem... Mais ou menos. Mas será que justifica o fato de ele encher a cara e depois levá-la pra cama? Lógico que não.

Felizmente, Duda me poupa de prosseguirmos a conversa quando sai do meu quarto de banho recém-tomado, descalço e sem camisa. Ele tem uma tatuagem de índia desenhado em seu abdômen, que fez quando ainda era adolescente e insistia em dizer que era eu. Ele costumava dizer, que eu era sua “índia loira”, apesar de em nada me parecer com uma índia. Hoje, ele tem no mínimo trinta quilos a mais de músculos do que na adolescência. Na verdade todos os meus amigos sempre foram ratos de academia. Luca é bem musculoso, mas olhando agora, Duda parece até ser mais ainda. Talvez sejam só os ombros ou os braços, não sei. Mas isso para mim não quer dizer que ele seja mais gostoso, porque definitivamente, eu acho Luca muito mais.

Merda! Porque estou comparando meu amigo com ele?

— Gosta do que vê, docinho? — Duda pergunta, com um sorriso visivelmente satisfeito no rosto, por que eu estava realmente olhando-o sem nenhuma descrição.

— Te garanto que já vi melhores — afirmo, depois de revirar os olhos e ele ri, parecendo não acreditar na minha resposta.

— Preciso de glicose. — Carol se manifesta, levantando-se da banquetta para abrir a geladeira. — Onde tem açúcar, *Sophie*?! — grita, já com a cabeça enfiada na geladeira.

— No açucareiro. — respondo, e ela me mostra o dedo do meio, ao mesmo tempo em que ainda procura por algo pelos armários.

— Você jura que fez compras essa semana? Porque tudo que vejo aqui são os lanches da Giovanna e um monte de merda *diet, light* e de soja, que me dão ainda mais vontade de vomitar. — Carol fala fazendo uma cara ainda mais feia.

— Desculpa se estou tentando me alimentar melhor. — ironizo, levantando os braços em rendição, fazendo com que Duda e João achem graça.

— Qual é? — Carol pergunta, com as sobrancelhas juntas. — Você adora comer porcarias e coisas gostosas. Não dou duas semanas para essas coisas irem para o lixo. — afirma, e eu tenho que admitir que também acho que talvez isso venha a acontecer aconteça. Mas ao menos ninguém poderá dizer que não tentei.

— Não tem nem um pãozinho? — João pergunta, ainda rindo.

— Tem. Integral — respondo, triunfante.

— Me poupe! — Carol dá uma cotovelada na costela de João. — Vamos, me ajude a pegar algo decente para comer lá em casa. Mariah trouxe algum petisco e um doce que não lembro o nome. Preciso da sua ajuda, porque não sei se terei força o suficiente para trazer tudo. — faz drama, e eu rio.

Enquanto os dois vão até a casa de Carol, deixo Duda tomando uma xícara de café e resolvo tomar meu banho. Odeio me sentir de ressaca. Preciso tirar o suor de álcool do meu corpo - caso contrário, tenho a impressão de que vou vomitar.

Ainda estou com dor de cabeça e meio enjoada quando termino meu banho. Enquanto procuro por mais algum *antirressaca*, porque definitivamente meus amigos acabaram com todo meu estoque de *Engov*, escuto a campainha tocar. Acho estranho, porque nenhum dos meus amigos tocam a campainha, mas grito para que Duda atenda a porta e logo saio levando seu celular, que ele havia esquecido em cima da pia do banheiro.

— Você esqueceu o seu celular no meu banheiro! — falo, distraída, ainda secando meu cabelo com a toalha.

Porém, eu definitivamente não esperava a cena que vi a seguir, pois assim que levanto meus olhos, dou de cara com Luca e Duda se encarando.

Que diabos ele está fazendo aqui?

Luca está com seu olhar visivelmente irritado, carregando uma sacola de farmácia e outra de uma *delicatessen* na mão. Duda está com os braços cruzados sob o peitoral, e...

Oh, meu Deus! Duda está sozinho comigo... Na minha casa. Ele está sem camisa! Luca vai pensar que dormi com ele, e... Peraê... Eu não tenho que me preocupar com o que ele acha. Tenho?

— O que você está fazendo aqui? — pergunto para Luca, quando paro ao lado de Duda.

— Encontrei com Mariah no *Di Palacci*, vestindo uma roupa sua e com uma puta ressaca. — fala, de forma dura, assim como está seu olhar. — Imaginei que você também não estivesse muito bem. Por isso achei que seria legal parar em uma padaria e em uma farmácia, para trazer algumas coisas para que você se sentisse melhor... — Olha de mim para Duda antes de complementa: — Mas acho que me enganei.

— Luca, esse é Duda. — falo rapidamente, vendo a necessidade de apresentar.

Ainda que eu não deva satisfação a Luca depois de tudo, não quero que ele saia batendo a porta, ou pior, batendo na cara de alguém. Ou ambos. Mesmo depois de apresenta-los, Luca estuda Duda ainda mais friamente do que antes, se é que é possível. Porém Duda não fica muito para trás e

retribui da mesma forma. Isso só parece piorar a situação, pois Luca contrai os lábios de forma tensa, e sei que pela sua expressão, ele sabe exatamente quem Duda é.

Oh merda! Por que eu tenho que me sentir mal?

— Você nem sabe o que Mariah trouxe... — Carol começa a falar distraída, quando abre a porta.

— Merda! — Para, assustada, ao dar de cara com nossa cena, prevendo morte ou sangue na certa.

Oh Graças a Deus! Segunda vez que Carol me salva de alguma coisa com Luca em menos de 24 horas. Preciso lembrar de lhe agradecer. Claro que terá de ser depois de eu conseguir me livrar dessa situação constrangedora...

— O quê? — João pergunta, assim que se esbarra em Carol no corredor. — Droga! — Complementa todo o circo quando encara Luca.

— Duda, João... Vamos, vamos tomar café lá em casa. — Carol diz, na tentativa de acabar com o apocalipse. — Acho que os dois precisam conversar. — avisa, puxando Duda, enquanto empurra ele e João para porta. — Mas antes, preciso pegar essa jarra de café. Não quero envenenar meus amigos fazendo café para eles. — diz, enquanto pega a jarra no balcão da cozinha.

Enquanto os três saem para nos deixar a sós, Luca e eu continuamos a nos encarar com tanta intensidade que parece que a qualquer minuto vão rolar faíscas. Não vou ceder. Não tenho nada para esconder, e não fiz nada de errado. Além do mais, ele não tem do que se queixar, não é? Sim. Não tenho nada para me preocupar. Assim que Carol começa a sair pela porta, empurrando-os, João vem até nós e para de frente a Luca. O humor de Luca está tão ruim, que por um momento acho que irão trocar socos. Mas João apenas estende sua mão para ele e eu suspiro aliviada.

— Não sei se você se lembra de mim na *Fabric*, mas ainda assim, prazer de novo. Meu nome é João. Eu e Duda somos amigos das meninas desde o colégio — ele tenta remediar a situação, com toda simpatia e gingado que só ele tem.

— Luca. Lembro sim de você. Prazer em revê-lo, João. — Luca diz, finalmente parecendo relaxar um pouco.

— Bom... Relaxa, cara. Vou te dar um conselho de amigo: Conheço Sophia há doze anos, então apenas cuidado com a ressaca e o “bom humor” que vem com ela. — João brinca sorrindo, antes de me dar um beijo na testa e sair pela porta.

Quando a porta do meu apartamento bate, nós permanecemos em um silêncio desconfortável. Fico agoniada com a situação, esperando que ele fale, porque não há maneira nenhuma que eu ceda e comece a falar. Muita menos que o convide a se sentar, antes que se desculpe pela sua atitude de Neandertal.

Um grande idiota!

— Esse cara... — interrompo o que ele ia falar, porque sei que ele está falando de Duda.

— Sim. Esse cara a que você se refere é Duda? — pergunto, igualmente séria e ele bufa também irritado.

— Vocês... — Interrompo de novo.

— Eu não posso ser amiga de um cara? Sempre te disse que tenho os meninos como amigos. Isso não mudou e nem mudará. — brado.

— Mas ele é seu ex, porra! — Ele levanta a voz.

— É verdade. Ele é, sim. — Concordo com a cabeça. — Que eu saiba, todo mundo tem a merda de um passado. Mas eu conheço Duda há mais tempo do que conheço você. Inferno! Eu o conheço há mais tempo do que posso me lembrar! O fato de termos namorado não interferiu na nossa amizade depois que terminamos, e não seria agora que interferiria. Muito menos por causa de você. — respondo, irritada.

— Você dormiu com ele? — ele pergunta, incrédulo.

— Você já conhece essa história. — respondo, de forma sarcástica.

— Me responda, porra! Você dormiu com ele depois de nós? — pergunta, irritado e eu reviro os olhos irritada.

— O que eu faço ou deixo de fazer não é da sua conta. Absolutamente não é da sua conta para quem eu dou. Ou deixo de dar! Não mais, se você não percebeu. Não me lembro de você ter pedido minha opinião, para enfiar seu pau na boceta daquela vagabunda! — grito de volta, extremamente irritada.

Luca balança a cabeça e ri com as mãos na cintura, mas tenho certeza que não é por ter achado nada engraçado. Enquanto passa as mãos no cabelo e começa a andar de um lado para o outro, eu quase fico com pena.

Quase...

— Não posso acreditar! — fala, incrédulo.

— Eu que não posso acreditar, que você venha querer tirar satisfação comigo, sendo que não estamos mais juntos! — grito. — Mas só para você saber, eu dormi com sua irmã. — corrijo, quando vejo seu olhar de confusão. — Não assim, como você pensou, merda! Dormimos na mesma cama. Eles dormiram no sofá. Ficamos bebendo até de manhã, e eu não podia deixar eles irem bêbados pra casa. Não sou tão irresponsável assim. Eles são meus amigos. Sempre estão comigo. Sempre estiveram. Se não quiser acreditar em mim, pegue a porra do seu celular e ligue para Mariah para confirmar! — o desafio, ainda mais irritada.

Luca não diz nada quando termino de falar. Ele solta sua respiração, que parecia estar presa, parecendo relaxar. Assim como seus músculos, que pareciam tensos. Ele olha para o chão, antes de voltar seu olhar para mim, e o que vejo naqueles lindos olhos azuis é culpa.

Oh Deus... Tenha dó!

— Sinto muito. — pede, baixinho.

— Você sente muito por ter agido como um Neandertal na frente dos meus amigos? Ou você sente muito por achar que tem o direito de se meter com quem durmo ou deixo de dormir? Ou você sente muito por ter dormido com aquela vagabunda? — esbravejo indignada e ele bufa mais uma vez, voltando a passar as mãos pelos cabelos.

— Por tudo, tá? — diz, voltando a aumentar o tom de voz. — Tente me entender. Eu fiquei fora de mim quando vi um cara sem camisa, abrindo a porta da sua casa. Como você queria que eu me sentisse?

— Não importa como você se sente, Luca. — minto e faço um gesto de mim para ele. — Nada disso faz diferença. Não mais, caralho! — digo, virando-me de costas para ele e indo para cozinha.

Foda! Porque as coisas tem de ser difíceis assim?

Preciso beber um copo de água e comer alguma coisa. Toda essa gritaria não me deixou nada bem. Estou mais enjoada do que já estava antes. Por um momento, acho que ele vai entender a deixa e ir embora, mas não, Luca resolve me seguir até a cozinha.

Sinceramente, devo ter criticado a roupa de Jesus na cruz para ter que aguentar isso com uma puta ressaca!

— Por que você tem que complicar as coisas? — ele pergunta, tirando o copo de água da minha boca ainda seca.

— Eu? — Olho-o, irritada. — Você só pode estar brincando comigo! Foi você quem foi pra cama com aquela puta-vagabunda! — grito, exasperada.

— Eu não lembro disso. Já falei, merda! Tenho tentado, durante todos esses dias, falar com você.

Mas a última coisa que me lembro antes disso, foi você beijando seu ex! — responde, igualmente alto.

— *Oh!* — murmuro, com sarcasmo. — É um jogo, Luca? Porque sinto muito, mas esse você perdeu. Porque o mais perto que tive de algo dentro de mim desde que fiquei com você, foi meu OB na minha última menstruação! — berro, batendo com o dedo no seu peito e ele se contrai com meu toque.

Nossa respiração forte causada pela irritação e a raiva em nossos olhos parecem palpáveis enquanto nos enfrentamos. Mas então Luca desce seu olhar pra minha boca, e eu faço o mesmo com a sua.

Merda de boca deliciosa! Preciso ser forte...

Só que com meu estado tonto da bebedeira de ontem e principalmente com a delícia masculina de Luca de pé na minha cozinha, será necessário um maldito milagre para que isso possa acontecer. Problema é que no fundo eu não quero que esse milagre aconteça.

Eu conheço esse olhar de Luca muito bem.... Maldito seja!

Então acontece tudo muito rápido, pois nossas bocas se encontram, e não é um beijo lento e cheio de amor, como costumávamos nos beijar normalmente, mas sim um beijo duro, urgente e cheio de necessidade. Nossas bocas se devoram de forma bruta e nossas mãos se tocam com desespero. Com uma mão agarro sua nuca e ele agarra minha cintura, fazendo com que fiquemos sem espaço algum entre nós. Nossas bocas se consumiam vorazmente, a ponto de nós dois não conseguirmos respirar.

— Preciso estar dentro de você... Agora! — Luca rosna entre meus lábios.

Nesse momento não me importo com o que tinha nos acontecido. Meu cérebro definitivamente havia entrada em recesso. Meu corpo não se importava nem um pouco com as razões óbvias que nos afastaram. Estava preocupada mesmo com o desejo e a necessidade de tê-lo comigo, de tê-lo dentro de mim. É tudo tão carnal, que meu corpo parece gritar e implorar por ele.

Rapidamente levo Luca para meu quarto, e a primeira peça de roupa que sai do seu corpo é a camisa pólo da cor dos seus olhos. Tomo uma distância dele e passeio meu olhar pelo seu corpo, me deliciando com a visão dessa maravilha divina da qual eu havia sentido mais falta do que qualquer coisa que já senti nessa vida. Luca geme no momento em que passeio minhas mãos em seu digníssimo tanquinho. Sua pele se arrepiando pelo meu toque e puder ter certeza pelo olhar dos seus olhos, que ele havia sentido tanta falta do meu toque, quanto eu havia sentido do seu.

Começo a desabotoar sua calça *jeans*, mas Luca parece não conseguir esperar mais, pois logo termina de tirá-la, para em seguida fazer o mesmo com minha camiseta, não esperando nem um segundo antes de jogar fora meu short *jeans*, juntamente com a calcinha. Seu olhar de devoção por todo o meu corpo, me deixa meio tonta e a faísca erótica que emana entre nós é tão forte que chega a arder.

— Tão gostosa! — murmura, com a voz grossa de desejo.

Luca então volta a me beijar, antes de me jogar sem nenhuma delicadez na cama e eu teria rido do seu desespero, se cada terminação nervosa do meu corpo não estivesse sensibilizada, preparada e implorando de forma louca pelo seu toque. Precisando urgentemente dele. Assim que seu dedo viaja para dentro de mim, ambos gememos.

— Porra, Sophia! Você está tão molhada para mim, *baby!* — grunhe de tesão, antes de voltar a me beijar.

Ele aproxima-se de mim, decidido, como quem vai abater uma presa, e nesse momento fica ainda mais excitada por saber de que sua presa sou eu. Olhando nos meus olhos com sua testa quase colada a minha e com seu nariz quase roçando o meu, disse baixinho e meigamente:

— Preciso sentir seu gosto novamente. Preciso te provar, para só então te amar como você merece!

Colando seu corpo no meu, Luca desliza seu nariz do meu pescoço até seu rosto, antes de continuar dizendo:

— Hmmm... Estava com tanta saudades do teu cheiro! Do cheiro da tua pele... Do cheiro do teu corpo... Do cheiro da tua alma...

Ele acariciava meu corpo, me fazendo suspirar e eu não conseguia mais me conter, meu corpo ardia, implorava por mais e mais dele. Enquanto tecia-me elogios, beijava meu corpo, beija-me inteirinha, desde os cabelos até meus pés. Instigou-me. Provocou-me. Até que eu não aguentei mais e implorei que me provasse e ele fez isso. Luca me saboreou como se não houvesse nada mais gostoso no mundo, me fazendo ver estrelas, antes de voltar para ele. Saboreei minha própria sensação de ser adorada, pois Luca me adorava de uma forma que eu não conseguia explicar tamanha emoção que me provocava. Em alguns momentos chegava a achar que iria desmaiar de excitação.

Quase um mês... Quase um maldito e infernal mês sem seu toque! Parecia mais do que uma eternidade!

Um mês pode não parecer muito, mas para mim é depois de termos dormido juntos quase todas as noites desde que começamos a namorar. É como se tivéssemos passado fome por isso. E uma parte de mim sabia que havia sido exatamente isso que aconteceu: sentíamos fome um do outro.

E inferno que eu sei que é mais do que recíproco! Ambos sentimos falta um do outro como loucos!

Quando estou a ponto de implorar para que ele fique dentro de mim, Luca retira seus dedos e chupa-os, antes de me penetrar de uma só vez. A dor e o prazer pela invasão brusca parecem boa demais para ser verdade. Assim que o seu corpo se conecta com o meu, fecho os olhos para tentar suportar o prazer que já transmitiu pelo meu corpo. Seu toque, seu calor, tudo... Tudo sobre mim e Luca juntos é assim. Meu corpo inteiro parece estar se derretendo com a sensação dele dentro de mim. Luca geme, antes de esmagar sua boca na minha, e empurro meus quadris contras os seus, querendo que ele vá cada vez mais fundo.

Minhas pernas tremem, e eu já não consigo controlar meus impulsos. Ele se afunda cada vez com mais vontade. Minhas costas começam a se arquear, querendo mais e mais dele. Fixo meus braços e minhas pernas no seu corpo, precisando me segurar nele de alguma forma. Gemidos graves e profundos circulam entre nós dois. Não acho que me importaria se a porra do meu prédio escutasse nosso espetáculo, pois agora tem algo muito mais importante acontecendo. O suor percorre nossos corpos, e nossos corações estão em batimentos frenéticos. Passo minhas unhas em suas costas, machucando sua pele, fazendo-o gemer e me penetrar ainda mais forte, o que nos faz perder o controle.

— Olhe para mim... Preciso ver você gozar para mim, *baby*. — ordena, entre os dentes.

Tento olhar nos seus lindos olhos e me esforço a fazer o que me pediu, ainda que minha visão esteja embaçada da sensação de tê-lo comigo. Meu corpo treme, e sei o que está para vir. Ele também sabe, porque começa a murmurar maldições enquanto tenta controlar seu próprio orgasmo. Quanto mais rápido me movo, menos controle sinto que temos. Luca chama meu nome, e eu não posso mais controlar. Estou gemendo e me empurrando mais algumas vezes, para que ele me penetre mais antes de finalmente entrarmos juntos em colapso.

Santo Deus! Estou viva, ainda, ou fui para o céu?

Caímos para o lado, ainda tentando controlar nossa respiração. Demoro para recobrar minhas faculdades mentais, enquanto uma enorme onda de contentamento cai sobre mim no momento em que

Luca me puxa para que eu me aconchegue em seus braços, abraçando meu corpo nu.

É o meu lugar. É onde quero ficar. Tudo parece finalmente se encaixar!

Senti tanta falta de estar assim em seus braços, de sentir sua pele na minha, sua respiração quente, seu cheiro delicioso, que quase adormeço. Mas tenho medo de dormir e descobrir que foi um sonho. Mais um sonho. Ficamos por vários minutos em silêncio, apenas aproveitando e nos deliciando desse momento, até que me levanto a contra gosto, e ele protesta.

— Aonde você vai? — pergunta, com a voz em pânico.

— Trancar a porta do quarto.

— Oi? — pergunta, com a sobrelheira arqueada. — Rio.

— É. Pelo visto, você não conhece meus amigos. Não sei se você sabe, mas ninguém bate na porta aqui em casa. Simplesmente entram. Então, a menos que você seja adepto ao *voyeurismo*, estou trancando a porta. — Começo a rir ao ver sua expressão de compreensão.

Mas eu deveria saber que tudo voltaria no momento que sai dos seus braços, pois assim que faço meu caminho de volta pra cama, a adrenalina do momento e do restante da bebida do meu corpo se dissipa. Meus sentidos parecem voltar e junto com eles a minha razão. Pensamentos da consequência pelo que fizemos agora começam a fazer sentido em minha mente e exatamente por isso acabo travando no meio do caminho.

— O que foi? — Luca pergunta, ao perceber minha hesitação.

— Hm... Er... Er... Preciso de outro banho — respondo, tentando fugir para tentar organizar meus pensamentos no lugar.

Em outro momento, Luca se ofereceria para ir comigo, mas não agora. Ele parece entender que preciso de um pouco de espaço, pois nada diz, ou então também precisa de um momento para pensar. Assim que fecho a porta do banheiro, vou direto para o chuveiro, antes de ligá-lo e me sentar na banheira, enquanto toda a água cai em cima da minha cabeça.

Merda! O que eu faço?

Não sabia o que deveria fazer a partir de agora. Apesar de ter sido esplêndido e maravilhoso como sempre era ao estar com ele, não é certo o que fizemos. Obvio que tenho sentido tanto sua falta, só que também não queria me sentir culpada por ter cedido e ter ido pra cama com Luca como se nada tivesse acontecido. Eu não sou mais a mesma garota que perdoava todas as besteiras que Erick fazia. Ainda que há duras penas, de uma forma ou de outra eu havia crescido. Luca e eu tínhamos uma relação madura e segura. Éramos noivos, estávamos construindo uma casa só nossa e mais do que isso, estávamos planejando uma vida juntos. Não é a mesma coisa que aceitar os deslizes de um adolescente inconsequente. Não é simples assim.

Bem ou mal Luca me traiu. Isso nunca vai deixar de ser verdade e as imagens daquele dia sempre vão me atormentar. Não sei se posso. Não sei se posso ficar tranquila depois do que nos aconteceu. A segurança que Luca demorou tanto a construir desabou naquela terrível manhã. Querendo ou não, sempre irei me sentir mais insegura de agora em diante. E como minha mente é fraca, tenho certeza de que poderei surtar ao pensar em uma traição iminente. Não sou o bastante para ele, não importa o quanto eu o ame. Um dia ou outro, poderá vir a acontecer novamente. Eu poderia viver pensando nessa possibilidade?

Assim que abro a porta do banheiro, vejo Luca já vestido e sentado na cama, em uma postura de quem visivelmente está a minha espera para uma conversa. No momento em que sente minha presença, seus lindos olhos me demonstram tanto medo e insegurança quanto vejo dentro de mim. Ele estica a mão para que eu o alcance e a aceito, antes de me sentar ao seu lado.

— Você não está bem, não é? — Ele mais afirma do que pergunta.

— Não. — admito.

Mesmo nos conhecendo há tão pouco tempo, é incrível como Luca sempre parece ter uma conexão com os meus pensamentos. Mesmo que seja surpreendente, ou até um pouco louco, isso sempre foi importante para mim, pois sempre parecemos nos entender apenas olhando um para o outro.

— Eu amo você, Sophia. Mais do que posso te dizer, te provar. Por favor, me perdoe, *baby*. — suplica, com nítida dor em sua voz.

— Luca. — começo a falar, sentindo a dor no meu peito. — Eu não sei se posso. Não posso simplesmente fingir que nada aconteceu entre nós. — Ele nega com a cabeça.

— Eu nunca faria isso com você. Você sabe. Eu estava bêbado! Não me lembro de nada.

— Mas aconteceu. Eu não sei se isso não vai acontecer de novo.... — admito.

No momento em que ele faz menção de falar, interrompo-o com a mão e paro pra tomar uma respiração, antes de perguntar o que tanto temi saber desde aquele dia:

— Quantas vezes vocês ficaram juntos depois que começamos a namorar, Luca? Seja sincero, por favor. — pergunto, em pânico e ele me olha incrédulo, ao mesmo tempo em que nega com a cabeça.

— Nunca. Eu nunca faria isso com você. — afirma, sério.

— Ela vinha te cercando, não foi? — pergunto, cautelosa, mesmo que no fundo já soubesse a resposta.

— Sim. — confessa, fechando os olhos, como se estivesse com dor.

— E por que você não manteve distancia dela? — pergunto, já irritada.

— O que você queria que eu fizesse? Eu pedia para que ela parasse com isso... Ela sabia que eu te amava, mas foi ficando mais insistente com o passar do tempo. — responde, angustiado.

— Por que você não me disse? Por que você simplesmente não a demitiu? — Levanto-me, andando de um lado para o outro, já começando a sentir minhas lágrimas de raiva.

— Sei que fui um completo idiota. Mas todos nós erramos. Ela era uma boa funcionária. Achei que ela fosse cansar, não sei. Apesar de já estar no meu limite em relação a ela, achei que não fosse precisar chegar a tanto. — admite, passando as mãos no cabelo, como se estivesse frustrado. — Eu a demiti. — fala, me fazendo bufar irritada.

— Depois? Você realmente poderia ter evitado. Não era como se você não soubesse que ela estava fora de si. Além daquele dia, ela já havia tentado mais alguma coisa? — pergunto, cada vez mais nervosa e Luca exala, parecendo frustrado. — Não minta para mim. Tentou, Luca? — pergunto novamente, ciente de que ele está me escondendo algo. — Essa pode ser sua última chance de sermos honestos um com o outro. — aviso a ele.

— Ok. — Ele respira fundo antes de continuar: — Tentou, Sophia. Mas Jéssica nunca havia ido tão longe como foi naquele dia. — confessa.

— O que ela tentou, Luca? — pergunto, nervosa, sentindo meu coração subir pela minha garganta e Luca engole em seco antes de responder:

— Teve uma outra vez, em que ela conseguiu entrar no meu quarto e, quando saí do banheiro, ela estava nua em minha cama. — Ele continua rapidamente quando vê minha cara de horror: — Mas não aconteceu nada, eu juro! Nem beijo, nem nada! Ameacei chamar a segurança, e ela saiu do meu quarto.

— Luca... — digo seu nome, quase sem voz.

— Eu juro que nunca te traí, meu amor. Nunca. Jamais sequer senti vontade ou pensei na possibilidade. No momento em que a tive em meus braços, eu sabia que seria só você e ninguém mais. Me diga o que você quer que eu faça para que você me perdoe, Sophia. Eu faço o que você quiser. Mas volta para mim... Estou vivendo em um inferno sem você. — afirma, ajoelhado ao pé da

cama e eu respiro fundo, em uma tentativa de me controlar.

— Vá pra casa. — peço, quase em um sussurro e quando o vejo querendo protestar continuo: — Eu preciso de um tempo.

— Mais tempo? Estamos há quase um mês separados! — diz, nervoso.

— Mas durante esse mês, eu não via a possibilidade de voltarmos. Eu preciso pensar, colocar minha cabeça no lugar. Só me deixe aqui. Não me ligue ou me pressione. Apenas me dê esse tempo. — peço, com minha voz surpreendentemente firme.

Assim que termino de falar, sinto-me enjoada e coloco minha cabeça no joelho, abraçando-o, em uma tentativa de me sentir melhor. Peço a Deus em pensamento que não me deixe desmoronar mais uma vez e respiro fundo, tentando me recompor. Um pouco depois, Luca levanta meu queixo com sua mão e a coloca em minha bochecha, fixando o seu olhar no meu.

— Por favor, só diga que vai ficar tudo bem. — pede em um sussurro, e as lágrimas que tanto tentei evitar, começam a queimar em meus olhos, pela intensidade da dor e lágrimas que vejo nos seus.

— Não sei. — confesso, em um sussurro choroso.

Luca se levanta do chão, antes de se sentar e me puxar para seus braços em um abraço forte, minha cabeça no meu lugar em seu peito. Ficamos ali em silêncio, agarrados um no outro como se precisássemos daquilo e eu aproveito para derramar as lágrimas que necessito. Ele beija meu cabelo e fica ali, apenas me confortando. É como se por mais que tudo que nos aconteceu de ruim me doa, ainda assim isso seja a coisa certa a se fazer. Estar ali. Estar com ele. Estar em seus braços.

Por que isso tem de ser tão difícil?

— Eu vou te esperar. — ele sussurra em meu ouvido, depois de um tempo. — O tempo que for, *baby*. Você é a minha vida, minha âncora. Só, por favor, não esqueça, nunca, nem por um minuto, o quanto eu te amo. — pede.

Assim que termina de falar, Luca se levanta e me dá um beijo na testa antes de se virar para sair. Assim que chega à porta do meu quarto, para e olha para trás. E apenas esse simples ato, me fez fraquejar. A vontade de pedir para que ele fique é tão grande que chega a me sufocar. Mas eu preciso disso, preciso de um tempo. É que não quero sofrer de novo. As cicatrizes ainda doem demais para que eu possa fazer isso comigo.

Depois de Luca sair, fico ali por diversos minutos, tentando pensar em nada, mas ao mesmo tempo pensando em tudo. O bom é que estou tão presa em meus conflitos que nem ao menos consegui derramar uma lágrima sequer. Às vezes, o silêncio é realmente reconfortante e mais do que isso, necessário.

Não sei quanto tempo depois, alguém bate na porta antes de abri-la, e eu apenas levanto minha cabeça para olhar quem é. É João.

— Posso entrar? — ele pergunta, incerto e eu apenas aceno, antes dele se sentar ao meu lado. — Não vou perguntar se você está bem, porque sei que não está. Mas o que houve, gata? — pergunta.

Olho para meu amigo de tantos anos, meu compadre, aquele que esteve em comigo não apenas nos momentos bons, mas também em todos os momentos de dificuldade que passei. E sinto, mais do que nunca, o quanto preciso dele nesse momento.

— Eu pedi um tempo. — respondo, sentindo a garganta arranhando.

— Merda! — xinga, arrepiando seus cabelos com as mãos. — Depois de transar, pedir um tempo para um cara é realmente broxante.

— Puta que pariu! Vocês ouviram ou viram alguma coisa? — pergunto, desesperada, e ele sorri torto.

— Relaxa, mulher! Não vimos e nem ouvimos nada. Não o que você está pensando... Mas ouvimos vocês brigarem lá do *apê* da Carol. E tenho que dizer: Você fica irresistível irritada. Por que acha que Duda sempre abanou o rabinho para você, ainda que tenham passado todos esses anos? — pergunta, com a nítida intenção de me distrair e dá certo, pois nós dois começamos a rir. — Depois de tanto grito, silêncio? Acho que sabemos o que acontece depois de uma briga dessas. — pisca para mim, antes de nós dois rirmos de novo.

— Eu só preciso de um tempo, João. Não sei se posso ficar com ele sabendo que me traiu. Essa porra ainda é demais para mim. — confesso, cruzando os joelhos na minha frente e os abraçando.

— Não sei o que vocês sentem nesse momento, apenas sei o que vejo em seus olhos. Você pode não querer escutar isso, mas eu te conheço... Sei que ainda o ama e o quanto sente sua falta. — diz, olhando nos meus olhos.

— E isso é o suficiente? — pergunto em dúvida, e ele dá de ombros.

— Não sei. Como seu amigo, posso te dizer que sou um cara, e sei que um cara só vai atrás de algo insistentemente se ama. Não conheço ele. Carol me contou como ele era com você, e eu vi como ele reagiu ao pensar que você estivesse com Duda aqui. Mas não estamos falando apenas de marcação de território e sim sobre o amor que pude ver, independente de tudo. Você tem que ver o que você exatamente sente.

— Como? — pergunto, antes dele me puxar para um abraço e eu aproveito para aconchegar-me em seus braços.

— Você o ama? — Concordo com a cabeça. — Então, você tem que descobrir se o seu orgulho realmente é maior que o seu amor. Você tem que se fazer essa pergunta: Ainda que ele tenha te traído, o amor de vocês merece uma nova chance?

Depois de finalmente nos alimentarmos, resolvemos fazer uma seção cinema. Acabei ganhando dos três, no muito adulto, *‘Pedra, papel, tesoura’* e por isso tive o direito de escolher o filme em que íamos assistir. Escolhi um dos meus filmes preferidos, *A Casa do Lago*. Agora depois de tudo e depois de ter chorado pitangas assistindo-o pela milésima vez, sinceramente acho que odeio a porra desse filme. No finalzinho da tarde, os meninos acabaram indo embora para casa deles. João tinha de trabalhar na segunda logo cedo, e Duda foi convocado para uma reunião de família. Já me sentia estranha com o vazio que ficou o apartamento após da partida deles. Como se já não estivesse me sentindo suficientemente sozinha sem eles, Carol ainda estava com uma puta ressaca e acabou tomando remédio para dor de cabeça e em seguida foi dormir. Aposto que só acordará amanhã de manhã.

Deitei esparramada em meu delicioso sofá, curtindo minha ressaca e decidida a terminar o dia assistindo *Keeping Up With The Kardashians*. Meus amigos me criticam, mas sou completamente viciada no *reality show* das *Kardashians*. Julguem-me o quanto quiser, mas amo de paixão comer pipoca enquanto assisto *Keeping Up With The Kardashians*, e não tenho vergonha nenhuma de assumir um pouco da minha futilidade falando que assisto mesmo. Na hora do intervalo do programa, meu telefone começa a tocar e eu pego vendo que é Mariah.

— *Preciso de uma bebida.* — fala, parecendo realmente cansada.

— *Oh!* Achei que você estava contra ela até hoje de manhã. Como foi mesmo que você disse? Ah, sim! *“De ontem para trás, não bebo mais”*. — brinco.

— *Estou seriamente necessitada.* — continua, como se não tivesse me escutado.

— Espero que você esteja falando de bebida, porque temo lhe dizer que não posso te ajudar em nenhum sentido. Até porque gosto daquilo que “balança”, mas posso pensar em te emprestar o

Rabbit. — ironizo e ela parece se lembrar que eu também falo, porque nós duas caímos na risada.
— *Estou indo para aí.* — afirma, e eu ouço alguém gritando um pedido ao fundo.
— Não sei se sou boa companhia. — digo, bocejando.
— *Vou fazer o jantar.* — Sinto o sorriso na sua voz.
— Porra! Você me conhece bem. Acabei de esquecer que estou de ressaca. Traga o vinho. — falo, animada, fazendo-a rir.

Capítulo 4

Eu deveria ter percebido que Luca não me daria o espaço que precisava, ou que ele não facilitaria em nada para mim o processo. Mas apenas quando o vejo abrindo a porta a porta da minha sala em plena segunda-feira, depois do almoço, é que me toco disso. Ainda que sua presença mexa comigo muito mais do que posso admitir, olho para ele irritada, mas Luca não parece perceber ou até mesmo se importar com minha reação com a sua chega.

Eu mereço!

— Me diga: o que é isso? — pergunta, jogando um papel ofício dobrado em cima da mesa onde estava trabalhando.

— Boa tarde para você também. — Cruzo os braços, irritada.

— Sophia, eu não estou para brincadeira, tá? — me olha de forma incisiva, antes de continuar: — Quero que você apenas me diga que merda é essa!

A raiva por ele estar falando assim comigo me domina, mas algo pela forma como ele está dizendo falando comigo, de uma maneira que ele nunca havia falado antes em conjunto com o olhar em seu rosto, me diz que ele não está bem em fazer isso. Está realmente incomodado com algo.

Odeio conhecer seu jeito ser!

Sem dizer uma palavra, pego a folha que ele havia jogado em minha mesa e desdobro para lê-la.

De: Mariella Campanaro Della Cella Santinni

Assunto: O que nos aconteceu.

Para: Lucas Di Palacci Campanaro

Caro Luca,
Eu sou Mariella, sua tia. Desculpe entrar em contato apenas agora, imagino que você esteja se perguntando porque entrei em contato após tantos anos, mas eu simplesmente não sabia como chegar até vocês. Sei que faz bastante tempo e nem que mia mamma, nem mio sorello, tiveram notícias nossas, mas juro que não sabia até há pouco. Sinto muito, mas realmente tentamos. Agora que já sei, gostaria muito de encontrar-lhes para dizer tudo. No entanto, não posso sair da Itália devido às condições de papa, que não são muito boas. Haveria a possibilidade de você ou vocês virem ao nosso encontro? Sei que dinheiro pode não ser problema para vocês, mas também podemos ajudar com vossas despesas de passagem caso necessário. Agradeça a sua noiva para mim, por ter me ajudado a encontrá-lo. Aguardo notícia.

Afetuosamente,
Mariella Campanaro Della Cella Santinni.

Oh. Meu. Deus!

As lágrimas inundam meus olhos assim que termino de ler. Eu jamais imaginaria que realmente conseguiria algum progresso no *Facebook*, mas aqui estamos nós. Eu os encontrei mesmo. Nem estou acreditando que isso está realmente acontecendo. Nonna ficará tão feliz por poder finalmente se reencontrar com sua filha. Sorrio emocionada, ainda que continue chorando pela emoção da notícia. Levanto meu olhar, e Luca está tenso, com as mãos nos quadris, olhando-me, nitidamente pedindo uma explicação.

— Agora você pode me dizer do que se trata isso? — ele pergunta, tentando manter seu tom de voz mais ameno e eu respiro fundo, porque sei que tenho algumas perguntas à responder.

— Sente-se — falo, indicando o sofá em frente à minha mesa.

Depois que Luca se senta, ainda que tenha feito isso visivelmente contrariado, eu me sento ao seu

lado. Tomo cuidado para manter uma certa distância, pois isso ainda está na minha mente. Realmente estou nervosa por ter que lhe contar essa história, mesmo que não seja minha. Porém se faz necessário nesse momento, e também estou feliz por tudo isso agora.

— Você tem uma tia. — digo o óbvio.

— Isso eu já entendi. — fala, mexendo-se desconfortável, não fazendo nada para esconder sua irritação. — Agora eu quero saber: Por que porra eu não sei dessa história e você sabe? E por que diabos nem você e nem ninguém me contou sobre isso? E que merda que aconteceu realmente? — pergunta, quase como um grunhido.

— Pode se acalmar? — pergunto, abaixando seus braços, que se mexem enquanto ele fala. — *Nonna* me contou. Eu não lhe contei nada, porque não era meu segredo e porque ela também me pediu para que guardasse isso. A verdade é que seu *nonno* não apenas a deixou sozinha com seu pai, mas ele também levou sua tia, com seis anos, embora. — resumo a história.

— Bastardo! — Luca xinga, levantando-se abruptamente do sofá, com os punhos fechados.

— Sente-se! — mando, e ele obedece, ainda que esteja murmurando palavrões em italiano e português. — Você deve saber que ele trabalhava com seu *nonno* na fazenda, né? — Ele concorda com um pequeno aceno de cabeça. — Bem... Eles discutiram, e sua *nonna* concordou com seu *nonno* August. Então, seu *nonno* Pedro a acusou de ter um caso com ele, presumindo erroneamente que seu pai era filho dele. — Luca estremece e fecha os olhos, frustrado.

— Por que ninguém nunca me contou? — pergunta, com uma voz derrotada e o que eu vejo quando seus olhos se abrem é uma dor crua por tudo isso.

— Foi uma decisão dela. Sua *nonna* não queria que vocês desejassem menos ainda o avô de vocês.

— Meu Deus! Todos esses anos ela guardando isso... Eu poderia ter ajudado... — Interrompo-o:

— Eu sei. Sua *nonna* também sabe. Desde a época em que aconteceu isso, eles procuram por eles. Seu pai ainda mantém pessoas à procura deles, mas sua *nonna* não queria adicionar mais um peso da perda de alguém para você e Mariah. — Ele levanta seu olhar para mim, e seus olhos brilham com tanta ternura que meu coração dispara.

— Obrigado. Por tudo. — agradece com carinho, apertando minha mão.

— Você não precisa agradecer, Luca. Eu sei que você faria o mesmo pela minha família. — Ele sorri, triste e a minha vontade é de abraçá-lo, mas me contenho.

— Sim. Eu faria qualquer coisa. Faria tudo por você e pela Giovanna. Pela nossa pequena família. — afirma, fazendo-me engolir em seco.

— O que você vai fazer? — pergunto, vendo necessidade de mudar de assunto, levantando-me do sofá para poder ficar o mais longe possível.

— Eu não sei realmente. Ainda estou pensando sobre tudo isso. Ainda é um choque para mim. Imagine para Dona Fiorella quando souber a novidade? Ela esperou a vida toda por isso. Por uma notícia. Não posso simplesmente contar à *nonna* assim. — Bufa, preocupado.

— Você está certo. Posso te ajudar em algo? — pergunto, porque realmente quero ajudar, pois eu sei o quanto isso é importante para *nonna* Fiorella e para a família Campanaro como todo.

Luca levanta seu olhar perdido para encontrar o meu, e eu sinceramente gostaria de não ter olhado, porque vejo ali tudo o que sinto em mim. Respiro fundo, concentrando-me no conteúdo da nossa conversa e na ajuda que posso dar à *nonna* Fiorella. Não posso pensar em nós. Não agora. Não é hora para nós.

— Você pode ir comigo conversar com *nonna*? — pergunta, de forma tímida. — Eu realmente não quero ter nenhuma conversa por telefone.

— Não sei, Luca. Acho melhor não. Não acho que a gente deva misturar nossas merdas com isso... — começo, ainda chocada com o que ele está me pedindo.

— Por favor. — pede, baixinho. — Você é parte disso. Foi você quem a encontrou. Isso é por sua causa. *Nonna* vai ficar feliz em te ver também. E eu preciso de você. — A súplica na sua voz me faz pensar um pouco melhor.

— Tudo bem. Mas eu preciso voltar amanhã. — afirmo, sem saber se isso foi realmente uma boa ideia.

Espero que não me arrependa!

Depois que Luca saiu do meu escritório, passei um tempo organizando meus trabalhos pendentes e desmarcando meus compromissos. Logo acertei com minha mãe para ficar com Giovanna durante minha viagem e fui em seguida para casa arrumar uma mala com minhas coisas. Quando Mariah chegou para me pegar um tempo depois, eu já estava com tudo pronto. Desde o momento em que abri a porta do meu apartamento, ela já começou a xingar seu avô de mais nomes que eu poderia imaginar e isso se prolongou até chegarmos ao aeroporto. Esperava que ela fosse com a gente, mas ela teria outro evento no auditório do *Di Palacci* à noite e não poderia deixa de participar. Eu iria ficar sozinha com Luca e exatamente por isso, comecei a ficar nervosa.

Durante o voo, fiz questão de me manter distante de Luca. Deitei-me em duas poltronas, para que ele não tivesse a chance de se sentar ao meu lado, e consequentemente eu não conseguisse resistir ao seu charme. Aproveitei também para tentar tirar o atraso do sono dos 29 dias *pós-Luca*. E não sou maníaca por contar né? Mas foi sem sucesso, pois sentir sua presença só me deixava ainda mais acordada. Apenas fechei meu olhos e fingi que estava dormindo. Felizmente, ou infelizmente, ele pareceu respeitar a distancia que coloquei entre nós e manteve longe.

Horas depois, quando o jatinho de Luca finalmente pousou no Rio de Janeiro, o helicóptero já está à nossa espera. Estou malditamente cansada, nervosa, estressada e ainda mais ansiosa. Principalmente porque minha conversa com Luca até este ponto tinha se resumido apenas há:

“Que horas chegaremos?”

“Sophia, você ainda prefere peito de peru a presunto?”

“Você quer beber alguma coisa? — Pausa. — Não que eu queira te embriagar...”

Só faltava agora ele me perguntar sobre o tempo ou sobre o episódio de ontem da novela. Na verdade não me surpreenderia se ele me perguntasse sobre a economia do nosso país.

Fala sério! Não preciso nem dizer que estou incomodada para caralho!

Não tinha como não me incomodar ou me perguntar em como havíamos passado de tão íntimos a quase dois estranhos? Não podemos ao menos tentar ser amigos? A minha vontade era de dar uns gritos e colocar tudo para fora. Havíamos sugerido dar um tempo, para que quem sabe posteriormente as coisas entre nós evoluíssem, mas a situação entre nós parecia apenas piorar. Uma merda completa isso.

Como estou inquieta, pego meu celular em uma tentativa de me distrair, quando então recebo uma mensagem.

-

Erick:

Ei, você. Estive na sua casa, e vocês não estavam. Carol me disse que você teve uma viagem imprevista. Está tudo bem?

-
Sophia:

Oi, você também. Sim. Nada de preocupante, só tive que vir ao Rio, mas não devo demorar por aqui. Amanhã já estou de volta. Se você quiser ver a Giovanna, ela está com minha mãe.

-
Erick:

Tudo bem. Vou ligar para Vera e dizer que a pego para levar pra escola amanhã. No final da aula, idem, para vocês não terem que se preocupar. Posso levá-la pra casa da sua mãe depois.

-
Sophia:

Seria ótimo. Ela vai adorar. Obrigada.

-
Erick:

Se precisar de alguma coisa, já sabe. Beijos, linda.

Desde que tive aquela conversa com o Erick na cafeteria, nosso relacionamento “pai e mãe” havia realmente mudado da água para o vinho. Com exceção, claro, do incidente dele ter me beijado. Depois do que aconteceu, Erick pediu desculpas por aquilo e desde então tem agido de forma mais madura e responsável. E o mesmo digo sobre ele com Giovanna. Ela sempre chega em casa feliz, contando o que fizeram juntos. Isso está fazendo muito bem para ela, e eu fico feliz de estar vendo o crescimento dos dois.

Ainda pensativa, levanto o olhar do meu *iPhone*, para encontrar o de Luca me olhando. Não. Na verdade ele estava olhando para o celular nenhuma descrição. Seu olhar cerrado e seu maxilar rígido, apenas mostram que ele havia lido exatamente com quem eu estava conversando.

Uh! Acho que ele não tá satisfeito...

— Era o Erick? — pergunta, com a cara amarrada.

— Sim. — respondo, porque não tenho nada a esconder.

— Você deveria desligar o celular. Já vamos decolar. — diz, de forma seca, antes de desviar seu olhar do meu, para olhar para o outro lado.

Quando enfim chegamos em Petrópolis já está quase anoitecendo. Assim que saio do helicóptero e piso na grama da fazenda, tomo uma respiração profunda para sentir o cheirinho gostoso de terra molhada e o ar puro da serra. A sensação de paz e contentamento enche meu coração. Sorrio, contente. Independente de tudo, é bom estar aqui outra vez.

Ei! Sou uma garota urbana, sim, mas nada me impede de gostar de estar em um lugar como esse.

— Feliz por estar aqui? — Luca pergunta sorrindo.

— Sim — respondo, sorrindo de volta, ainda que esteja envergonhada.

— Bem-vinda ao clube, *baby*. — Ele morde os lábios e me dá uma piscadinha, antes de ir andando até Renê, o administrador da fazenda, que já nos espera com o jipe ao lado do heliponto.

Assim que paramos o carro em frente à casa de *nonna*, estou esperando que a qualquer momento ela saia pela porta para nos cumprimentar, mas isso não acontece. E exatamente por isso eu logo

estranho. Olho para Luca, e ele parece ter estranhado assim como eu. Ele olha para Renê, o administrador da sua fazenda e esse agora parece querer estar em qualquer lugar, menos ali.

— Renê? O que está acontecendo? — Luca pergunta, desencostando do banco para olhar para ele, mas logo noto que ele está com a mão na maçaneta, pronto para saltar.

— Dona Fiorella passou mal ontem à noite, senhor. Sinto muito por não avisar, mas ela pediu que ligássemos apenas se acontecesse algo preocupante com ele. — confessa, coçando a cabeça, visivelmente sem jeito.

— Mas que porra! — Luca grenhe, enquanto eu coloco as mãos na boca, em choque.

Ele bate na maçaneta antes de abri-la e saltar em passos largos até chegar a casa. Sigo atrás dele, com o coração na boca, pedindo a Deus que esteja tudo bem.

Que esteja tudo bem com ela, meu Deus!

Luca não bate e nem espera que abram para ele, simplesmente abre a porta da casa da sua avó e encontramos a sala vazia. Elena, prima de segundo grau de sua mãe, está fechando a porta do quarto de *nonna* e assim que nos vê, toma um susto, mas logo pede que a gente faça silêncio.

— O que houve, Elena? — Luca pergunta, visivelmente angustiado.

— Calma. Está tudo bem, *bambino*. Vamos sentar, *si*? — fala, e nós dois concordamos, logo nos dirigindo para o sofá.

— Foi algo com o coração? — Luca pergunta, assim que se senta.

— Não. O médico acha que é excesso de estresse e esforço. Você sabe que ela não quer parar de trabalhar. — diz, contrariada.

— Sim. Isso é uma droga. — Ele bufa.

— A pressão dela estava alta, então ele achou melhor mudar sua medicação e mandou que ela tomasse um calmante para tentar dormir. Você sabe que ela não tem dormido muito, não? — Luca nega com a cabeça, parecendo frustrado. — Tudo bem. É normal, na sua idade e com tudo o que ela passou e tem passado. — Elena pega a mão de Luca e aperta, tentando tranquilizá-lo.

— O que ela tem passado? — pergunto, nervosa, e Elena bufa em frustração.

— Ela vem tendo pesadelos todas as noites. Por isso acorda nervosa. E ficou bastante abalada com a separação de vocês. — diz, com sorriso triste para nós dois, virando-se para mim. — Você não sabe de quantas formas *nonna* disse que castigaria o *bambino* dela. — Aponta Luca com a cabeça, e eu rio.

— Posso imaginar — digo, rindo. É bem a cara de *nonna*, mesmo.

Engraçado como parece que conheço ela há tempos, não?

— Mas ela vai ficar feliz de ver que vocês...

O que ela diria é interrompido quando ouvimos o barulho da porta de *nonna* rangendo. Levantamos em um sobressalto, para encontrarmos *nonna* na porta, olhando-nos com carinho. Ela está usando uma camisola branca surrada de algodão, mas seu sorriso está radiante. Sei que ela parece mais cansada do que a última vez que a vi, mas sua aura boa, sua tranquilidade, sua energia. Está tudo ali. *Ela está bem!* Suspiro aliviada e sorrio para *nonna*, já com lágrima nos olhos pela emoção de ver isso com meus próprios olhos.

— *Bambino!* — Ela abre os braços para Luca, que chega em três passos, antes de tomá-la em seus braços, segurando-a com cuidado.

— *Nonna!* Como a senhora está? — pergunta, examinando-a.

— *Bien.* — Ela dá um sorriso e um tapinha em seu ombro, mostrando-lhe que está bem, antes de pedir espaço e se voltar para mim, em um sorriso amoroso, com os braços abertos para me receber. — *Bambina, bela!* — me chama e eu não pude segurar a emoção, antes de ir até ela e abraçá-la.

Graças a Deus!

Ela está realmente bem. Está me abraçando com força, retribuindo meu abraço com carinho. Tão bom sentir seu aperto caloroso e seu cheirinho de talco. Tão reconfortante. *Tão cheiro de avó!* Ainda que tenhamos nos conhecido há tão pouco tempo, e mesmo que nosso encontro tenha sido breve, a tenho como minha e estava morrendo de saudades dela.

Meu Deus! Preciso parar de chorar!

— Agora que estou melhor mesmo. — ela diz, olhando-me com ternura, ao mesmo tempo em que enxuga minhas lágrimas. — Feliz por tu *estás* aqui, *bambina*. — Sorrio, ainda chorosa. — Que bom que vocês se resolveram! Eu juro que eu estava a ir cortar as bolas desse rapaz se você não o aceitasse de volta. — Ainda em choque pelo que ela disse, ela volta a me abraçar, antes mesmo que eu possa pensar responder.

Abraçada com ela, olho para cima do ombro de *nonna*, para constatar que o sorriso enorme que Luca estava usando havia sumido. Minha cara de confusão deve ser a mesma que a sua, porque ele também parece estar em choque com o que ela havia dito. Ele encontra meu olhar, e em seus olhos se arregalados pude ver estampado em seu lindo rostinho, o medo e a súplica. Ele não quer que eu diga nada.

Oh meu Deus! Ele não quer que eu conte a ela sobre nós dois!

— Eu só estava esperando este momento para lhe dar algo. *Espeta um poco*, que vou buscar. — avisa, voltando-se para o quarto.

Nesse momento, Luca me puxa para a cozinha rapidamente. Ainda estou com o coração acelerado. O lado do meu cérebro costuma raciocinar, deve ter ido fazer uma visita para seu vizinho, porque não consigo pensar literalmente em nada nesse momento.

— Não diga nada a ela sobre nós, por favor. — Luca pede, no meu ouvido, puxando-me para perto dele.

— O quê? — pergunto, ainda que eu tenha ouvido o que ele disse.

— Não fale nada! Ela passou mal, Sophia. Estamos para lhe contar que achamos sua filha perdida há mais de cinquenta anos! É muita coisa para ela se preocupar. São muitas emoções. Você ouviu Elena dizendo que ela ficou abalada com o que houve entre nós. Não podemos falar nada a ela sobre nós dois. — pede, com o olhar sério.

— O que vamos fazer? — cochicho, com a adrenalina rodando no meu corpo.

— Deixaremos ela pensar que estamos bem. Não quero que a gente volte. — se corrige, quando vê minha cara de choque: — Não. Mentira. Lógico que quero. Mas não é essa questão que está em jogo agora. — fala, em meu ouvido, provocando-me arrepios. — Se ela souber que não estamos juntos, vai ficar triste...

— Ah! Os pombinhos estão aí — *Nonna* diz, aparecendo na porta.

Ela vem até nós dois, ainda sorrindo de orelha a orelha, como se tivesse uma saúde de ferro e não tivesse acontecido nada com ela. Tentando disfarçar e manter a mentira, Luca solta meu cotovelo que estava segurando, para em seguida me puxar para junto dele, abraçando-me como se nada tivesse acontecido.

— Venha comigo, *bambina*. No acho bom que o *novio* veja o que *su* noiva vai ver agora. Não é auspicioso. — Ri, com carinho, enquanto fico tensa pelo que ela disse e Luca engole em seco.

Ainda que a situação tenha nos deixado tensos, nós conseguimos manter nossos sorrisos no rosto. Olho para Luca antes de soltá-lo e ele me dá aquele olhar cauteloso como se dissesse: “*Não se esqueça do que eu disse!*”

Droga! Precisamos mesmo fazer isso?

Tomo uma respiração profunda e volto a sorrir, antes de voltar a olhar de volta para *nonna* e segui-la até o seu quarto. O quarto de *nonna* tem apenas um conjunto com uma enorme e detalhada cama, um guarda-roupas e uma cômoda de madeira maciça. Em cima da colcha de retalhos da sua cama, está uma caixa de joias dourada, parecendo ser bem gasta. *Nonna* manda que eu sente na ponta do colchão, enquanto fecha a porta do quarto e em seguida pega a caixa, colocando-a em meu colo.

— Abra, *bambina* — pede, sorrindo.

Olho-a por um segundo antes de abri-la. A caixa de joias é do tamanho da palma da minha mão, e toda detalhada com metal dourado, já apagado com o tempo. Abro a tampa, e “*Für Elise*”, sinfonia de Bethoven, começa a tocar, as notas musicais parecendo um pouco roucas por causa do tempo. Em cima do forro gasto de camurça vermelha, tem alguns objetos que olho com curiosidade: uma moeda antiga, um crucifixo trabalhado com brilhantes, um grampo com uma rosa de brilhantes na ponta e um pequeno saquinho transparente com o que me parece ser tecido dentro.

— Lembra-se que eu disse que, quando casamos com italianos, casamos com *la famiglia* também? — Concordo com um aceno, com meu olhar no dela. Ela sorri com ternura.

Jesus! Acho que estou respirando um pouco forte demais!

— Essas coisas foram da minha *famiglia*. *Mia nonna* criou a mim e meus irmãos, pois *mia mamma* morreu quando *io* era pequenina. Cada região e *famiglia* italiana têm sua tradição própria. Na minha era assim. Na véspera do casamento, os noivos comem juntos cinco amêndoas. Cada uma traz um significado: riqueza, felicidade, fecundidade, vida longa e saúde. — explica, antes de apontar para moeda. — *La* moeda, o noivo coloca no bolso direito da sua calça durante a cerimônia, para desejar prosperidade. — O embrulho do meu estômago me diz que não estou indo bem. — *La* noiva entrega ao *su noivo* um objeto de ferro, para manter afastados os maus espíritos e inveja, assim como o crucifixo, que se usa junto com o buquê, para a proteção da noiva — explica, de maneira serena, enquanto pega o belo grampo de cabelo e sorri antes de continuar: — Esta fivela e o crucifixo foram de minha *nonna*. Ela foi muito feliz, com *mio nonno*. — Ela abre o saquinho, e de dentro caem quatro pedaços grandes de fita de cetim na cor branca, mas já meio amarelados. — Durante a cerimônia, é colocado um laço de fita de cetim na porta da igreja onde é realizada a cerimônia. Esta fita é o símbolo de vínculo do casal. Estas fitas aqui foram da nossa *famiglia*: *nonna* e *mamma*, *mia* e está última de Paola. A noiva tira um pequenino pedaço de cada fita e os costura na barra do seu vestido. Isso representa a bênção que todas as gerações da *famiglia* desejam a vocês. Depois da cerimônia, você tira um pedaço da sua própria fita, costura a todas as outras e as guarda. Isso, essa bênção, será sempre de vocês. — explica.

Ai meu Deus. Que coisa mais linda e forte!

Eu deveria estar feliz, não? Sei o quanto amo Luca, mas estou mentindo para ela, e odeio me sentir como uma mentirosa. O aperto em meu peito cresce. Tento empurrar a vontade de chorar, mas simplesmente não consigo. Lágrimas começam a cair no meu rosto sem cessar, atingindo meus seios. Minhas mãos tremem. Isso tudo é muito para mim. *Nonna* está me dando a preciosa entrada e a bênção da sua família para que eu possa casar com o seu neto. Odeio-me por estar fazendo isso, mas sei o quanto eu realmente quero fazer isso.

Devo ir para o inferno?

— *Nonna*, não posso aceitar. Acho que Mariah merece. — falo, soluçando.

— *Niente!* — diz, com carinho. — Pode sim! Claro que se tu *no* quiser usar nada disso, não precisa. Paola usou o crucifixo e a fivela de ouro da sua *mamma*. Ela as deu à Mariah antes mesmo de morrer, quando minha *bambina* ainda era jovem. Mas Paola também usou os nossos laços. Você pode dar o teu a Mariah quando chegar a vez dela. Augustinho usou esta moeda, como meu *papa*...

Mas esta caixa, agora é tua. Até que tu passe para *tu* filha ou *tu* nora, junto com o laço de vocês. — termina de falar, sorrindo com ternura.

Doce Jesus! Que bênção especial!

— Obrigada, *nonna*. Vou ficar muito feliz de usar tudo. — Enxugo minhas lágrimas e a abraço com todo o carinho e gratidão que eu poderia demonstrar.

Estou realmente tocada pelo que ela está me dando. Ela está me dando algo muito maior do que mereço. Coloco tudo para dentro da caixa com cuidado, e a fecho, antes de respirar fundo, tentando processar tudo.

Para onde isso vai me levar? Isso é um sinal? Um sinal de que devo perdô-lo e dar uma chance para nós?

Eu sei o quanto amo Luca. Não tenho dúvidas sobre isso. E sendo sincera comigo mesma, também sei que apesar de tudo ele me ama de fato. Quero muito tudo isso. Muito mais do que quis qualquer coisa. Mas o que eu posso fazer com a dúvida e o medo que ainda ameaçam me corroer por completo?

Não muito tempo depois, Luca bate na porta e a abre em seguida. Espia para dentro do quarto, e vejo o quanto parece nervoso quando entra. Apesar de nos conhecermos há pouco tempo para muitos, nós nos conhecemos como se nos conhecêssemos desde o dia que me entendo por gente. Conheço seus trejeitos, sua maneira de expressar o que está sentindo. Luca é muito transparente. Sei exatamente o que ele está fazendo aqui nesse momento. Apesar da ideia de que a gente finja que está tudo bem entre nós ter partido dele, Luca não está mais conseguindo mentir.

— *Nonna*, eu preciso te contar uma coisa. — ele diz, passando a mão no cabelo, gesto típico do seu nervosismo.

— Precisa mesmo, *amore*. — Levanto-me da cama rapidamente, indo em direção a ele. — Vamos pra sala contar, *baby*? — Passo o braço nos seus, em uma tentativa de lhe chamar a atenção.

— Tudo bem. — concorda, estudando-me com o olhar.

Nonna se levanta da cama e passa por nós, com um enorme sorriso de contentamento no rosto e isso só me fez ter ainda mais certeza de que tomamos a decisão acertada. Enquanto caminhamos para sala, fico na ponta dos pés, para poder sussurrar apenas para que Luca ouça:

— Não vamos dizer nada a ela sobre nós. Por favor... Me escute — sussurro em seu ouvido, aproveitando o momento para sentir seu perfume e ele engole em seco ao sentir minha respiração sob sua pele.

Hm... doce! Deus, não me condene por cair em tentação!

Seu cheiro, seu perfume, sua loção pós-barba... Tudo nele é uma combinação tentadora demais para que eu possa me controlar. Sentir seu cheiro gostoso, é tão prazeroso para mim, que me dá um arrepio do dedinho do pé até os fios do cabelo.

Bom demais!

— *Baby*, você tem certeza? Você sabe que não gosto de mentiras. — pergunta, me fazendo sentir sua respiração mais forte.

— Sim, tenho. Mais tarde conversaremos sobre isso. — Ele assente, e em seguida nos sentamos no sofá de frente à poltrona de *nonna*.

— *Nonna*. — Luca começa, balançando as pernas, nervoso. — Queríamos conversar com a senhora sobre algo aconteceu. — fala, parecendo preocupado, olhando para ela com cautela.

— Vou fazer um café. — Elena avisa, indo em direção à cozinha.

— Está tudo bem, *bambino*? — *Nonna* pergunta, olhando de mim para ele, preocupada.

— Sim. — Luca afirma, e olha para mim, fazendo com que a gente tenha uma conversa silenciosa

de que fizemos certo em permanecer na mentira sobre nós. — Só não esperava saber que a senhora estava doente, e fiquei chateado por não ter sido avisado. Mas eu realmente preciso falar sobre isso. — Ele volta seu olhar pra mim. — Sophia, conte a ela o porque viemos aqui. — pede.

— *Nonna*... — Tomo uma respiração, tentando manter a calma, pois ficar nervosa pode deixá-la ainda mais nervosa. — Quando a senhora me contou sobre o que aconteceu... — Ela me interrompe.

— Você contou para ele, né, *bambina*? — pergunta, preocupada.

— Não, *nonna*. A senhora me disse que não queria preocupá-los. Mantive isso comigo. — aviso, e ela assente com um sorriso grato. — Mas eu vou chegar lá. — Solto um suspiro. — Bom... A senhora me contou sobre tudo, sobre como meu sogro ainda mandava investigar... — Ela concorda, com um olhar triste. — Só que nos dias de hoje, as coisas são mais acessíveis com a internet e as redes sociais. — Ela respira fundo.

— Você quer dizer... — ela começa, e eu a interrompo.

— Bom... Eu comecei a pesquisa pelo nome e pela idade nos perfis do *Facebook*, de pessoas à procura de outras. Eu sabia que ela poderia ter se casado e, assim mudado seu sobrenome. Eu mandava um recado e perguntava sobre algo do tipo. Tentava encontrar coincidências entre as histórias. Até que eu encontrei uma moça que me lembrou muito o meu sogro... — *Nonna* começa a chorar, e Luca se senta ao lado dela para segurar sua mão e mesmo que eu também já esteja emocionada, decido continuar: — Troquei algumas palavras com ela, e ela comentou algo sobre sua família perdida, mas pareceu meio incrédula e reticente sobre acreditar em mim. Avisei a ela que eu era noiva de Luca e lhe dei o e-mail dele para ela contatar, caso fosse quem fosse. — *Nonna* chora mais, e Luca segura mais forte sua mão antes de continuar:

— Ela me mandou um e-mail hoje pela manhã. Sophia não havia me dito nada até então. Cheguei no escritório dela tirando satisfação, e ela me explicou tudo. Mariella me disse que gostaria de nos ver, mas não pode se ausentar de lá, porque seu *papa* está muito doente. — Luca engole em seco, e *nonna* arregala os olhos. — Mas ela gostaria de se explicar para nós. Pela forma que ela falou, não parece muito ciente de que temos muito dinheiro, porque ela inclusive se ofereceu para pagar as despesas de viagens. Mandeí investigá-la rapidamente e descobri que ela tem uma quantia realmente muito boa em dinheiro no seu nome, assim como Pedro. São ricos. Na verdade, são muito ricos. Então não acredito que seja golpe. Acho que ela está falando a verdade. Acredito que ela seja realmente quem diz ser, *nonna*. — Luca afirma, delicadamente, e *nonna* respira fundo para tentar acalmar suas lágrimas.

— *Io aché* que *no* estaria viva a *vedere* mais *mia* filha... — Ela começa a chorar mais, e Luca a abraça. Aproximo-me dos dois, chorando emocionada, e me ajoelho em frente a ela. — *Dios mio! Non credo!* — fala, ainda de voltar a chorar e Luca permanece com ela em seus braços para acalmá-la.

— *Nonna*. — Luca chama, com a voz doce. — Fiquei chateado por não saber de toda história. Eu poderia ter lhe ajudado antes se soubesse. Teria poupado, quem sabe, anos de investigação. Mas Sophia me explicou tudo. Se não fosse ela... — interrompo.

— Não, não — começo a negar.

— *Si, figlia*, ele está certo. — *Nonna* levanta a cabeça do ombro de Luca, para segurar meu rosto e ele me dá um sorriso doce. — Tu percebe o quanto é especial para nossa *famiglia*? Se *il* já amava-te por fazer *mio bambino felice*, agora tu fez muito mais pra toda a nossa *famiglia*. Nunca *poderé* agradecer o suficiente. Obrigada. — Ela me abraça forte, e eu choro ainda mais por todo esse carinho e amor que recebo dela de forma desmedida.

— *Nonna*. — Luca fala, emocionado, quando nos afastamos. — Ela pediu para que fôssemos lá.

O que a senhora acha de voltar à Itália? — ele pergunta, tentando animá-la.

— *Si...* — Ela termina de enxugar suas lágrimas e sorri, um sorriso que iluminaria uma cidade inteira. — Vamos todos à Itália. *Tutta la nostra famiglia!* — ela diz sorrindo para mim, e meus olhos se arregalam.

— *Nonna...* — começo. — Er... Eu não sei se posso...

— *Si, figlia...* — Ela segura minha mão e bate com delicadeza. — Pode, *si*. *No* admito que tu *no vá* conosco. Você é da *nostra famiglia*. Se *no* fosse você, *no* estaríamos indo até lá, para encontrar com *mia* Mariella. — Ela sorri, e eu engulo em seco.

— *Baby*. Nonna tem razão, se estamos indo agora, devemos isso exclusivamente a você. Você precisa ir. Por favor. — Luca suplica, com um olhar que não me deixa negar nada a ele.

Droga! Porque será que eu acho que não resistirei?

Depois de vários minutos de uma discussão silenciosa com Luca, acabei decidindo aceitar o pedido deles. Pela *nonna*, claro. Mas confesso que também estou muito curiosa para conhecer toda a sua família. Já havíamos jantado quando Luca decidiu contar o que está acontecendo para o senhor Campanaro. Enquanto ele falava com seu pai, eu estava conversando com *nonna* e Elena no sofá sobre as novelas, quando Luca enfim volta, parecendo nenhum pouco satisfeito.

— Mariah e *papa* estão vindo pela manhã. — Sorrimos, contentes. — Mas *papa* não vem sozinho. — Luca diz, desgostoso e nosso sorriso morre, se transformando em uma careta quando nos damos conta de que Anitta irá nos acompanhar.

— Aquela *messalina!* — *Nonna* pragueja, e eu começo a rir. — É permitido uma cadela fazer uma viagem tão longa? — pergunta, fazendo com que todos nós caíamos na gargalhada.

Já havíamos programado tudo quando voltamos ao casarão no final da noite. Acertei tudo com minha mãe, que, como sempre maravilhosa, cuidaria de sua neta para mim. Falei com a Giovanna, que fez manha querendo viajar também, que só se conformou por não ir, depois de Luca ter prometido trazê-la para conhecer o pônei que ele havia comprado para ela. Detalhe que eu descobri apenas na hora em que ele falou para ela. Na verdade, antes mesmo que ligássemos para falar com ela, Luca já havia cogitado a possibilidade da Giovanna vir conosco, mas como ela está em semana de prova, ela não poderia nos acompanhar.

Como eu pedi, Mariah pegou meu passaporte em casa, bem como algumas roupas para que eu pudesse usar. Eles chegarão pela manhã, tempo em que já terei feito compra de mais alguma roupa de frio. Estava nervosa e ansiosa. Nervosa porque sei que minha situação com Luca não é muito propícia, mas tentava pensar que estamos fazendo isso para o bem de *nonna*. E ansiosa não apenas porque quero muito conhecer toda a sua família, mas também por poder passar mais um tempo com ele. Fora que sempre quis ir à Itália, mas nunca tive oportunidade. Fiquei chocada quando fico sabendo que vamos pra região da Toscana.

Tão chique! E tão vinho!

— Você está realmente bem com isso? — Luca pergunta, quando chegamos na porta do quarto dele, que ele havia cedido para que eu dormisse essa noite.

— “Bem” eu não estou, Luca. Você deve imaginar. — Suspiro. — Mas é para o bem dela. *Nonna* não precisa de mais problemas nesse momento. Ela já tem muito para encarar nesse momento. Contamos tudo assim que voltarmos para o Brasil — digo, séria, e ele parece concordar.

— *Princesa*. — Ele pega a minha mão. — Você disse que precisava de um tempo... — ele

começa, e eu interrompo.

— Luca. Eu disse e eu ainda quero esse tempo. Nada mudou. — afirmo, tentando afastar minhas mãos, mas ele a segura.

— Eu sei. — Ele suspira. — Só estou dizendo que eu gostaria que nós tivéssemos oportunidade de termos um tempo para nós dois. — Dá de ombros. — Sairmos, jantarmos, nos curtirmos um pouco. Como se tivéssemos nos conhecendo novamente. O que você acha? — pergunta, esperançoso.

Não sei se consigo esconder o quanto meu coração está batendo forte com a expectativa de termos um tempo para nós dois. Sinto falta dele como uma louca! Não somente como homem, porque é claro que sinto, mas principalmente como a pessoa que sempre ficava ao meu lado. Luca sempre foi mais do que meu namorado, meu noivo, ele era meu companheiro. Claro que sinto saudades de tudo. E agora essa sua proposta, me deixou mais ansiosa e feliz do que poderia descrever. É boa demais a expectativa de estar com ele.

— Hm... — começo, tentando esconder o sorriso que insiste em querer se formar. — Tudo bem. Sair, jantar, encontros, como se não nos conhecêssemos. — Paro para pensar, e ele sorri sabendo que me ganhou. — Parece ser uma boa ideia, mas além de todo o vinho que faço questão de beber, só aceito se você prometer duas coisas para mim. — aponto, fazendo biquinho.

— Qualquer coisa. — responde, rapidamente, com um sorriso enorme.

— Teremos que contar um para o outro, coisas que nunca havíamos dito antes. — começo.

— Sim. — ele concorda, animado, puxando-me para ele e logo coloco as mãos em seu peito, afastando-me.

— E vamos devagar dessa vez. Lembra que é para nos conhecermos novamente. E isso quer dizer: “sem sexo”. — afirmo, sem piscar e ele faz uma cara chocada.

Tão lindo...

— Você não está falando sério! Está? — pergunta, olhando-me com a testa franzida.

— Claro que estou falando sério. — afirmo, novamente, ainda surpresa pela minha ideia.

É. Acho que é melhor assim!

— *Princesa.* — Ele volta a me puxar para ele. — Eu amo fazer amor com você. Amo mais do que qualquer coisa na vida. Vai ser foddidamente difícil ter você perto de mim e não sentir vontade, porque na verdade, eu sinto vontade de estar dentro de você o tempo todo ao seu lado. — Ele me lança um olhar malicioso, e um sorriso torto, me fazendo corar. — Mas se tiver que passar por essa tortura e cumprir essa penitência para que você volte para mim, eu aceito. — Sorrio, satisfeita, e um sorriso malicioso se forma em seu rosto. — Mas se esse é nosso... Como posso dizer? Primeiro encontro... Então isso significa que eu definitivamente posso te beijar. — ele afirma, antes de diminuir a distância entre nós com um beijo.

Nossos lábios se encontram, e é isso: toda a minha maldita resistência desmorona. O beijo que ele me dá, é daqueles incríveis, dignos de novela. Um beijo doce e delicioso, mas quente como o inferno. Nossas bocas se consumindo com paixão. Nossos beijos eram sempre assim, com pura necessidade, como se nossa vida dependesse disso.

Incrível, sempre!

Estava perdida em seus lábios, quando Luca simplesmente para de me beijar e tirando sua boca da minha. Sua testa encosta na minha, enquanto ainda estamos tentando recuperar o fôlego. É tão bom e delicioso tudo com ele. E eu já não consigo mais me lembrar porque nós paramos o beijo.

Ah, certo... Eu disse “devagar e sem sexo!”.

Ainda que eu tenha feito essa proposta quase absurda, já não tenho mais tanta certeza dos meus argumentos, ou da minha decisão de irmos com calma, pois não sei se conseguiria ficar muito tempo

longe dele ou até mesmo de não termos nada sexual depois do beijo explosivo que havíamos trocado.

— Bom. A contragosto, estou indo tomar um banho frio. — suspira, profundamente, e apesar da minha frustração, começo a rir com a cena, pois não sou a única contrariada afinal.

Mordo o lábio para não lhe pedir para esquecer o que falei anteriormente e tento me manter firme na minha decisão. Luca beija minha testa e volta a me dar um beijo leve, agora rindo da nossa própria desgraça. De alguma forma, fui forte e consegui ser capaz de me afastar da tentação de lhe pedir para esquecer o que havia dito anteriormente.

— Bom. Eu vou pra cama. — digo, relutante, mas realmente precisando manter distância para não cair em tentação.

— Tudo bem. Boa noite, *baby*. — Suspira novamente. — Estou no quarto ao lado. Se precisar, pode me chamar. — Pisca pra mim.

— Ok. Não acho que vai ser realmente preciso. Boa noite. — digo, sorrindo ao fechar a porta.

Assim que entro no quarto, fui direto para o banho e após me deitar na cama e me preparar para dormir, ouvi o toque de uma mensagem que Luca havia me mandado. Nela havia o link de uma música que eu já havia escutado, mas nunca tinha parado para ouvir atentamente, “*Time For Miracles*”, de Adam Lambert.

*“É tarde da noite eu não consigo dormir
A saudade de você só aumenta
Oh eu não posso ficar pensando no seu sorriso*

*Cada beijo que você não pode esquecer
Esse coração machucado não está quebrado ainda
Oh Deus eu queria poder fazer você ver
Porque eu sei que essa chama não está morrendo
Então nada pode me impedir de tentar*

*Baby você sabe que
Talvez seja tempo para milagres
Porque eu não vou desistir do amor
Você sabe disso
Talvez seja tempo para milagres
Porque eu não vou desistir do amor
Não eu não vou desistir de nós*

*Eu só quero estar com você
Porque viver é tão difícil
Quando tudo o que eu sei está preso dentro dos seus olhos*

*O futuro que eu não posso esquecer
Esse coração machucado não está quebrado ainda
Oh Deus eu queria poder fazer você ver*

*Porque eu sei que essa chama não está morrendo
Então nada pode me impedir de tentar...”*

A música era tão linda, que enquanto ela tocava, comecei a chorar de emoção por tudo que ela dizia. Quase podia ouvir e sentir Luca cantando com sua linda voz diretamente para mim. E naquele momento eu desejei e me segurei para não pedi-lo exatamente isso. A letra dizia tanto sobre nós dois, sobre o que estávamos vivendo, que parecia ser impossível que outra pessoa tivesse escrito ela e não nós. Assim que a música terminou de tocar, coloquei para repetir mais incontáveis vezes. Pois a promessa da música, que dizia “...Não, eu não vou desistir de nós...”, talvez fosse tudo que eu precisava ouvir.

Algumas horas depois, descobri que estava estupidamente enganada sobre não precisar dele. Já deitada na cama, rolava de um lado ao outro no grande colchão, pois meu cérebro não parava de pensar em Luca e nem na forma como ele dizia que meus lábios eram deliciosos, no quanto sentia minha falta etc. Além do mais, ele estava separado por apenas uma parede de mim. Estava tão perto, e mesmo assim tão longe. É quase como um castigo para mim. Para ele. Para nós. Sinto falta de dormir abraçada com ele. De sentir seus braços ao meu redor. De sentir seu cheiro, seu calor. Quero isso mais do que qualquer coisa nesse momento. Sei que não posso me deixar levar assim depois de tudo o que nos aconteceu, mas também não posso simplesmente ignorar o desejo de me aconchegar e sentir seu calor. Eu sabia muito bem que beijar poderia nos levar a fazer outras coisas, mas ele definitivamente não era nenhum estranho para mim. Luca é meu ex-talvez-futuro-noivo e o homem que amo, que dizia que me amava igualmente.

Por que não podemos apenas dormir juntos na mesma cama?

— Aconteceu alguma coisa? — Luca pergunta, preocupado, no momento em que abre a porta do quarto ao lado, pois depois de tanto relutar finalmente havia decidido bater.

— Não. — respondo, nervosa, vendo que ele está usando apenas uma cueca *boxer* preta. — Te acordei? — pergunto, sem graça.

— Não, *baby*. Estava ocupado... — Abro a boca para me desculpar, mas ele me cala: — ... Ocupado, jogando *Angry Birds*. — fala e nós dois começamos a rir.

— Desculpe a intromissão. — digo, ainda rindo.

— Tudo bem. Eu não conseguia dormir realmente. — Ele agora parece perceber o que estou vestindo, descendo sem nenhum pudor seu olhar pelo meu *baby doll* de oncinha, deixando-me corada.

— Eu também não. — confesso. — Eu pensei que talvez...

— Inferno que sim! — ele interrompe, puxando-me para dentro do seu quarto com um sorriso safado.

— Luca... — chamo sua atenção, assim que sinto seu corpo perto ao meu. — Não vamos... — Ele exala respiração, como se tivesse que se controlar.

— Tudo bem. Apenas dormir... — ele diz, parecendo ler a minha mente, antes de fazer uma careta de decepção.

— Sim. — Confirmo com a cabeça e ele sobe na cama, puxando levantando o edredom para que eu entre embaixo. — Só que para mim, é estranho estar no quarto ao lado e não estar com você. — confesso, já deitando a cabeça no travesseiro, levando meus olhos para admirar o teto.

— Eu sei. A mesma coisa aqui, *baby*. — Luca respira fundo. — A verdade é que me sinto

estranho todos os dias sem você. Não tenho dormido direito desde que você me deixou. Minha insônia está a cada dia pior. — admite, me fazendo virar o rosto de frente para o seu quando percebo seu tom derrotado.

— A minha também. — confesso. — Mas vamos com calma, ok? — Ele concorda. — Boa noite. — Dou um selinho em sua boca, antes de virar para o outro lado.

— Boa noite, meu amor. Eu amo você. — Ele diz, fazendo com que eu feche os olhos pela emoção de ouvi-lo dizer isso.

Seus lábios beijam meu ombro e em seguida pude sentir ele se virar para olhar para cima. Depois de um tempo quieta, percebo que Luca está tentando não me tocar. O que é quase fisicamente impossível com um corpo do tamanho do dele nessa cama, que parece pequena para nós dois. Não sei se é uma boa ideia, mas respiro fundo e me aproximo dele. Ouço-o engolir em seco ao notar o que estou fazendo, e sua respiração parece irregular antes dele encostar sua pele quente na minha. Seu braço vem ao redor da minha cintura e ele logo puxa-me para junto dele. Fecho os olhos e suspiro em contentamento.

Estamos na nossa bolha novamente. O mundo poderia acabar agora e ainda estaríamos aqui, bem assim. E eu juro que eu não quero mais nada nessa vida do que estar em seus braços!

Nos braços do homem que eu amava, não demorei muito tempo para finalmente pegar no sono e ter uma noite tranquila de sonhos, que não tinha desde que nos separamos. Durante a noite, de alguma forma mudamos a posição em que havíamos dormido, porque acabei acordando de frente para Luca, minha boca quase colada ao seu peitoral. Estamos em um emaranhado de pernas e mãos, e mesmo com o sol da manhã sob nós, ainda não sei como conseguimos ficar enroladas dessa maneira. Seu queixo repousa acima da minha cabeça, meu rosto está pressionado sobre seu peito, enquanto estou deitada sobre seu braço direito, que posteriormente repousa a mão na minha bunda. Seu braço esquerdo está bem posicionado, apertando meu seio.

Jesus! Estou com uma puta vontade de fazer xixi, mas estou excitada! Vê se pode?

Quando desperto realmente, imediatamente fico tensa. Pois por mais que eu adore estar em seus braços, não poderíamos ter ficado assim. O limite entre nós está ficando tênue, e a culpa é apenas minha que havia cedido à vontade de ficar ao seu lado. Sei que devo me mover, mas estou sentindo a mesma coisa que sentia toda vez que estava seus braços: como se eu estivesse onde deveria estar.

— Esqueça o que você está pensando agora. Apenas vamos dormir mais um pouco... — ele murmura com a voz rouca, ainda com os olhos fechados, puxando-me mais para junto de si.

— Quem disse que estou pensando em alguma coisa? — pergunto, como sempre assustada pela forma como ele consegue me ler.

Jesus! O maldito lê mentes até dormindo agora?

— Você estava dormindo tranquilamente, mas de repente ficou tensa. Seja o que for, guarde isso para depois. — Ele tira sua mão sobre meu peito e me puxa mais para perto dele, fazendo-me ficar com o rosto em seu pescoço, sentindo seu cheiro gostoso e foi impossível não perceber sua ereção matinal entre nós.

— Lu-luca... — gaguejo, tensa.

— Desculpe. — ele diz, engolindo em seco, antes de se afastar. — Mas é assim que você me deixa, *baby*. E vestindo esse pijama então... Puta que pariu! — Solta um suspiro, assim que se senta, e balança a cabeça, como se quisesse acordar. — Banho frio, aqui vou eu.

Capítulo 5

Agradeço a Deus por meus cartões das lojas de departamento terem limites e lá venderem roupas de frio, ainda que no Brasil não tenhamos um inverno rigoroso, porque meus outros cartões não têm limite nem para comprar uma garrafinha de água sequer depois de todas as compras que havia feito para casa nova. Neguei terminantemente quando Luca me estendeu seu cartão quando me deixou no shopping mais cedo. Ele ficou puto da vida, claro, mas acabou se segurando, porque *nonna* estava nos observando com atenção.

Depois de uma hora interessante de compras, nós três já estamos acomodados no jatinho de Luca, aguardando o restante da família quando eles finalmente chegam. Assim que passou pela porta, Mariah se joga nos braços de *nonna* e começa a chorar. Instantaneamente tenho que enxugar minhas próprias lágrimas, pois meus hormônios têm andado meio descontrolados ultimamente. Sr. Campanaro me abraça e agradece, sem esconder os próprios olhos mareados. Foi impossível não notar o quanto todos estavam emocionados e ansiosos pelo que estava por vir, a única pessoa que não parece nada feliz ou mesmo emocionada dentro do avião é Anitta.

Também não julgo. Quem sabe se ela tem mesmo coração?

— Fofinha. — diz, salpicando seus falsos beijos ao vento, ao me cumprimentar. — Como sempre, surpreendendo a família, hein? — diz, em um largo sorriso de víbora.

Que aflição! Vou passar a viagem toda querendo limpar essa cara de pau dela com óleo de peroba!

Nem me dei ao trabalho de respondê-la, porque senão não sei se conseguiria segurar minha língua e a vontade de lhe responder com sarcasmo. Me limitei apenas em sorrir e volvei para o lado de *Nonna*, que agora repetia toda a história para Mariah, enquanto nos preparávamos para partir.

O jatinho novo de Luca é bem grande. Nele tem uma pequena suíte e cabiam confortavelmente cerca de dezesseis ou mais pessoas, mas isso não quer dizer que é grande o bastante para se evitar alguém, principalmente se esse alguém para se evitar for uma pessoa como Anitta. Durante o voo fiquei sentada com Mariah, conversando, enquanto Luca trabalhava em seu notebook e Sr. Campanaro conversava com *nonna*. Anitta estava ao seu lado, mas nos olhava a todo tempo de canto de olho e forçava um sorriso a cada vez que a encarávamos. Mariah já estava no limite. Ainda que a minha vontade fosse outra, tive que segurá-la várias vezes para que não fizesse alguma coisa. A sorte dela é que eu estava de muito bom humor para me irritar com ela, mas já estava tentada a deixá-la escapar.

Podia muito bem dizer que foi sem querer, né?

Depois de várias garrafas de vinho, muitas histórias e risadas sobre a infância de Luca e Mariah, e umas doze horas de viagem, já era mais de meia noite quando finalmente chegamos a Roma.

Nem acredito que estava em Roma... Que sonho!

A secretária de Luca havia mandado um SUV nos pegar assim que desembarcamos, além de já ter providenciado nossas reservas no hotel. Obviamente, só iríamos ao encontro de sua tia pela manhã e por causa disso seguimos direto para descansar. Assim que chegamos ao hotel, fiquei fascinada pelo monumento que era a fachada. Quando entramos na recepção, me apaixonei pela aura de luxo e elegância que o lugar tinha. Pesquisei logo no *Google* sobre ele e descobri que ele era definitivamente o hotel mais luxuoso e glamoroso de Roma. Também estava na melhor localização, próximo à *Piazza di Spagna*, onde fica aquela escadaria cheia de agito, que, no final da tarde, lota de turistas e gente bonita. E o mais importante: ficava localizado na área de moda de Roma, super próximo às lojas de luxo *Chanel*, *Louis Vuitton*, *Gucci*, *Prada* e todas as outras lojas que a gente

adora olhar, suspirar e perder a cabeça. Não que eu esteja aqui para comprar, mas não custa nada olhar, né?

Luca não se conteve e começou a sorrir, satisfeito pela minha reação. Afinal, ele sabia o quanto que eu adoro o que está por trás da história e do luxo dessas paredes.

Finalmente pude conhecer o famoso Enzo, namorado de Mariah, que já estava nos esperando no momento em que desembarcamos no hotel. Veja bem: não é que Enzo não seja bonito, porque ele é, sim, mas, bem... Ele não é Thiago Ryan. Ele é alto e magro, mas meio desengonçado. Não tão magro, mas magro ao ponto de deduzirmos que ele não frequenta uma academia faz anos, se é que já chegou a frequentar algum dia. Seus cabelos são castanhos e curtos. Olhos num azul suave e um sorriso agradável. Mas eu já havia visto diversas fotos dele e definitivamente não havia sido sua aparência que me impressionou, mas sim Mariah. Depois de quase um mês sem ver seu namorado, era de se imaginar que ela estivesse radiante por esse encontro. Mas, bem, esse não é muito bem o caso. Para mim parece que os dois, sei lá, não ornaram juntos. Ela poderia muito bem estar sorrindo agora, mas seu sorriso não chegava aos seus olhos, o que para mim só faz reforçar ainda mais minha certeza sobre seus sentimentos por Thiago. Quando ele percebeu que notei isso logo de cara, Luca revirou os olhos e eu tive que me segurar para não rir.

— Enzo, está é Sophia, minha cunhada, noiva de Luca. — Mariah me apresenta, depois que ele termina de cumprimentar o restante da família.

— *Oh, si...* Prazer. — ele responde, seu olhar passeando de cima a baixo sobre meu corpo, me fazendo desconfortável com sua inspeção. Mas parece que não fui a única a perceber isso, pois Luca me puxa para junto dele e cerra seu olhar para ele. — Mariah *faló* muito de ti, *mia cara*. — Enzo diz, com um sotaque carregado.

Me esforço para sorrir e ser ao menos simpática. Primeiro porque apesar de não concordar com as decisões que Mariah havia tomado, principalmente após conhecer Thiago melhor, ela merecia que eu respeitasse suas escolhas como ela havia feito comigo. E segundo, porque além de meus pais terem me dado educação para tratar todos bem, Mariah havia me dito que Enzo estava tentando aprender a falar português.

— Prazer. Ela também falou muito sobre você — respondo, devagar, para que ele entenda e sorrio.

Depois de uma discussão em italiano entre os dois, quer dizer, entre Mariah sozinha, eles se despediram de todos e foram para casa dele. Ela marcou de nos encontrar pela manhã na hora do café. Nossos quartos haviam sido reservado no mesmo andar. Estávamos no elevador e eu de mãos dadas com Luca. Anitta parecia estar ignorando cada vez mais seus bons modos, porque estava me lançando olhares estranhos. *Nonna* sussurrou algo em italiano para mim e Luca, porque para mim era obvio que Anitta não falava uma só palavra na língua e como eu também não, a única coisa que entendi foi a palavra “*messalina*”, que me fez deduzir de quem se tratava e ri, assim como Luca. Anitta começou a trocar os pés, definitivamente desconfortável pela nossa risada direcionada a ela, o que inevitavelmente me faz rir ainda mais.

Ficamos em uma das suítes que tinha um magnífico terraço privativo, com uma vista deslumbrante pra cidade de Roma. O quarto tem o estilo clássico italiano, mas seus detalhes são contemporâneos, com obras de arte belíssima e decorada em tons pastel. A suíte tem, além do terraço e do quarto, uma sala de estar, jantar e um bar. O banheiro é todo de mármore e contém uma banheira enorme, no estilo europeu. Tudo é realmente lindo e incrível, me fazendo cada vez apaixonada.

Assim que volto pra sala, reparei que Luca já não mais vestia seu terno e o mesmo já estava sob a cadeira da mesa de jantar. Ele estava no bar e parecia estar escolhendo uma garrafa de vinho.

Virá a calhar. Absolutamente. Precisando de uma bebida.

— Vejo que gostou do hotel e do nosso quarto. — Luca diz, sorrindo, enquanto abria a garrafa de vinho que havia escolhido.

— Odeio que você me conheça. — digo, mas me traio pelo enorme sorriso no rosto, que faz com que ele ria enquanto me serve uma taça de vinho. — Espero que você não esteja querendo me embriagar, senhor Campanaro. — brinco, fazendo com que Luca ria mais ainda.

— A intenção é sempre essa, *baby*. — ele responde, com uma piscadinha, sentando ao meu lado e é a minha vez de rir.

Das duas uma: ou ficar bêbada com ele ao meu lado será ruim, ou bom demais.

— Que vinho é esse? — pergunto, curiosa, depois de tomar um gole e perceber o quanto é delicioso.

— *Barolo*. — ele responde, com seu leve sotaque italiano, sexy como um inferno, que me faz suprimir um gemido.

Droga! Isso será difícil!

— *Barolo*... — repito, estudando minha taça. — Também é da região da Toscana?

— Não. Acho que ele é de Piemonte. — Concordo, sabendo perfeitamente que não sei para que lado fica. Geografia também não é meu forte.

Ficamos por ali, bebendo, curtindo a companhia um do outro, conversamos sobre a Itália e sobre o tempo em que ele viveu aqui com Mia e Henrique, na época que eles estudavam. Ri muito com as histórias que ele contava do que aprontaram por aqui quando ainda eram adolescentes. E enquanto Luca falava, comecei a entender um pouco melhor o relacionamento complicado que os dois tinham. Não vi as horas passarem, só sei que já era tarde quando chegamos na Itália, mas o tempo voou enquanto conversa com Luca. Só dei por mim da hora, quando vi que já estamos com duas garrafas de vinho vazias em nossa frente.

— Acho que precisamos dormir. Temos um longo dia pela frente amanhã. — ouço-me dizer, e Luca concorda, antes de levantar-se.

De pé, Luca se abaixa para encostar seus lábios deliciosos nos meus e foi instintivo o momento em que fechei meus olhos e inalei seu cheiro. Amo o jeito como o seu cheiro está misturado com o do vinho. A mistura é tentadora demais. Eu simplesmente não podia resistir quando ele estava tão perto assim. Luca finalmente pressiona seus lábios contra os meus e pede passagem para aprofundar o nosso beijo. Eu simplesmente não conseguia me negar isso e o respondi. O beijo se torna ansioso, e eu já não me importava com nada a não ser com o fato de que o quero de novo e agora. Não consigo fazer os meus dedos pararem de mexer nos seus cabelos, tentando e precisando trazê-lo para mais perto de mim.

Passo meus braços ao redor de seu pescoço e o puxo para baixo, trazendo-o para cima de mim, enquanto deito no sofá para sentir seu peso no meu. Ele me beija retribuindo minha necessidade. Como se precisasse de mim forte e rapidamente. Corro minhas mãos pelas suas costas e cravo as unhas através de sua camisa. Luca geme contra minha boca, enquanto posso sentir como ele está pronto para mim, seu membro duro, apenas me esperando, assim como estou totalmente pronta para ele. Não estou nem pensando sobre os meus medos neste exato momento. Muito pelo contrário, a única coisa entre nós são as roupas que espero que não estejamos mais usando em breve. O jeito que Luca está me beijando é tão irresistível, que não consigo pensar em nada mais além da urgência em tê-lo. Arranco a camisa pela sua cabeça, e ele não luta contra mim. Em seguida, Luca faz o mesmo com minha blusa, suas mãos pressionando-me com vontade. Estamos nos agarrando como se precisássemos estar dentro um do outro, como se precisássemos da respiração um do outro. E eu

sabia que era exatamente isso que precisamos fazer nesse momento.

Luca segura minhas pernas e as enlaça em sua cintura, levantando-me em seguida em seu colo, antes de ir andando em direção ao quarto. Nunca quebrando nosso beijo, ele me coloca deitada na cama. Seus lábios apenas desencostam dos meus e param de me beijar, para que ele possa tirar minha sandália e depois, puxar minha calça jeans. Luca volta a me beijar, antes de me fazer levantar, suas mãos em minhas costas me guiando sobre o que fazer. Ele vai levantando minha outra blusa de manga longa, fazendo-me suspender as mãos para permiti-lo tirá-la, deixando-me apenas de sutiã e calcinha na cama.

Sentindo-me em desvantagem, faço a mesma coisa com ele, que sorri de forma maliciosa enquanto morde seus lábios daquela forma safada, que enlouquece qualquer ser. Ele logo desce suas mãos pelas minhas costas e encontra o fecho do meu sutiã, desfazendo-o. Sua boca cai sobre meus bicos enrijecidos, e uma necessidade ainda mais forte em tê-lo dentro de mim me toma.

— Você é perfeita, meu amor. — diz, com sua língua brincando com meus mamilos apertados. Minhas costas se arqueiam, querendo e precisando de mais.

Deus! Ele, sim, é absolutamente perfeito!

Luca é o epítome da aptidão física e da perfeição. Lindo demais. Tão lindo, que não tem como não ficar insegura com tamanha perfeição. Perfeito de todas as maneiras que eu sequer poderia começar a enumerar. Mas o problema está justamente aí: Ainda que eu tenha minhas inseguranças, Luca nunca permita que eu me sinta dessa maneira, pois ele faz questão de me dizer o quanto sou perfeita para ele com não apenas com palavras, mas também com o olhar, com suas atitudes, seus toques... Tudo.

Suas mãos estão em todos os lugares, prestando homenagem às minhas curvas, que ele sempre fazia questão de repetir que amava. Sua carícias vão descendo lentamente, e, com uma mão, ele delicadamente abre minhas pernas. Eu me sentiria envergonhada se não fosse a forma como Luca me olha: de forma crua, com paixão, desejo, devoção. Ele segura minhas coxas e morde cada lado dela, como sabe que eu gostava e ficava doida ansiando por mais quando fazia. Quando seus dedos brincam com meu clitóris, quase alcanço o ápice, tamanho desejo em que me encontro. Apenas um roçar de seu dedo e sua respiração em minha carne sensível, são o suficiente para fazer meu corpo começar a tremer. Meus quadris se levantam para atender o seu toque, ansiando, desejando, pedindo mais.

— Adoro saber o que lhe provoco. A cada dia que passa, você parece mais sensível, amor. Eu amo isso. — ele murmura, assoprando e deslizando um dedo pelo meu canal molhado, fazendo com que minhas costas arqueiem, enquanto um suave grito é arrancado da minha garganta.

Depois disso, sua boca me ataca com perfeição, da forma *Luca-de-ser*, daquele seu jeito preciso de me enlouquecer. Meus quadris balançam descaradamente contra sua boca, enquanto o movimento dos seus dedos com a língua e o seu grunhido de aprovação, enviam-me direto para a libertação. Meu corpo se quebra, partindo-se em milhões de pedaços enquanto gozo. Grito o nome dele, de uma maneira que não tenho certeza de que não foi suficiente para que possa ter sido ouvida por todo o hotel. Mas então, solto um outro grito, um grito surpreso, quando ele rapidamente entra em mim, preenchendo-me da maneira perfeita que só ele pode e consegue me preencher.

Ainda convulsionando do primeiro orgasmo, Luca começa a se mover dentro de mim, aumentando meus espasmos de prazer ou me trazendo de volta para a borda, tomando-me no que me parecer com um orgasmo sem fim. Tenho que morder de leve seu ombro para não gritar com o prazer disso, pois o prazer parece quase demais para suportar. Ele enterra a cabeça em meu pescoço e faz uma pausa, visivelmente para tentar recuperar seu fôlego. Na minha impaciência, levanto meus quadris para ele,

e ele geme, empurrando-se com força contra mim. *Quero mais... Na verdade, preciso de mais!* Digo isso a ele com o olhar, e Luca surpreendentemente entende e parecendo ainda mais ansioso, faz o que peço.

Quando se trata de nós dois, como sempre entregamo-nos de corpo e alma. Tudo apenas parece mais e melhor quando estamos juntos. É como se tudo sempre se intensificasse entre nós dois. Quase uma experiência transcendental. Depois de mais algum tempo, finalmente encontramos nossa libertação. Quando ele se derrama dentro de mim, seus olhos, que agora estavam languidos de prazer e são tão azuis, que quase parecem irreais, me diziam que eu não teria mais como correr. Pude ver ali a certeza de que independente de qualquer coisa, nada entre nós poderia ser diferente.

Somos nós dois... Tão perfeito, tão sublime... E assim será, para sempre.

Capítulo 6

No dia seguinte cedo, não tive nem tempo de me preocupar com a ressaca, quanto mais com a minha atual situação com Luca, pois encontramos com os outros para o café da manhã. Não estava enjoada, apesar da leve dor de cabeça por causa do vinho, porém estava tão faminta, que só percebi que estava comendo demais quando vi Luca com a sobancelha levantada, olhando-me, intrigado pela minha compulsão. Meia hora depois do café, já estávamos indo em direção à garagem. Luca havia providenciado dois carros para viagem até a casa da sua tia, que ficava em uma cidade próxima a Roma. Um para nós dois e outro para o restante da família. Cheguei até a pensar em argumentar que não precisava, mas não precisei pensar duas vezes sobre irmos sozinhos, quando vi a loira azeda da Anitta me olhando. Fiquei até enjoada com sua cara, coisa que a ressaca não havia feito comigo e ela conseguiu.

Também entendo completamente o motivo de Luca querer ir dirigimos, quando paramos de frente aos carros na hora de sair. Meu queixo caiu completamente para falar a verdade. Enquanto sua família iria em um belo SUV de luxo, nós iríamos em uma muito linda e muito vermelha *Ferrari*. Por mais fascinada que eu estivesse com o carro, foi impossível não revirar os olhos pelo “menino” que Luca se tornou diante dela.

Tsc. Homens! Os carros são brinquedos para os homens, assim como sapatos e bolsas são para mulheres!

Quando viu minha cara para ele, nem precisou que eu dissesse nada sobre sua escolha, pois Luca como sempre parecia ler meus pensamentos e começou a rir, antes de me puxar para um beijo.

Luca e Ferrari? Absolutamente. Eu posso me acostumar com isso!

— *Baby*, você pode pegar no meu *iPhone* o endereço que Mariella enviou no meu e-mail, para que eu possa configurar o GPS? — ele pergunta, enquanto dá ré para sair da garagem.

— Tudo bem. — respondo, alcançando seu celular no console. Assim que consigo abrir seu e-mail, congelo em surpresa. — Lucca? — pergunto, sobre o lugar.

— Oi, *baby*. — ele responde, achando que estou falando com ele.

— Não, Luca... Não você. — digo, rindo. — Estou falando sobre o lugar. Sua tia mora em Lucca? — pergunto, olhando para ele e um sorriso compreensivo se espalha em seu rosto.

— Sim. — responde, ainda sorrindo, voltando seu olhar para estrada. Em seguida, encosta e configura as instruções no painel do GPS.

Meu Deus! Podia ter maior coincidência do que a cidade que seu avô se escondeu ter o mesmo nome dele?

— É por coincidência? Quer dizer... Seu nome ser o nome de lá? — pergunto, curiosa.

— Não que eu saiba, *princesa*. Sei que *mamma* escolheu pelo significado do meu nome. — Dá de ombros.

Depois de três horas ao som de Jason Mraz e Bon Jovi, que eu tenho de dar graças a Deus pelo gosto de musical de Luca ser igual ao meu, finalmente chegamos a Província de Lucca, localizada na tão famosa região da Toscana. O lugar era lindo. As grandes muralhas de mais de quatrocentos anos ainda cercam a cidade e só a vista da fortificação já valeu à pena a visita. Porém os palácios e construções monumentais conseguem ser ainda mais atrativos e merecem muitos momentos de pura contemplação. As ruas de Lucca ainda seguem o padrão da antiga colônia romana. Suas ruas são estreitas, causando uma impressão de aconchego. Suas ruelas medievais, de traçado aparentemente

regular, guardam labirintos complicados e tive certeza que se não tivéssemos usando um GPS, poderíamos facilmente nos perder.

A verdade, é que estou tão encantada com tudo ao nosso redor, que não sei exatamente para onde olhar.

— Lindo, não é? — ele pergunta, parando o carro, onde podíamos ver não apenas a cidade de Lucca, mas também suas cidades vizinhas.

— Muito. — respondo, antes de olhar para ele, para encontrá-lo sorrindo para mim.

— Já valeu a pena ter vindo, só por ver esse seu olhar se iluminar dessa maneira. — Ele pega no meu queixo, me puxando para ele. — Só por ter visto você sorrir assim. — afirma, de forma doce, e meu sorriso só cresce.

— Por que você tem que ser tão encantador? — pergunto, antes de lhe dar um beijo leve nos lábios.

— Não sei. — diz, colocando o dedo no queixo, fingindo estar pensando sobre minha pergunta. — Talvez seja simplesmente porque eu preciso estar conquistando essa mulher cabeça dura o tempo todo, lhe provando que eu a amo e que ela é a mulher da minha vida — brinca, antes de me fazer rir, antes de voltar a me beijar.

Depois de me perder, vendo tudo de lindo na cidade enquanto passeamos, acabei me distraíndo ao enviar uma mensagem para minha mãe e Carol, antes de olhar para cima e meu queixo literalmente cair. Estávamos simplesmente entrando em uma propriedade com uma ampla plantação de uva e um lindíssimo palácio medieval no alto. Era tudo tão lindo ali, que parecia ter saído de um livro de romance histórico.

Senhor! Eu acho que morri e fui para o céu das propriedades mais lindas!

— Oh. Meu. Deus! — murmuro, incapaz de me segurar.

— Que bom que você me poupou de dizer qualquer coisa. — Luca murmura, parecendo tão chocado quanto eu.

— Onde estamos? — tive que perguntar.

— No endereço que Mariella me passou por e-mail.

— Você tem certeza de que estamos no lugar certo? — pergunto, ainda sem acreditar.

— Se o GPS não estiver errado, sim. — ele responde, ainda parecendo incrédulo.

Quando o carro finalmente para em frente ao palácio, consegui ficar ainda mais encantada. A vista do vinhedo, um longo jardim em forma de labirinto e a cidade de Lucca ao longe, são sem sombra de dúvidas, a coisa mais linda que já vi em toda minha vida. É como se meu sonho arquitetônico-medieval estivesse se tornando realidade. E ainda por cima com vinho.

Jesus! Muito bom para ser verdade.

— Tudo bem. Agora, deixe de brincadeira e vamos pra casa de sua tia. Esse lugar não pode ser real. — digo, ainda sem acreditar no que estou falando, pois eu definitivamente não queria sair dali.

Luca parece um pouco confuso com o que eu disse, porém ele logo cai na gargalhada.

— Só você para me fazer rir quando estou tão nervoso, *baby*. — ele diz, dando-me um beijo doce. — Vamos. Os outros devem chegar em breve. Essa é uma das coisas importantes de uma *Ferrari*: sempre chegamos primeiro. — fala com uma piscadela, antes de tirar seu cinto e abrir a porta do carro, saindo.

Assim que saio do carro, abro minha bolsa e pego meu espelho. Tenho certeza de que meu cabelo está horrível, pois havíamos viajado com a capota do carro abaixada, mas, ainda assim, consigo me surpreender ao dar de cara com o horror que meu cabelo está quando vejo meu reflexo. Passo rapidamente uma escova, ajeitando meus cabelos, porque eu não podia perder tempo para poder

admirar tudo aqui.

Nunca vi algo tão lindo! E, por mais louco que seja, algo na energia desse lugar me faz sentir acolhida...

Sabe aquela sensação que se tem em casa? Pois bem, é exatamente assim que me sinto. *Talvez seja o vinho*, pensou o meu lado alcoólatra. Mas o restante dos meus pensamentos foram interrompidos, quando o barulho de uma porta pesada se abriu a cima de nós. No alto da casa, está, sem dúvidas, Mariella. Eu a reconheci não apenas porque eu já havia visto sua foto no *Facebook* anteriormente, mas porque, pessoalmente é ainda mais impossível negar o quanto ela se parece com o Sr. Campanaro. O sorriso emocionado que ela nos deu ao nos reconhecer, faz meu coração bater mais forte, e eu realmente me dou conta do que estamos fazendo.

Está realmente acontecendo esse reencontro...

— Luca. — ela murmura, com a voz embargada, e ele assente.

Poucos segundos depois, Mariella desce as escadas, vindo até ele e o abraça, surpreendendo não só a ele, mas também a mim. Ela o abraça com força e emoção, começando a chorar. Luca a abraça de volta, e, por mais emocionado que esteja, olha-me um pouco sem jeito com a reação de sua tia. Eu até entendo meu amor, porque há menos de 48 horas, ele nem ao menos sabia de sua existência.

— Desculpe por isso. — Mariella diz, limpando suas lágrimas ao se afastar. — Mas *io* realmente *no* acredito que *voi* esteja *qui*. Tu é *molto* mais *bello* do que nas fotos que vi na internet. — ela diz, e ele sorri, visivelmente sem jeito pelo elogio recebido. Mas tenho que concordar com ela, pois apesar de ser fotogênico, Luca é muito mais lindo pessoalmente do que pelas fotos.

Assim que Mariella falou, pude perceber que, apesar do sotaque italiano muito mais carregado do que o de *Nonna*, ela falava o português muito bem. O que me parece um pouco estranho, visto que estamos em uma cidade distante. Não acredito que aula de português seja realmente fácil por aqui.

— Não precisa se desculpar, Mariella... Uh... — Luca gagueja. — A verdade é que ainda estou um pouco surpreso em tudo. — admite.

— Eu sei, *bambino*. Tanta *cosa* para lhe contar. — Ela se vira para mim. — E essa *ragazza bella*, com certeza deve ser Sophia. — Sorrio, e ela vem até mim.

— Sim, Mariella. Um prazer. — digo, abraçando-lhe e sendo envolvida em uma nuvem de *Chanel n°05*.

— *Grazie*. — ela diz, emocionada, antes de me abraçar de novo.

Já na sala, estou muito encantada com a decoração para me lembrar do que vim fazer aqui. O lugar é lindo demais para o bem de uma profissional apaixonada por arquitetura como eu era e ainda por cima era perfeitamente conservado para a idade da propriedade. Mas a forma como Luca ainda parecia um pouco tenso com a situação, me trouxe para realidade. Aperto sua mão, para mostrar que estou ao seu lado, assim que nos sentamos no sofá.

— Vocês aceitam *una* água, um café ou um suco? Ou, quem sabe, um *vino* do *nuestro* vinhedo. — Mariella oferece, parecendo tão nervosa quanto nós.

— Não. Obrigada. — respondo, educadamente.

— Não. Obrigado. — Luca repete. — Desculpe, Mariella, mas *Nonna* está chegando e breve com meu papa. Só que antes deles chegarem, eu realmente gostaria que você me contasse o que aconteceu. Você me disse no email que seu pai também está vivo. Onde ele está? — pergunta, parecendo mais nervoso ao tocar no assunto.

— *Scusa*, Luca. Sei que você tem muitas perguntas, e *io* realmente acho que você merece ter suas respostas. *Papa* está lá em cima. E é a partir do porquê dele estar lá em cima, que começa *tutta la storia*...

— Não entendi. — Luca fala, ainda mais tenso do que antes.

— *Bueno*. — Ela começa a falar e suspira. — *No tene un* ano que *io* descobri *tutto*, mas a *storia* começa basicamente assim: *Papa* fugiu comigo pra Itália, para tentar uma *nuova vita*. A moça que ele contratou para cuidar de mim quando chegamos, me contou apenas no seu leito de morte a verdade.

— Porque ele não te contou? — Luca pergunta, sem entender o que ela quer dizer com isso e eu também não entendo o que ela quer dizer com isso.

— Porque *Papa* *no* se lembra de *niente*. — explica, com a voz embargada.

— Como assim? — pergunto, sem querer.

— *Así* que chegamos na Itália, *papa* descobriu que havia herdado *ese* palácio. Como o vinhedo estava sem produção há muitos anos, ele resolveu reerguer *ese* local. Ainda que estivéssemos *aquí*, ele escrevia cartas para *mia mamma* toda semana. — Ela se levanta e traz consigo uma enorme caixa, colocando-a na frente de Luca.

— *Nonna* nunca recebeu notícia alguma. — Luca rapidamente diz.

— *Io sé...* Porque elas nunca foram realmente enviadas. — ela diz, apontando para a caixa.

— Como assim? — pergunto, novamente.

— “Josefà” o nome dela. *Papa* a contratou para que ela cuidasse de mim, assim que chegamos. Ele pretendia reerguer *ese* lugar e voltar para pegar *mamma* e August no Brasil. Ele escrevia as cartas e pedia para que ela enviasse, mas ela nunca as enviou realmente. — Mariella diz.

— Ele nunca descobriu? — Luca pergunta surpreso.

— *No*. — Ela nega com a cabeça. — Ele confiava nela e *no* tinha tempo para fazer isso. *Papa* era muito trabalhador, fazia *tutto* sozinho por aqui — explica.

— Mas se ele fazia tudo isso, por que ele nunca voltou realmente? — Luca pergunta, novamente.

— Porque ele não se lembrava, Luca. *Papa* perdeu a memória cerca de *un* ano após *nostra* chegada em Lucca. Por causa de *un* parente distante, eles brigaram pela propriedade, e ele acabou recebendo um tiro na cabeça. — Minha mão cobre minha boca, em horror. — *Papa* passou mais de dois anos em coma, e, quando finalmente acordou, simplesmente não se lembrava de *niente*. — Mariella explica, com lágrimas nos olhos e Luca aperta minha mão.

— Ele não se lembra de nada? — Luca pergunta e ela confirma.

— Às vezes, ele *tenia un* momento de lucidez e *dicia* algumas *cosas*, mas nós nunca sabemos se são memórias reais ou inventadas. Quando ele pôde se levantar da cama, não se lembrava de *niente*, nem de mim, mas sabia como trabalhar na terra. — Mariella diz, ainda triste.

— Você não se lembrava de nada? — pergunto, emocionada.

— *Niente*. Eu era muito *bambina*. *Pocas* memórias eu *tenia* de *mia mamma* e de *mio sorello*. Quando Josefà me contou toda *la* verdade, muitas *cosas* começaram a fazer sentido para mim. Eu sabia que tinha um *sorello* e uma *mamma* amorosa, mas *no tenia* ideia de como encontrá-los. Até minha certidão de *nascimento* foi falsificada para que eu pudesse vir embora do Brasil para cá. Eu *no* sabia o nome de *mia madre*, *no* sabia o sobrenome dela verdadeiro... Eu queria mais do que *tutto* encontrá-la, mas *no* sabia como. — ela diz, com mais lágrimas e percebo que também estou chorando. Luca, no entanto, está pálido com todas essas informações.

Coloco-me no lugar de Mariella e imagino a sua dor por além de não poder e nem saber como encontrar sua mãe, também tinha um pai que nem ao menos lembrava dela. Deve ter sido tão doloroso ter vivido todos esses anos indo atrás da sua mãe e sem nem ao menos saber para onde ir.

— Então, por todos esses anos você a procurou, sem saber onde procurá-la? — Me arrisco em perguntar e Mariella confirma com um aceno.

— *Si*. *Io teno* certas lembranças de *una* fazenda, e lembrava das pessoas falando em português...

Então eu imaginava que fosse ou no Brasil ou em Portugal. — ela diz.

— Por isso você fala português tão bem? — pergunto. Mariella sorri.

— *No*. Além de *Papa* falar um *poco* de português, *mio* marido é brasileiro. Na verdade, ele foi *mio* primeiro marido, e voltamos a nos casar novamente há *pocos* anos. Há muitos anos, fui ao Brasil atrás de respostas e foi então quando o conheci. Como *no* podia ficar muito tempo longe daqui, por causa de *papa*, voltamos para cá e nos casamos. Ele e minha filha mais velha, Nina, foram morar em Portugal quando nos separamos, alguns anos depois. Então, me esforcei para aprender português — confia-nos.

— Você fala muito bem. — parablenzo, e ela sorri.

— Obrigada, *bambina*. — agradece.

— Desculpe, Mariella. Ainda estou um pouco confuso com tudo que ouvi. Você disse que soube há cerca de um ano sobre tudo isso. Como foi mesmo? — Luca pergunta, e ela assente.

— Bom... — Ela suspira. — Josefa confessou que era apaixonada por meu *papa*, por isso, escondia as cartas que ele mandava para *mia mamma*. Com seu acidente, ela também escondeu *mia* certidão de nascimento original, que *papa* ainda mantinha. Ela *dicia* que nos amava e fez isso por amor. Então, eu não tinha como encontrar ninguém. — explica e apesar do seu olhar magoado, pude perceber que ela considerava muito essa mulher. Eu não a condenava por isso, porque ela havia sido meio que uma “mãe” para ela.

— E, quando você descobriu, tentou nos encontrar? — Luca pergunta.

— Lógico! *No* tinha ideia de como, então, contratei um detetive para encontrar vocês. Mas ele nunca teve sucesso. Antes disso, *io* sabia apenas o sobrenome, e não sabia o nome de *mia mamma*. Até que depois que falei com Sophia, fiquei encucada sobre como *las storias* batiam. Josefa havia me dito onde achar a caixa, mas ela estava tão fraca e debilitada, que não consegui entender onde estava. Procurei por todos os lugares da casa e não a encontrava, até que assistindo seu filme preferido, a personagem principal escondia alguns objetos embaixo de uma tabua solta no piso que ficava embaixo da cama. Mesmo que eu achasse besteira, resolvi tentar a sorte e para minha surpresa finalmente encontrei a caixa com as cartas e *mia* certidão original que Josefa escondia. — ela diz, dando de ombros.

— Que estranho... — Luca diz, levantando-se e andando de um lado para o outro. — O sobrenome de *nonna* é conhecido. Quer dizer... Por causa da empresa, praticamente todo o Brasil conhece a mim ou ao *papa*. Seria difícil alguém não identificar nossa família, principalmente um detetive particular. — Luca diz, sem entender.

— *Si*, eu sei. Eu também procurei, e quando soube sobre vocês, o detetive me garantiu que os *Campanaros* da Campanaro Empreendimentos *no* tinham nenhum grau de parentesco conosco. Então, ainda que estivesse frustrada com mais uma pesquisa sem sucesso, voltamos pra estaca zero. — Mariella responde.

— Mariella, mas se isso aconteceu, quando eu lhe encontrei no *Facebook*, você não estranhou? — pergunto, ainda confusa.

— *Si*, *bambina*, porque o próprio detetive já havia dito que *no* era a *famiglia* que *io* procurava. Por isso que demorei mais tempo para respondê-la ou a procurar Luca. Porque voltei a investigar vocês com outro detetive, pois o outro que eu havia contratado simplesmente sumiu. Então, quando o outro detetive trouxe as informações que pedi, vi que tudo se encaixava e o detetive anterior estava enganado. — explica-se.

— Não, não. — Luca diz, do outro lado da sala. — Eu não acho que isso foi engano. — comenta, com uma voz estranha.

— Como? — Mariella pergunta.

— Mariella, desculpa, mas acho que fomos enganados. Alguém tentou fazer com que nossa família não se reencontrasse. — Luca diz simplesmente.

Capítulo 7

Meu Deus! Será que Luca tem realmente razão?

Eu estava chocada com sua suspeita. Tudo bem que essa história sobre o detetive ter se enganado estava realmente meio mal contada, mas será que alguém seria capaz disso? Faria isso com pessoas tão boas como eles? Uma família que, por causa de uma tragédia, havia se mantido longe por tanto tempo, mas separá-los de propósito era cruel e inconcebível.

Nossa! É muito difícil de se aceitar uma monstruosidade dessas...

Eu ainda estava tentando assimilar suas suspeitas, mas antes de falarmos mais alguma coisa, fomos interrompidos pela campainha. Luca disse a Mariella que deveria ser a *nonna* e o restante da família, mas pediu para que ela não contasse sobre suas suspeitas, para que não a deixássemos mais nervosa do que ela já estava com esse encontro. Eu concordei, pois para mim já era muita coisa para *nonna* de uma vez só.

No momento que a porta se abriu, tive certeza de que as comportas da minha choradeira se abririam também e não deu outra. *Nonna* entrou parecendo um pouco nervosa, mas, no momento em que seus olhos se puseram sob sua filha, o conhecimento a cegou, fazendo-a tremer de tanto chorar. Sr. Campanaro amparou sua mãe e sem dar uma palavra, Mariella correu para os braços de sua mãe e elas se abraçam estupidamente emocionadas. Um abraço que as duas esperaram mais de cinquenta anos para acontecer. As duas passaram minutos nesse abraço, chorando. Pudemos vê-las murmurando palavras de carinho e saudades uma pra outra. Foi muito difícil e impossível não se emocionar com a cena. Pois a impressão que eu tinha, é que parecia que o tempo havia parado, ali, para elas. Só percebi o quanto estava chorando, quando Luca me abraçou e me beijou, antes de enxugar as lágrimas e dizer:

— Obrigado por reunir nossa família novamente. — sussurrou, entre meus lábios.

Fui incapaz de dizer qualquer coisa. Apenas agradei silenciosamente a Deus por ter nos dado a oportunidade disso finalmente acontecer.

Depois de mais abraços emocionados entre Mariella, o Sr. Campanaro e depois Mariah, a primogênita da família repetiu a história triste que os cercou. E depois de tanto tempo, *Nonna* finalmente recebeu as cartas que nunca chegaram para ela e que além de pedir desculpas por ter duvidado da sua honestidade, também faziam declarações de amor e de saudades. Mais uma vez ela chorou nos braços dos seus filhos. Tentando recuperar o tempo perdido, Mariella nos contou que tinha quatro filhos: Nina, que ela já havia comentado, ser fruto do seu primeiro e, agora, quarto casamento; Ruan e Julio, gêmeos do seu segundo casamento; e Nancy, do seu terceiro casamento. Todos os seus filhos moravam na redondeza, com exceção de Nina, que ainda morava em Portugal, onde trabalhava como diretora financeira de uma empresa. Nancy era diretora de uma escola primária. Já os filhos homens cuidavam do vinhedo.

— Mariella, *Figlia* e seu *papa*? Podemos vê-lo? — *Nonna* pergunta, finalmente.

— Claro que podem, *mama*. Mas quero lhe lembrar que ele no lembra de *niente*. Principalmente agora, com o Alzheimer e os derrames que teve. — Mariella diz, com cuidado.

— Tudo bem, *figlia*. *No* há problemas. Apenas gostaria de revê-lo. *No* há mais magoa, agora, que sei de *totta la* verdade. — *Nonna* diz, com carinho.

— Obrigada por isso, *mamma*. — Mariella agradece, antes de voltar a abraçá-la.

Seguimos andando pelo casarão até subirmos uma enorme escada de madeira polida, forrada com

um carpete vermelho e detalhes em ouro. *Veja bem: ouro!* Por todos os lugares que passávamos, haviam quadros e mais quadros incríveis, peças de obras de arte e móveis clássicos. Tudo na casa ainda estava em perfeito estado de conservação. É como se eu tivesse dormido e acordado no século dezessete. Me senti como minha cara, Sofia, do livro *Perdida* da Carina Rissi.

Senhor, estou quase tendo um orgasmo arquitetônico de tanto detalhe rico aqui!

Paramos em frente a uma porta no corredor, que Mariella logo abre sorrindo com carinho para todos nós. Ao contrário do que achava que poderia encontrar no quarto de uma pessoa que inspirava cuidados, o cheiro de rosas circulava dentro do ambiente, ao invés típico cheiro hospitalar que cogitei que houvesse.

— Uh. Er... Acho que preciso de um minuto. — Sr. Campanaro avisa, afrouxando a gravata.

Nos viramos para encontrá-lo um pouco pálido mais pálido do que o normal, não parecendo estar realmente bem. Depois de tudo que *nonna* havia me contado, eu sabia o quanto isso deveria ser difícil para ele, pois ele havia passado toda a sua vida acreditando que seu pai tinha abandonado a ele e à sua mãe. Anos se passaram com ele acreditando que não passava de um bastardo, e eu não sei realmente, o que está se passando em sua cabeça nesse momento. Principalmente quando ele acreditava que seu pai não queria vê-lo e que por causa disso esse encontro nunca chegasse a acontecer. E embora hoje ele saiba que nada nessa história havia sido como ele acreditava que fosse, talvez ele esteja realmente receoso por esse encontro.

— Bem. Eu acho que eu deveria ficar. Acho que vocês precisam de um momento em família. — ouço-me dizer.

— O que você disse, *baby*? — Luca pergunta, visivelmente sem entender o que eu havia dito.

— Não seja boba, *bambina*. Você faz parte dessa *famiglia*, e, se não fosse por você, talvez *nuestro* reencontro nunca estivesse acontecido. — Nonna diz, segurando minhas mãos e me puxando, para que eu a siga e pela minha visão periférica, pude ver Anitta torcer a boca em desgosto.

Não hesitei em obedecê-la, porque, se a mulher que passou os últimos cinquenta anos sem sua filha e seu marido quer que eu esteja ao lado deles nesse momento, quem sou eu para contestar? Jamais faria isso. Ainda tentaram convencê-lo, mas o Sr. Campanaro permaneceu no corredor com Anitta. Não que eu ou qualquer pessoa ali, fizesse questão da companhia dessa mulher antipática. Muito pelo contrário, quase pude ouvir o agradecimento saindo da boca de todos.

Assim que passamos pela porta, me deparei com um enorme e suntuoso quarto bege, decorado com moveis clássicos, diante de nós. A enorme cama de madeira em que o Sr. Pedro se encontra deitado, estava estrategicamente posicionada abaixo de uma enorme janela, que era coberta por uma cortina com a mesma estampa da roupa de cama. Quando falamos sobre o Sr. Pedro mais cedo, Mariella havia nos explicado que, além do Alzheimer, ele também havia tido uns derrames há alguns anos, que foi o que acabou deixando-o acamado.

Mariella se aproximou de sua cama e beijou sua testa, antes de se sentar ao lado de senhor com cabelos ralos e grisalhos. Apesar de parecer comprido, Sr. Pedro era grande, mas por causa da sua magreza e idade, dava um pouco de medo de quebrar. Quando sentiu a presença de Mariella, ele abriu seus olhos azuis e ainda que sonolento, sorriu para sua filha.

— *Papa*, alguma pessoas vieram ver o *señor* hoje. Eles são muito importantes para nossa *famiglia*. — ela diz, de forma doce e ele olha para onde estamos atrás de sua filha, parecendo curioso.

Nonna aproveitou a deixa e se aproxima da cama. Quando a vê, Sr. Pedro a olha com curiosidade, com um leve traço de sorriso em seus lábios enrugados. Emocionada, ela chega mais perto, enquanto ele ainda a olha, como se quisesse fazer força para reconhecê-la.

— Quando tempo, Pedro. — Nonna murmura, com a voz fraca.

Os olhos de Sr. Pedro brilham, e um conhecimento parece passar pela sua cabeça, mas ele nada diz. Ele apenas sorri para ela e volta a olhá-la com cuidado. É como se, mesmo que não se lembre, no fundo ele saiba que está de frente à mulher que um dia amou.

— *Scusate*. No estou certo, mas acho que te conheço. — Sr. Pedro diz, com a voz ainda mais fraca e um sotaque misturado.

— *Si*, nós nos conhecemos. — Nonna afirma, ao se sentar no lugar que Mariella cedeu para que ela sentasse ao seu lado na cama. — Na verdade, *io* estive esperando mais de cinquenta anos para revê-lo. — ela diz, com a voz embargada.

Assim que vejo uma lágrima escorrer pelo rosto de Nonna, seguro a enorme vontade que tenho de chorar com a cena diante de nós. Luca me puxa, antes de me apertar junto a si e também faz o mesmo com Mariah, que automaticamente começa a chorar baixinho em seu peito ao meu lado.

— *Papa*, *questa é* Fiorella. Você *no* se lembra, mas *mia mama*, *su sposa* e *mama* do seu outro *figlio*, August. Lembra que *io* lhe disse que tínhamos *una famiglia* no Brasil? — Mariella pergunta, com doçura.

— *No mi* recordo. — Ele se vira pra sua filha. — Como *io* poderia esquecer que tinha *una sposa* e *uno figlio*? Que espécie de marido bastardo sou, que no lembro? — Sr. Pedro pergunta, nervoso.

— Pedro, está tudo *bien*, *cariño*. *Voi* esqueceu *perché* teve *un* acidente e também esteve doente. *Io sé* que *no* fez por mal. — Nonna murmura, com carinho, acalmando-o.

Ainda parecendo um pouco contrariado, Sr. Pedro olha para longe e põe seus olhos sob nós três, mais precisamente em Luca. Se um leve conhecimento passou por ele quando viu Nonna, quando seus olhos encontram com os de Luca, parece que ele realmente o reconhece, mesmo sem ter nunca ter visto seu neto antes.

— Seu nome é August? — ele pergunta a Luca, e o mesmo fica com o corpo tenso ao ouvi-lo dizer o nome do seu outro avô.

Oh, meu Deus! O que ele disse?

— O que o senhor disse, *papa*? — Mariella pergunta, parecendo tão surpresa quanto nós.

— O nome dele é August. August Di Palacci. Ele é *mio* amigo... Não é? — ele pergunta, com um enorme sorriso, apontando seu dedo trêmulo para ele, esperando uma confirmação.

Todos nós nos entreolhamos, ainda mais surpresos por ele falar isso tudo, ainda que ele tenha tido sua memória comprometida após o acidente. Luca se afasta de mim e de Mariah no momento em que ele disse isso. Enquanto Mariah e eu nos abraçamos, vemos ele chegando mais perto da cama. Tudo pareceu se encaixar quando entendemos que ao ver Luca, ele achou que seu neto na verdade era seu avô materno falecido. Sr. Pedro sorri ainda mais quando Luca se ajoelha ao seu lado na cama.

— Desculpe, senhor. Mas meu nome é Luca.

— *Ma voi si* parece tanto com *egli*... — Sr. Pedro afirma, confuso, fazendo Luca sorrir.

— Sim, obrigado. Minha *nonna* diz muito isso para mim. Fico feliz e orgulhoso do senhor achar, porque sou neto de August Di Palacci e ele era um grande homem. Porém sou seu neto, também. — Luca diz, baixinho, e Sr. Pedro sorri, parecendo emocionado.

— Você é *mio* neto? Neto de August? — ele pergunta, contente e todos nós sorrimos.

— Sim. Você é *mio nonno*. — Luca afirma, e Sr. Pedro passa suas mãos enrugadas em seu rosto, que sorria com carinho para o avô.

— Mas *voi* não é *figlio* de Mariella... Acho que me lembraria caso *voi* fosse. Não é? — ele pergunta, confuso, e Mariella confirma, sorrindo, um pouco emocionada.

— *Si*, Pedro. Luca é *nostro* neto. Ele é *figlio* de *nostro figlio* mais novo, que também se chama

August. — Nonna afirma, com doçura.

— Outro *figlio*? Ele *no* está *qui*? *Perché* ele *no* está aqui? — ele pergunta, procurando-o pelo quarto.

— Sim, *papa*. Estou aqui. — Ouvi a voz embargada do Sr. Campanaro atrás de nós.

Sr. Campanaro passa por nós para se aproximar da cama e, com lágrimas nos olhos, olha para seu pai. Luca se afasta, para que seu pai possa estar mais perto do pai dele, antes de voltar a abraçar Mariah e eu, enquanto nós cinco observamos os dois conversando como dois conhecidos, depois de todos esses anos. Enfim, o reencontro da família que, por tanto tempo, esperou que esse momento acontecesse. Deus estava sendo mais do que maravilhoso.

Capítulo 8

Apesar de Luca ter reservado Hotel para todos nós, Mariella insistiu para que ficássemos todos na propriedade da família. Não que eu pudesse achar realmente ruim fazer esse “esforço”, porque estava maravilhada demais e doida para conhecer tudo ali. Meu lado arquiteta estava ignorando o fato de ter que aguentar Anitta perto demais. Esse para mim era definitivamente um preço pequeno a se pagar.

Passamos o dia todo explorando a propriedade e inclusive tivemos o prazer de conhecer todas as etapas da produção dos vinhos, me deixando cada vez mais apaixonada por tudo. Aqui eles cultivam alguns tipos de uvas diferentes. Entre elas, estão a *brunello* e o *sangiovese*, que é o tipo de uva mais comum na produção de vinho da Toscana. O vinho daqui carrega o sobrenome da família *Della Cella*. O *Della Cella* é produzido a partir da uva *brunello*, que é uma variação da uva *sangiovese*. O *brunello* deve envelhecer no mínimo dois anos na madeira do barril e depois passar mais quatro meses na garrafa para depois, para só assim ser colocado à venda. Como a produção era mais demorada e o processo para finalmente o vinho encher a garrafa era mais lento, apenas cerca de duas mil garrafas do vinho *Della Cella* eram colocadas à venda todo ano. Consequentemente, tornava seu vinho de um sabor único, raro e bem caro.

À noite, finalmente pudemos conhecer os filhos de Mariella. Nina, a mais velha, ainda morava em Portugal, mesmo após seus pais terem voltado a se casar há cinco anos. José, o marido de Mariella, é brasileiro, gaúcho e muito, as muito simpático. Logo se deu bem com todos e não demorou para parecer ser amigo de infância do seu cunhado. Como era de se esperar, Mariella e *Nonna* não se desgrudam um minuto sequer. Mas ainda que sua filha não saísse de perto, *Nonna* ainda conseguiu espaço para babar por seus netos, que já são queridos por ela e podemos sentir que era recíproco com toda certeza.

Cheguei a achar que depois do jantar não demorariamos muito e iríamos pra cama, porque nossa viagem, apesar de gostosa, definitivamente havia sido um pouco exaustiva. Mas claramente me esqueci que os vinhos italianos são deliciosos e eu os amo, fora que eu podia me sentir em casa com a recepção de todos ali. Todos os membros da família são além de lindos, mas também inteligentes, adoráveis e fascinantes. Em pouco tempo, descobri que eu era praticamente uma bilíngue, enquanto conversava com os *Campanaro's* italianos em “portuliano”.

Vinhos, *bruschetta*, cigarros e um quase opressor nível elevado de testosterona, é tudo tão fodidamente italiano, que fiquei quase depressiva por ter sido enganada pela teledramaturgia brasileira. Fiquei seriamente com vontade de escrever uma carta repreendendo Benedito Ruy Barbosa, para que ele estudasse melhor sobre os italianos, antes de fazer suas próximas novelas.

Enquanto todos pareciam se divertir e se deliciar com nossa noite, Anitta manteve aquela sua cara de quem comeu e não gostou. Sério. Parecia que estava cada vez mais difícil para que ela mantivesse sua fachada de “esposa perfeita”. E eu não via a hora da sua máscara finalmente cair. Porém, sendo a simpatia que ele é, Sr. Campanaro tentou fazer com que ela se desse bem com sua irmã, ressaltando suas poucas qualidades, qualidades que, convenhamos, poderiam fazê-la estar apta para se inscrever no próximo *Big Brother Brasil*. Mas, apesar da forma simpática com que Mariella tentou tratá-la, sei que ela fez não apenas por educação, mas principalmente para agradar seu irmão. Só que convenhamos, Anitta não é o tipo de pessoa com a qual dá para ser simpática por muito tempo.

Quando enfim nos recolhemos, depois de um banho bem quentinho e de um amor bem gostosinho, Luca e eu nos deitamos na espaçosa e linda cama de dossel em madeira que nossa enorme e linda

suíte continha. Aproveitando o frio gostoso típico da região, enrolados no edredom, nos abraçamos de conchinha, com aquele encaixe perfeito que só nós temos. Confesso que estava um pouco cansada, ou muito bêbada, de todas as taças de vinho que havíamos tomado. Porém não podia deixar de apreciar o momento com ele. Luca beija suavemente a curva do meu pescoço, juntando-me ainda mais a ele e como sempre, foi inevitável não soltar um pequeno gemido pelo contato, o que fez com que eu me esfregasse automaticamente na sua ereção crescente pressionada em mim.

— Meu Deus! Você não cansa, mulher? — Luca pergunta, rindo.

De você meu amor? Jamais! — Minha Pirigueti interior gritou.

— É o vinho! — me defendi, fazendo com que ele soltasse aquela gargalhada que eu adoro.

— Sei bem. — fala de forma irônica, antes de rir novamente.

— Por um acaso, está achando ruim? — pergunto, de forma provocativa.

— Jamais. Mas, por mais que aprecie e adore isso, definitivamente precisamos descansar. Viajamos muito e amanhã temos um dia longo pela frente. Além do mais, pretendo levar a mulher da minha vida para jantar amanhã. — ele diz, voltando a me beijar no pescoço.

— Hm... Mesmo? — pergunto, animada.

— Sim. Esqueceu da promessa que fizemos de sair, nos conhecermos novamente? Então, amanhã vou levar minha *princesa* para um jantar romântico. — fala e meu sorriso não cabe em mim.

— É? E posso saber aonde? — pergunto, virando-me para ele, que me beija.

— Não. Saberá amanhã, *amore*. — responde, com um sorrisinho travesso.

— Como não posso saber? Preciso saber que roupa usar. — retruco, contrariada.

— Não se preocupe com isso. Eu tenho tudo sob controle, *baby*. — diz, com aquela piscadela linda e aquele sorriso torto, que me anima toda quando me dá.

— Sempre tem, Senhor controlador. — murmuro, com ironia e ele me dá uma mordida no pescoço, para pirraçar. — Ai! — gemo, antes dele começar a rir.

— Engraçadinha. — Beijou o local da mordida, antes de continuar: — Antes que eu me esqueça... — começou.

— O quê? — pergunto, com um bocejo.

— Meu pai traiu minha *mamma* com ela. — diz, baixinho.

— Hã? — Levanto-me de seu peito, assustada, sem entender se ele realmente disse o que eu ouvi ele dizer.

— Eu prometi que a cada dia diria a você, algo que você não sabia sobre mim. Então, bem, foi isso que você ouviu. — fala, visivelmente incomodado.

— *Oh*, amor... Como foi isso? — pergunto, fazendo carinho em seu rosto.

Posso ver que pelos seus olhos que se passa um filme em sua cabeça. Sua voz fria, tensa, de uma forma que eu nunca tinha escutado Luca falar. Obviamente ele não gostava de lembrar sobre o assunto e apesar de estar curiosa, preciso respeitar seu tempo.

— Um tempo depois que dormi com Anitta, em uma madrugada de insônia, acabei flagrando ela no sofá da adega da Fazenda com meu pai. Fiquei com tanta raiva quando os vi. Não por ela estar com outra pessoa, claro, mas porque ele estava fazendo isso com minha mãe. *Mamma* era uma mulher maravilhosa. Amava meu pai, e a nossa família era a prioridade na vida dela. Exatamente por isso, não tive coragem de magoá-la dizendo toda a verdade. Não apenas hoje, mas durante todos esses anos, me arrependi de não ter lhe dito nada. — murmura, tristemente.

— Você acha que, talvez, se ela soubesse sobre os dois, talvez não tivesse morrido, não é? — pergunto, entendendo o porquê dele se martirizar e ele confirma.

— Sim. Talvez... Não sei. — Suspira. — Vim para Itália determinado a esquecer o que tinha

visto. Cheguei à ponto de não poder mais ficar em torno do meu pai, não aguentava mais olhar na cara dele. Minha mãe morreu em um acidente, cerca de três meses depois que saí do Brasil. Pelo que os empregados da minha casa contaram, ela saiu extremamente arrasada com alguma coisa e apesar de tentarem impedi-la, ela pegou o carro saindo de lá. Ela não resistiu nem a chegada do socorro, os médicos disseram que ela morreu na hora do acidente.

— Nossa, amor! Que história mais triste... — engulo em seco, sentindo um pouco da sua dor. — Mas, por mais que isso nos doa, Deus sabe exatamente o que faz. Não adianta ficar se martirizando por algo que você não disse. Você não causou a morte da sua mãe. — falo, dando-lhe um abraço bem forte, sentindo-me impotente por não poder tirar esse seu sofrimento.

— Eu sei. — ele fala, como se ainda estivesse ingerindo o que acabou de me dizer. — Um mês depois da morte da minha mãe, meu pai se casou com Anitta, mesmo com o pai dela sendo contra esse casamento. Mas, como ela já era maior de idade, ninguém pôde fazer nada contra isso. — comenta.

Putá merda!

— Minha vó sempre dizia que “*um homem perde noventa por cento da sua inteligência quando fica viúvo e os outros dez por cento quando morre o cachorro*”. — digo, meio sem pensar, mas tenho vontade de me desculpar logo em seguida: — Desculpa, Luca... Er... Eu não queria ofender. — peço, envergonha, olhando para ele arrependida.

— Não, *amore*, tudo bem. Sua *nonna* dizia a verdade. — Luca me beija rapidamente, como se não tivesse interpretado mal a besteira que eu havia dito, e isso me alivia um pouco.

Por alguns segundos, Luca se cala e permanece assim, como se ainda estivesse pensando sobre tudo isso. Se antes eu já sabia que o casamento do seu pai não era fácil para que ele aceitasse, agora, sabendo dessa parte da história, tenho mais do que certeza sobre seu descontentamento. E não o julgo, de forma alguma por isso.

— Nunca entendi o real motivo de meu pai ter se casado com ela — volta a falar e foi inevitável não lembrar-me de tudo que *nonna* havia me dito e inclusive sobre a suposta gravidez de Anitta. — Principalmente por ele ter uma amizade em jogo, que era o caso do pai de Anitta. Eles tinham mais de vinte anos de amizade e a amizade dos dois acabou no momento em que eles anunciaram esse casamento nada a ver. Obviamente a sociedade dele com meu pai ficou balançada. Foi nesse momento que eu consegui reaver minha herança. Não apenas por parte da minha mãe, mas também a herança que meu avô me tinha me deixado quando partiu. Da parte da minha mãe, eu tinha direito a doze e meio por cento das ações da *Campanaro & Velasque*, e mais alguns bens resultado da divisão com Mariah. Meu avô me deixou um bom dinheiro, alguns bens e a fazenda. Vendi os bens, ficando apenas com a fazenda e as ações da empresa. Juntei tudo o que tinha e fiz um acordo com o senhor Velasque. Como ele estava desgostoso, consegui comprar os seus cinquenta por cento da sociedade da empresa. Então foi assim que virei o majoritário da empresa, Nandondo-a apenas *Campanaro*. Lógico que quando isso aconteceu Anitta não gostou muito, e nem meu pai. Mas, como meu avô sempre disse, eu tinha tino para os negócios. Fiz a empresa aumentar o faturamento consideravelmente. Legalmente, meu pai tem apenas trinta e sete e meio por cento das ações, só que doze e meio por cento são da Mariah. Mas ele representa a parte dela até os dias de hoje.

— Nossa, amor! Eu sabia que você era majoritário, mas não sabia como essa história tinha acontecido. Nunca parei para pensar, para falar a verdade. — finalmente falo.

— É, minha *principessa*... — diz, passando o polegar na minha bochecha. — Às vezes, acho que abri mão da minha juventude, para poder fazer o que fiz. Também abri mão de continuar meus estudos no exterior e de muitas outras oportunidades e experiências que eu poderia ter tido. Mas, apesar de

ser novo na época, minha cabeça já era voltada para o futuro. Não me arrependo das minhas escolhas. Sei que fiz o que deveria fazer. E eu não queria depender do meu pai, nem de ninguém. Estava realmente empenhado a não deixar que ela acabasse com os negócios da família.

— Ela? Anitta? — pergunto, meio surpresa com sua última afirmação.

— Sim. Você acha que uma garota de dezenove anos se envolveria com um homem casado, mesmo ele sendo como se fosse da família, sem que houvesse alguma intenção por trás disso? — pergunto, sua voz não escondendo sua raiva sobre isso .

— Você desconfia dela em alguma coisa? — pergunto, mais chocada ainda.

Ok. Ela pode ser golpista e uma cachorra, mas será que é uma psicopata, também?

— Sim. Muitas coisas. Mas, como eu te disse antes, nada que eu possa acusar sem provas. — Ele volta a se deitar e me intima a tomar o meu lugar em seu peito. E por ora sei que ele não quer mais falar sobre o assunto.

— Hm... Entendo. — digo, hesitando falar mais alguma coisa.

Apesar de estar um pouco decepcionada por ele não continuar a história, resolvo ficar quieta. Muita história e peças para tentar encaixar ou até mesmo processar nesse momento. No fundo, algo me diz que há muito mais por trás disso.

— Agora, vamos dormir. Eu te amo, minha delícia. — murmura, beijando-me suavemente.

E assim eu fiz.

Capítulo 9

É totalmente impossível não acordar feliz estando nos braços de mais de um metro e oitenta de pura gostosura e o sorriso mais esplêndido que pode existir. Eu poderia querer mais do que acordar todos os dias assim? Não. Isso já é demais e maravilhoso para minha humilde pessoa. Como minha condição de não fazer sexo já havia caído por terra há muito tempo, fiquei mais do que feliz em ser preenchida antes mesmo do café da manhã. Fizemos amor lentamente, e isso não quer dizer que é de uma maneira menos enlouquecedora e intensa do que quando estamos com os hormônios em ebulição. Sempre é perfeito. Não tem como não ser.

Depois de tomarmos um banho juntos e de nos vestir com uma roupa mais quentinha para aguentarmos o dia friozinho de Lucca, descemos para tomar café da manhã e na mesa já encontramos toda a família reunida. Todos nós conversávamos alegremente sobre tudo, com exceção da mesma pessoa de sempre: Anitta.

Ela e essa sua cara de quem “come aveia com iogurte natural” no café da manhã, me dá um nervoso!

Sério. Passamos meses nos evitando, aí, vem a vida e me dá uma rasteira, colocando Anitta como minha companhia diária. *Os próximos dias ao seu lado definitivamente serão tenebrosos!* Fora meu nojo sobre tudo relacionado a ela, ainda estou tentando processar e encaixar muitas coisas em toda essa história que envolve essa frustrada. Que ela não é flor que se cheire eu sei, mas, no fundo, algo me diz que tem tanta coisa por trás disso, que a realização desse meu pensamento me deixa cada vez mais inquieta.

Após o café da manhã, resolvi dar uma volta pela cidade. Apesar da insistência de vir comigo, não deixei que Luca me acompanhasse, pois queria deixá-lo curtindo um pouco mais com sua família. Nada mais justo do que ele aproveitar para conhecer e criar laço com sua família que ele não teve a chance de conviver desde cedo, né? Fora que estou adorando a interação que os Campanaro têm. Parece que sempre foram assim.

A Via Fillungo, principal rua de compras que atravessa o coração de Lucca, fica cheia de casais e famílias passeando. A *Piazza San Michele*, onde está a catedral *San Michele in Foro*, abriga palácios renascentistas que hoje são usados para fins comerciais. Estava passeando pelas ruas, olhando as vitrines e conhecendo a beleza da cidade, desvendando os mimos arquitetônicos que Lucca guarda com tamanho cuidado, quando sou surpreendida com uma visão nada agradável: Anitta. Sei que só a visão dela já me enjoa, mas o que eu não entendo é a sua companhia. Ela estava em uma mesa, tomando um café com um rapaz com os cabelos quase brancos de tão loiros. Apesar de ser péssima em leitura labial, para mim estava mais do que claro que eles não estavam em uma conversa muito amigável.

Sabe quando seu instinto te diz que “aí tem”? Penso em me aproximar, porque estou curiosa para saber o que ela poderia querer com alguém ali. Mas ela olha para os lados e sai, batendo o pé, parecendo contrariada. O que o quer que seja que esteja fazendo, não deve ser nada que valha a pena, vindo de quem é.

No final da tarde, como essa noite Luca havia combinado de jantarmos juntos, *nonna*, Mariella e eu nos reunimos para um chá, onde estávamos conversando sobre tudo. *Nonna* e Mariella estavam empolgadíssimas com o meu casamento com Luca, onde eu confesso que fiquei feliz com a

empolgação dela e me permitir, me empolgar também. Mariella inclusive me deu ótimas ideias para cerimônia, além de ter sugerido que fizéssemos o casamento aqui, o que eu, particularmente, achei o máximo e bem tentador. Só não pude deixar me empolgar muito, porque apesar de tudo, ainda estou com a minha cabeça bagunçada com tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo e Luca e eu ainda temos muitas coisas para resolver entre nós.

Nonna pareceu perceber que eu não estava bem, porque assim que Mariella foi à cozinha fazer mais um pouquinho de chá, ouço-a falando:

— Você não está bem, *bambina*. — ela não pergunta, apenas afirma.

— Tanta coisa na cabeça, *nonna*. — admito, antes de suspirar. — Luca ontem me contou umas coisas, que confesso, me deixaram bastante intrigadas, sabe? — comento, porque sei que não poderia deixar de dizer e ela assente.

— E o que seria? — pergunta.

Resolvo contar tudo o que Luca me disse e ela me ouve com atenção. Também confesso a ela todas as minhas dúvidas e medos em relação a Luca se magoar mais, ou pior: ser prejudicado, de alguma forma. Não confio em Anitta, e algo me diz que nada do que vier dela será bom.

— *Io* entendo sua preocupação, *bambina*. O que eu quero lhe dizer, *mia cara*, é que você não precisa se preocupar. *Dopo* do que aconteceu, tive certeza de que Luca sempre soube se cuidar. Luca largou os estudos na Itália e passou três meses recluso na fazenda. E ele me mostrou, todos os dias, o quanto seu *nonno* tinha lhe ensinado bem e o moldou como um homem deve ser. Quando voltou, para reivindicar o que era dele, Luca não se preocupou em gastar todo o dinheiro que tinha herdado para tomar o que era seu. A única coisa que ele não vendeu para isso foi a fazenda, porque lá sempre foi mais do que *una* casa para ele. — Ela sorri docemente. — E, hoje, vejo o quanto ele se superou, passou por cima de qualquer dor e nos deixou mais orgulhosos do que a gente imaginava. Ele é um homem forte, batalhador. Tenho mais do que certeza, que Luca não medirá esforços para buscar *la* verdade, e mais do que isso: para garantir a *felicità* de vocês.

Sorrio tocada, mas agora com meu coração ainda mais seguro sobre minhas escolhas e principalmente orgulhosa pelo homem maravilhoso que amo. Chegava a doer os sentimentos que sinto por ele e eu conseguia ler essa mesma emoção nos olhos da sua *nonna*. Com toda a certeza, ele fez sua família toda orgulhosa.

— *Figlia...* — *Nonna* e chama, apertando minha mão ainda mais forte. — *Non preoccuparti. Nessuno non può fare niente. No* se preocupa. Ninguém poderá fazer nada. *Niente, Io mio Luca* te ama. Ele lutará pela *felicità* de vocês e da *nostra famiglia* até o fim.

Às sete, seguindo as ordens do meu amor, sigo para o quarto em que estávamos hospedados, para começar a me arrumar para o nosso jantar. Não posso dizer que não fiquei surpresa ao encontrar algumas sacolas de grife em cima da cama, porque realmente fiquei. Curiosa nível máximo, aproximo-me delas e encontro um bilhete com meu nome em uma letra familiar, que antes mesmo de abri-lo, inevitavelmente já me fez sorrir.

-

Nem todas as grifes e joias seriam o bastante para presentear a mais linda entre todas as joias.

Às nove, estarei te esperando em frente à casa, para começar a provar, a cada dia, o quanto eu posso te fazer feliz.

Ps.: Eu serei aquele com o sorriso bobo e o olhar apaixonado.

Do seu sempre,

Luca.

Com um sorriso de orelha a orelha, ainda que eu esteja ansiosa, abro com cuidado as sacolas e logo encontro um lindo vestido glamoroso de festas em uma, uma sandália de saltos em outra e uma caixinha com um brinco de diamantes. Apenas pelo presentes recebidos, pude deduzir que obviamente iríamos a um jantar bem luxuoso. Ainda mais ansiosa do que antes, vou para o banho, cantarolando Bubly animada, entusiasmada com tudo.

*“Eu estou acordada há algum tempo agora
Você fez com que eu me sentisse como uma criança agora
Porque toda vez que eu vejo seu rosto animado
Eu sinto um arrepio num lugar bobo*

*Começa na ponta dos meus pés
Me faz enrugar o nariz
Para onde for, eu sempre sei
Que você me faz sorrir
Por favor, fique por um instante agora
Não tenha pressa
Em qualquer lugar que você vá...”*

Luca sempre foi surpreendente, mas alguma coisa me diz que ele provará isso para mim outra vez. Não que eu estivesse achando ruim. Na verdade, como romântica encubada, eu estava adorando isso.

Estava de roupão, terminando minha maquiagem, para que depois pudesse me vestir para nossa noite, que eu tinha mais do que certeza de que seria maravilhosa, quando ouvi um grito de pavor vindo do corredor. Assustada e com o coração batendo forte em meu peito, não hesitei em sair correndo pela porta, atrás da fonte do grito. E eu não demorei a encontrar. Na frente do quarto do Sr. Pedro, alguns dos membros da família já estavam ali, para saber o que estava acontecendo. Um arrepio nada bom serpenteou pelo meu corpo e quando entramos ali, meu coração quase fica em pedaços com a cena que presenciei: Mariella debruçada sobre Sr. Pedro na cama, chorando, desconsolada. E eu não demorei a entender o que tinha acontecido: Pedro Della Cella, o pai, o avô e o marido que sua família havia esperado tanto para reencontrar, estava morto.

Não preciso dizer que nosso jantar havia sido cancelado. A família toda ficou inconsolável. Sr. Pedro estava dormindo e Mariella tinha acabado de dispensar a enfermeira, para que ela fosse pegar sua sopa para o jantar. Ela saiu rapidinho para pegar seu celular que havia esquecido no quarto e quando ela retornou e tentou acordar seu pai para que começasse a tomar sua sopa, ele simplesmente não acordou mais. O médico constatou que seu coração havia parado enquanto ele ainda dormia. O que, apesar da tristeza de todos, achamos que foi o melhor para ele, pois provavelmente não sofreu muito.

Nonna e Mariella precisaram ser sedadas para dormir depois do ocorrido. Sr. Campanaro estava com a pressão bastante alterada, e achamos melhor que ele se recolhesse. Tudo nessa situação mexeu comigo de uma maneira que eu não conseguia explicar. Mas por mais que eu não estivesse mais em

plena faculdade mental, Sr. Pedro ao menos pode reencontrar sua mulher e filho e também conhecer os netos que não conhecia, antes de se despedir. Quando deitamos na cama, Luca chorou bastante, e, depois, permaneceu em silêncio, apenas deitado com a cabeça em meu colo. Quase não dormiu durante a noite. E mais uma vez aquela sensação de impotência me dominou. Eu gostaria de poder tirar essa dor dele, mas, infelizmente, não podia dar mais do que o meu carinho e apoio. O velório foi no dia seguinte, e toda a família se reuniu para dar o “adeus” que ele merecia. Infelizmente Nina não pode estar presente, pois acabou ficando presa no aeroporto de Portugal, por causa de uma tempestade que cancelou todos os voos.

Apesar de toda a tristeza da perda, do luto, nossa semana juntos na Itália foi definitivamente, além das palavras. Ficamos o restante da semana na Itália, aproveitando desse momento em família, mas como alegria de pobre dura pouco, tivemos que voltar. Como era de se esperar, todos ainda estava muito abalados pelo que aconteceu, mas, aos poucos, tentando seguir em frente. Luca, Mariah e eu fomos os primeiros a nos despedir e voltamos para o Brasil no final de semana. *Nonna* ficou na Itália por mais algum tempo, o que achei mais do que justo e necessário para todos, pois precisavam recuperar um pouco o tempo perdido. Sr. Campanaro também decidiu ficar mais alguns dias com sua “querida” esposa.

Depois de tudo o que aconteceu, Luca e eu não falamos muito sobre nós. Mas, ainda assim, concordamos em dar um pouquinho mais de tempo para que possamos pensar e colocar nossas cabecinhas no lugar. Afinal, não se tratava apenas de mim, pois Luca definitivamente ainda estava um pouco abalado sobre todas as mudanças que aconteceram em sua vida, na da sua família e a morte recente do seu avô recém-descoberto. Ainda assim, tenho certeza que, independentemente de qualquer coisa e do tempo que nos demos, Luca sabia que eu estava com ele para tudo.

Capítulo 10

Voltei a ser eu mesma, depois que retornei da Itália e dei “adeus” a minha morenice. As morenas que não me interpretem mal, até porque também sou naturalmente morena, mas ser loira está na essência da minha essência. E longe de mim contrariar minha própria essência. Fazer isso deve dar azar e pelo amor de Deus, chega de má sorte em minha vida. Definitivamente, ser loira tem lá suas vantagens, como elevar a autoestima e o nosso ego. Coincidência ou não, acabamos chamando mais a atenção dos homens. Por vezes, até sentimos nossa pele mais iluminada, rejuvenescida. E depois dos vinte, temos que nos preocupar com o futuro da pele.

Enfim, sendo loira eu me sinto mais bonita, como eu mesma, sacas?

— Ei! — Carol bate na porta da minha sala, no dia seguinte à minha chegada e meu primeiro dia de volta ao trabalho. — Posso entrar? — pergunta sorrindo.

— Claro. Senta. — respondo, enquanto apago a linha de um desenho do bloco de papel que eu estava desenhando.

— Você ainda não me contou todos os detalhes importantes da viagem. — Carol diz animada.

— Ok. A Itália é linda. A família de Luca é linda. O vinhedo da família é lindíssimo. E a noite em Lucca fazia tanto frio, que eu começava involuntariamente a cantar, “*Let It Go*”. — brinco e ela ri.

— O que é isso? — pergunta, avaliando o papel.

— Nada. — respondo, tentando esconder o que eu estava fazendo.

— Sophia Montenegro! O que é isso? — repete, estendendo a mão para que eu lhe entregue e ainda que esteja envergonhada, obedeço. — Sophia... Isso não é...? — pergunta, levantando os olhos do desenho para me olhar.

— Sim, é o closet do quarto que seria meu e de Luca. Pode dizer que sou uma doente! — confesso, caindo com a cabeça na minha mesa.

— *Oh*, querida! — Ela murmura, se aproxima de mim, antes de começar a acariciar meus cabelos. — Você não é doente por querer viver o que planejaram. Por que você não se dá uma chance? Vai logo atrás dele, mulher! Luca é tão louco por você, você sabe disso! — afirma, com carinho.

— Não sei, amiga. — Penso. — Eu quero tanto, mas tanto, que tenho medo de dar errado. E se não der certo? Se ele me trair de novo? — pergunto, confessando-lhe meu maior medo.

— Você só vai saber se tentar. Sinceramente? Eu não acho que Luca seria capaz. — responde, de forma doce. — Ah! A propósito, ele me ligou.

— Luca? — Ela assente com a cabeça. — O que ele queria? — pergunto, animada e assustada ao mesmo tempo.

— Perguntou como você estava. Eu disse que como sempre, fingindo que está tudo bem. — Reviro os olhos para ela. — Ele pediu para falar com você e os meninos, para irmos para o aniversário surpresa que ele está organizando para Mariah na *Fabric*, nessa sexta-feira. Ele precisa de nós duas para segurarmos Mariah. — conta.

— Por que ele não me ligou? — pergunto, triste.

— Acho que você havia dito para que ele não te ligasse e nem te pressionasse. Acho que ele está fazendo apenas o que você pediu, né, *Sophie*? — Carol mais afirma do que pergunta, e eu concordo. Afinal, eu havia pedido um tempo para nós dois.

Droga! Sei o que eu quero. Mas a pergunta é: O que eu posso fazer para que isso aconteça?

Dar desculpas para Mariah sobre o que fazer no dia do seu aniversário, não foi uma tarefa nada

fácil. Por estar em uma crise com Enzo desde o seu retorno, ela estava altamente desesperada para fazer qualquer coisa que o tirasse da sua mente todos os dias da semana. E isso quer dizer beber e farrear até em dia de semana. Tinha horas que me dava uma vontade doida de mandá-la terminar logo com Enzo e voltar para Thiago, mas quem sou eu para poder dizer isso? Ainda mais quando sou a única que está sabotando minha própria felicidade. Definitivamente, acho que eu não a única orgulhosa, que gostava de esconder o que realmente sente.

Na sexta à noite, acabei indo com Mariah e Carol, comer um sushi, a tempo de enrolá-la até a hora de sua festa surpresa. Estava tentando não deixar Mariah beber muito saquê, para que ela pudesse ficar pelo menos sóbria até chegar à hora dos parabéns, mas confesso que essa tarefa estava me saindo mais difícil do que quando minha depiladora vem com a pinça retirar os pelinhos que não foram tirados com a cera. Como havíamos combinado, fingimos que não tínhamos mais planos para depois dali. Pedimos para os meninos nos ligarem, nos chamando “casualmente” para irmos a *Fabric*, e, pelo menos nessa parte, eles cumpriram o acordado e foi então que seguimos para lá.

Mariah estava usando um short jeans desfiado e curto, uma blusa de paetê na cor preta com as costas nuas e calçava uma *open boot* de oncinha com salto de cristal, que eu já havia pedido emprestado no momento em que pus meus olhos sobre ela essa noite. Carol estava usando um short preto de cintura alta e uma camiseta *cropped* branca. Já eu, estou usando um conjunto de saia cintura alta de couro preto, uma blusa *cropped* de oncinha e sandália gladiadora preta de salto. E modéstia à parte, estamos realmente lindas. Não tinha para ninguém.

Assim que chegamos na *Fabric*, Mariah estava tão preocupada em se embriagar, que sequer chegou a notar que não haviam tantos carros no estacionamento e nem a multidão de sempre que costumava bater ponto na porta da boate. Mesmo que eu saiba que o lugar havia sido fechado apenas para o aniversário dela, a música continuava tocando como se estivesse com seu funcionamento normal. Passamos pela porta da entrada VIP, mas, assim que entramos, as luzes se apagaram e fez-se um silêncio quase ensurdecedor.

— Merda! Não acredito que faltou luz logo no dia do meu aniversário! — Mariah gritou, mal humorada, apertando minha mão no escuro e isso fez com que Carol e eu começássemos a rir, pois sabíamos exatamente o que viria a seguir.

— Surpresa! — os convidados gritaram em uníssono.

As luzes se acendem, fazendo Mariah, que agora apertava nossa mão ainda mais forte, fizesse uma cara terrivelmente engraçada de surpresa. Confetes estouram, caindo sob nós, e eu não pude conter o sorriso de carinho que eu sentia por ela, especialmente por vê-la tão emocionada. Balões cor de rosa e pretos enfeitam toda a extensão da *Fabric*, junto com serpentinas prateadas. No centro da boate, havia um enorme bolo com cerca de dez andares e no topo uma bonequinha “chef”, vestida com a dólmã, uniforme característico da profissão.

Como um ímã, meus olhos logo foram atraídos para Luca, que juntamente com um enorme buquê de orquídeas estava esperando a chegada da sua irmã à nossa frente. Ele estava usando uma terno na cor cinza e uma camisa branca, mas sem gravata. Luca estava lindo e com aquele seu sorriso cheio de ternura e amor, que eu já conhecia tão bem e sabia que é aquele direcionado apenas à sua irmã.

— Parabéns, *sorella!* — ele diz, antes de vê-la correndo ao seu encontro e o abraçando com carinho.

— Vocês me enganaram direitinho... — Mariah diz, apontando para mim, Carol e Luca.

— Oh, não! Não me culpe! — defendo-me. — Seu irmão quem organizou tudo. Eu só fui encarregada de te trazer pra cá. O problema é que quase não conseguimos fazer com que você viesse sã. — brinco, fazendo todos rirem.

— Obrigada! Vocês são incríveis. Amo vocês! — ela diz, com lágrimas nos olhos, ao abraçar Carol e eu ao mesmo tempo. — Fico tão feliz de ter vocês em minha vida.

— Você merece apenas coisas as maravilhosas da vida, querida! — Carol diz, quase chorando, como todas nós e eu concordo.

— Ficamos felizes por ter você. Muito felizes, Mariah. Você que é incrível. — complemento, já sem conseguir conter as lágrimas que já escorriam e as duas me acompanham.

Um minuto depois do nosso momento de ternura, Mariah está pulando como pipoca na panela de tanta felicidade. Luca havia trazido alguns dos amigos de Mariah do Rio de Janeiro, convidou alguns da faculdade de Gastronomia em que ela lecionava uma vez por semana e outros do *Per Mangiare*, incluindo, claro, Thiago.

Depois da minha viagem trágica a Gramado, Thiago e eu acabamos virando realmente amigos. Ele sempre me ligava ou mandava mensagem para saber como eu estava ou simplesmente para fazer alguma brincadeira comigo. Há alguns dias, ele me mandou uma foto de um autógrafo que havia pedido para Bruno Gagliasso, depois que eu lhe disse que era apaixonada por ele. Quando li: “Para a querida Sophia, com carinho, um beijo do B. Gagliasso”, quase tive um ataque do coração.

Preciso fazer uma visita para Thiago no estúdio urgentemente! Fato.

De um lado Mariah estava cumprimentando seus amigos, de outro, Thiago já está conversando animadamente com Rodrigo, João e Duda. Carol foi correndo falar com eles, um segundo depois que os avistou na pista, deixando-me sozinha com Luca. Confesso que acabei perdendo quase toda a coragem que havia adquirido esses dias no momento em que me vi sozinha com ele.

— Está tudo lindo, Luca. Parabéns. Ela realmente adorou. — digo, quebrando o silêncio, enquanto olhamos para Mariah cumprimentando todos.

— É o mínimo que eu poderia fazer para vê-la feliz. — diz, me olhar sorrindo, e eu retribuo.

— Como você está? — pergunto, tentando manter uma conversa segura e minha mente sã.

— Indo. E você? — responde, com o sorriso sumindo do seu rosto.

— Indo, também. — repito, tentando parecer indiferente.

— Você está linda. — afirma, se aproximando e passando lentamente o dorso da sua mão na minha pele, fazendo-me estremecer.

— Luca. — murmuro, quase como um gemido.

Preciso falar com ele agora!

— Ah! Aí está você! — Sr. Campanaro fala, ao se aproximar de mim. — Senti tanto sua falta, filha. Como minha nora preferida está? — pergunta, me abraçando.

— Também senti. Estou bem, e o senhor? — respondo, tentando segurar o aperto dentro do meu coração, mas ainda assim preocupada com ele, pois ele havia perdido o pai recentemente.

— Bem, querida, sabe como é né? Depois de tudo, estou levando. — solta um suspiro, antes de se virar para o filho. — Luca, eu queria... — Sr. Campanaro começa a falar, e eu peço licença para sair dali, tentando não apenas lhes dar privacidades, mas também não desmoronar na frente dos dois. De alguma forma, minha coragem toda sumindo. Só preciso de uma ou umas doses de “coragem” para fazer o que tenho de fazer.

Enquanto me afastava, Luca continua me olhando, como se percebesse o que estou sentindo, o que inevitavelmente me dá ainda mais vontade de chorar. Mas aí, lembrei-me de Mariah, do seu sorriso e sua felicidade por estar aqui. Não podia simplesmente estragar uma noite especial. Seria egoísmo e eu não seria uma boa amiga se deixasse isso acontecer. Depois, Luca e eu teremos todo o tempo para nós.

Passei as próximas horas conhecendo os amigos de Mariah com Carol. Ela saiu nos puxando e nos apresentando a todos. Foram extremamente simpáticos com exceção de uma amiga de Mariah, que foi tão importante que não me lembrava seu nome, pareceu não gostar muito de mim, porque me olhava da cabeça aos pés quase como e estivesse com nojo. Tenho a impressão de que o motivo para ela ter agido assim é Luca. Prefiro não saber se ele teve ou não algo com ela, afinal passado é passado.

Depois de conhecer seus amigos, juntei-me aos meus amigos e Thiago, que obviamente também considerava meu amigo e finalmente dei início aos meus precisados drinks. Luca permaneceu distante, apenas trocando olhares comigo, e, quando flagrávamos um ao outro, simplesmente fingíamos que nada estava acontecendo. Era muito estranho. Comecei a dançar com Carol, tentando manter distância de todos os meus medos, dúvidas e inseguranças. A adrenalina da música e o álcool estavam, decerto, subindo à minha cabeça e assim era melhor. Nada como mascarar o nervosismo com o álcool.

Estava há muito tempo já segurando minha ida ao banheiro, porque é regra que, quando a gente abre a torneira, ela não para mais. Mas já não estava mais conseguindo adiar e tive que esvaziar minha bexiga. Assim que estava saindo do banheiro, dou de cara com um muito arrumado, nada suado e nada parecido com a minha situação Luca. O sorriso malicioso que surgiu em seus lábios quando me viu, mexeu seriamente com a *deusa do sexo* que eu me tornava com ele depois de algumas doses de bebida acionadas pela minha *periguete interior*.

— Ei, gato — chamo, enquanto o provoco, passando a mão pelo seu peitoral e ele fecha os olhos.

— Hm... — Geme. — Acho que alguém está alegre hoje. — diz, rouco, puxando-me para mais para perto dele.

— Hm... — repito. — Acho que alguém está feliz em me ver! — Brinco com o fato de ele já estar visivelmente excitado, pressionado contra mim.

— Com você, sempre, *baby!* — diz, entre meus lábios. — Não queria estragar em nada essa nossa brincadeira, mas depois de ver você ter me feito sofrer literalmente, rebolando ao som de “*Deixa ele sofrer*”, estou aqui desesperado para saber se você pensou em nós. — diz, afastando-se um pouco da minha boca para poder me olhar.

— Uhum. — ronrono. — Como não pensar depois de tudo o que nos aconteceu semana passada? Só estava aguardando a oportunidade de falar com você. — digo, com um sorriso perverso.

— Hm... — ele volta a gemer, enquanto mordisca meus lábios. — Você não está me ajudando nesse momento. Vou ter que te levar daqui se você me olhar assim ou sorrir desse jeito de novo. — ele ameaça, fazendo-me estremecer.

— Como? Assim? — provoco, fazendo a minha melhor cara sexy. — Tudo bem se eu disser que estou sem calcinha? — brinco.

— *Baby...* — murmura, com sua voz que grita sexo, mas para e fica tenso ao se dar conta do que eu disse. — Você não está falando sério, está? Porque você está de saia... — Interrompo quando ele aumenta a voz:

— Tire a prova! — instigo, sorrindo descaradamente. — Ou você prefere descobrir a verdade comigo dançando durante a festa, no meio de todas essas pessoas? — Bato os cílios inocentemente.

— Você quer que eu morra ou mate alguém? — pergunta, em choque, antes de me empurrar contra a parede e começar a deslizar a mão por debaixo da minha saia, passando sua mão suavemente pela minha pele. — Tem certeza? Você me conhece... Se eu começar, não vou mais querer parar.

Nesse momento a voz de Anitta cantando Bang se fez ouvida e ela disse tudo que eu queria dizer para ele nesse momento:

“... *Vem na maldade, com vontade*
Chega, encosta em mim
Hoje eu quero e você sabe que eu gosto assim

...
E, pra te dominar
Virar tua cabeça
Eu vou continuar
Te provocando...”

— E quem disse que eu quero que você pare? — pergunto, provocando-o, e ele volta a gemer.

— *Baby*, você está de calcinha... Hm... — geme. — Muito pequena, por sinal. Você não é uma boa menina... — ele diz, mordendo minha orelha, fazendo-me gemer.

— Não sou, mesmo. — Empurro-o para o lugar onde eu estava, sem dizer uma palavra começo a descer minha calcinha pelas minhas pernas, antes de tirá-la e lhe entregar. Ele grunhe ao colocar o pedaço de pano em seu nariz e aspirar o cheiro da minha excitação. — Acho que agora posso dançar com mais liberdade. A calcinha estava realmente me incomodando. — digo, dando-lhe as costas, em uma descarada provocação.

— Nem fodendo! — ele rosna, antes de começar a me puxar para o escritório em cima da *Fabric* e eu rio.

Yes! Ponto pra mim!

O escritório é pequeno. Tem apenas um armário, uma mesa, três cadeiras e um pequeno sofá. Uma janela de vidro nos dá a vista para boate, mas, apesar de vermos tudo o que acontece, sei que ninguém lá embaixo pode nos ver. O som é totalmente abafado, o que me leva a crer que as paredes do ambiente são acústicas. Assim que Luca fechou a porta do escritório e jogou seu paletó em cima do sofá, meu estômago começa a se revirar de antecipação. Ele se vira para mim, e seu sorriso perverso só me diz exatamente o que eu já sabia: Estou ferradinha! Seu olhar brilha tanto de excitação, que eu remexo inquieta, ansiosa, querendo, precisando dele. Sem dizer uma palavra, ele me levanta e me coloca em cima da mesa, antes de abrir minhas pernas e se colocar entre elas.

— Você sabe o quanto me deixa louco, né? — pergunta, beijando-me no pescoço e agarro o cós da sua calça, puxando-o ainda mais contra mim.

— Tanto quanto você me deixa. — respondo, entortando meu pescoço para lhe dar mais acesso à minha pele.

— Você sabe quantas vezes eu imaginei te trazendo aqui essa noite, enquanto você me provocava dançando daquele jeito? — pergunta, enquanto passa as mãos pelas minhas coxas, subindo-a onde eu queria ele e soltei um gemido descarado de antecipação. — Hm... *Princesa*. Adoro ver você assim, totalmente entregue a mim.

— Eu sempre estou entregue a você. — afirmo, puxando-o para mais perto de mim.

Nossa mãe! De onde surgiu essa urgência, eu não sei!

— Venha cá, *baby*... Eu preciso de você — ele diz, com os olhos fechados mas, então, eles se abrem, ainda mais intensos. — Mas eu não quero só agora. Por mais que eu esteja cheio de tesão, com o pau duro como o inferno, não vou fazer nada com você de novo, principalmente estando um pouco bêbada como você está. A não ser que você me diga o que eu quero ouvir. — Puxa-me para mais perto e fala, no meu ouvido: — Me diga não será apenas o agora. Que estamos bem. Me diga que se casa comigo. Me diga que você será minha mulher e ficará comigo para sempre. — pede e eu

solto um gemido forte, pela sua tortura deliciosa com as mãos.

Meu Deus! Como resistir?

Às vezes, você tem que deixar toda aquela conversa de psicóloga de lado e fazer o que o coração e seu desejo mandam. Que se danem as dúvidas! Onde mais eu conseguirei um homem como esse em minha vida? Alguém que me ama com tanta intensidade como eu amo?

— Sempre. Eu sou sua desde a primeira vez que nos vimos. Eu te amo, Luca DiPallaci Campanaro. Eu preciso de você, tanto quanto você precisa de mim — digo, com todo o restante da minha sanidade intacta pelo álcool. — Apenas me prometa que nunca mais você vai me trair, independente de qualquer coisa. — peço, temerosa.

— Nunca. Eu só preciso de você. Eu só quero você, *baby*. — Vai me puxando para um beijo ardente, me possuindo com sua boca. — Seremos só você e eu, Sophia. Nós dois, nossa Giovanna e todos os outros filhos que tivermos. Para sempre. — promete, entre os beijos.

O beijo que ele me deu em seguida, foi tão doce e perfeito, que me levou a chorar de emoção. Sinto, nesse momento, que esse beijo sela uma promessa que nunca será quebrada. E era exatamente isso que eu precisava depois de tudo. A sensação dos seus lábios nos meus, de suas mãos sobre mim, é a promessa de tudo que o está para vir. Ser sua é tudo que preciso.

Ainda me beijando, ele levanta minha perna, trazendo-a até seu quadril. Quando dou por mim, Luca já está dentro de mim. Ele geme, e eu o acompanho. É assustadora a forma como ele me preenche, tão perfeitamente. Cuidadosamente, ele balança contra meu corpo, movendo-se mais profundo dentro de mim. Agarro-me com força a ele, tentando saborear a cada vez mais a sensação dele me possuindo. Nossos corpos estão unidos, em um ritmo único e excepcional. Não poderíamos ficar, física e emocionalmente, mais perto um do outro. Enquanto nos movemos, a pressão dentro de mim cresce mais e mais. Quando finalmente gozamos juntos, trocando juras e promessas de amor, peço a Deus que tudo entre nós seja sempre assim, maravilhoso, pelo resto de nossas vidas.

Quando descemos de volta para boate, todo o álcool praticamente havia sido evaporado da minha mente. Estava tão contente por estarmos juntos de novo, por ter tirado esse peso do meu coração, que precisei comemorar, literalmente. Felizmente, Luca parece compartilhar do mesmo sentimento, porque ostentava um sorriso bobo e torto, incrivelmente sexy, nesse rostinho lindo o tempo todo. Mariah e Carol já fizeram tanta festa por nos verem bem juntos, que parece que é a comemoração é nossa. Para falar a verdade, Mariah quase chorou de emoção. Não sei se devo culpar o fato delas estarem bêbadas ou se é porque realmente fomos um pé no saco desde que rompemos. Prefiro acreditar que é culpa do álcool. Não quero pensar no quão chata devo ter sido esse tempo todo.

Como estava mais do que feliz, resolvi me juntar ao clube das literalmente embriagadas novamente. Dividi uma carreira de dez *shots* com Mariah. Luca não estava controlando tanto minhas bebidas como normalmente fazia. Apenas sorria, como se estivesse orgulhoso do meu “desempenho” com o álcool. Suponho que ele goste mais ainda quando fazemos amor assim, porque, obviamente, minhas inibições que já não são muitas, somem completamente.

Agora estamos discutindo alegremente sobre para onde iremos hoje depois que sairmos daqui. Agora, que tenho uma casa só minha, acho mais do que justo irmos pra minha, mas Luca insiste que passemos a noite no seu apartamento. Ou melhor, ele praticamente intimou para que eu e a Gio nos mudemos definitivamente para lá. Ele disse que, depois de tanto tempo separados, não quer dormir uma noite sem mim até o dia do nosso casamento. Que não quer mais ter de ficar longe da Giovanna também. Acho que não vou discutir muito quanto a isso, porque ainda temos muito a discutir sobre moradia etc. Mas como era de se imaginar, as coisas nunca serão fáceis quando se trata de nós.

Tenho essa teoria: Se perdoar alguém, esse alguém não pode mais te machucar. Tinha... Até agora.

— Luca! — interrompe a voz sonsa, saindo da multidão.

Quando ouvimos ela o chamando, nos para ver quem estava lhe chamando e para minha surpresa, lá estava aquela cadela que havia usado meu noivo enquanto ele estava bêbado. A raiva literalmente sobe, e eu posso sentir realmente meu sangue ferver ao vê-la novamente.

Jesus! Essa mulher aparece em cena e eu tenho síncope de ódio!

— O que você está fazendo aqui, Jéssica? — pergunta Luca, visivelmente irritado e tento me levantar, mas ele me segura contra ele.

— Vim te ver, *amore*. — responde, na maior cara de pau, como se não tivesse escutado a forma como ele falou e principalmente como se eu não estivesse presente. Tenho vontade de lhe puxar pelos cabelos novamente e lhe encher de tapas, ou melhor, pelo seu *megahair*. — Ah! Oi, Sophia. — cumprimenta-me, com seu falso sorriso branco à laser. — Já soube da novidade? Vamos ter um bebê. — diz, com seu sorriso cínico aumentando consideravelmente.

E, aí, ela acaba comigo de uma maneira que eu achei que não fosse possível.

Capítulo 11

O que ela disse? Que porra é essa?

Olho para Luca em busca de uma resposta e ele parece tão surpreso e assustado, ou até mais do que eu. Sei exatamente que ela fez isso de propósito, que queria que eu soubesse disso enquanto estivesse com ele. Que essa cena não passava de uma armação. E pelo que estou vendo, provavelmente Luca não sabia da grande novidade, pela forma como reagiu com a notícia. Mas, ainda que ele não soubesse, isso não diminui e nada a dor do notícia.

É a porra de um pesadelo?

— Que merda é essa que você está falando, Jéssica? — Luca pergunta, ainda mais irritado.

— Oh, querido! Nossa noite de amor... — ela responde, cínica. — Colocou sua sementinha bem aqui dentro. — diz, acariciando sua barriga.

Estou congelada com a confirmação do que acabei de ouvir. Minha respiração falha com a certeza de que isso realmente está acontecendo. A dor parece tão grande, se não for maior, do que a que senti ao vê-los juntos aquele maldito dia. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo agora, justamente quando acabamos de fazer as pazes. Justamente no momento em que decidi deixar meu orgulho de lado, esquecer meus medos e receios e nos dar a chance. Engulo o nó que está inchado em minha garganta, precisando me controlar. Eu não parecia me sentir bem, não apenas físico, mas emocionalmente falando. Parece surreal demais!

Luca está pálido, e, assim como eu, não consegue dizer nada. Tudo parece ter parado ao nosso redor. Tudo parece ter parado diante desse pesadelo que essa cadela explodiu na nossa cara. Mas eis que surgem minhas duas amigas, reagindo por nós.

— O que essazinha aí tá fazendo aqui? — Mariah encara Jéssica de frente e se dirige a ela: — Aqui estão apenas a minha família e as pessoas que eu amo. Você está bem longe de ser alguém que merece algum sentimento meu além de desprezo, sua vadia! — ela grita, parecendo tão irritada quanto seu irmão há poucos momentos.

A reação de Jéssica? A cadela apenas sorri.

Cretina!

— Contando as boas novas, Mariah — digo, finalmente conseguindo sair do meu transe. Consigo me livrar dos braços de Luca e salto do banco, tentando me equilibrar nos meus benditos sapatos ou para falar a verdade, me manter em pé. — Essa vadia veio nos dar, em primeira mão, a notícia de que seu irmão vai ser papai. — falo com desdém, engolindo a dor em meu peito.

— Como é? — perguntam as minhas duas amigas, altamente incrédulas.

— Sim, cunhadinha. A família vai aumentar. Você vai ser titia! — Jéssica responde, sorrindo sarcasticamente.

— Puta que pariu! — exclama Carol, olhando-me com os olhos arregalados, quase me pedindo para que eu negue algo que nem eu não posso negar a mim.

— Foda-se! Você só pode estar de sacanagem, né, sua vadia? — Mariah afronta Jéssica de frente. — Você fez isso de propósito! Já não basta você ter estragado o noivado do meu irmão? Eles estão juntos, de novo! Agora, você quer estragar a vida dele, sua puta? — enfrenta-a, cada vez mais alterada.

— Não. Estou com todos os exames em mãos. Vocês querem ver? Meu bebê ainda é bem pequenininho, mas tenho certeza de que será grande como o pai. — Jéssica fala, sorrindo como garota propaganda de creme dental.

— Não! — respondo, soltando-me das mãos de Luca. — Para mim, já é o suficiente. Sua sorte, é que está grávida e eu não bato em mulheres grávidas, por mais que mereça. Porque senão eu ia terminar de dar a surra que eu lhe dei aquele dia. Mas, Parabéns, Jéssica. Você finalmente conseguiu! — afirmo, antes de sair correndo em direção à saída.

Inferno! Isso realmente está acontecendo? Não posso mais ficar aqui e escutar isso...

Sinto como se estivesse perdendo meu ar, meus pés. Os convidados do aniversário de Mariah parecem terem notado que algo errado está acontecendo, mas eu não me importo, me importo apenas com a dor que parece querer me sufocar. Não consigo me mover rápido o suficiente. Mas, mesmo que a música ainda esteja tocando na *Fabric*, consegui ouvir a voz de Luca, alta e clara:

— Você não vai conseguir nada comigo, Jéssica. Nem mesmo inventando um filho. Nunca mais você vai atrapalhar minha vida entendeu? Me esqueça! Eu vou atrás dela! — grita.

— Não, você não vai! — diz Carol, rapidamente. — Nós vamos. Você não vai fazer essa merda mais difícil para ela. — diz, em tom acusatório.

— Isso mesmo, Luca. Nós vamos cuidar da nossa amiga. Você é meu irmão, mas não vou deixar que você faça mais nada para magoá-la. Vocês dois já fizeram merda suficiente. Cuide do seu pequeno problema aí, que eu não suporto mais ficar aqui sentindo o cheiro dessa vagabunda! — grita Mariah.

Escuto a risada irônica de Jéssica e não ouço Luca contestar dessa vez. Logo em seguida, sou cercada pelas minhas duas amigas, que me levam em direção à saída. Não demora muito tempo para que meus amigos também se juntem a nós. Mas nesse momento não sei se posso suportar isso, porque quando vejo todos me olhando com pena, o que eu odeio mais que tudo, chorar volta a ser algo que não consigo mais controlar. Quero correr e acabar com toda essa dor, mas não tenho forças para deixar de chorar. Nem mesmo para sair. Definitivamente, começar de novo cria expectativas, e expectativas borram maquiagens e comprimem estômagos. Nesse momento, tenho certeza que estou parecendo um panda e meu rímel perfeito, assim como meus sonhos, já foram arruinados.

— Desculpe. Eu não quero que você estrague sua festa por minha causa, Mariah. — tento me desculpar, ainda chorando.

— Você não tem culpa de nada, querida. Aqui, a vítima é você. Como posso curtir a festa sabendo que minha amiga está sofrendo pela merda que meu próprio irmão fez? — responde, com carinho.

O que aconteceu depois? Me morda! Eu não sei.

O restante da noite foi um borrão para mim. Não lembro de muita coisa, além de alguns flashes e cenas estranhas em minha mente perturbada. Não sei se foi por causa do álcool ou por causa de todas lágrimas que havia derramado durante a noite, mas, enfim acho que estou sonhando.

Talvez esteja em coma alcoólico. Pelo menos uma coisa boa desde a minha separação, além de ter perdido seis quilos, é claro!

Acordo em uma cama estranha. Deitada com a cabeça em um travesseiro estranho. Enrolada em um lençol estranho. Em um local definitivamente estranho, o que me dá um medo terrível de ter feito alguma besteira e de ter ido pra cama com o primeiro cara que apareceu.

Oh meu Deus! Espero que ele não seja tão feio, pelo menos!

Tento me levantar, mas minha cabeça dói tanto, que parece que um trio elétrico passou por cima dela. Meu corpo não parece ser fisicamente capaz de carregar o peso da minha cabeça. Dói até mesmo para respirar.

— Ai! — solto um gemido de dor ao conseguir me sentar, depois de quase cinco minutos de tentativa.

Esfrego os olhos para examinar melhor o quarto onde estou, tentando não pensar na merda que eu deveria ter feito para chegar até aqui. O quarto todo era branco e um pouco minimalista. Realmente não é parecido com qualquer quarto que eu me lembre de ter estado antes. Se fosse, eu com certeza teria influenciado em ter uma corzinha. Mas, de alguma, forma esse lugar é familiar para mim. Só não sei como. Procuro minhas roupas pelo chão, porque como se não fosse ruim o suficiente, sim, eu estou de calcinha, com uma camiseta de malha de academia.

Meu Deus, o que eu fiz?

Preciso sair daqui logo, antes que me arrependa ainda mais.

Nossa Senhora das Chifrudas! Definitivamente, estou fodida!

Depois que conseguir sair daqui, tenho que me lembrar de terminar a amizade com Carol, Mariah e com todos os meus amigos, por terem simplesmente me deixado sair com o primeiro cara que apareceu.

O que elas me deixaram fazer? Sim. Grandes amigas elas são!

— Como você está se sentindo? — pergunta uma voz, que, dentro da minha cabeça, eu conheço, mas não lembro exatamente de onde, porque estou com um zumbido chato no ouvido.

Esfrego os olhos mais uma vez e consigo ver que a pessoa está usando um short de dormir e uma camiseta branca justa ao corpo largo e malhado.

Hm. Não fomos tão ruim, eu acho.

Quando finalmente consigo focar seu rosto, vejo que para meu alívio é Nick. Mas esse alívio de ver o rosto conhecido do meu amigo dura menos que um segundo e logo se transforma em pavor, pois o medo de ter feito uma merda ainda maior com ele começa a me dominar.

— Nick? — Solto outro gemido.

Não sei se meu gemido é de dor ou medo. Sei lá. Acho que, definitivamente, é de ambos.

Merda! Merda! Dormi com meu amigo? Estou fodida ao quadrado! Deus do Céu!

Eu podia dormir com qualquer um, menos com ele. Como vou viver sem sua amizade e seus presentes? Nick é tão especial e essencial para mim. Por que fiz isso?

Apenas preciso de uma caixa de Engov para que eu morra de overdose, porque definitivamente não quero morrer de ressaca.

— Péssima, ainda, não? — pergunta, retoricamente, com seu sorriso torto se aproximando da cama e sentando nela. — Trouxe para você. Você vai se sentir melhor depois que beber. — diz, ao me entregar uma xícara grande de café e um Engov.

Ainda hesitante, pego o que ele me ofereceu. Sinceramente, eu deveria ganhar desconto da Engov. Será que existe algum clube de bônus ou algo do tipo para os usuários ressecados assíduos? Preciso checar. E se não tiver, preciso dar minha sugestão para fazerem isso.

— Obrigada.

Depois de agradecer, engulo o comprimido e tomo um grande gole da bebida quente. No início, ela arde um pouco, mas depois vai esquentando dentro do meu corpo. O que é uma sensação agradável, porque sinto minha barriga oca.

Oh, Senhor! Eu devo ter vomitado muito ontem. Isso está ficando cada vez pior!

— O que aconteceu ontem à noite? — pergunto, temerosa, e Nick apenas sorri.

— Bem. Eu estava chegando à Fabric, quando te vi sair com Carol e Mariah. — Lembro-me vagamente de ter mandado uma mensagem para ele mais cedo, perguntando se ainda iria para o aniversário de Mariah. Até aqui, tudo bem. — Você estava chorando, saindo com raiva de algo que tinha acontecido lá dentro.

Ai, meu Deus! Luca... Jéssica... Ela grávida. Realmente aconteceu, e não foi um sonho. Sonho

uma porra! É a porra de um pesadelo real, isso sim!

Sinto minha garganta arranhar brevemente, sentindo uma vontade incontrolável de chorar e fico nervosa por isso. Não quero voltar a chorar de novo, porque essa sensação ruim dentro de mim parece querer me dominar por completo e não quero sentir isso.

— Assim que me viu, você pediu para que eu te tirasse dali. Apesar de não saber o que estava acontecendo, resolvi fazer o que me pediu, pois eu vi que você não estava bem e sem condições de ficar. Quando a gente estava indo para o meu carro, Luca veio atrás de você. — Engulo em seco ao ouvir o nome dele. — Ele pediu para conversar, e você disse que não queria. Eu disse a ele que iria levá-la pra casa, que depois vocês conversavam. Ele estava nervoso e mandou que eu não me metesse. — Engulo em seco mais uma vez. — Você começou a gritar com ele algo sobre outra mulher, e eu tentei te segurar, para tirar você de lá. Duda ficou tentando te acalmar. João e Thiago tentaram conversar com ele, mas como eu não saía da sua frente, Luca veio e me deu um soco.

— Ai, meu Deus! — digo, colocando a mão na boca. — Estou me lembrando vagamente de algumas coisas... Como está seu queixo? — pergunto, preocupada, e olho atentamente para uma mancha vermelha do lado esquerdo do seu rosto, começando a ficar roxeada.

— Está tudo bem. — tranquiliza-me. — Ele também tem um no seu queixo, para se lembrar de mim. — Arregalo meus olhos.

Bom Deus! Eles se machucaram por minha causa!

— Me desculpa. Eu não queria... — tento me explicar, mas fui interrompida por ele.

— Tudo bem. Eu sei que você não queria nada disso. — ele diz, calmamente, apertando sua mão na minha.

— O que mais aconteceu? — pergunto, nervosa.

— Você veio pra casa comigo em seguida. — diz, um pouco sem jeito.

— Nick? — pergunto, sem conseguir realmente dizer o que quero que ele me responda.

— Você quer saber se aconteceu? Se dormimos juntos? — pergunta, e eu aceno com a cabeça, muito constrangida para conseguir olhá-lo nos olhos. — Não. — Ele exaspera, e eu sinto um alívio me inundar. — Você tirou sua roupa, me beijou e pediu para que eu dormisse com você, no entanto... — disse rindo suavemente, o que me deixou de olhos arregalados. — Eu não podia fazer isso com você... Nem comigo. — confessa.

Não, não... Ele não pode estar falando isso... Muito menos agora!

— Nick...Er... Oh, meu Deus! Eu me sinto horrível! Me desculpe... Eu não deveria... — tento me explicar, sentindo-me cada vez mais envergonhada.

Oh meu pai! O que eu poderia dizer mais?

— Tudo bem, Sophia. Por mais que eu tenha desejado que você tivesse me pedido isso desde o momento em que pus meus olhos sob você, jamais poderia fazer algo com você bêbada e ainda por cima vulnerável como estava. — afirma, sem jeito.

Nick sorri, mas seu sorriso não é aquele que eu estava tão acostumada a receber há tantos anos, mas sim infeliz. E a tristeza que pude ver em seus olhos fez com que eu me sentisse uma merda ainda maior do que já me sinto.

Por que eu sou tão idiota?

— Você nunca suspeitou, mesmo, que eu fosse apaixonado por você? Nem por um momento, Sophia? — pergunta, fazendo com que eu me encolha por dentro.

— Nick, eu não sei. — Fecho os olhos, querendo e tentando não me sentir mal. — Às vezes, eu desconfiava... Outras vezes, achava que você não poderia gostar de mim de outra maneira que não fosse como amigo. Mas você era meu amigo, por isso nunca quis estragar o que tínhamos te

perguntando ou fazendo qualquer coisa que pudesse prejudicar a nossa amizade. — digo, sinceramente.

— Eu sei. — ele diz, passando o polegar em meu queixo. — Eu sempre fui um covarde por não ser direto com você. Eu sei disso. Assumo minha covardia. — Encolho-me com seu toque e engulo em seco. — Sou apaixonado por você desde a vez que me ajudou a me enturmar, ainda nos primeiros dias de aula no colégio de um novo país. Você sempre foi a menina mais linda, doce e divertida que conheci. — Dou-lhe um sorriso triste. — Quando fui embora, a única coisa que conseguia pensar era que te perderia de vez. E, quando voltei, você tinha a Giovanna, estava ainda mais bonita, mais madura. Não era mais a menina que eu tinha conhecido, e eu achei que talvez pudesse ser a nossa chance e finalmente poderia fazer-te feliz. Mas você se fechou, e eu senti que tinha que lhe dar espaço depois de tudo o que havia acontecido com o Erick... — Enquanto ele falava, algumas lágrimas estão escorrendo em meu rosto, e nem percebi, mas ele sim, pois sorriu docemente e antes de enxugá-las. — Eu acho que demorei demais, né, Sophia?

Não respondo nada. Apenas tento engolir o nó que se formou em minha garganta, e ele me abraça, parecendo não esperar que eu lhe responda. Não consigo me segurar e apenas desmorono sobre ele. Nick sempre foi tão especial para mim. O tipo de cara bonito, calmo, certinho, adorável, que realizaria o sonho de qualquer mulher em ter um homem como ele em sua vida. É aquele homem tipo super-herói, que está sempre ali, mas também é o cara carinhoso, que pode te dar colo.

Aí, chego à conclusão mais óbvia do século: Meu Deus! Por que nunca me permiti gostar dele?

Por que fui cega e egoísta ao ponto de não ter enxergado que, talvez, a pessoa certa para mim estivesse sempre ao meu lado? Por que, em vez disso, fui me apaixonar pelo cara que não é o certo para mim, mas que é o que simplesmente faz meu coração bater? O pior é que fiz isso com Nick duas vezes.

— Eu sei. — ele diz, ao beijar minha cabeça e me apertar mais forte contra ele. — Não estou pedindo nada. Não precisa dizer nada também. Eu apenas sei. — afirma, com carinho.

— De-desculpa, Nick. — digo, em soluços. — Sinto muito, mesmo.

Levanto meus olhos para encontrar os seus grandes olhos azuis. Queria sentir um pouco do que eu sinto quando faço isso com “aqueles” olhos azuis, mas não consigo. E não posso fazer isso com uma das pessoas mais especiais e que mais amo nessa vida. Nick não merece. Ele é maravilhoso demais para viver uma mentira comigo.

— Desculpa. — repito, tentando segurar minhas lágrimas. — Já quis muito ficar com você, mas sempre tive medo de perder você para sempre, Nick. Olhe para mim! — Aponto para mim, me sentindo patética. — Tudo sempre dá errado para mim, é só uma questão de tempo para que isso aconteça. E eu não podia viver sabendo que te perdi. Eu não posso permitir que isso aconteça. — confesso a ele meus medos, sem me importar de estar chorando.

— Ei. Escute uma coisa: você nunca vai me perder, Sophia. — ele afirma, com uma voz doce. — Por mais que eu pudesse ou não querer me afastar, te amo mais do que qualquer coisa para simplesmente tirar você da minha vida. — Meu choro só aumenta. — Não quero que você chore, ok? Não estou aqui dizendo tudo isso para te pedir algo em troca. Apenas a sua felicidade é o suficiente. Quero ver você feliz. E, se para vê-la feliz significa que você tem que estar ao lado de outra pessoa, não importa. Isso para mim é o bastante.

— Não, Nick. Eu não posso mais... — digo, em soluços. — Eu não quero mais ninguém...

— Sophia, olha pra mim. — ele pede, e eu faço. Vejo o brilho de dor e sinceridade em seus olhos. — Eu amo você há mais de dez anos, então, te conheço e entendo o que você sente. Eu ainda sei o que é querer uma pessoa e não querer mais ninguém. — Suspira, antes de continuar: — E sei

que o que você quer é o Campanaro. Você o ama, e ele também. Não faça como eu... Não espere o tempo passar. Pode ser tarde demais.

— Já é tarde, Nick. — Solução fortemente. — Luca vai ter um filho. Um filho com a mulher com quem o peguei me traindo...

— Sophia, Carol me explicou o que aconteceu quando veio entregar seu carro, hoje de manhã. Ele errou, eu sei... Mas acredite em mim: ele ama você! E um filho não vai impedi-lo de ficar com quem ele realmente ama. Ele não vai ficar preso a essa mulher por causa disso. Você, mais do que ninguém, sabe muito bem que um filho não segura ninguém.

E eu sabia que ele tinha razão.

Capítulo 12

Mesmo depois do nosso momento desabafo, acabei ficando quase o dia todo com Nick em sua casa. E a resposta por não me lembrar do seu apartamento é que ele havia se mudado recentemente para um apê maior, e eu ainda não o conhecia. Ficamos deitados no sofá, porque estava quase acamada pela minha ressaca colossal e fazer mais do que respirar, era pedir demais para minha pessoa.

Apenas quando voltei para casa no final da tarde, que resolvi ligar meu celular novamente. Nem acreditei quando vi que ele continha nada menos do que oitenta e seis chamadas perdidas. Nove de Mariah, sete de Carol, quatro de João e de Rodrigo, três de Thiago e Duda e nada menos que cinquenta e seis chamadas só de Luca. Minha caixa mensagens também estava cheia de mensagens dos meus amigos, tendo elas como teor principal “como você está?”, “me diga que você está bem”, “onde você está?”, “me liga quando ver essa mensagem”. Nem ousei responder. Principalmente porque elas não eram as únicas mensagens que me faziam lembrar de toda a merda que estava acontecendo.

As mensagens que Luca havia me enviado, eu não tinha tanta certeza se queria realmente ler, mas sei que o melhor mesmo era abrir logo, porque sabia que acabaria fazendo isso mais cedo ou mais tarde. Então, era melhor acabar logo com isso.

-

“Me atenda. Por favor.”

-

“Abre a porta!”

-

“Pelo amor de Deus, abre! Nós precisamos conversar!”

-

“Sei que não tenho o direito de te pedir isso, mas não fica com raiva de mim. Juro que eu não fazia ideia que isso tinha acontecido.”

-

“Se eu soubesse que seria assim, não teria desgrudado de você nem por um segundo.”

-

“Eu não vou deixar que ninguém nos separe. Por favor.”

-

“Me desculpa. Eu sei que fiz merda, mas preciso de você. Te amo.”

-

Se por um lado suas mensagens me aliviam um pouco, por outro, a dor de saber que isso tudo está acontecendo, que era mesmo real, chegava a ser angustiante de tão dolorosa.

Sério mesmo que estou passando por mais essa, agora? Ok, vida! Já entendi que eu sou forte o suficiente pra suportar tudo isso... Já pode parar com os testes.

Ainda não conseguia acreditar que isso aconteceu logo comigo. Lógico que eu não sou burra e sei que aconteceu, mas ainda não consigo acreditar. Certeza de que sou mesmo uma masoquista. Logo agora que havia deixado meu medo de lado e resolvi dar uma chance para nós, isso acontece. Quem nunca sentiu aquela vontade de fechar os olhos e, quando abrir, tudo mudar? Pois é. É bem assim que me sinto agora.

Sei que Nick está certo no que havia me dito mais cedo, mas como eu poderia viver ao lado de

Luca com todas essas dúvidas, com todo o medo? Como posso viver com a certeza de que verei a mulher - mulher, não, porque estaria ofendendo as mulheres dignas: a vagabunda - com quem ele havia me traído, em todas as oportunidades em que estiver com seu filho?

Luca é um ser humano maravilhoso demais. Aceitou a minha filha como sua, e nunca iria excluir uma criança que fosse seu sangue. E eu não sou nem louca de pedir isso a ele. Jamais. Nunca seria capaz disso. Essa criança não merece e não tem culpa. Mas no fundo, sei que teria que compartilhar uma parte dele com outra mulher para o resto da minha vida. Sei que pode parecer hipocrisia da minha parte, pois tenho uma filha com outro homem, mas Giovanna não foi fruto de uma traição. Só que no fundo, acho que a tristeza de que eu não seria aquela a ter o seu primogênito, aquele que ele tanta me pedia, quase me esmagava e era ainda maior.

Para voltarmos a ficar juntos, terei que colocar o meu orgulho naquela caixa de velhas e não tão boas recordações, aquela que fica escondida no fundo do meu armário? Posso realmente perdoar Luca, sem que realmente esqueça o que aconteceu entre eles? Porque no fim, jamais serei capaz de esquecer. Principalmente porque um filho é um lembrete diário disso. Talvez não seja nada, mas talvez seja algo com o qual eu não suporte conviver. Prefiro ficar como estou agora, sozinha, do que viver com o futuro incerto que, talvez, venha me assombrar posteriormente.

Não. Não posso simplesmente sentar e fingir que ele não me traiu e que dessa noite de traição não irá nascer uma criança que é parte de todo esse pesadelo!

O melhor que eu posso fazer, é respirar e seguir em frente.

Felizmente, meus pais e Giovanna haviam saído em miniférias, para um cruzeiro no Nordeste na quinta antes do aniversário de Mariah, e só voltarão daqui a quinze dias. Minha filha sendo abençoada do jeito que era, disse que não iria, porque percebeu o quanto eu estava triste quando retornei da Itália. Mas eu não podia deixar minha pequena mais envolvida em meus problemas do que já estava. Não queria ela sofrendo ainda mais do que estava sofrendo por causa da distancia que eu tinha imposto de Luca em nossas vidas, ao me ver sofrer exatamente por causa disso. Ela não era apenas a minha vida, mas também uma pessoinha tão especial, que me deu mil recomendações antes de ir. Dizendo que me ligaria todos os dias para saber se eu estava bem, se estava comendo direitinho. Tive vontade de rir, pois sua postura altiva estava “tão adulta”, que não me aguentei e a enchi de beijos e carinhos.

Porém suas palavras antes de sair pela porta haviam me deixado em choque:

— Isso não está certo. Vou conversar com tio Luca, para que ele venha cuidar de você e vocês pararem de brigar. Nem parece que a criança aqui sou eu. Porque estou cansada de saber que temos que aprender a ouvir e perdoar. Tá na hora de fazerem isso e me derem logo eu irmãozinho. — disse simplesmente.

Eu e minha mãe ficamos de boca aberta quando ela terminou de falar e agora ajeitava a bolsa que usava sob seu ombro. E só saímos do nosso transe, quando ela mais uma vez foi a “adulta” e lembrou a avó que meu pai estava a espera delas.

Posso com isso? Essa pequena miniatura de gente, me dando lição de moral!

Depois de se despedirem, fiquei pensando sobre tudo que minha própria filha me disse e relembro tudo que havíamos vivido, tentando colocar sob a balança e decidir não apenas o eu futuro, mas o nosso. Só que isso havia sido antes de todo esse pesadelo explodir na minha cara. Agora era tarde demais para pensar.

Por estar sozinha, pude finalmente me dar ao luxo de me enfiar embaixo do edredom e chorar minhas “pitangas” até quando tivesse vontade. Apesar das saudades que eu já sentia da minha

princesinha, achei que seria bom para que eu tivesse esse tempo só para mim. Levantar apenas um minuto, antes de me atrasar para o trabalho e dormir apenas quando o choro dissesse “chega”.

É. Prevejo uma boa semana para mim. Só que não!

De uma coisa eu tenho certeza: Está ainda mais difícil agora do que foi quando ele me traiu. Desde então, tenho usado meu sarcasmo habitual para ninguém perceber, mas durante a noite eu velo minha dor. Apesar de tudo o que houve, as saudades parecem estar me matando. E era justamente essa saudade excessiva, que me tornava fraca diante meus sentimentos por ele.

A mais fodida verdade é que tenho saudades da gente e de tudo. Saudades de quando a gente ficava horas abraçados, em um silêncio que dizia mais do que mil palavras. Saudades de quando ele dizia que eu era a criatura mais linda, mesmo que eu estive sem salto e maquiagem, que tivesse acordando com a cara amassada e os cabelos emaranhados e, ainda assim nesses momentos, eu realmente acreditava, porque ele me fazia sentir assim. Tenho saudades de quando ele brincava com a Giovanna, e eu não sabia distinguir quem de nós estava mais feliz por isso. Tenho saudades de quando a gente planejava o futuro, mesmo que soubéssemos que ele era tão incerto - e ele me dizia que queria que tivéssemos um time de futebol em quantidade de filhos. Eu dizia que “não”, mas, no fundo, também queria um pouquinho disso, se fosse o que ele realmente quisesse.

Tenho saudades de quando ele soltava aquela gargalhada gostosa e dizia que adorava minha forma irônica e sarcástica de ser, quando eu fazia um comentário espertinho. Saudades de quando ele me fazia rir com piadas sem graça ou estúpidas, ou quando me fazia cócegas, mesmo que eu as detestasse, tornando-nos duas crianças novamente. Saudades de quando ele preferia meu *macaralho*, nome do meu macarrão bom pra caralho! ou qualquer outra comida que eu fizesse, ao invés dos pratos dos melhores chefes. Saudades de quando ele enchia meu saco por ser viciada em séries e filmes americanos, ou de “*mulherzices* e *pieguices*”, como ele chamava e meio que odiava, mas, mesmo assim, assistia ao meu lado com um sorriso no rosto. Saudades de quando ele me provocava dizendo que eu tinha que pôr em prática, ou melhor, mostrar na nossa cama, tudo o que lia nos livros eróticos que ele sabia que eu amava.

Saudades de quando ele me deixava com ciúmes e irritada de propósito, falando dos seus casos com as mulheres que passaram por sua vida, só para no fim rir e me dizer que eu era a única mulher para ele, e que sempre seria assim. Saudades de tudo nele e com ele. Tem horas que bate uma agonia danada, que dá vontade de gritar. Às vezes, dói tanto que a dor parece física. Só que as saudades não trazem ninguém de volta. Muito menos apaga o que passou. Eu já deveria saber disso.

Sinceramente? Não aguento mais essa minha situação. Não aguento mais me ver assim. Sinto-me patética. Fraca. Ainda assim, não tenho forças para mudar o que estou vivendo. Não posso mais ficar assim, isso é fato. Não posso mais ficar com saudades de algo que, mesmo se eu quisesse, nunca mais vai voltar a ser como era antes.

Claro que eu adoro minha casa nova, minha família, meus amigos, meus livros, meus sapatos, e amo o que faço. Com exceção da minha vida amorosa, tenho uma vida verdadeiramente ótima. Não tenho muito do que reclamar, além das contas pra pagar. Mas era tudo diferente quando estava com ele. Nenhuma dessas coisas substitui o prazer que eu tinha ao ouvir sua voz quando estava com ele. Ou de quando escutava o barulhinho de uma mensagem sua chegando, até mesmo nas horas menos propícias. Ou quando o telefone tocava e meu coração batia em um ritmo tão forte, que eu sabia que era ele mesmo antes de tocar a nossa música. Ou quando ele chegava sem aviso, de surpresa, e eu sabia que fazia tanta falta para ele quanto ele fazia para mim. Eu sei, não vou morrer, mas é aquela coisa de você sentir que falta um pedaço seu. Eu verdadeiramente me odeio por isso.

Ter amigos, é ter certeza de que nunca estamos sozinhas. Isso para mim é algo mais do que concreto. Porque pude contar com eles nos meus melhores e piores momentos. Mas tem horas que a gente simplesmente precisa de um tempo só nosso e achei que talvez que fosse isso que eu precisava para conseguir seguir com a vida. Por isso, ignorei todas as mensagens e ligações dos meus amigos. Fiquei em casa no sábado à noite, em nome da moral e dos bons costumes.

Ok, é mentira! A verdade verdadeira é que estou malditamente bêbada e depressiva.

Resolvi procurar o que fazer e como se não bastasse toda a arrumação e desapego que havia feito por causa da mudança, uma limpeza nas minhas coisas veio à calhar. Dei “fim” a tudo que não me fosse mais útil, guardando apenas o que eu queria levar para vida. Enquanto fazia isso, escutei todos os meus CDs, DVD’s e arquivos de músicas depressivas e de fossa. Quando terminei minha faxina, sentei no sofá e dormi por ali mesmo, com a taça de vinho ainda na mão e na manhã de domingo acordei com a sensação de vazio maior do que nunca.

Conselho: Se você está depressiva com o fim de algum relacionamento, não escute o DVD “Harmonia do Samba -Romântico”. Apesar das músicas serem lindas, ele vai fazer com que você relembre de tudo, incluindo momentos bons e ruins. Muito menos Pablo, porque, aí, vai bater o desespero e você vai chorar até dormir.

Se fosse outra pessoa cantando, *A casa ao lado*, eu com certeza teria filmado e jogado no Youtube, porque sério, minha situação cantando a plenos pulmões, chorando e cantando, foi coisa de outro mundo. Lembro de ter usado o controle remoto enquanto a música dizia exatamente o que eu sentia naquele momento:

*“ Estou sozinho,
tenho a alma magoada,
vida triste e abandonada,
tô tentando te esquecer.*

*Mas é difícil,
pois alguém da casa ao lado
vive com o rádio ligado
e isso faz lembrar você.*

*Todas as canções falam de amor e de prazer,
sonhos e paixões que a gente sempre quis viver,*

*Só que o teu amor eu já não tenho aqui
e tento não lembrar,
mas, da casa ao lado, o rádio a insistir,
vai me fazer chorar.*

*Acho que eu não fico mais um dia sem te ver,
ta faltando tudo só por falta de você.
Vivo aquela amor que diz na letra da canção,
faz rimar a dor de machucar meu coração.
Acho que eu preciso novamente te encontrar,
como diz na música que o rádio vai tocar,*

*que você sem mim também está na solidão,
acho que é melhor te procura...”*

Sério. Não indico para ninguém. Definitivamente, ouvir Pablo depressiva não é coisa de Deus. É uma experiência que eu não repetirei jamais em minha vida. Assim eu esperava.

Domingo à tarde, ainda estava sentada no sofá e se quando eu levantasse dele, eu não me surpreenderia se tivesse a forma da minha bunda no assento. Mas essa era a última preocupação que eu tinha. Com uma taça em uma mão e uma garrafa de vinho na outra, ouvia no volume máximo, “*I Never Told You*”, de Colbie Caillat, enquanto cantava a plenos pulmões, me sentindo a Adele.

*“ Sinto falta daqueles olhos azuis
De como você me beija à noite
Sinto falta de como nós dormimos*

*É como se não houvesse nascer do sol
Como o gosto do seu sorriso
Sinto falta do jeito que respiramos*

*Mas eu nunca te disse
O que eu deveria ter dito
Não, eu nunca te disse
Eu me segurei*

*E agora
Eu sinto saudade de tudo em você
Não acredito que eu ainda te quero
Depois de tudo que nós passamos
Sinto falta de tudo em você
Sem você*

*Eu vejo seus olhos azuis
Toda vez que eu fecho os meus
Você torna isso difícil de ver
Onde eu pertenço
Quando não estou à sua volta
É como se eu estivesse sozinha comigo...”*

Foi nessa hora que Carol resolveu aparecer em meu apartamento, apesar de ter mandado uma mensagem “entusiasmada” para todos os meus amigos mais cedo:

“Estou bem, gente! Animada porque amanhã é segunda-feira, dia de pagar pecados. Até breve. Amo vocês. ☐ ”

O fato de Carol estar aqui comprovava que, obviamente, minha mensagem não havia sido tão bem interpretada por meus amigos como eu queria que fosse. E a tentativa de me esconder durante o restante do final de semana e viver na minha bolha depressiva foi ignorada com sucesso. Mas o que eles estavam esperando? Que eu mandasse uma mensagem suicida? Eu não teria nem me dado ao trabalho de mandar a mensagem, se soubesse que não iria adiantar, porque a verdade é que estou a fim de me fingir de morta pra evitar as pessoas.

Eles não podem simplesmente entender isso?

Carol fez uma cara feia quando me viu deitada no sofá, com minha amada taça de vinho na mão. Forcei um sorriso, que não soube responder de onde consegui tirar forças para dar. Quando ainda sem falar nada, Carol se aproximou, retirei minhas pernas para que ela se sentasse ao meu lado.

— Por que você mentiu, dizendo que estava bem? — pergunta, chateada.

— Porque estou. — minto, sorrindo ainda mais.

Isso dói.

— Não, você não está. — diz, repreende-me com o olhar.

— Estou, sim. — rebato, tentando convencer o idiota do meu cérebro a acreditar também. Carol bufa, irritada pela minha mentira.

Odeio que os vinte anos de amizade fizeram com que ela me conheça como ninguém!

— Você é minha amiga há quase vinte anos. Acha que simplesmente pode mentir pra mim? — pergunta, magoada, e eu dou de ombros.

— Acredite se quiser. — resmungo, irritada.

— Vou te dizer exatamente como sei que está mentindo para mim. — diz, irritada, levantando o dedo para contabilizar. — Um: você se veste de acordo com o seu humor. Está usando essa camisola velha, que é sua farda da depressão, e esse meião encardido, que a gente usava quando jogava vôlei e você só usa quando está doente. Dois: você está tomando vinho em casa, coisa que só faz quando come massa ou peixe ou tem alguma comemoração. O que me leva imediatamente ao terceiro motivo, porque você está tomando vinho e comendo pipoca. Quatro: seu cabelo parece o inferno e ele obviamente não deve ver um pente ou escova desde sexta feira. Cinco: suas músicas de fossa e as de Pablo tocaram sem parar desde ontem, que eu ouvi muito bem e quase vim aqui quebrar esse maldito som, porque não estava aguentando mais ouvir. Só não vim, porque Rodrigo conseguiu me convencer a ficar quieta, de uma maneira que me distraiu completamente. Fora que pelos DVDs aí em cima do rack, vejo que você assistiu sua maratona de filmes românticos e depressivos: *Diário da Paixão*, *Titanic*, *Um Amor Para Recordar*, *Um Dia...* Em resumo: eu diria que você está péssima e que seu humor é de uma maníaca suicida — concluiu, arrogantemente.

Merda! Por que ela tem que me conhecer tão bem?

Dessa vez não me segurei e comecei a chorar novamente, mas agora no colo da minha melhor amiga. Apesar de não ter colocado em palavras, agradei por ela estar ali, porque não sei se seria mais fácil sem ela. Obviamente meu plano de ignorar o que nos aconteceu na sexta foi um fracasso épico.

Isso tudo é um inferno! Às vezes, quero poder bater papo com o meu coração e dizer para ele deixar de ser fresco e mandar a porra desse amor embora... Seria tão mais simples!

Depois de finalmente me acalmar, Carol me empurrou para debaixo do chuveiro e mesmo contrariada passei mais de meia hora deixando a água cair sobre mim. No final da tarde, fingi que não ouvi que estava sendo organizada uma intervenção e a intervencionada no caso seria eu. Meu humor já estava uma merda, e, mesmo contrariando Carol, já havia bebido uma garrafa de vinho

sozinha depois do banho.

Em resumo: Não estou nem um pouco a fim de socializar!

Tenho que dizer uma coisa, é legal ter amigos próximos. Eu amo, realmente amo, mas você fica totalmente sem privacidade nos momentos de solidão. As pessoas se sentem confortáveis vindo até mim a qualquer hora, mesmo que o que eu queira seja apenas me enfiar embaixo do meu edredom ou me afogar em mais uma garrafa de vinho.

Isso quer dizer que todos os meus amigos chegaram ao meu apartamento, sem bater, claro, senão não seriam eles e foram entrando como se estivessem em suas próprias casas. João foi o primeiro a entrar, trazendo sacolas de supermercado para um ano.

— Podem entrar. Não se incomodem em bater na porta. — digo, com um humor azedo, e ele sorri.

— Não se importe em tratar a gente bem. Tapa de amor não dói. Além do mais, estamos aqui para alimentá-la. — João joga as sacolas no balcão e começa a organizar as coisas na cozinha.

— Não estou com fome. — minto, apesar da minha barriga estar roncando e ele apenas sorri em resposta, parecendo saber que estou mentindo.

Logo em seguida, Mariah entra, usando óculos escuros no final da tarde de um domingo, o que obviamente me diz que ela deve estar ostentando uma ressaca tão boa quanto a minha.

Pelo menos não sou a única...

Duda e Nick logo entraram, e, por último, Rodrigo entrou assobiando, usando apenas uma sambacação de seda, como se não tivesse saído seminu pelo corredor.

— Depois do jantar, vamos organizar sua intervenção! — Mariah grita, já estendendo uma tábua para cortar legumes e começa a cortá-los de uma forma impressionantemente rápida, que chega a dar medo do que ela possa fazer com essa sua habilidade com a faca.

— Nada de intervenções para mim. Mas estou “ok” com o jantar. — digo, enquanto sorrio escondido, porque estou honestamente feliz em comer alguma coisa que não seja pedida por telefone.

Sério. Essa separação com Luca não apenas me fez perder uns bons quilos, mas também está me custando uma pequena fortuna em vinho e delivery!

Depois de me cumprimentarem, Nick se sentou de um lado meu no sofá, enquanto Duda se sentou do outro e me puxou para deitar minha cabeça em seu ombro, começando a me fazer um cafuné gostoso. Ao mesmo tempo, Nick começou a fazer massagem nos meus pés.

Hm... Isso é bom. Na verdade, isso é absolutamente delicioso. Quase relaxei... Quase.

Mas apesar do carinho maravilhoso que Nick e Duda estavam me proporcionando, ainda conseguia ouvir o burburinho de conversa na cozinha de João, Mariah e Carol e isso estava absolutamente me irritando.

— Vocês podem fazer uma massagem em mim, depois que pararem de falar pelas minhas costas! — grito, minha voz escorrendo sarcasmo e eles caem na risada.

— Você vai saber em breve sobre o que falamos. Mas eu não me incomodaria em fazer uma massagem com você nua, gata. — João provoca, e eu mostro o dedo do meio para ele, que ri.

— Carol, faça-me o favor de não explodir minha cozinha. — pirraço, porque ela é péssima cozinheira e sei que ela está lá apenas para fofocar mesmo. E é a vez dela me dar dedo, enquanto todos tiram sarro com a cara dela.

Ela que aguente! Não disse nenhuma mentira mesmo!

Enquanto servimos o jantar na mesa, salada *caesar*, estrogonofe de frango e batata suíça recheada, acompanhados de vinho branco, sinto-me um pouco melhor. Afinal, como não me sentir melhor com vinho, comida e amigos? Melhor do que isso, só um orgasmo com o *Rabbit* mais tarde. Ainda que

não tenha dito em voz alta, comecei a agradecer a Deus por meus amigos serem tão bons comigo e, ainda por cima, saberem cozinhar, porque fome eu sei que é algo que terei para o resto da vida, então, eles serão mais do que úteis para mim. Mas, sério, estar com eles ajuda mais do que eu posso admitir a mim mesma.

— Bem. Já que estamos aqui, comendo e a fome não é mais problema, vamos discutir nossa viagem. — Carol diz, como se não fosse nada de mais decidirem um viagem, sem que eu seja consultada.

Hum? Ela só pode estar brincando!

— Oi? Como assim “viagem”? — pergunto, surpresa e irritada ao mesmo tempo.

— O que se deve fazer quando precisamos de um tempo das nossas merdas? — João pergunta, ansioso, e apesar saber de onde ele está falando, ele não espera que eu responda para dizer: — *Vamos a Margarita!* — responde, animado, enquanto eu encaro os rostos igualmente felizes e cheios de expectativa dos meus amigos à mesa.

— Nem fodendo! — falo, com raiva.

— *Marotinha*, temo em lhe dizer que isso não é uma opção. A não ser, é claro, que os três aí aceitem, o que eu não duvido muito que aconteça. — Rodrigo me provoca, sorrindo daquela sua forma irritantemente marota. Cerro meu olhar para ele, enquanto todos concordam e caem na gargalhada.

— Não estou a fim. — murmuro, cada vez mais irritada.

— Mas você vai. — Mariah rebate.

— Pra sair de casa, só me faltam algumas coisas: disposição, ânimo, dinheiro, vontade e motivos. — enumero.

— Temos de sobra. — Nick diz, rindo.

— Não o suficiente. Vocês vão me obrigar? — pergunto, perplexa, olhando para todos eles, que neste momento, eu certamente odeio.

— Hm... Se for preciso. — Mariah diz, sorrindo, antes de levar o garfo cheio a boca.

— Eu não posso. Tenho uma vida, se vocês não se lembram. Não posso simplesmente largar tudo e dizer: *“Ei, vou ali em Margarita encher a cara, para tentar recuperar meu coração em pedaços!”* — satirizo, antes de cruzar meus braços sobre os seios. — Acho que não. — falo, irritada por pensarem que é simples assim.

— Pode, sim. A Giovanna está viajando com seus pais e não voltam antes de nós. Já verifiquei sua agenda até quarta na empresa e na *Campanaro*. Quinta é feriado, e consegui reagendar outros compromissos nossos. Todo mundo conseguiu tirar uns dias de folga. O que você sabe que é praticamente impossível nessa altura de nossas vidas. Então, não perderemos a oportunidade e vamos ficar dez dias lá. — Carol afirma, com um sorriso animado.

Eles perderam o restante do juízo! Absolutamente. Loucos de pedra.

— *Oh*, não! — Levanto-me da cadeira, pronta pra briga, se for preciso. — Eu não posso. Não é assim. Tenho que trabalhar. Não tenho dinheiro, e estou, sinceramente, cheia de contas para pagar...

— Ninguém está mandando você gastar. — Nick diz, cruzando os braços sobre o peito, seu tom sério me deixando ainda mais aborrecida.

— Vamos no meu carro. Você sabe, aquele grande, como o dono. — Duda brinca com as sobrancelhas, mas não consigo nem rir com sua brincadeira, apenas bufo, frustrada.

— Gente, não! — Olho pra todos séria. — Eu não vou sair daqui sem um real no bolso. Fora que eu nem sei quanto virão minhas faturas de cartão de crédito, depois de tudo que gastei esse mês para casa...

— Bem. Não é muita novidade você não saber. — Mariah interrompe, com um tom de falsa censura.

— Somos sete pessoas. Vamos dividir todas as despesas, não vai sair caro para ninguém. — Rodrigo fala, parecendo decidido.

— Gente, isso não é assim. — insisto, com os braços cruzados. — Confesso que posso ser uma filha da puta gastadora, mas nunca deixei que vocês pagassem nada para mim. — falo irritada ao pensar que em algum momento eles acreditaram que eu aceitaria isso facilmente.

— Está na hora de acabar com essa merda, linda. — Nick diz, seu tom ainda mais sério. — Todos aqui amam você, e ninguém se incomoda em gastar algum dinheiro para te fazer feliz. Somos adultos, trabalhamos, não temos mais quinze anos. Você não precisa ser orgulhosa com seus amigos. Do que adianta trabalharmos feito burros de carga, se não podemos dividir isso com nossos amigos?

Ele tem um ponto, mas, ainda assim, não vou ceder!

— Para com isso, gata! — João fala, puxando-me para me sentar em seu colo. — Sabemos que você faria a mesma coisa por nós. A gente sabe que você não gosta, mas estamos mais do que felizes em fazer. — diz, acariciando minhas costas, em uma tentativa frustrada de me acalmar. Ainda assim, fico tensa.

— Sophia, se você fosse minha namorada, se incomodaria? — Duda provoca, ao meu lado, e eu dou um murro em seu braço, mas sorrio escondido de sua tentativa de fazer com que eu me sinta melhor para aceitar.

— Gente, eu sei o que estão tentando fazer. E, de verdade, aprecio isso, mas não sei se posso. — admito.

— Pode. E deve. Melhor dizendo: Nós vamos. Nem que a gente te arraste pelos cabelos. — Carol ameaça, e todos concordam, sorrindo.

Começo a pensar rapidamente em como posso me livrar deles e dessa ideia absurda. E falo a única coisa que consigo pensar:

— Eu queria recuperar o tempo perdido na academia durante esses dias. — minto, descaradamente, e todos começam a rir.

— Você sabe que não vai. — Nick diz, ainda rindo, e eu faço careta, sabendo que é verdade.

Droga! Eles me conhecem.

— Marotinha. Você precisa disso. Na verdade, todos nós estamos precisando desse tempo afastados. Deixe de frescura e vamos logo! — Rodrigo suplica.

— Eu não tenho escolha, né? — pergunto, olhando atentamente para todos os rostos me olhando com expectativa, constatando o óbvio.

— Acho que não. — Nick diz, sorrindo.

Ok. Tenho que admitir, que é difícil encontrar pessoas que nos amem incondicionalmente, sei disso. Fui sortuda o suficiente para encontrar seis amigos assim. Pensando melhor, talvez conversar, rir durante horas, daquele jeito que faz a barriga doer e dá vontade de fazer xixi, esquecer um pouco do mundo e me desligar de toda essa merda que está acontecendo em minha vida, seja exatamente o que estou precisando. Talvez seja bom ir a novos lugares, ver outras pessoas. E tomar bebidas e mais bebidas, bem mais fortes.

Como posso negar algo quando eles apenas querem me ver bem?

— Ok! — confirmo, com um suspiro derrotado. — Acho que Carol e Duda estão realmente na profissão certa. E vocês deveriam pensar seriamente em mudar de profissão e fazer faculdade de Administração, porque vivem administrando as suas vidas, a minha, a dos outros. — brinco, apontando para eles, que riem.

— Ai! Estou tão empolgada para ir para Margarita! — Mariah grita, enquanto bate palminhas de animação.

— Não se esqueçam de levar os biquínis. Ou fazerem topless, meninas. Eu não me importo. — João brinca.

— Do jeito que pretendo ficar bêbada, não duvido que você me encontre fazendo exatamente isso um desses dias. — concluo, carrancuda.

— Opa! Me lembre de não desgrudar de você. — Duda diz com seu sorriso malicioso, antes de piscar para mim.

— Me poupe. Como se você já não tivesse visto. — Reviro os olhos.

— Não depois de... — Duda diz, fazendo gestos com as mãos, indicando meu silicone, fazendo com que todos nós ríssemos.

— Não fique tão animado quanto a isso, garotão. Margarita é que nem Vegas. O que aconteceu em Margarita há dez anos ficou lá, e sinto lhe dizer que nem lá você vai achar. — Pisco pra Duda, fazendo com que todos voltem a rir de novo.

— Nunca diga “nunca”, minha gata! — ele diz, antes de sorrir de forma arrogante.

É, não tem jeito mesmo. Margarita, aqui vamos nós!

Capítulo 13

Ao longo dos dias, fui uma completa e louca confusão. Luca tentou falar comigo mais vezes do que posso me dar ao luxo de saber. Estava nervosa e estressada, jogando para fora a minha distraída falta de jeito, como resultado de um fim de semana de uma ressaca épica, depositando as esperanças do dia no meu trabalho e nas xícaras de café. Estava completamente perdida e desorientada.

Tentei milhões de argumentos e desculpas até quarta-feira, mas, infelizmente, ninguém cedeu ou caiu na minha conversa fiada. Então quando a quarta à noite chegou, Mariah chegou junto com ela e assumi minha derrota e como boa perdedora, acabei indo arrumar minha mala porque não tinha mais jeito e nua eu não iria. Quando Mariah entrou na minha casa, puxando sua mala e frasqueira da *Louis Vuitton*, estava tão alegre como criança em véspera de Natal.

Também ficaria feliz assim se tivesse um conjunto de malas tão fabuloso e caro, ou pelo menos, uma frasqueira dessas!

Mariah faz nosso jantar, porque óbvio que eu não pediria *delivery* com ela em casa, e depois, resolveu me ajudar a arrumar minha mala, o que eu achei que foi uma péssima ideia, pois ela estava empurrando biquínis e roupas de praia para mais de um mês. Tive que lembrá-la várias vezes de que só iríamos passar dez dias, mas claro que ela não me ouviu e continuou pegando o que ela achava necessário.

Na quinta de manhã, ou melhor, de madrugada, fomos brutalmente acordadas pelos muito felizes e mega animados João e Duda. Quando eles ligaram as luzes do meu quarto, primeiro pensei que fossem ladrões e já ia dizer que poderiam abusar de Mariah, porque seu mal humor costumeiro denunciava sua falta de sexo, mas dei de cara com os dois ao invés de ladrões. Enquanto eles fazem de tudo para nos acordar, além de desejar silenciosamente que brochassem, fiquei pensando seriamente em mudar de lugar a chave reserva, que mantenho escondida grudada por um velcro embaixo do tapete de entrada que está escrito “*Bem-vindo... Trouxe Bebida?*”. Sério, preciso fazer isso mesmo, porque uma vez que eles sabem exatamente onde fica, sei que nunca vão me deixar em paz novamente.

— Vocês sabem que horas são? — pergunto, irritada, removendo minha máscara de dormir com os dizeres: “*Se for pra ser ciumento, psicopata e doente por ‘amor’, que seja pelo menos um Christian Grey*”.

— Quatro da manhã. Hora de pôr o pé na estrada. Vá se vestir — Duda diz, sorrindo e abaixando seu olhar de cima a baixo no meu corpo coberto apenas por um *baby doll*. — Ou não. Se você quiser ir com essa camisola, gata, eu juro que não vou reclamar. E posso ser seu “Cinquenta Tons de Cinza”, se quiser. — Ele sorri, maliciosamente, e eu jogo o travesseiro nele.

— Idiota! Você tá longe de ser o Grey da minha vida. — falei, tomando coragem e me espreguiçando.

— Quem morreu? — Mariah resmunga, quando João se joga ao seu lado, abraçando-a para acordá-la.

— Eu acabei de morrer, por ver você nessa camisola sexy. — João brinca, passando a mão em sua coxa.

— *Urgh*, João, para! — Mariah bate na mão dele antes de se sentar na cama e se espreguiçar.

— Preferia um: “Ai João, não para!”. Mas tudo bem, podemos trabalhar nisso mais tarde. — brincou, me fazendo cair na gargalhada e Mariah lhe dar língua.

— Tudo bem. Como não tem jeito mesmo, saiam daqui, vocês dois, enquanto a gente se troca. E

tratam de chamar logo os “vizinhos felizes” do lado. A chave de lá está no meu chaveiro da porta. — Enxoto-os do quarto. — Ah! Já que vocês perturbaram meu doce sono, façam-nos ao menos um café forte! — grito, já com a porta fechada.

Quando saímos do meu apartamento, já eram quase quatro e meia da manhã. Duda, João e Rodrigo descerem reclamando das nossas malas. E nós, como mulheres, ficamos atrás deles, obviamente reclamando por eles reclamarem.

Cambada de rabugentos! Como ousam questionar a maneira que nós mulheres fazemos a mala? Isso é puro machismo!

Assim que chegamos ao carro de Duda, Nick estacionou o dele ao lado e saiu com sua mochila, antes de fechá-lo com o alarme.

— Achei que fôssemos pegar você no seu *apê*. — comentei sem entender, enquanto comia uma barrinha de cereais de banana com castanha, como a pessoa saudável que sou.

— Achei melhor que a gente se encontrasse logo aqui, para não atrasar mais, linda. — Nick responde, ao me abraçar.

— Ótimo. Fui brutalmente acordada. Posso precisar de uma massagem. — brinco com ele, que ri.

— Para que tanta mala? — Nick pergunta, ao se aproximar do porta-malas.

Ih! Mais um para reclamar!

— Pergunta pra elas. — Rodrigo responde, mal-humorado, apontando para nós três.

— Necessidade. — respondo, de forma séria e confiante.

— Verdade. — Carol e Mariah confirmam.

— Vocês vão ficar dez dias ou um mês? — Nick pergunta, com seu meio sorriso sonolento.

— Não acho que vocês queiram nos ver mal vestidas por aí. — Mariah responde rapidamente.

— Para que vestir? Para mim, nuas já está de bom tamanho. Já disse que sou a favor do naturalismo. — Duda diz, com seu sorriso malicioso, nos fazendo revirar os olhos para ele.

— Você não tem uma namorada pra levar para lá e fazer esse espetáculo para você, não? — Carol pergunta irônica.

— Você sabe que a única que eu quis faz jogo duro comigo há uma década. Quem sabe lá nos mares caribenhos, ela não caia em tentação novamente. Abraçaria a monogamia de bom grado — Duda diz, piscando pra mim, fazendo todos caírem na gargalhada.

— Me poupe — respondo, lutando bravaente para não rir.

Juro que os mais de cem quilômetros que ligavam Manaus a Presidente Figueiredo, nunca foram tão longos desde que me entendo por manauara. Paramos em Presidente Figueiredo porque é de praxe e ninguém havia tomado café justamente por isso, e o café da manhã regional da cidade é realmente fantástico. Depois que comemos, tive a impressão de que havíamos comido tudo o que tinha disponível no estabelecimento e meia hora depois, quando continuamos na estrada, me sentia uma grávida de tão cheia que estava.

Deus do céu! Eu definitivamente estava tendo um pesadelo em que era uma figurante em um filme de High School Musical!

Sério. A coisa estava tensa. Meus amigos não paravam de cantar, batucar e se remexer em seus bancos, de tão animados que estavam, enquanto o carro cruzava a estrada. É completamente insano para mim eles estarem animados, quando ainda está tão cedo. Isso para mim não era coisa de gente normal. Como arquiteta viciada, precisava desesperadamente de uma garrafa de café, ou melhor, de

vodka e um par de tampão de ouvidos para aguentar esses seis.

Na reserva indígena, Mariah queria parar para tirar foto e quase surtou quando Duda não fez isso. Todos rimos tanto tentando explicar a ela que é proibido parar para tirar foto ali, que ela chegou a ficar vermelha. João ainda inventou de dizer a ela que, se isso acontecesse, poderíamos receber uma flechada no meio da bunda. Temo dizer que acho que ela acreditou. Na verdade, até eu acreditei pela seriedade que João usou.

Chegamos a Boa Vista na hora do almoço. Na verdade, já estávamos verdes de fome. Tenho que admitir, que minha tentativa de me alimentar melhor e levar barrinhas de cereais não foi nada feliz. Não consegui comê-las, e rezei por uma bolacha *cream cracker* que fosse. Mas mesmo que eu resolvesse encarar as tais barrinhas, era tarde demais, porque antes mesmo das onze da manhã, os meninos já haviam comido todas as minhas dez caixas de barrinhas. O que deixou as meninas e eu agonizando. Um prato de comida parecia uma miragem enquanto ainda estávamos na estrada.

Almoçamos em uma churrascaria, e tive a impressão de que comi um boi antes de seguirmos viagem. Em Pacaraima, fronteira do Brasil com a Venezuela, resolvemos fazer o câmbio de Real por Bolívar. O câmbio estava alto, pois, além do país estar em crise e estarmos no meio da semana, essa época do ano é considerado baixa estação. Por isso, o que consegui sacar do cheque especial da minha conta corrente, virou um enorme bolo de dinheiro.

Como não ser feliz com o milagre da multiplicação?

Quando atravessamos a fronteira, já eram quase 16h. Resolvemos passar a noite em Santa Elena do Uairén, porque, pela hora, não iríamos muito longe. Pegamos nossa autorização na Alfândega Venezuelana e ficamos pela cidade. Confesso que fiquei azul de inveja, com a quantidade enorme de carimbos que Mariah tinha em seu passaporte. Fiquei cutucando ela só de pirraça, dizendo que ela havia dado a volta ao mundo rodando bolsinha.

À noite, decidimos sair para comer alguma coisa e logo em seguida voltarmos para o Hotel, porque queremos sair de madrugada para chegarmos a Porlamar logo cedo. Havíamos pego três quartos de Hotel: um para Carol e Rodrigo; um para mim e Mariah; e outro para o restante dos meninos. Depois de xingar Mariah de todos os palavrões que eu conheço, por ela ter tirado minha calça Jeans e um casaco que tinha separado na mala, para colocar mais saídas de banho e mais shorts jeans minúsculos, peguei um moletom de João para enfim sairmos para o frio do caralho, que estava fazendo na cidade venezuelana.

— Vamos comer o quê? — Duda pergunta, ao volante.

— Pizza. — a resposta foi geral .

Santa Elena de Uairén não é bem uma cidade turística. Fora o *duty free*, não se tem nada de muito interessante. Vemos tantos brasileiros aqui, que se não fosse o frio, alguns carros antigos e os valores stupidamente baratos de tudo na cidade, a gente realmente não se sentiria fora do nosso país. Chegamos à pizzeria que sempre íamos nas vezes em que estávamos de passagem por aqui e o local, ainda que viva lotado e a gente o frequente há anos, continua bem simples, com mesas de plástico e música ao vivo. Mas ainda assim com um clima gostoso e acolhedor.

Assim que cinco pizzas tamanho família chegaram à nossa mesa, os meninos não esperaram nem que trouxessem os talheres antes de começarem a comer e já pegaram com a mão mesmo.

— Para que educação quando estamos fora do país? A mãe de vocês devem ficar orgulhosas por terem gastado tanto com a educação de vocês e vocês não a usarem. — ironizo, olhando a falta de educação deles comendo.

— Linda, você sabe que a pizza daqui é boa quente e que, com esse frio e a fome que estou, preciso comer logo. — Nick responde, enquanto traça seu pedaço.

— *Hmmm...* — Mariah solta um gemido alto.

— Passa por baixo da mesa, agora, Ana Maria Braga. Ou, então, geme mais alto, porque o cara do outro lado da cidade ainda não ouviu. — Carol brinca, fazendo-nos rir e Mariah mostrar seu dedo do meio.

— Porra, é uma delícia essa pizza! A pizza italiana é a melhor, *ever*, mas, nossa... Essa é uma coisa! — Ela volta a gemer.

— Continue gemendo assim, que minha mão e eu teremos muito no que pensar mais tarde. — Duda provoca Mariah, que lhe atira o porta-guardanapos. Os meninos riem.

— Credo, Duda! — eu digo, com cara de nojo.

— Nojento! — Carol complementa e ele pisca para nós.

— Já vi que vou me fartar nessa viagem! — Mariah continua a falar, ignorando Duda completamente.

— Ótimo. Você será minha degustadora oficial, chefe. — digo, enquanto mordo a minha pizza.

— Por quê? — Mariah pergunta, visivelmente estranhando o que acabei de dizer e Carol começa a rir.

— Que bom que não seremos os únicos a comer comida chinesa, *pollo* e pizza. — João resmunga e todos concordam.

— Mentira que você só come isso na Venezuela, Sophia! — Mariah diz, indignada, quando entende o que ele quer dizer. — Você sabe quanta coisa gostosa tem aqui nesse país, sua louca? — pergunta, e eu reviro os olhos.

— O que posso dizer se sou uma pessoa de hábitos? Sei que o café é péssimo e não como nada que não tenha certeza de que gosto. — Dou de ombros.

— Já comi as *arepas*, mas estou doida para experimentá-las aqui na Venezuela. Devem ser incríveis! — Mariah diz, sonhadora.

— Me lembre de comprar um pacote de *Doritos* para te acompanhar, quando você for comê-las.

Saímos antes das cinco da manhã, para pegarmos novamente a estrada em direção a Margarita. Mas antes de seguirmos viagem, passamos em confeitaria e nos deliciamos com todas as incríveis gostosuras que tinham lá. Uma coisa é certa: eu amo as padarias da Venezuela. Seus salgados e bombas de chocolate são únicos. Mas tinha só um problema: o café. Honestamente, odeio *Nescafé*, mas odeio mais ainda o café venezuelano. Tomar café venezuelano é uma experiência que pretendo nunca mais repetir. Se uma viciada em café como eu, quiser ir a Venezuela, o melhor a se fazer é levar um potinho de café instantâneo, para não ter de passar por uma abstinência de cafeína na Venezuela. Eu entraria em parafuso se ficasse mais de 24h sem café.

Passei o resto da viagem, até Puerto La Cruz, enchendo o saco de Duda. Para me distrair, mas também distraí-lo de dormir, fui na frente com ele e virei DJ. Apesar de ter pedido um milhão de vezes para dirigir seu carro, fui frustrantemente ignorada quanto a isso. Brincando, e cantando, parecíamos ser as únicas almas vivas ali no carro. Temo dizer que eles estão previamente preparados para o restante dos nove dias de farra, e eu estarei devidamente fodida.

Quando finalmente pegamos o *ferry boat* para Punta de Piedras, já estava morta de sono e malditamente enjoada do balanço do mar. Irônico uma baiana enjoar no mar, não? Pois é. “*Quem é do mar, não enjoa, não enjoa...*”. Não enjoa uma ova! Isso definitivamente não se aplica à minha pessoa, pois eu estava enjoada como um porco e verde. Felizmente, deixaram-me dormir e depois de um tempo que Nick me trouxe uma água com gás e um *Dramin*, para que eu tomasse e ver se eu melhorava.

Despertei sentindo alguém beijando e cheirando meu pescoço. Por um momento, sonho em ser Luca, mas não demorei a discernir que não era ele. Primeiro, porque ele não estava aqui comigo quando dormi. Segundo, porque esses lábios, apesar de bons, tenho que ressaltar, não são os dele. E nem mesmo a reação que causa em minha pele e em meu corpo, é a mesma que Luca me causa. Não preciso nem pensar duas vezes e nem sentir o cheiro do seu perfume da *Polo* para saber quem é: Duda.

Não hesitei em lhe um safanão na orelha, fazendo com que ele se contorcesse ao se afastar, o que me faz rir.

— Porra, gata! *Cê* sabe que eu ia te deixar feliz — Duda diz, enquanto massageia a orelha direita.

— Sei que você seria uma dor de cotovelo para o resto da vida. Não tá vendo você agora, mesmo depois de quase dez anos? Honestamente. — lhe respondo, torcendo meu bico, antes de pular do carro.

Quando meus pés tocam o chão, estico meu corpo dolorido de horas de viagem. No momento em que chego a um portão e um muro grande em que está o restante dos nossos amigos, Duda me agarra pela cintura antes de murmurar em meu ouvido:

— Mulher. Você sabe que você é a única que faz isso comigo, né? — pergunta, me fazendo estremecer.

Oh não! Carência maldita!

— Chega de graça, garanhão! — digo, enquanto aperto seu nariz e ele ri. — Não estamos muito longe da praia, não? Sinto cheiro de maresia. — pergunto, animada, assim que me viro para os outros.

— A uns trezentos metros da praia, linda. — Nick diz, contente.

— Acho que posso fazer esse exercício até lá. — Mariah fala, batendo palmas em animação.

— Estamos esperando alguém? — pergunto, quando não vejo ninguém abrir a porta diante de nós.

— Sim. O agente da empresa de turismo que nos alugou a casa, avisou na portaria do condomínio, que já estava chegando. — Rodrigo fala.

Não demorou para que um *Troller* preto estacionasse em frente onde estamos parados. De dentro sai um Chris Hemsworth, vestido em estilo surfista, com shorts e camisa floral aberta, revelando um belo tanquinho ali e me deixando de boca aberta.

Hm. Absolutamente. Para mim, está ok!

Carol, Mariah e eu nos olhamos instantaneamente, tentando manter a discrição. Elas me dão aquele olhar malicioso de entendimento, que normalmente damos uma para outra quando vemos um homem gostoso assim. Ele cumprimenta todos, mas quando levanto meus olhos até seu rosto, percebo que está me olhando. Ele então tira seus óculos escuros, revelando um belo par de olhos azuis e um sorriso contido de quem sabe das coisas.

Bem. Não posso reclamar. Definitivamente, acho que fui pega olhando-o descaradamente!

Sinto meu rosto corar de vergonha, o que parece atizar ainda mais seu charme, pois seu sorriso parece só aumentar.

— Prazer, Jack. — apresenta-se, sorrindo ainda mais ao estender a mão para me cumprimentar.

— Prazer, Sophia.

E acho que nós dois passamos tempo demais apertando a mão um do outro. Não sei se sou eu ou ele, mas recolho imediatamente quando me dou conta disso.

— Nós podemos entrar? — Nick pergunta e pude sentir o seu olhar duro sobre mim.

— Claro. — Jack responde, enquanto caminha entre nós para abrir um enorme portão de ferro.

A primeira coisa que vejo quando o portão se abre, é uma enorme piscina azul escuro em formato de feijão. A casa é simplesmente linda. Meus amigos haviam caprichado dessa vez. Ela era enorme, de tijolinhos, com dois andares, detalhada com madeira e enormes varandas com vista para o mar. Por dentro, a casa também era impecável: toda bem mobiliada, decorada e organizada. São quatro quartos, todos com vista para o mar. Estava na varanda de uma das suítes, me deliciando com a vista incrível, de onde também podia ver os meninos pegando as malas no carro. Foi então que vi Jack parando ao meu lado.

— Seria muito clichê que dissesse que acho que a conheço de algum lugar? — pergunta e eu começo a rir.

Só eu que acho que isso é uma cantada?

— Um pouco. — confesso. — Não venho a Margarita há uns dois anos, então, acho meio difícil que a gente se conheça.

— Você faz televisão ou algo do tipo? — pergunta, curioso.

— Não. — respondo, imediatamente, antes de cair na gargalhada. — Definitivamente não é a minha praia. Sou arquiteta.

— Sim. — Ele olha diretamente para mim. — Mas você é tão bonita que, definitivamente, poderia ser uma atriz. — Coro com sua sinceridade.

— Não. De qualquer forma, obrigada pelo elogio, mesmo assim. — Sorrio, ainda sem jeito.

— Mas é sério. Eu não sei, mas parece que eu já lhe vi. Não vou ao Brasil há um tempo, mas sempre vejo e acompanho as notícias de lá. — diz, deixando-me em alerta.

— Bem. Talvez você realmente tenha visto algo sobre mim. — confesso, timidamente.

— Sim?

— Meu noivo... Er... Quer dizer... Ex — corrijo-me imediatamente. — Bem, ele é um empresário bastante conhecido. Então, você deve ter visto algo de mim com ele. — Dou de ombros, como se não fosse tão importante.

— Noivo? Hm... — Ele parece surpreso. — Faz muito tempo que romperam? Desculpe perguntar, mas estou realmente interessado. — Rio, sem graça, mais uma vez, com seu interesse óbvio.

Oh meu Deus! Definitivamente esse gato surfista está dando em cima de mim! Quanto tempo faz que não sou solteira? Dez anos, por um acaso? Aff...

— Não. — respondo, voltando meu olhar para o mar. — Poucas semanas, pra falar a verdade.

— Mas... — Interrompo-o:

— A casa é sua? — pergunto, mudando de assunto. Ele me olha mais um instante, antes de responder:

— Da minha família. Como meus irmãos moram nos Estados Unidos, ficava sozinho aqui. Achei um completo desperdício ter uma casa desse tamanho só para mim.

— Seus pais moram lá também? — pergunto, disposta a tirar seu foco sobre mim.

— Não. — Sinto-o ficar um pouco tenso. — Meus pais morreram em um acidente de avião, há alguns anos. — Jack responde.

— Sinto muito. Eu não deveria ter perguntado. — digo, sem jeito.

— Tudo bem. Faz bastante tempo já. — Ele suspira e continua: — Temos essa casa desde que me entendo por gente. Meu pai era americano, e minha mãe, brasileira, de São Paulo. Eles se conheceram enquanto estavam de férias aqui. Se casaram um mês depois. — Sorri torto. — Minha mãe foi embora com ele e viveram desde então nos Estados Unidos. Tenho dois irmãos mais velhos. Passávamos sempre nossos verões aqui.

— Deve ter sido incrível.

— Sim. Amo esse lugar. Amo tanto, que depois que eles se foram, não quis ir embora de novo. Abri uma agência de turismo, e vivo exatamente como gosto. — Ele sorri abertamente, mostrando seus belos e muito brancos dentes, dignos de um comercial da *Colgate*.

— É uma delícia fazer o que gostamos! — digo, sinceramente, e ele concorda. — Você não tem tanto sotaque americano. Por quê? — pergunto e ele dá uma risada deliciosa.

— Minha mãe não nos deixava falar inglês em casa. Falávamos apenas português. Quando vínhamos pra cá, durante as férias, só nos deixava falar espanhol.

— Sua mãe era inteligente. Criou os filhos quase políglotas! — falo, em tom de brincadeira, mas é realmente a verdade.

— Era, sim. — diz, abrindo um grande sorriso sincero.

— Falo um pouco de inglês, por causa do curso que fiz, por uma obrigação turística e pelo mercado de trabalho. Foi mais como uma necessidade mesmo. — admito.

— É tudo uma questão de prática.

— Sophia? — Escuto a voz de Nick atrás de mim e me viro.

Nick está na porta do quarto, olhando diretamente para nós dois, seu maxilar tenso. Não precisa ser amiga dele há anos para saber que ele não gostou nem um pouco de me ver conversando com Jack. Realmente não quero problema nenhum por aqui, e muito menos, magoar Nick.

— Trouxe sua mala. — Nick diz, com seu olhar ainda em Jack.

— Obrigada. Você é meu herói! — Saio em direção a ele e lhe dou um beijo em seu rosto, em agradecimento, fazendo-o relaxar instantaneamente. — Nick, Jack também é americano. — digo, tentando quebrar o gelo e Jack não diz nada, apenas acena em concordância.

— Legal. De que lugar? — Nick pergunta, mas sei que é apenas por educação e não por ele querer realmente saber.

— Califórnia. — Jack responde, se forma igualmente fria. — Você também? — pergunta.

— Sim. Minha mãe é brasileira, mas sou de Nova Iorque. Mas, quando meus pais se separaram, eu tinha treze anos e fui embora para o Brasil com minha mãe. Voltei para os Estados Unidos apenas para fazer faculdade. — responde.

— Deixe-me adivinhar... — Jack diz, sorrindo. — *Yale? Princeton? Columbia? Cornell?* — pergunta, sobre sua faculdade, quase que com desdém.

— Não. — Nick sorri largamente com a provocação sem efeito.

— *Harvard*. — respondo, orgulhosa, e Jack concorda com a cabeça, visivelmente surpreso. Sua cara disse “Uau”, mas ele respondeu apenas:

— Resposta, cara. — Jack agora sorri com todo o seu charme. — Fui para *Berkeley*.

— Legal. Fiz uma visita ao campus, mas estava fora do campo de interesse de meu pai. Então, acabei não me candidatando. — Dá de ombros, como se não importasse, mas sei que ele dá muita importância sobre isso.

— Gente, João e Duda querem sair mais tarde. Vocês estão dentro? — Mariah pergunta, entrando no quarto.

— Eu estou. — respondo, animada, já pensando no que vou vestir.

— Se vocês quiserem, posso levar vocês para alguma boate pela ilha. — Jack se oferece.

— Obrigado, cara. Mas... — Nick começa.

— Seria ótimo! — Mariah grita, animada, interrompendo a dispensa que Nick certamente daria a Jack.

— Preciso de um banho. — penso alto.

— Beleza. Volto às oito. — Jack diz, entendendo a deixa. — Até mais tarde, então, galera. — Ele

vai se retirando do meu quarto, mas para na porta e me dirige o que eu chamo de seu “sorriso paquerador”. — Até mais tarde, Sophia. — diz, antes de sair, fazendo-me ficar sem graça.

Uhum. Certo. O que eu esperava? Não estou morta, não estou imune à paquera de gatos como Jack... Estou?

— Ui! Alguém tem um paquera. — Mariah me pirraça, cantarolando.

— Sem chance. — respondo, de forma azeda, fazendo uma bela careta para ela. Forço-me a não olhar a cara de Nick, mas, ainda assim, consigo sentir seu olhar ardendo sob minha pele.

Capítulo 14

João e Rodrigo acabaram indo com Jack no carro dele. Nem cogitei ir com eles, pois ainda estava muito constrangida com sua paquera. Fora que além de ficar mais a vontade, o carro de Duda também era visivelmente mais confortável e espaçoso. O restante de nós foi no carro de Duda, que agora estava estranhamente vazio, com exceção de todo o falatório e conversa animada à caminho do restaurante. Jantamos em um restaurante chinês, claro e pouco depois das 23h, fomos rumo ao nosso destino: *Bora Bora*.

Bora Bora fica localizada na Marina Del Concorde, em Porlamar, e é um dos lugares mais famosos da Ilha. Dizem que é onde se reúnem todas as pessoas bonitas que estão visitando a Ilha de Margarita. Não tem um ser vivo solteiro, dançante e bebedor, que não tenha ido ou ao menos escutado falar de lá. O lugar é incrível. Além de ter um ambiente praiano bonito e um píer com marina, lá ainda tem boa música. E se prepare para um super clichê: bons drinks. Mas é a grande verdade. Se você for a Margarita, tem que ir a *Bora Bora*, isso é fato. O local tem um restaurante e uma discoteca, mas, por ser um ambiente mais badalado, é um pouco mais caro que outros locais da região. A especialidade do restaurante é a cozinha mediterrânea e caribenha, motivo pelo qual não jantamos aqui, pois eu não queria. Além da pista de dança, restaurante e *lounge*, o lugar também tem uma boutique com *souvenirs*, que eu acho particularmente encantadora.

Jack é super divertido. Ele se deu super bem com todos, apenas Nick continuou um pouco travado para o lado dele, mas simplesmente finjo que não sei o porquê. Ele é super inteligente e carismático. E a verdade, é que eu com certeza teria ficado atraída por ele se não tivesse meu coração aos pedaços.

Deus! Será que posso voltar a me divertir algum dia?

Depois de dançar para caramba e beber seis taças de *Blue Monkey*, precisei tomar um ar. Fui caminhando, com o restante da minha dignidade e sanidade, até finalmente chegar ao píer. Tirei minhas sandálias e me sentei na borda, balançando minhas pernas para o ar. Mesmo estando perto do mar, o calor estava enorme, mas felizmente estava usando um corselete tomara-que-caia de oncinha e um short *jeans* curto. E antes mesmo de chegarmos aqui, já havia prendido meu cabelo em um rabo de cavalo, por causa do calor que já sentia, e principalmente por causa do vento, que estava me deixando com o cabelo igual ao da Claudia Raia na Novela “*Rainha da Sucata*”: medonho.

Coloquei meus braços e cabeça para trás, fechando meus olhos e desejei que o cheiro de maresia e o vento levassem embora toda a merda que estava em minha vida. Costumava fazer isso quando era mais nova, ficava na frente do mar e tentava esquecer tudo. Agora, estava aqui, em um dos lugares mais incríveis e lindos do mundo, com meus amigos, a família que escolhi para mim, e tinha tudo para ser perfeito. Porque não era?

Por que eu simplesmente não posso aproveitar tudo isso?

— Perdida em pensamentos? — escuto a voz de Jack, antes de sentir ele deslizar e se sentar ao meu lado.

— Pegando um pouco de ar. — digo, o que não é de todo uma mentira. Volto a fechar meus olhos quando vejo os seus olhos azuis me analisando.

— Não gosta daqui? — ele pergunta, visivelmente em uma tentativa de puxar assunto.

Tenho que dar crédito a ele... Jack está tentando!

— Adoro. Viemos aqui na última vez em que viemos pra cá. — respondo, abrindo os olhos. Ele concorda com a cabeça, antes de colocar sua cerveja de lado e imitar minha posição, com os braços

para trás.

— Eles são seus amigos há muito tempo? — pergunta, pensativo.

— Sim. — Sorrio e volto meu olhar para ele. — Carol é minha amiga há quase vinte anos. Os meninos, com exceção de Rodrigo, há uns doze. Rodrigo há seis, e Mariah... — Ele me interrompe, olhando nos meus olhos.

— Ela é irmã do seu ex-noivo — diz, seco e eu arregalo os olhos em surpresa. Ele apenas ri e complementa: — *Google*. Você sabe... Andei pesquisando sobre você. — afirma, piscando para mim.

— Er... Bem... Isso... — De repente, sinto minha boca seca, surpresa de saber que ele esteve pesquisando sobre mim e pelo assunto que estamos conversando. — Mas não parece, sabe? — tento mudar o foco da conversa. — Eu sinto como se Mariah tivesse estado comigo, com a gente, ali, sempre, sabe? — Ele sorri. — Ela me conhece muito bem. Mais do que muita gente que demorou anos para isso ou sequer me conhece... — Agora, é a minha vez de sorrir. — Somos iguais e diferentes em muitos aspectos. Gostamos e odiamos praticamente as mesmas coisas. Nos entendemos e nos damos muito bem. É tudo muito bom e fácil com a gente. — Sorrio de verdade ao pensar na sua amizade, Jack concorda com a cabeça e me dá um sorriso travesso.

Uh! Que coisa...Ele deveria parar de sorrir assim!

— E não ficou estranho? Bem, depois... — Interrompo a pergunta não formulada:

— Que terminamos? — pergunto, mas não espero sua resposta e nego com a cabeça, antes de continuar: — Quando terminamos, Mariah estava na Itália visitando o namorado. Depois do que aconteceu, ela ficou ao meu lado, não do dele e me deu espaço quando achou que eu precisava, para que não confundíssemos nossa amizade com o relacionamento dela com seu irmão e assim não estragássemos o que já representávamos uma na vida da outra. Daí você tira o quanto a amizade dela é especial para mim. — respondo, sentindo-me um pouco emocional. Ele volta a sorrir.

— Não vi nada que comente sobre o término de vocês. Vi inúmeros artigos sobre os preparativos do casamento que estaria por vir, mas apenas rumores de que não estão mais juntos. O que aconteceu? — ele pergunta, visivelmente curioso.

— Você quer mesmo essa resposta? — pergunto, desejando desesperadamente que ele diga que “não”. Mas ele sorri de forma maliciosa e concorda com a cabeça. — Bem.. Então, preciso de uma bebida... Ou muitas para que posso lhe responder. — digo, de forma sarcástica, fazendo com que ele caia na gargalhada e se levante.

— Tudo bem, vou pegar. *Blue Monkey*, certo? — Concorde, e ele sai de volta para a boate para providenciar minha bebida.

Depois dizem mulher que é curiosa!

Não muito tempo depois, ainda que a musica ainda fosse ouvida, escutei passos abafados se aproximando. Primeiro, acho que fosse Jack, mas ele era rápido demais para ele ter voltado. Então, virei-me para ver Nick vindo em minha direção. Conheço essa sua cara e tenho que dizer que ele não me parece estar muito feliz.

— Você está bêbada? — pergunta, em pé atrás de mim, ainda segurando sua cerveja.

— Ainda não. Mas essa é realmente a minha intenção. — respondo, olhando pra cima, e sorrio para meu amigo.

Nick bufa uma respiração, antes de se jogar ao meu lado.

— O que você tá fazendo aqui fora com aquele cara? — pergunta, oferecendo-me sua cerveja e apesar de não ser adepta, tomo um gole, antes de lhe responder:

— Em minha defesa, eu já estava aqui fora. Estamos apenas conversando. — respondo, como se fosse óbvio e ele bufa, parecendo chateado.

— Sei que não é meu negócio, mas você é minha amiga e deve muito bem saber que ele está tentando entrar na sua calcinha. — diz, sério.

Não sei se foi por causa do álcool ou a surpresa por Nick falar algo do tipo para mim, porque antes mesmo que eu me dê conta, acabo caindo na gargalhada. Surpreso, ele me olha por alguns instantes e, logo em seguida, me dá seu sorriso torto, mostrando sua covinha de um lado só, que está noite está com um charme total. Não demorou muito para que ele finalmente se rendesse e começasse a rir comigo também.

— Não sei o que é tão engraçado, mas fico feliz em ver você rindo assim. Me avise como posso fazer para que você continue rindo desse jeito. Pretendo fazer isso durante todo o dia. — ele diz, cutucando-me com carinho.

— Obrigada pela preocupação. — Jogo-me em seus braços e o abraço com carinho, antes de levantar meu olhar para o seu e continuo: — Sério, está tudo bem. Estou feliz em estar aqui com vocês, não precisa se preocupar. Vim respirar um pouco aqui fora, e Jack veio em seguida. Só estávamos conversando. Juro que estamos nos comportando.

— Tudo bem. — Ele beija o topo da minha cabeça e faz carinho em minhas costas. — Sei que você não é minha namorada. — Exala respiração. — Mas isso não me impede de querer cuidar de você. Sei também que você sabe se cuidar, só não deixe ele se aproveitar de você. Isso, eu sinto muito, mas não vou deixar que ninguém faça. — Nick fala, sério.

— Eu sei. — respondo, engolindo em seco, enquanto tento segurar minhas lágrimas. — Você não sabe o quanto eu fico feliz de ouvir isso. — confesso.

Seus melhores amigos te dão colo, vodca e dias incríveis. Como não ser feliz assim?

Passamos o dia seguinte todo aproveitando a praia perto da casa em que estamos, que fica localizada em Playa El Agua. Normalmente fico receosa em ir à praia, porque ela desperta certas incertezas nas mulheres e em uma pessoa com um ego problemático como o meu então, nem se fala. Sério. Praia é igual balança: sempre que você pisa nela, sente vontade de emagrecer. E preciso dizer que estou feliz e satisfeita com os seis quilos perdidos *pós-Luca*. E exatamente por estar de bem com o biquine, que aproveitei para tirar o atraso do meu bronze, porque estava quase transparente.

Depois de todas as bebidas de ontem, cheguei a achar que estaria com uma puta ressaca, mas fiquei estranhamente bem depois que acordei pela manhã. Inclusive à tarde comecei a beber cerveja com todo mundo, coisa que não sou muito de fazer, porque não sou muito fã de cerveja. Mas convenhamos, uma caixa com vinte e quatro unidades de latinhas por menos de R\$20,00, e ainda por cima *light*?

Jamais dispensaria oportunidade de encher a cara e não engordar, né? Simplesmente amo cerveja light! Fato.

À noite, acabamos indo para o *Hard Rock Café*. Muita gente pensa assim: “*Ah! Mais um Hard Rock! Isso tem em tudo quanto é canto do mundo. Não tem nem mais graça!*”. Mentira. Quem pensa assim está completamente enganado, pois cada *Hard Rock* traz seu estilo local e reflete as pessoas e os costumes do lugar. Eu já tinha ido em Miami, Orlando, Nova Iorque e Buenos Aires e todos, absolutamente todos, eram diferentes uns dos outros. E o daqui de Margarita não deixava nada a desejar aos outros.

O lugar é simplesmente sensacional. A atração da noite era o grupo *Q’ Molleja*, que fazem um som autoral bem característico da ilha, um ritmo caribenho mega animado. Não sou uma dançarina das melhores em dupla, mas o ritmo caribenho é realmente contagiante. Não tem como você ficar parado e não querer dançar. Na verdade, é uma delícia para se dançar!

Então, é assim que, depois de dançar com Duda, João e Nick, vejo-me dançando com Jack. Sinceramente achei que ele não iria atrás de mim de novo depois que percebeu a bagunça emocional que eu era. Mas inesperadamente ele me chamou para dançar, e, quando neguei, ele simplesmente me puxou, sem que eu tivesse direito de escolha e quando chegamos no meio do salão, não tive mais como protestar. Não que eu possa reclamar, porque ele é um dançarino mil vezes melhor que João, que não se pode deixar enganar pelo meu amigo *bad boy*, porque ele é muito bom dançarino em forró, salsa e, agora, música caribenha etc. Enfim, eu e Jack estamos dançando em um ritmo tão caliente e sensual que, por alguns segundos, quase consegui me esquecer de Luca e tive um pinguinho de vontade de beijar seus lábios rosados. Realmente quase nos beijamos. Quase.

No momento em que estava prestes a isso acontecer, desvio meu rosto, como se não tivesse percebido que ele estava vindo me beijar, o que consequentemente fez com que seus lábios encostassem no canto da minha boca. Tentei ignorar o arrepio que senti na espinha e continuei dançando como se nada tivesse acontecido. Como se seus lábios não tivessem encostado nos meus e como se eu não tivesse tido, bem no fundo, vontade de deixar esse beijo rolar.

Seria tão mais fácil se eu pudesse simplesmente esquecer Luca... Isso é tão foda!

Assim que a música acabou, tentei me afastar discretamente e quando consegui, tomei uma respiração profunda. Já estava há muito tempo dançando, por isso estava mega suada e realmente sem ar. Precisava apenas me afastar um pouco dele. Também precisava de uma maneira ainda mais urgente de uma bebida. Mas uma cadeira para descansar meus pés calçados em uma bela e dolorosa sandália de doze centímetros, com certeza era algo que eu precisava tanto quanto minha dose diária de álcool recomendada.

— Preciso de uma cadeira e uma bebida. — digo, sorrindo para Jack, tentando não parecer abalada pelo que quase aconteceu.

— Vamos lá. — me chama, através da música que já voltou a tocar.

Por cima do meu ombro vejo Carol e Rodrigo dançando e ao lado deles Mariah dançando com Duda. Aceno para Mariah, avisando que estou indo pra mesa, e ela concorda, sem interromper sua dança. Saio na sua frente, e Jack me guia pela multidão de pessoas, que já estão ali dançando novamente. Ele coloca sua mão em minha cintura, e mais uma vez tentei ignorar o arrepio suave que seu toque provocou em meu corpo. Não é um choque 220v, como o toque de Luca, mas, definitivamente, há uma eletricidade sexual pairando sobre nós.

Eu não quero pensar nisso. Absolutamente. Não posso nem sequer pensar sobre isso.

Fiquei extremamente aliviada quando avistei nossa mesa, e sem pensar duas vezes, joguei-me na lateral esquerda do sofá, ao lado de João. Ele abriu os braços para que eu me aproxime, e logo estava recostando minha cabeça em seu ombro.

Depois do meu quase beijo, definitivamente queria me esconder aqui!

— Quer beber alguma coisa? — Jack pergunta, de pé ao meu lado, ainda sorrindo como se não tivesse percebido que eu estava me afastando propositalmente.

— Um *Mojito*. — respondi, tentando lhe transmitir um sorriso confiante e ele piscou para mim, antes de sair, sem dizer mais nada.

— A dança estava boa? — João pergunta rindo, visivelmente sacando que algo estava acontecendo.

Sem jeito, olho para Nick antes de responder, e ele está olhando para seu chope com muito interesse.

— Sim. — Ignoro. — Depois, quero dançar com você de novo, *muchacho*! — provoco, fazendo João cair na risada.

Ele me conhecia muito bem, para saber que estou desviando o assunto de propósito porque não quero falar sobre o assunto.

— Serei todo seu. — Pisca para mim, e eu puxo a taça do seu chope para tomar um belo gole.

Tudo bem, eu consegui sair ilesa na primeira tentativa de Jack. De uma coisa eu sabia: Não tenho certeza se largarei João ou algum dos meninos hoje. Estou pronta para atrapalhar qualquer romance deles caso precise. Definitivamente preciso de uma distancia mínima nos próximos dias, garantindo, assim, que eu não venha a fazer nenhuma besteira com Jack da qual eu vá me arrepender depois.

Foi pensando exatamente nisso, que recusei automaticamente o passeio para um mergulho que Jack nos propôs na manhã seguinte. Carol e Mariah até tentaram por um breve momento me convencer do contrário e persuadir para irmos, mas as ganhei no momento em que lhes ofereci um dia de compras sem os meninos nos enchendo o saco. Não que isso seja uma completa mentira, porque eles nos irritavam enquanto estávamos no shopping, mas não queria dizer às minhas amigas o real motivo para querer tanto ir ao shopping, além das compras, claro. Mas depois que Duda jogou suas chaves e finalmente liberou para que eu dirigisse sua amada *Dakar* e nós chegamos ao Shopping, desliguei-me de tudo e sorri como menina barriguda que vê doces.

Sério. Coisa boa era comprar. Era uma coisa sublime!

Compras comigo, Carol e Mariah era uma experiência a ser levada realmente a sério. Somos três loucas por moda, mas que mantêm um pouco de individualidade nos seus gostos sobre o que vestir. Carol é a que mantém um visual mais comportado de nós três, o que era uma surpresa até para mim e eu honestamente não entendo, levando em conta o seu histórico *piriguetilístico*. Mariah é do time das viciadas em conforto e em roupas com etiqueta de marca. Eu, como posso dizer? Gosto das coisas um pouco mais *sexys* e chamativas, estilo “periguete”, como Carol costuma dizer. Resumindo: um dia de compras com a gente é um dia bem interessante.

Desde que ganhei meu primeiro cartão de crédito, no meu aniversário de dezesseis anos, descobri que o inferno de uma pessoa compradora compulsiva como eu se chama “cartão não autorizado”, e essa sim é a pior rejeição que poderia existir na vida de uma mulher. Honestamente, odeio passar por isso mais do que qualquer coisa. Mas tem horas que nós precisamos nos arriscar. Principalmente quando a necessidade fala mais alto.

Ok. Eu preciso disso na minha vida!

Foi exatamente isso que pensei, quando vi a nova coleção da estação das minhas grifes preferidas e meus olhos brilharam por elas. Eu sabia que não deveria ter quase nada de limite para compras. Mas eu não podia simplesmente deixá-las lá, tadinhas. Decidida, tomei uma respiração profunda, tentando me acalmar e não entrar em pânico. Com cuidado, abri minha bolsa e cacei todos os cartões que tinha por ali. Fui tirando um por um da minha carteira, inclusive o para uso em emergências, que ficava em um bolso escondido no forro. O que para mim não era muito diferente, porque era uma emergência *fashion* e eu realmente precisava de muitas dessas roupas.

Quando fui para o caixa da loja, estava rezando, fazendo promessas e estava quase disposta a passar o dia todo aqui, passando centavo por centavo, de um por um entre meus cartões, só para garantir todas as peças de roupa que queria. Mas o céu finalmente brilhou para mim quando vi que meu amado, surrado e guerreiro cartão, passou de primeira.

Isso!

— Tão orgulhosa! — digo, com ele em minhas mãos, depois de dar um suspiro aliviado.

Juro que quase choro de emoção.

Para quem nunca foi em Margarita, por lei, ou seja lá que diabos seja, em feriados e domingos, depois do meio dia, em ano eleitoral, não se pode comercializar bebidas alcoólicas na Venezuela. O que para mim é um completo disparate, porque se você está aqui, você quer fazer exatamente isso: enfiar o pé na jaca. Quando os meninos chegaram do passeio, dizendo que tinham que comprar cerveja de algum jeito, porque iríamos sair em seguida com Jack, quase inventei uma cólica ou uma doença contagiosa, mas eles logo falaram algo que roubou a minha atenção e me deixou em êxtase: luau.

A História Com Rafael E O Luau

Muitos, dos meus melhores momentos, eu passei em um Luau. Isso sempre me lembra as férias na minha Bahia, quando passávamos o verão em nossa casa de praia de Guarajuba. Como eu morava em Manaus, ansiava o ano todo para reencontrar os amigos que tinha por lá. Fora que sentia uma falta danada do mar. Nosso condomínio era grande, mas todo mundo se conhecia praticamente da vida toda, então, ninguém se desgrudava até terminar o verão e enfim cada um voltar para sua casa.

Desde meus doze anos, eu era apaixonada ou fascinada, sei lá, por Rafael. Rafael era dois anos mais velho do que eu, então, é lógico que ele me via como uma guria nessa época. Fora que já se sabe que eu era gordinha, e para completar, ainda tinha uma péssima autoestima. Sua casa era o lado da nossa, então, mesmo quando estávamos em nossas respectivas casas, conversávamos pelo quintal ou pela janela do quarto. Por ser insegura, nunca compartilhei dos meus sentimentos com ele. Era apenas amizade. Mas, quando fiz quinze anos e dei de cara com Rafael, seu queixo caiu quando olhou. Eu não era mais a mesma menina. Agora, eu estava linda e magra.

Como já éramos mais velhos nessa época, fazíamos vários luaus com violão, pandeiro, cavaquinho e várias garrafas de vinho, até o sol nascer. Eu e Rafael ficamos todas as noites, até o fim do verão. Eu ainda era virgem na época e não tive coragem de ter mais intimidade com ele, apesar de querer e ter prometido a mim mesma que no verão seguinte finalmente me entregaria a ele. Depois que voltei, nós nos falávamos pelo telefone e mIRC, e mantivemos contato sempre. Até que Rafael arranjou uma namorada e parou de ser fácil conversar como antes, e ele inevitavelmente fez com que a gente se distanciasse.

Fiquei puta da vida. Não que fôssemos namorados ou qualquer coisa, mas ele havia mudado por causa de uma namorada e para mim, não existia nada pior do que uma pessoa mudar por causa de um namoro e deixa de ser “um” para ser “um casal”. Nunca gostei disso, sempre achei que só idiotas faziam isso por causa de um relacionamento. Foi nessa época que entrou Duda na história. Duda vinha tentando há anos ficar comigo, e resolvi dar uma chance para ele. Mas de tanto Carol ficar em minha cabeça sobre os sentimentos de Nick em relação a mim, apesar de gostar de Duda, preferi priorizar a amizade que tínhamos, porque ela era mais importante. Apesar de ter terminado com Duda, tive uma leve recaída e aconteceu o que nos aconteceu em Margarita depois, mas não pensei em voltar para ele.

Ainda que eu já não tivesse mais falando com o Rafa, quando as próximas férias chegaram, eu já não estava mais com Duda e estava ansiosa não só para vê-lo, mas para rever todo mundo. Fiquei chocada quando me esbarrei com sua namorada sem graça, assim que entrei no condomínio, porque eu honestamente não estava preparada para vê-la. A mentira é que ela não era sem graça coisa nenhuma. E como se não bastasse a filha da mãe ser mais velha do que ele, era simpática demais e uma morena cor de jambo, que ganharia fácil o cargo de morena do *Tchan*.

Quem eu era para competir?

Fiquei na minha e para que não houvesse nenhum mal entendido, tentei me manter distante dos dois, mesmo quando estávamos em grupo. Até que em um luau no início de janeiro, Felipe, que por coincidência era primo de Rafael, começou a dar em cima de mim. Lógico que eu me interessei. Felipe era tão bonito quanto seu primo, apesar de ser um pouco mais magro e mais tímido. Enquanto Rafael estava sendo sempre o dono das atenções, Felipe era mais calado, na dele. Aquele típico “come quieto”.

Felipe e eu começamos a passar o dia todo juntos. Ainda não tínhamos nos beijado, nem nada,

mas eu sabia que os dois queriam e isso iria acontecer em breve. Até que em uma madrugada recebi uma mensagem de texto de Rafael, pedindo para que eu encontrasse com ele no salão de festas da piscina, que ficava ao lado da nossa casa. E mesmo sem entender o que ele poderia querer comigo, pois havíamos passado a noite juntos com todos e ele não me disse nada, eu fui. Encontrei-o deitado em uma espreguiçadeira, olhando para o céu. Ele estava vestindo uma calça de moletom e um abadá de uma festa que havíamos ido há algumas semanas.

— Você não pode ficar com ele. — ele disse simplesmente, quando me viu parada diante dele.

— Do que você está falando? — perguntei, sem entender, enquanto me sentava ao lado dele.

— Nós... — ele disse, fechando o espaço que havia entre nós. — Terminei com Diana. — afirmou, aproximando-se da minha boca. — Não tenho que dizer mais nada. Você sabe que sou apaixonado por você! — Então, ele me beijou.

Entreguei-me para Rafael naquela noite. Sei que não era mais virgem, mas só tinha tido relações sexuais uma vez com Duda, e estava bêbada. Então, quando fizemos, era tudo como se fosse a primeira vez, e Rafael fez tudo isso muito especial, mesmo que tenha sido literalmente ao ar livre. E posso dizer que esse verão foi o mais difícil de todos, porque, apesar de saber que iria eventualmente embora, nunca tinha me sentido tão ruim por dizer “adeus” antes, porque dessa vez havíamos nos apegado muito mais do que em todos os anos que passamos juntos. Tanto que tive até vontade de ficar e morar com meus avós, mas minha mãe nunca permitiria e Carol com certeza me mataria. Rafael me beijou em despedida e disse que nos falaríamos e que me esperaria até o próximo verão. Eu só não sabia o que estava por vir.

Passamos o ano nos falando por mensagens e fazendo chamadas de vídeo pela webcam. Rafael havia feito fazendo cursinho pré-vestibular, e eu tinha terminado o Ensino Médio. Combinamos de irmos juntos fazermos vestibular na UESC, nas proximidades de Itabuna/Ilhéus, que era o sonho dele. Eu não sabia se conseguiria ficar, mas, só de pensar na possibilidade de ficarmos juntos, fiquei contente de arriscar. Eu podia ser adolescente, não sonhava em nada para sempre. Devido ao meu histórico, não apenas de relacionamentos, como também o pessoal, sempre fui meio cética e pé no chão. Para mim, o “para sempre”, era uma palavra muito forte e até mesmo perigosa, porque ela nos fazia acreditar em algo que não sabíamos que poderia ser real e eu não gostava de me iludir.

Quando o final do ano chegou, ele também veio cheios de perspectivas. E, assim que o vi e seu sorriso se alargou com minha visão, senti que tudo ainda era como era antes. Depois de tantos verões, tantos anos, tantos outros, ainda estávamos ali. À noite teve um luau para darmos largada ao verão, como sempre fazíamos em torno da fogueira. Mais tarde fizemos amor na praia e ficamos até o dia amanhecer. Foi incrível. Eu não queria que acabasse. Só que algo naquela noite, fazia com que eu sentisse que algo ruim estava para vir. Era como se fosse uma despedida. E era mesmo. Pois, não demorei muito para descobrir por que estava me sentindo daquela forma quanto a nós dois.

Assim que chegamos em frente à sua casa, Rafael ficou pálido quando viu um *Audi* estacionado ali. Olhei para ele, sem entender sua reação, mas logo uma garota da minha idade saiu de dentro da sua casa. A primeira impressão que eu tive sobre ela, era que ela parecia a Branca de Neve. Uma Branca de Neve desnutrida, mas uma Branca de Neve. Ela não era nada feia. Era bonita, sim, mas me parecia tão frágil, que cheguei a temer pela sua saúde.

Rafael removeu imediatamente seus braços, que me rodeavam, e, antes mesmo que pudesse lhe perguntar o que estava acontecendo, entendi o porquê da sua reação quando olhei para a sua barriga: ela estava grávida. Ela estava grávida dele. Não esperei que ele dissesse nada. Apenas me afastei e corri para minha casa. Ao contrário do que achei que aconteceria, quando pensei na proporção do que havia acontecido, eu não chorei. Sei lá. Acho que era porque eu sabia que, apesar de termos algo

muito especial, ele não era meu. Apenas fiquei realmente triste, porque nada mais seria igual. Nem mesmo sua amizade. Aquela noite havia sido realmente uma despedida.

Peguei a minha mala e decidi que não ficaria mais ali. Enquanto arrumava minhas coisas para ir pra casa dos meus avós, podia ouvir os gritos e a discussão, que vinha da sua casa. Comecei a me sentir mal por eles, porque ela estava grávida e não acho que isso fosse saudável para ela. Pensar que continuar ali, poderia fazer com que essa cena se repetisse, apenas reforçou a minha ideia de ir para Salvador, ao invés de ficar em Guarajuba. Estava quase pronta para sair, quando recebi uma mensagem de texto no celular:

-

Não vá embora. Eu já estou indo. Aproveite suas férias, como fazemos sempre. Deixei uma carta embaixo da sua porta te explicando tudo. Desculpe.

-

Peguei sua carta, mas não li. Não fui pra casa da minha avó, pois conforme ele havia me dito que faria, vi seu carro e o dela saindo algumas horas depois. Se era para evitar confusão com eles, eu já não teria mais porque ir. Afinal, eu estava ali pelas minhas férias, por mim, não era só por ele. Eu tinha esperado o ano todo para chegar lá e curtir com meus amigos. Não iria desistir de nada disso por um “amor de Verão”. E não fiz. Mesmo sem estar com Rafael, me diverti muito, e foi perfeito. Foi difícil não lembrar dele, porque quase tudo ali fazíamos juntos há mais de dez anos. Mas ele não apareceu antes que eu fosse embora. Até que, quando eu estava arrumando minhas malas para partir, encontrei sua carta e achei que precisava lê-la, para finalmente poder lhe dizer “adeus”.

-

Sinto muito. Eu ia te contar tudo quando você chegasse, pois não achava justo falar por telefone. Mas, quando te vi, simplesmente não tive coragem. Eu precisava estar com você, pelo menos mais uma vez. E me desculpo por isso. Essa é Clara, e ficamos juntos no São João. Juro que não era nada de mais para mim, mas ela acabou ficando grávida. Seu pai é um empresário poderoso, de família tradicional e exigiu que nós nos casássemos. Eu não queria nem começar um relacionamento sério a princípio, quanto mais pensar em me casar. Eu só lembrava de nós dois, mas Clara veio me conquistando desde que estamos juntos. Ela está carregando um filho meu, e acho que posso estar me apaixonando por ela. Ainda não me casei, mas sei que, independente do rumo que meu casamento tomar, você me deu algo que ninguém nunca vai poder me dar: meu primeiro amor. Sempre lembrarei de nós com carinho, e peço, por favor, que faça o mesmo. Me desculpe de novo, por favor.

Obrigado pelos melhores Verões da minha vida. Vou sentir saudades. Fica bem.

Rafa! S2

-

Como se já não bastasse tudo que ele havia escrito, no verso da carta ainda tinha a letra da música “Minha Estrela”, de Jammil, que meio que contava nossa história.

Eu sei

Amor de praia não sobe serra

Que o verão passou, já era

Mas ainda sou louco por você

Só penso em você êêê.

Eu sei

Que o amor é flor e a gente rega

Que o coração da gente reza

Pra bater mais forte por alguém

Pra um dia encontrar alguém

E eu te encontrei

*Eu tenho sorte
Você é linda
De qualquer maneira*

*Vou te ninar, te abraçar
Te beijar a vida inteira
Serei seu fã, você pra sempre a minha estrela.*

Algumas lágrimas caíram no meu rosto quando finalmente terminei de ler sua carta. Rafael foi um filho da puta por mentir para mim, eu sei, mas ainda assim, queria guardar apenas todos os bons momentos. Embora o que ele fez tenha sido errado, acho que, no fundo, ele não teve tanta culpa pelas suas escolhas. Não preciso dizer que aquele foi, definitivamente, nosso último luau. A música de Jammil virou tabu para mim durante vários meses, porque me fazia lembrar dele. Mas simplesmente passou, e eu não conseguia sentir raiva dele de forma alguma. Ele havia sido meu primeiro amor, minha primeira paixão, e eu não tinha como não me lembrar de tudo com carinho. Como ele disse, ele me havia me dado algo que nunca ninguém poderia me dar: meu primeiro amor. Independente do rumo que se deu, fiquei feliz por termos vivido o que vivemos e aproveitado tantos bons momentos.

Depois daquele dia, nunca mais vi Rafael, mas soube através de alguns amigos em comum, que ele ainda está casado com Clara e que são realmente felizes juntos. Espero, de coração, que seja de verdade. Ele pode não ter se casado por vontade própria, mas eles felizmente construíram uma família e são felizes hoje, que é o que realmente importa.

Apesar de me considerar-me madura em relação a minha reação sobre nós, Rafael também foi minha primeira decepção amorosa. Logo em seguida veio Erick, e depois o restante de babacas que acumulei ao longo da minha vida. Mas, depois do que aconteceu comigo e Rafael, entende-se melhor por que eu simplesmente não aceito bem o que está acontecendo com Luca e Jéssica? Acho que é definitivamente é algum trauma. Mas não sei ao certo se tenha algo capaz de curá-lo.

Capítulo 15

Só percebi que estava perdida em meus pensamentos, quando Carol me despertou da lembrança ao pedir que lhe passasse o rímel, que ainda estava em minha mão. Respirei fundo e voltei a me localizar, pois estamos terminando de nos arrumar para irmos para o luau.

— Toma. — digo, jogando para ela.

— No que você está pensando? — Mariah pergunta, enquanto eu ajudo a abotoar seu *body*.

— Luau. — Sorrio, sonhadora.

— Que Luau? — Mariah se vira, intrigada.

— Rafael? — Carol mais afirma do que pergunta, mas abre um grande sorriso de entendimento quando eu concordo com a cabeça.

Como sempre, Carol me entende perfeitamente. Acho que é por isso que ela é uma boa administradora: pois ela não perde um único detalhe. Às vezes, ela chega a ser realmente assustadora. Mas é aquela coisa, ela também é minha melhor amiga e me conhece bem demais.

— Quem é Rafael? — Mariah pergunta, cada vez mais curiosa.

— O primeiro amor de *Sophie*. — Carol responde, enquanto passa, pela milionésima vez, a escova do rímel em seus cílios. Fico agoniada e pego o curvex, para tentar ajeitar a bagunça que ela estava fazendo ali.

— Ué. Achei que seu primeiro amor fosse Duda. — Mariah comenta, confusa, o que faz com que Carol e eu cairmos na gargalhada.

Eu quase podia sentir o cheiro de queimado dos seus neurônios entrando em parafuso, por estarmos rindo.

— Não! — trato logo de responder.

— Duda foi apenas o passatempo para chegada do Verão dessa cadela. Ela tinha planos maiores que incluíam um surfista baiana, de fazer qualquer mulher pirar. — Carol diz, batendo na minha bunda e eu lhe mostrar a língua.

Antes que Mariah comece a me encher de perguntas, conto a ela toda a minha história com Rafael e como enfim nos separamos. Quando termino de contar, sua boca está em um perfeito “o” de surpresa, o que me faz voltar a rir.

— *Oh* meu Deus! — É a primeira coisa que Mariah diz, e eu não consigo não rir da sua reação.

— Desencana. Foi meu primeiro amor... E fim, já passou. — Dou de ombros. — Sempre lembrarei de Rafael com carinho, independente do fim. — digo, já sentindo uma dor ondular meu coração, porque inevitavelmente me lembrei *dele*.

Será que com Luca também será assim? Um dia eu apenas me lembrarei com carinho de tudo que vivemos? Que sempre guardarei o “infinito” que construímos em tão pouco tempo? Algo me diz que não. Algo profundo me diz que com Luca, sempre será diferente. Ele sempre será aquele que não posso esquecer. Odeio pensar e me sentir dessa forma. Porque isso não me ajuda em nada com meu desapego necessário.

— Merda! — Mariah me abraça inesperadamente. Retribuo, mas olho para ela, assustada. *Oh, Deus! Mariah está chorando!*

— O que foi? — pergunto, preocupada com a cara que ela está fazendo.

— Meu irmão fez isso de novo com você! — ela diz, com raiva, e eu me contorço por dentro, mas tenho uma vontade de abraçá-la mais forte por se preocupar comigo.

— Não se preocupe, está tudo bem. — digo, ignorando a vontade de dizer que não estou nada

bem.

Droga! Porque tivemos que tocar nesse assunto logo agora?

Por mais que eu insistisse em dizer isso, Carol parecia entender como me sentia, porque começou a afagar minhas costas.

— Não está. Estava tudo perfeito entre vocês... Eu tinha tanta inveja de como vocês eram bons juntos! — ela brinca, mas engulo com força a dor que rasga em meu peito. — Terminei com Enzo. — confessa, aos prantos, mudando de assunto.

Afasto-me imediatamente para olhá-la, sem ter certeza de que ela realmente havia dito o que ouvi.

— O quê? — Carol pergunta, confusa.

— Quando isso? — pergunto, assustada.

— Sábado, depois do meu aniversário. — Mariah responde, soluçando. — Eu não podia mais...

— Ela gagueja, e eu interrompo, entendendo o que ela quer dizer:

— Eu sei, querida. Eu sei. — digo, antes de voltar a abraçá-la com carinho.

Sei como ela deve estar se sentindo nesse momento. Mas Mariah não poderia simplesmente continuar vivendo uma mentira por puro capricho ou até mesmo orgulho. Sei que tem muito mais nessa história, mas ela não precisa contar tudo. Não agora. Principalmente quando ela parece estar tão sensível, ainda que eu saiba que ela não amava Enzo realmente e seu coração pertença a outro. Sentindo que precisamos uma da outra, Carol veio até nós e nos acompanhou em um abraço triplo.

Os meninos ficaram enchendo nosso saco, enquanto tentávamos consertar a bagunça que havíamos virado nas confissões do banheiro. Mas quando finalmente saímos para o luau, parecíamos incrivelmente mais leves. A casa em que estava acontecendo o luau era bem em frente à praia e não tinha um único muro que a separasse dela. Quando chegamos lá, já haviam cerca de trinta pessoas cercado a fogueira que haviam feito para o evento. Cada um de nós tinha que levar uma caixa de cerveja, então, dá pra imaginar quanta bebida tinha nesse lugar. Apesar de que não tinha tanta certeza de que o freezer não vai estar vazio quando a festa terminar.

Quase todas as pessoas que estavam ali eram brasileiras, e muitas delas eram frequentadoras assíduas da ilha. Ou então cresceram veraneando por aqui e se conhecem há longos anos. O que mais uma vez me trouxe a nostalgia dos meus Verões em Guarajuba. Quando um dos brasileiros puxou uma música de Estakazero que eu amava, quase morri do coração e me joguei para dançar, porque essa música além de ser gostosa e me fazer ter boas lembranças do meu passado, mexia demais comigo por isso.

*“Como é bom te ter
Ó menina prenda do meu coração
Como é bom sonhar
Com tu pegando em minha mão
Me levando pra outro lugar
Pra gente se em cama pra gente se amar
Quanto tempo sem te ter
Faz doer
Quanto tempo sem lêlêlêlêlêlêlêlê
As canções que eu te fiz
Numa frase que dizia assim*

*Encosta n'eu dá um cheiro n'eu
Seu corpo no meu corpo deixa doido eu
Encosta n'eu dá um cheiro n'eu
Seu corpo no meu corpo deixa doido eu!"*

Bebi, dancei e até mesmo sambei. Danço forró e xote com João, como nunca mais havíamos feito e me acabei cantando e dançando até dizer “chega”. Conheci e conversei com gente nova. Ri para caramba e me senti bem como não me sentia há semanas. Mas, aí, no meio da minha gargalhada, lembrei-me de como eu queria dividir essa felicidade e tudo isso com Luca e logo fiquei triste de novo. Peguei uma cerveja e a abri, tomando um longo gole em seguida. Antes de me abaixar novamente, para apanhar outra latinha no isopor, e sair caminhando pela areia até a beira do mar. A maré estava baixa, então, as águas estavam tranquilas e fria quando encostei meus pés nela.

Deus! Como eu amo o mar...

Apesar do meu medo de desbravá-lo, tem algo nele que sempre me traz uma sensação de paz. Acho que é porque, no fundo, sinto-me mais perto de casa. Meu pai sempre diz que a água salgada do mar leva pra fora tudo de ruim: doenças, piolhos, problemas... Que a água do mar curava tudo. Hoje, mais do que nunca, queria que ela curasse. Que ela curasse um coração que estava cansado de sofrer. Mas não era bem o que estava acontecendo.

Continuei andando na beira da água gelada, e, quando tomei uma certa distância de todo mundo, afastei-me da água para me sentar na areia fria. Ainda que tivesse a certeza que ficarei cheia de areia depois, não me importei com isso. Quero apenas ficar aqui e não pensar em nada. Ou pensar em tudo. Não sei.

Por que tudo tem que ser uma novela mexicana pra mim? O que estou procurando? Por inspiração? Por intervenção divina?

Não sei que diabos é, afinal. Apenas preciso tomar vergonha na cara e acabar com essa merda, antes que todo esse amor infame acabe comigo. Entre o sorriso dele e o meu, certamente escolho o meu. Mas por que, por mais que eu tente, parece cada vez mais difícil estar longe dele? Vivi tantos anos da minha vida sem Luca, mas agora é como se eu não pudesse mais. Por que me sinto incompleta quando estou longe dele? E a distância a qual estou me referindo não é geográfica.

A música ainda tocava e as conversas ainda ecoavam ao longe. Sei que apesar de distante, meus amigos poderiam me ver, mas conhecendo-os como os conheço, ficarão preocupados se eu demorar muito. Mas nesse momento, preciso disso. Preciso ficar mais um pouco aqui. Ficar sozinha com minha culpa, teimosia, orgulho, tristeza, saudades etc. Às vezes, se dar um tempo para refletir é essencial para a nossa sanidade.

Um pouco depois que termino de abrir minha segunda lata de cerveja, Jack se senta ao meu lado.

— Você sabe que ficar sozinha não é bom para você. Você pensa demais no que não deve pensar.
— Ele me olha e me dá um sorriso malicioso.

— *Bah!* Eufemismo do ano esse seu. — respondo, secamente, mas é a mais fodida verdade. Ele cai na risada com o entendimento.

— Você tem um talento nato para me deixar sem palavras. — diz, acanhado, e eu sinto meu rosto corar.

— Desculpe. Carol sempre diz que preciso parar de ser um pouco sarcástica. — digo, envergonhada, e ele sorri, desfazendo seu próprio constrangimento.

— Tudo bem. — Ele dá de ombros. — É difícil encontrar mulheres sinceras como você. Além

disso, por mais que goste de conversar com você, não estou muito acostumado a puxar assunto para finalmente conseguir ficar com quem estou a fim. — diz, diretamente, e eu congelo.

— *Oh!*— murmuro, com a boca aberta em surpresa.

Sério que é isso que vou dizer? Quantos caras já disseram que estavam a fim de mim? Jesus! Não que eu seja uma “supergirl”, mas já fui muito cantada na vida!

Por que tudo tem que ser tão difícil agora? Jack é inteligente, divertido... Ele pode não demonstrar, mas sei que tem dinheiro. Ainda por cima, é um belo pedaço de homem. Bem, bem mais do que belo, para falar a verdade.

Não preciso seguir em frente? Por que eu não posso começar com ele?

— Talvez... — ele começa.

Sinto-o se aproximar de mim e sei exatamente o que ele está prestes a fazer, pois não sou tão burra como acho que estou tentando parecer. Só não sei por que tenho que fazer isso mais difícil para mim. Jack levanta meu queixo, para que eu olhe para ele, e faço exatamente isso. Acho que não foi uma boa ideia, porque me perco em seus olhos azuis e lembro *daqueles* malditos olhos azuis, cheios de paixão, olhando para mim.

Merda! Preciso tirar Luca da minha mente!

— Talvez eu devesse apenas lhe beijar. — Jack murmura, perto dos meus lábios, antes de jogar seus lábios nos meus.

Quando sua boca encontra com a minha, congelo. Não sei, mas acho que me sinto estranha por estar beijando outra pessoa. É definitivamente como se eu tivesse traindo Luca. Mas, no instante em que penso sobre isso, sua língua desliza sobre minha boca e se encontra com a minha, fazendo-me esquecer de todas as razões estúpidas que meu coração está martelando na minha cabeça.

Por que eu o beijei? Não tenho ideia, mas beijo de volta mesmo assim. E, hm... Bom Deus, como é bom!

Jack tem um beijo delicioso. Já havia tido beijos muito bons na minha vida pregressa, e, mesmo que ele ainda esteja me beijando, acho que acaba de entrar entre os *tops*. Mas enquanto ele me beijava, pensei que muitos dos nossos erros, começavam exatamente com um simples beijo. Esse era exatamente o “x” da questão: “*O problema dos erros é que, às vezes, eles beijam bem*”.

Meu beijo com Erick que o diga. Meu Deus! Eu simplesmente não posso continuar!

Ele mordisca meus lábios, e eu o ouço gemer. Por mais que seja bom, não é algo que realmente quero. Não é algo que vá me fazer me sentir bem depois. Muito pelo contrário. A carência é nossa inimiga número um. Eu sei muito bem disso, pois não podia nem sequer começar a pensar em quantas merdas já havia feito por carência. E olha que já estou com a minha cota de merdas atingida há uns cinco anos.

E foi pensando nisso, que afastei-me dele, quebrando o nosso beijo, e ele me olhou em confusão.

— Desculpe. Eu não posso... — confesso, tentando evitar olhá-lo.

— Tudo bem. — Jack olha para longe e inspira, antes de voltar seu olhar para mim. — Eu sei que você realmente não quer se envolver com ninguém. Sei que deveria ficar longe, mas eu realmente não consegui. Não sei o que é. Mas algo sobre você, me fez querer te beijar e ficar com você. — desabafa, deixando-me completamente embasbacada.

— Eu realmente não esperava ouvir isso. — admito, arriscando um olhar para Jack, que sorri com timidez.

— Eu que tenho que pedir desculpas. — Ele passa o dedo pela linha dos meus lábios e continua: — Mas sinto em te dizer, que não vou lamentar o beijo que te dei. — confessa, e eu tenho que rir, para tentar esconder minha timidez.

— Tudo bem. Você não pode se desculpar por algo que não fez sozinho. Mas agora precisamos ir. Fiquei muito tempo longe, então não duvido nada que meus amigos venham me puxar pelos cabelos, antes mesmo que eu termine minha cerveja. — Cutuco-o com o cotovelo e levanto em um sobressalto.

Assim que olho para Jack atrás de mim, vejo que ele está olhando para minha bunda e dou-me conta de que ainda estou usando vestido. Não que eu esteja com a bunda de fora, porque estou em uma praia e sabia que meu vestido rodado voaria, e como eu adoro dançar, não queria dar uma de Marilyn Monroe, então, coloquei um short curto de lycra por baixo. Ainda assim, fiquei envergonhada por ele me olhar da forma como crua como está me olhando. Rapidamente sacodi a areia que consegui tirar, e Jack percebeu que havia sido flagrado. Mas, sério, juro que ele não pareceu nem um pouco constrangido com isso. Muito pelo contrário.

— Me desculpe, mas, desde que te vi, precisava lhe dizer isso: bela bunda. Parabéns! — diz, sorrindo maliciosamente e eu rio, completamente sem graça.

Senhor! Não acredito que ele disse isso!

Jack é realmente lindo, carismático e por ter se portado com um cavalheiro desde que lhe conheci, ouvi-lo dizer isso não era algo que eu estivesse esperando vir dele. Nunca fui fã de homens loiros, mas, definitivamente, ele era a exceção à regra para mim. Sei que o beijei por puro instinto e pelo álcool, que francamente surpreendeu a merda fora de mim, mas, como estou naturalmente bêbada, sei que tenho que me recompor e devolver minha fachada confiante. E exatamente por isso, uso meu pé para jogar areia em cima do seu colo e sorrio de travessa, antes de sair correndo.

Ok. Isso foi absolutamente muito maduro da minha parte!

Quando voltei para onde a festa continuava rolando, estava completamente sem ar por causa da minha corrida. Sério. Me senti uma senhora de setenta anos com esse meu preparo físico.

Tenho que voltar pra academia de verdade!

Cheguei ao isopor e peguei mais uma cerveja, antes de tomar um belo e longo gole, deliciando-me com a bebida geladinha. Por um momento pensei que estava livre, ou simplesmente me esqueci dele, mas parece que Jack não, pois me agarrou pela cintura, se postando atrás de mim. Sua boca se encostou em meu ouvido e sussurrou, fazendo-me estremecer:

— Estou com uma puta vontade de te beijar. Mas não vou fazer isso, porque você não quer. Porém, eu espero que, sinceramente, possa mudar sua mente antes que você vá embora. — falou, deixando-me sentir o calor dos seus lábios em minha orelha, antes dele se afastar com a cerveja que roubou da minha mão.

Uhum. Definitivamente, ele seria uma bela distração!

Ainda estou sorrindo, peguei outra cerveja e não demorou muito para que Duda me abraçasse por trás e me desse um beijo demorado na bochecha, colocando os braços à minha volta e sorrindo maliciosamente. Ele cheirava a *Polo Sport* e a cerveja. Sua mão cobriu a frente da minha barriga, puxando-me para junto dele.

Bem, eu totalmente já vi que preciso beber mais, porque essa noite será malditamente longa!

— Mulher, onde você estava? — pergunta, com a voz rouca.

Ops... Isso não é bom!

— Andando. — respondo, tomando outro gole de cerveja, antes de me virar para ele. — Você está bêbado? — pergunto, quando vejo seu olhar vidrado.

— Um pouco. E você? — pergunta, passeando sugestivamente as mãos pelas minhas costas.

— Ainda não. — respondo, tentando ignorar o fato de que Duda está realmente com o olhar de que quer me comer aqui e agora.

Aff, fala sério! Eu devo merecer mesmo!

— Você vai parar de beber? — pergunto, cautelosa.

— Acho que não. — Ele para por um instante, e seu sorriso cresce, cada vez mais malicioso. —

Por quê? Você tem planos para mim? — pergunta, antes de começar a beijar meu pescoço.

— Não seja idiota. Quer dizer... Mais idiota. — corrijo-me, empurrando-o para longe de mim. — Só quero ter certeza de que vou dirigir seu carro na volta pra casa. — Pisco para ele e me viro para sair.

Eu devo estar bem lerda, ou realmente mais bêbada do que julgava estar, por achar que me livraria dele facilmente, porque não demorou um segundo, para Duda me puxar de volta para ele. Com a mão em minha cintura, ele me encaixa bem colada ao seu corpo. Literalmente me encoxando. Agora, estou tão perto, que posso sentir...

Uh. Ele está bem contente com meu sarcasmo... Oh Deus! Isso não pode estar acontecendo!

— Duda, eu espero, de todo o coração e pela nossa amizade, que seja seu celular que esteja me cutucando. Porque eu juro por Deus, que se for o que estou pensando, seu carro amanhã acordará com os quatro pneus furados! — ameaço, seriamente, fazendo com que ele caia na gargalhada.

— Sempre essa boca esperta, Sophia. — Vejo-o terminar com a lata da sua cerveja, amassá-la e jogá-la no lixo que colocaram areia, antes de se virar para mim com um sorriso malicioso no rosto. — Adoro isso.

No instante seguinte, estou sendo içada pela minha cintura até seus ombros, ficando de cabeça para baixo em suas costas. Como se não fosse constrangedor o suficiente estar de ponta cabeça, Duda deve ter achado que eu merecia que ele batesse em minha bunda, e foi exatamente nesse momento que entrei em desespero e começo a gritar, enfurecida, o que só fez com que ele risse ainda mais.

Merda! O que ele pensa que está fazendo?

— Duda, me coloca no chão e me solta. Agora! — grito, debatendo-me, enquanto soco suas costas ao mesmo tempo. — Deixa de ser criança!

— O que você acha de um banho, gata? — ele pergunta, com a voz zombeteira.

O que? Ele só pode estar maluco!

— Não ouse, Eduardo! Eu juro, por Deus, que corto suas bolas fora se você fizer isso, seu babaca! — ameaço, fazendo seu riso aumentar ainda, deixando-me cada vez mais irritada.

— Não se preocupe. Só não vou fazer isso, porque a água está gelada. E também não quero que você molhe meu carro depois e pegue um resfriado. Mas vou te dar uma lição. — Ele bate em cheio com a mão na minha bunda novamente, antes de começar a correr em direção à água e eu começo a gritar ainda mais alto, com medo do que pode vir a seguir.

Essa situação é constrangedora demais. Sei que minha bunda está coberta pelo minúsculo short, mas, ainda assim, está à vista, e todos estavam nos olhando, pois agora parecíamos ser o centro das atenções. Olho por cima, para ver meus amigos rindo, deixando-me muito puta com eles.

Por que diabos eles não vem me salvar desse maluco?

— Mariah! Não fique parada, venha me ajudar! — grito, contorcendo-me, quando a vejo próxima da gente.

Mariah fica parada, olhando-nos com atenção, mas parece não se aguentar, pois logo cai na gargalhada, jogando-se na areia, com as faces vermelhas e falta de ar de tanto dar risada.

Minha nossa! Não se fazem mais amigos como antigamente! A filha da mãe está bêbada!

Como se já não bastasse ninguém fazer nada para me socorrer, consegui ficar ainda mais irritada por ela achar meu constrangimento engraçado. Eu só esperava que futuramente Deus fosse justo comigo, e deixasse com que eles me pagassem com juro e correções monetárias.

Duda, era tão sem noção, que ainda me carregando em seus braços, começou a me rodar. Não

precisa ser inteligente para sacar que isso não daria certo. Só na cabeça dele mesmo. Por que, por mais que ele seja forte o suficiente para me carregar, ambos estamos bêbados. E, sim, nós nos estatelamos no chão. Duda caiu em cima de mim, e nós ficamos cara a cara. Quando isso aconteceu, percebi o brilho dos seus olhos me indicando que ele estava exatamente pensando no que eu não queria: Duda estava prestes a me beijar.

Nasci com a bunda virada pra Marte... Só pode!

— Sabe qual o problema dessa sua boca ousada? — ele pergunta, malicioso, e eu não respondo. — É que ela está longe da minha boca.

Inferno que não!

Aqui vão dois motivos do por que eu não posso e não vou deixar essa merda acontecer: Em primeiro lugar, ele pode ser meu ex-namorado, mas é meu amigo há anos e eu não quero perder sua amizade, por mais que eu esteja carente e ele seja tão gostoso quanto Henry Cavill. E por último, ao contrário do que muitos pensam, não sou uma completa vadia que beija mais de um cara em uma noite. Pelo menos, não mais. Isso eu fazia aos dezessete e em festas, quando achava que a quantidade de figurinhas era importante.

Tentei sair debaixo dele, mas Duda parecia disposto a não ceder. Pelo contrário, ele parecia até mesmo se divertir com a minha relutância, pois segurou meu pulso com suas mãos, prendendo-me contra a areia.

Foda-se! Eu vou ter que fazer isso. Ele está pedindo por isso!

Aprenda uma coisa: *you have to make do with ex, the same way that your friends do when you're on a diet, provoke!*

Inclinei-me pra frente, como se fosse estivesse cedendo e realmente fosse beijá-lo. Duda então sorriu, satisfeito, achando que finalmente havia mudado de ideia quanto a nós. Assim que ele relaxou um pouco seu peso sob o meu, preparei meu joelho direito e não hesitei em lhe acertar em cheio, bem nos *países baixos*, antes de aproveitar seu recuo para empurrá-lo imediatamente, enquanto ele ainda se contorcia de dor. Levanto-me, sacudindo a areia do meu corpo e cabelo, a tempo de ver nossa plateia batendo palmas por causa do meu golpe. Constrangimento esquecido, sorrio, contente, e me curvo pra frente, agradecendo os aplausos. De longe consegui até mesmo identificar o som da gargalhada de João, Rodrigo e Nick. Mas meu olhar voltou para Duda, que ainda gemia de dor aos meus pés.

— Porra, mulher! Você pode ter prejudicado nossos futuros bebezinhos. — brinca, ainda gemendo, enquanto se levanta da areia.

— Vou desenhar pra você. — digo, séria. — “Nós”... — Faço o gesto para mim e para ele. —... Definitivamente não existirá “novamente”. Nunca mais. Esqueça isso. — aviso.

— Veremos isso quando eu conquistar esse coração duro. — Duda sorri quando coloca os braços nos meus ombros e fazemos nosso caminho de volta pra festa.

Durante o restante da noite, dancei com vários caras desconhecidos, que depois acabei conhecendo e acabei caindo novamente nos braços de Jack em uma dança. Óbvio que quase nos beijamos, mas mantive minha consciência em alerta enquanto estamos colados no ritmo da música. Ele sabia que tinha algo nele que meio que me provoca. Ele não é burro. Depois do seu aviso, não tinha tanta certeza de que não haverá uma tentativa em breve - e não vou negar que, apesar de não ficar com ele e de não querer ficar, estava gostando desse jogo.

Como não ser bom para seu ego saber que um cara gato desses está a fim de você?

Quando finalmente chegamos em casa, nos iludimos achando que poderíamos ter uma noite calma de sono, com sonhos tranquilos, mas estávamos completamente enganados. Pois tranquilidade e sossego foi algo que não tivemos nas horas que se seguiram, porque fomos torturados por Carol, Rodrigo, a bebida e o sexo sem nenhum pudor.

Sim. Também estou chocada até agora!

Margarita é sempre Margarita, porque definitivamente nos faz perder o resto de dignidade e pudor. Como o quarto deles ficava no meio entre o meu e Mariah e o de Nick, fomos praticamente obrigadas a sair, porque eu não sabia que Carol podia chegar a tantos decibéis assim. Acabei de me sentir sexualmente insultada.

Meu Deus! Quem diria, hein? E eu achava que conhecia essa safada depois de vinte anos!

Agora, depois do que ouvi, acho que realmente preferiria não conhecer, nem um pouquinho. Não sei mais se vai ser legal ser sua vizinha. Fato. Infelizmente sei exatamente por que Carol tem Rodrigo em torno do seu dedo mindinho. Enfim, depois da mudança, sobrou apenas o quarto de Duda e João, que ficava no fim do corredor e longe de toda a baixaria. Mariah se jogou na cama de casal com João. Nick arrastou um colchão de solteiro que tinha em seu quarto e se deitou. Porém, eu não estou muito animada a deitar na mesma cama que Duda depois de tudo que havia acontecido essa noite. É certo dizer que ficar com ele em uma cama, é quase como brincar com fogo. Definitivamente não quero ouvir nenhuma piada, ou pior, sentir sobre seu tesão matinal quando acordar.

Não. Absolutamente prefiro deixar essa passar!

Sem dizer uma palavra, faço meu caminho para fora do quarto. Quando termino de descer a escada que me leva pra sala, ainda que eu estivesse tampando meus ouvidos, pude ouvir que o *vucovuco* ainda acontecia no quarto do *casal fodão*.

Estou com ciúmes? Não. Certo, é mentira... Estou com ciúmes! Fazem... Bem, sete dias que não faço nada.

Mas era mais do que isso. Eu já havia ficado muito tempo sem fazer sexo antes, mas a impressão que eu tinha, era de estar carregando um tesão irracional para onde quer que eu fosse. Só que isso não vem ao caso no momento, porque nem mesmo *Rabbit* está por aqui para resolver meu problema.

Eu poderia deitar no sofá, mas pelo visto eu tinha outros planos sobre a minha dormida essa noite. Caminho até a varanda e deito na rede, que estava me chamando desde que chegamos. Ainda estava escuro, e olhando para o céu enquanto estou deitada aqui, me deu a nítida impressão de que as estrelas estavam mais brilhantes e bonitas essa noite. Enquanto olhava para o céu estrelado, lembrei-me de uma música de John Legend, *You and I*, que Luca havia cantado para mim um tempo atrás e a coloquei para tocar.

*“... De todas as meninas
Você é a minha única menina
Não há ninguém no mundo esta noite*

*Todas as estrelas, você as faz brilhar como se fossem nossas
Não há ninguém no mundo, só você e eu
Você e eu
Não há ninguém no mundo, só você e eu...”*

Eu quase podia ouvir as palavras da musica sendo sussurradas por ele agora. E apesar da vontade, não ousei me permitir chorar. E quando a música finalmente terminou de tocar, olhei para tela do meu celular e suspirei. Ainda eram quatro da manhã.

Madrugada filha da puta!

Uma coisa que eu sei, é que a mistura de madrugada, bebida e saudades nunca deu certo. Por que diabos ela é a hora oficial de nos fazer lembrar de nossos melhores e piores momentos? Não podia ser mais cedo? Assim eu certamente poderia beber mais e entrar em coma alcoólico, né? Simples assim. Mas, não, tem que ser mais complicado para a minha pessoa. Tem que esperar que eu me deite, para que eu possa sofrer. Uma lágrima escorre pelo meu rosto, lavando pra fora a pressão que eu vinha fazendo para não fazer isso durante todo o dia. Antes que eu pense no que estou fazendo, tiro uma foto e escrevo uma mensagem antes de enviá-la.

Capítulo 16

Agora, na manhã de segunda-feira, estou real e oficialmente de ressaca. Sentindo-me como uma merda completa. Acordo com a luz do sol na minha cara e minha primeira ressaca desde que chegamos a Margarita. Não lembro muito bem como chegamos em casa, mas lembro que fiz um monte de merda. Não que justifique, mas estava literalmente bêbada. Nunca mais tinha bebido tanta cerveja. Agora entendo exatamente o porquê da minha escolha.

A primeira coisa que me bate é o enjoo e acho totalmente que vou vomitar, mas aí me lembro de ontem à noite e um sentimento maior me domina, um sentimento chamado “arrependimento-pós-mensagem-enviada”, que faz com que eu me levante imediatamente da rede, quase caindo de bunda no chão.

Que eu não tenha enviado, que eu não tenha enviado... Por favor, Deus, eu juro que fico sem comprar sapatos por pelo menos... Dois meses!

Deslizo meu dedo sobre a tela, ainda rezando, implorando a Deus que eu não tenha feito essa besteira enquanto desbloqueio meu *iPhone*. Abro o *WhatsApp*, ainda nervosa e quando clico na janela de conversas, lá está uma foto do meu pé e minha tornozeleira, dando a visão do mar e do céu estrelado. Mas o que me deixa apreensiva, não é a foto em si, mas sim a maldita mensagem logo abaixo:

-

Luca Campanaro - Visualizada Às 04:07 -

“Margarita é incrível, como sempre! Estou em um dos meus lugares preferidos do mundo. Acabamos de chegar de um luau na praia, foi maravilhoso. Dancei até não aguentar mais e bebi até a cerveja acabar.

(Sim! Me morda! Eu bebi cerveja!)

Agora estou deitada na rede do lado de fora da casa, porque Carol e Rodrigo estão trepando igual a cachorros no cio, no quarto ao lado do meu. Uma absurda falta de respeito.

Vê como o céu está lindo? E por que diabos estou te mandando mensagem a essa hora sabendo que era para tudo estar perfeito?

Posso ser uma idiota por pensar isso, mas eu precisava te dizer: hoje, dois caras TDB tentaram me beijar. Não tive muita escolha, mas acabei beijando apenas um, e, mesmo o beijo tendo sido fantástico, não quis continuar. Sabe por quê? Por sua culpa! É claro que a culpa é sua, idiota, foi você que tirou a graça de todos os outros caras! Eu te odeio por ter feito isso comigo e me odeio por continuar deixando você estragar as coisas para mim mesmo depois de tudo.

Obrigada!!!”

-

Ai, meu Deus! Eu quero morrer! Merda, merda, merda! Por que eu enviei isso, mesmo?

Quando a gente gosta de sofrer, é claro que a gente bebe, manda mensagem para o ex-namorado por quem ainda é apaixonada e acorda arrependida no dia seguinte. Muito pior que misturar bebida alcoólica com remédio, é misturar bebida com *WhatsApp*.

Onde diabos estava o meu bom senso, que me impediu de apertar o “enter” tantas vezes desde que nos separamos?

Definitivamente eu mereço mesmo, o péssimo histórico de fracassados relacionamentos que tenho. Mereço cada lágrima que derramei. Mereço ter de carregar esse fardo de dedo pobre para o resto da vida.

Burra, burra!

Ainda estou meio zonza, com raiva de mim e sem saber o que fazer quando faço meu caminho para dentro da casa. Sento minha bunda no banco em frente ao balcão ilha da cozinha, porque como

de costume, Mariah já está cozinhando nosso café da manhã. Acho que é uma coisa dos Campanaro acordar antes de todo mundo. E eu definitivamente não estou reclamando, principalmente porque é ela quem me alimenta. Mas assim que ela ouve o banco em que me sento se arrastando, estremece.

Bem... Pelo menos não devo ser a única ruim!

Confesso que ver sua situação, me sinto um pouco mais aliviada. Mariah levanta a cabeça, e o que me parece um fantasma de noventa e nove anos com a maquiagem borrada olha de volta para mim. Começo a rir, e ela faz uma careta em resposta.

— Odeio cerveja. — ela afirma, categórica.

— Duas. — Aceno em concordância. — Mas você deve odiar demaquilante, também, porque está muito bonita maquiada. — Aponto pra cara dela e rio com desdém.

— Sinceramente... — ela começa a falar, apontando a colher de pau para mim. — Depois que acordei, a única coisa que me preocupei foi em manter minhas tripas no lugar. Acredite, porque quase as vomitei também. — conta, enquanto eu estremeço ao pensar em vomitar e rio de novo.

— Fiz uma merda de madrugada — confesso, quando paro de rir. — Quer dizer... Duas merdas — corrijo-me ao lembrar-me do beijo em Jack, tentando evitar a culpa.

— Bate aqui. Somos duas. — ela afirma, fazendo-me olhar incredulamente para ela antes de bater na sua mão.

Oh Deus! O que ela pode ter feito?

— O que você fez? — pergunto, curiosa.

— Não lembro quantas cervejas eu tinha bebido... — Mariah parece parar para pensar, mas acho que deve ser muito esforço, porque faz uma cara feia. — Nem que horas foi ou como aconteceu, mas eu meio que agarrei João. — confessa, e eu fico embasbacada.

Santo inferno! Ela agarrou meu amigo?

— *Oh* meu Deus! — Pulo do banco e vou até seu lado, no fogão. — Eu meio que sabia que isso ia acontecer, mas não sabia que você ia estar com essa cara de defunta depois. — Mariah me dá o dedo, e eu caio na gargalhada. — Afinal, foi tão ruim assim? — pergunto, considerando que ela ainda parece puta da vida com meu comentário.

— Definitivamente não. — Agora ela dá uma risadinha e um sorrisinho sacana. — O beijo foi... Como posso dizer? Uh... Incrível. — Suspira. — Não me leve a mal. Acho João lindo, gostoso e tal... Mas, quando me dei conta de que era ele, meio que perdi completamente o tesão. — confessa, baixinho, parecendo constrangida e eu caio na gargalhada novamente.

— Bem-vinda ao clube. — Dou-lhe um tapinha amigável no seu ombro. — Agora você deve entender porque, mesmo com amigos lindos, eu prefiro enfrentar longos, profundos e sinistros períodos de seca. — afirmo, séria, e nós duas rimos baixinho.

— Sim. Achei que estava ficando louca. Como eu simplesmente parei de beijar aquele pecado moreno? — Mariah diz, rindo, e eu a acompanho, enquanto ela coloca panquecas em uma refratária e nos serve dois copos de suco de laranja.

— Não, você não estava louca. Mas é que me relacionar com eles é quase como um incesto. — afirmo e ela concorda.

— Então, quais foram as merdas que a senhora fez? — pergunta, ligeiramente curiosa.

— Um... — Levanto o dedo para contabilizar. — Jack me beijou, e eu beijei de volta por alguns segundos. — Mariah solta um grito estridente, parecendo uma fã louca de Justin Bieber.

Jesus! Sinto uma dor de cabeça chegando agora...

— Não acredito! — Mariah diz, animada. — Como foi? — pergunta, enquanto ainda escuto o zumbido do seu grito ecoando em meu ouvido.

— Muito bom. — Suspiro. — Mas...

— *Oh* merda! Não era meu irmão... — Mariah complementa, triste, segurando minha mão. Concordo com a cabeça, enquanto mastigo e tento empurrar um pedaço da minha panqueca com *maple*.

É foda! Por que Luca tinha que ter ficado grudado na minha mente?

— O que nos leva à merda número *two*! — continuo, levantando dois dedos, tento engolir a agonia que estou sentindo. — De madrugada estava bêbada e acabei mandando uma mensagem para Luca contando tudo. — confesso.

Fecho os olhos assim que termino de falar, esperando que ela solte o verbo, que grite comigo, mas nada disso acontece. Logo abro, pois depois de não ouvi-la abrir a boca, a encontra congelada. Do jeito que Mariah me olha, sinto-me ainda pior do que estava e uma vontade louca de vomitar me faz sair correndo para o banheiro da sala, antes mesmo que ela consiga abrir a boca para dizer “idiota!”.

Felizmente consigo chegar a tempo de abrir a tampa e evitar a tragédia de ter que estragar minhas unhas limpando tudo. Odeio vomitar. Não vomito desde... Bem, desde sábado passado, na casa de Nick. Mas, como não me lembro, meio que não conta. Sentindo-me cada vez pior, mais enjoada e ainda por cima fraca, sinto as mãos de Mariah segurando meus cabelos enquanto despejo toda a merda que quero que vá embora no momento em que eu der descarga.

— Amiga, você sabe que estou ao seu lado. — ela diz, com seu jeitinho meigo. — O que meu irmão fez foi horrível e a merda ficou ainda pior, eu sei. Principalmente porque você não merecia nada disso. Mas você não deveria ter feito o que fez, porque, apesar de tudo, ele te ama loucamente. Você imagina como ele deve está agora? — pergunta, retoricamente.

Inferno! Como ele deve estar agora? Ai. Por que sou tão idiota?

Me sinto péssima por ter bebido tanto, me sinto péssima por beijar Jack. Mas, ao mesmo tempo tento não me sentir, porque não quero darrazo ao meu coração que diz que o que fiz foi errado.

Devo ser considerada uma pessoa horrível?

Só que isso não é pior do que como me sinto em relação aos meus sentimentos por Luca, pois me sinto ainda pior por ter aberto, mesmo que bêbada, meu coração para Luca e com certeza tê-lo magoado no processo. Como Mariah disse, “Apesar de tudo, ele me ama loucamente”, e a recíproca era mais do que verdadeira.

Como era de se esperar, à tarde estou em uma depressão pós-álcool, jogada no sofá da sala. Com a cara que estou, se o diretor de *The Walking Dead* me vir, ele me contrata na hora. Meu estômago estava péssimo. Estou tristemente enjoada e não paro de vomitar. Parece automático. João disse que é excesso de *shoyu* e cerveja, porque não comi nada mais do que isso desde que chegamos à Venezuela. Mas é claro que ele também diz que é abstinência sexual, porque ele não seria ele, se não dissesse isso. Não queria rir, mas acabei rindo, pois estava começando a concordar com ele.

— Sophia, você está bem? — ele pergunta, abrindo a porta depois de ter saído correndo para o banheiro, pelo que me parece ser a milionésima vez.

— Tô. — respondo, voltando a vomitar.

— Fraquinha. Você precisa aguentar mais o tranco — diz, de forma provocativa, segurando meu cabelo e eu lhe dou dedo, antes de levantar e ir até a pia.

— Vai à merda! — digo, lavando minha boca.

— Você precisa comer alguma coisa. Mariah disse que você nem terminou de tomar seu café da manhã. A *paeja* que ela fez já está pronta. — diz, agora parecendo realmente preocupado, mas só de pensar na comida, me dá vontade incontrolável de vomitar.

— Não posso, João. Só de pensar em comer, sinto vontade de vomitar de novo. — murmuro, fraca.

— Acho que você precisa rebater essa ressaca com outra. — brinca.

— Nunca vou beber de novo. — prometo.

— Como se eu nunca tivesse escutado isso antes. — murmura, sarcasticamente.

Mas o pior é que é verdade. Em quantas ressacas já não prometi isso? Milhares. Acho que nem Deus bota mais fé nelas.

— João? — chamo.

— Sim? — responde.

— Vai tomar no cu! — grito, fazendo-o rir.

Carol está me chamando “carinhosamente” de lagartixa, porque depois de tanto vomitar, estou seca e pálida. Juro que se eu tivesse forças, socaria a cara dela. Mas como diz o ditado, vingança é um prato que se come frio, então quando voltarmos pra casa, vou pegar sua peplum de seda preta com detalhe de renda no decote e nunca mais devolverei para essa rapariga. Estou com ela atravessada em minha garganta, com raiva e inveja da sua noite de acasalamento.

Pelo menos tivemos motivos para que eu me distraísse da minha ressaca e dos meus problemas, porque os meninos estavam com a corda toda. Rodrigo parecia mais feliz do que pinto no lixo quando acordou, esquecendo-se até mesmo da sua ressaca. João abusou dele pra caralho, dizendo que foi ele quem foi mestre de Carol. Parece quase inacreditável, mas Rodrigo não sente ciúmes de João de forma alguma. O que para mim às vezes é estranho, principalmente para quem vê de fora. Mas acho que ele se garante no final das contas.

Risadas ecoaram pela casa com as imitações dos gemidos de Carol feitas por Duda. Até Carol se rendeu e riu para caramba. Duda inclusive pegou a parte de cima do biquíni de Mariah e uma saia minha, enquanto fica se insinuando e se esfregando em Rodrigo na beira da piscina. Ele fez isso tantas vezes, mas a cada vez que ele fez, parecia ter ainda mais graça.

— Mais forte, porra! — Duda imita, gemendo alto. — *Oh meu Deus! Rodrigo... Ai, ai...*

Deus me perdoe, mas quase mijo nas calças!

Depois do que me pareceu ser a milionésima vez que vou ao banheiro, olho para o meu reflexo no espelho e percebo que pareço a morte. Na verdade, se me dissessem que eu tinha morrido, não duvidaria, só estava esperando “ir para luz.” Nunca mais tinha me sentido tão mal em uma ressaca. Sério. Não posso ver nada que estão comendo, que fico enjoada e corro para colocar o que eu não tenho para fora.

Meu Deus! Absolutamente acho que devo parar de beber.

Saio do banheiro quase filosofando. Fiquei imaginando poder negar bebidas em festas, ser a única pessoa responsável por levar os amigos pra casa e por causa disso eles serão muito agradecidos, e serei bem recompensada. Nunca ser pega pela Lei Seca e evitar aquele absurdo de multa. Um sonho! As pessoas olharão para mim com respeito, admiração e inveja, porque estarei sóbria e elegante, enquanto outros estarão descompensados, com suas maquiagem e dignidades borradas. Fora que o bônus disso tudo é que estarei mais bonita e mais magra.

Sim, acho que devo tentar... Deixa apenas passar toda a depressão do fim do meu relacionamento... Ah! E todo o estresse das contas que terei a pagar nos próximos meses... Sim! Estou decidida: depois que tudo estiver bem, serei outra e não beberei! Bem, eu acho...

O bip de mensagem do *WhatsApp* soou em meu celular. Por um momento, penso: *finalmente ele respondeu!* Só que depois me vem o choque de realidade: Luca não responderia uma mensagem, em que digo que ainda me enroscando em outro cara que não era ele. Convenhamos, nem eu mesmo responderia.

Desbloqueio a tela. É Thiago.

Thiago:

Ela está com ele?

-

Sophia:

Quem está com quem?

-

Thiago:

Mariah com João.

Droga! O que devo responder?

Não. Bem... Tecnicamente, só foi um beijo e eles não estão juntos. João continua o mesmo com ela. Mariah ficou um pouco sem jeito no início, mas agora, já é ela com ele novamente.

O que eu devo dizer? Devo perguntar a Mariah?

Não. Se Mariah souber o que ele está me perguntando, ela vai chutar a bunda dele a distância.

E... Porra! Também, que adivinho do caralho Thiago é, hein? Parece até que sentiu uma coisa há milhões de quilômetros de distância...

Sophia:

Lógico que não!

Silêncio.

Sophia:

Eles são amigos. Por que isso agora, Thiago?

-

Thiago:

Instagram. Eles não param de postar fotos juntos.

Corro meus dedos até a aplicativo do *Instagram* e começo a rir quando abro. São quatro fotos dos dois juntos ao total. Nada de mais. Em uma delas, Mariah está mirando uma frigideira para João. Na outra, João está correndo na praia, carregando Mariah nas costas.

Depois, as mulheres que são dramáticas e possessivas! Esses homens das cavernas... Tsc! Veem coisas onde não tem!

Sophia:

Nada a ver. Pare de procurar coisa onde não tem, senhor Ryan. Mudando de assunto, acho que tenho uma notícia que você vai gostar: ela terminou com Enzo.

-
Thiago:

Sério? Sério mesmo? Quando? :O

-
Sophia:

Sábado. No dia seguinte ao aniversário dela. Ela ainda não entrou em detalhes e eu não quis pressioná-la.

-
Thiago:

Para que detalhes, quando se tem a melhor notícia do ano? =D

Mas me conte... Como vão as coisas aí?

-
Sophia:

Bom, já que você perguntou... O sol está no ponto. O mar do Caribe está muito azul. E acordei com uma puta de uma ressaca, depois do luau de ontem, em que dancei a noite toda. Já vomitei tanto, que acho que não tenho mais tripas e precisarei de doação. Tenho que lhe contar um segredo: você está falando com a próxima participante dos Alcoólicos Anônimos!

-
Thiago:

KKKKKKKK Deve estar uma merda, imagino! Você já ouviu falar em “beba com moderação”? Eu, por outro lado, estou sendo torturado. Estou de saco cheio da pessoa que está me fazendo companhia. :P

Companhia? Porque será que isso me soa como “Luca”?

Sophia:

Aceitam cartão onde vende esse tal de “moderação”?
Você está gravando?

-
Thiago:

Não. Acho que moderação é algo com que você nasce. Sabendo do seu histórico bancário, definitivamente você não nasceu com ela. =P

Não. Terminamos hoje de manhã. Quase fecho Copacabana para uma noite de fogos em comemoração. #sqn Não aguentava mais!
Graças a Deus só devo voltar a gravar novamente no próximo mês.

-
Sophia:

Obrigada por me fazer sentir pior me lembrando das minhas contas! #teodeio

Uhul... Férias, então?

-
Thiago:

Kkkkkk. Odiar definitivamente não é um sentimento que as mulheres sentem por mim. Só pra constar! ;)

Sim. Sei que isso é só para saber se terei espaço na minha agenda pra você. Se é isso, sim, terei!

-
Sophia:

Poupe-me dos detalhes sobre as mulheres, ok? =P

Você que não tivesse. Eu ligava pra sua agente, para fazê-la desmarcar seus encontros, e você sofreria de abstinência sexual. Mas, quando vier me ver, só te peço uma coisa para acabar com a minha seca: Traga Caio Castro com você. ;D

-

Thiago:

Kkkkkkkkk. Se eu não tivesse minhas bolas cortadas por fazer isso, eu faria, garanto a você. Fazer isso por você seria um problema. Você é bem o tipo de mulher que aquele FDP precisa para deixar de galinhar.

-

Sophia:

OMG! Até parece que eu iria consertar um homem gato daquele. Se bem que acordar com um Caio Castro de cueca boxer branca na minha cama, resolveria metade dos meus problemas. Ahhh... Suspirei! =)

-

Thiago:

KKKKK. Contenha-se, você está falando com um menino inocente. Tá bom, acho que você esqueceu que consertou um dos piores! ;)

Suspiro e tento engolir as lágrimas que ameaçam cair antes de responder. É muito duro, ainda pensar nele.

Sophia:

Inocente? Ah, tá! Diga isso para todas as periquitas da TV! kkkkkk

Tecnicamente, não consertei. Você sabe. =/

-

Thiago:

Talvez metade das periquitas da rede de televisão, apenas! Kkkkkkkk.

É uma merda, mas no fundo você sabe que sim.

Tenho que ir agora. Nos vemos em breve, brabinha. Aproveite aí, se divirta bastante. Beijos, e se cuida!

-

Sophia:

Tsc. Gostava mais de você quando tinha esperanças de você dar uma de cupido e me apresentar para meu namorado: Caio Castro!P

Pode deixar que tentarei me cuidar, mas não garanto. Já posso dizer que cuido da sua Cat p vc. Vai ser o nosso segredinho! rs ;)

Beijos pra você e sua companhia chata.

Ps.: espero que pelo menos valha a pena o trabalho de aguentá-la! RS

-

Thiago:

Eu sabia que podia contar com vc pra cuidar dela. =D

Mas, sério, se cuide!

Me desculpe, mas mesmo que lhe apresentasse para o Papa, você sabe que eu seria chutado.

Quanto à minha companhia, não tenho muita escolha a não ser aturá-la, mas ela também atura minhas merdas e me manda deixar de ser idiota. Estou certo de que tenho que fazer o mesmo com ele. ;) Bjs.

Sim. Absolutamente, isso soa como Luca!

Capítulo 17

Deus escreve certo por linhas tortas mesmo. Tentamos comprar ingressos para o show de David Guetta que iria acontecer, mas foi totalmente em vão, pois estavam completamente esgotados. Mariah e João estavam quase dispostos a doar um rim para entrar nessa festa. Não gosto nem de imaginar o que seria de mim nesse show do Guetta, ou melhor, depois dele. Mas quem, em sã consciência, faz a merda de um show em plena segunda-feira?

Bom... David Guetta.

Para piorar, foi impossível não perguntar por que diabos não compramos esses benditos ingressos assim que chegamos. Acho que exatamente pela primeira razão, ninguém achava que se esgotariam tão facilmente. No fim, estávamos errados. Na próxima vez que viajarmos, preciso me lembrar de consultar todas as festas que ocorrerão durante nossa estadia, para que um desastre desses não aconteça mais.

Já que não tinha David Guetta, melhor beber do que remediar. É, já estou bem. *Graças a Deus!* Odeio essas ressacas que deixam a gente doente. Prefiro beber até cair e no dia seguinte acordar bem. Decidimos voltar para o *Hard Rock Café*, porque Jack nos disse que uma banda de uns amigos seus tocava e que nós iríamos gostar e marcamos de encontrar com ele lá na frente. Quando chegamos, ele nos cumprimentou, antes de nos apresentar para seus amigos, o pessoal da banda *Los Muchachos*.

Já conseguia me sentir em casa. Convenhamos, já estávamos há dias na Ilha e não era difícil ver os rostos que conheci nos últimos dias. Só que teve uma hora, em que começou a aparecer tanta gente vindo me cumprimentar, como se fôssemos amigos de infância, que eu retribuía com o mesmo entusiasmo, apenas para não parecer mal-educada, porque eu não tinha ideia de quem fosse. Olhei para Nick em pedido de socorro, querendo saber quem é e entre gargalhadas ele apenas respondeu que era mais alguém do qual fiquei amiga no luau ou em alguma outra noite. Tenho a ligeira impressão de que andei comandando o “Xou da Xuxa” nos últimos dias. Não sei o que pensar sobre mim. Estou seriamente irritada e assustada comigo. Não quero nem imaginar o que eu fiz, disse ou conversei com essas pessoas. Estou com medo de mim.

Não precisei procurar no *Google* alguns pretextos para beber. Podem me julgar, mas minha mãe sempre disse que “*para curar uma ressaca, só com outra*”, e eu sempre fui uma filha obediente. *Bem, às vezes.* Também não era necessariamente de ressaca a que ela se referia, e sim sobre amor, mas com meu histórico e desde virei legalmente capaz de beber, resolvi readaptar seu ditado. Acho que a carapuça serviu melhor.

Ainda mantive minha promessa intacta, ou parte dela: *Nunca mais vou beber... Cerveja.* Pelo menos até quando eu tiver dinheiro e uma bela bunda para balançar e ganhar uns drinks. Eu sei. Os meninos sempre disseram que sou uma viciada em vinhos e drinks, e é verdade. Principalmente os caribenhos que para mim são os melhores. Estava no lugar certo para desfrutá-los e não poderia desperdiçar esses raros momentos, não é?

Jamais. Já disse que sou uma pessoa contra o desperdício!

Já estava na quinta *Frozen Margarita*, quando comecei a dançar. Estou vestindo uma roupa que havia comprado ontem no shopping, uma *cropped* preta com franjinhas de crochê na frente, uma saia rodada com cintura alta estampa tribal na cor preta e branca, e uma sandália preta. Dancei com João, Duda e um mexicano gatíssimo.

Deus me ajude! Outro amigo do luau do qual não me lembrava!

Quando a banda resolveu dar um pequeno intervalo, prometi ao meu amigo mexicano que dançaríamos mais em breve e fui em direção a nossa mesa, antes de me sentar com meus amigos e Jack, que estavam conversando animados. Cai na idiotice de apostar com Duda que ele não conseguiria beijar a morena sentada na mesa ao nosso lado. Mas acabei perdendo.

Droga! Por que tenho que ter amigos bonitos e charmosos?

Sinceramente, eu poderia ter ficado amiga dos nerds ou dos emos. Seria tudo mais fácil! *Bah! Se bem que seria mais dramático.* Ou poderia ter apenas amigos gays. *Sempre quis um melhor amigo gay!*

Aposta feita, aposta perdida, Duda enfileirou cinco copos já com doses de tequila em minha frente e sorri em triunfo. Não posso *arregar*, porque ele passará a vida toda me perturbando quanto a isso. Por outro lado, se beber, terei o eterno direito de me gabar. O que certamente significa muita coisa na nossa amizade. No geral, tenho muito mais a ganhar do que perder. E é exatamente por isso, que começo a pensar em uma contraproposta.

— Vamos negociar. — digo, com um sorriso confiante no rosto.

— Negociar? — Duda pergunta, estreitando os olhos, desconfiado.

O restante da mesa parou tudo que estavam fazendo, pois parecem incrivelmente mais interessados na nossa aposta.

— Sim, porra. — Sorrio encantadoramente. — Se eu beber dez *shots*, você me dá um par de sapatos. — proponho, sorrindo, quando vejo seu rosto confuso.

— E se você perder? — pergunta, levantando as sobrancelhas e eu dou de ombros. Duda me olha por alguns instantes e, depois dá um largo e malicioso sorriso.

Uh. Isso não é bom!

Tenho até medo de tentar adivinhar o que ele está pensando. Que merda! Já era para eu ter pensando nos termos antes de lhe propor qualquer coisa. Agora estarei ferradinha na mão desse ser.

Bem... Lá vamos nós.

— Se você perder, me deve um beijo, aquele beijo que você me negou na noite passada, antes de atingir “meu guerreiro” e depois ainda dormirá comigo. — diz, normalmente, como se estivesse abrindo a porta da geladeira da minha casa e eu olho para ele assustada.

— Seu cu! Eu não vou dormir com você! — grito, irritada, e ele cai na risada.

— Apenas dormiremos na mesma cama, gata. Estou doido para dormir de conchinha com você. Juro que só vamos fazer algo se você realmente quiser. Ou você tem medo de cair em tentação? — provoca-me, balançando as sobrancelhas.

Por um instante considero sua contraproposta e percebo que não tenho muito a perder mesmo. Lógico que pretendo ganhar, mas também se eu perder, não vou ter que dormir verdadeiramente com ele. E já dormimos várias vezes juntos na mesma cama sem fazer nada. Porque não?

Sapatos, sapatos... Sim, eles valem a pena o desafio!

— Fechado. Mas eu escolho a porra do sapato. — respondo, decidida.

Automaticamente pego o primeiro dos copinhos enfileirados. Coloco-o em meus lábios e jogo minha cabeça para trás, bebendo todo o líquido, que desce ardendo pela minha garganta. Jogo o copo vazio na outra mão e o emborco de cabeça pra baixo na mesa, antes de sorrir para ele vitoriosa, que me olha agora arrependido.

Bem, ele me conhece e deveria saber que eu não fujo de uma aposta!

— Que idiota! — Nick ri para Duda.

— Prepare-se para abrir a carteira, cara! — Rodrigo exclama, do outro lado da mesa, enquanto o sorriso de presunção cai do rosto de Duda.

— Não espere menos que mil dólares de prejuízo! — Mariah brinca.

— Sério que você vai beber isso tudo depois do que você já bebeu ontem e hoje? — Jack me pergunta, com a sobrelanceira arqueada.

— *Uhum*. — João murmura, enquanto termina de beber seu chope. — Não se iluda vendo apenas uma gata gostosa. Sophia derrubava todo mundo quando queria. — ele diz e solto um beijo no ar para ele, que pisca para mim de volta.

— Respira fundo, bebe tudo e arrasa, amiga! — Carol diz, me incentivando.

Conselho: *Se você está sofrendo ou sofre por alguém, não escute essa “amiga”, pois os riscos de um você fique em um coma alcoólico depois de ouvir aquela música que te fará sofrer, é de 99,9%!*

Depois de um tempo ali na mesa, resolvi me levantar e voltei para pista de dança. Não demorou muito para que eu começasse a dançar com um cara que havia conhecido na livraria do shopping. Ele é “legal” e bonito, mas bem, não estava interessada, e ele definitivamente não é para mim. Assim que terminei a dança, encontrei com as meninas no balcão do bar e tomei um gole da bebida delas, antes de pedir uma água. As duas me olhavam com uma interrogação estampada na cara, e eu reviro os olhos.

— É o cara da livraria? — Mariah pergunta, olhando para cima do meu ombro, curiosa.

— *Uhum*. — murmuro. — Sim. — finalmente respondo, assim que tomo um gole da água que pedi ao garçom, tentando recuperar o fôlego.

Mariah ainda parece pensar seriamente. No que eu não sei. Só que quando o silêncio continuou, comecei a ficar com medo dos seus pensamentos.

— Me lembre de começar a ler. — ela diz, apontando o dedo para mim. — Porque definitivamente, só cozinhar não faz mais tanto efeito com os homens, como costumava fazer antigamente. — Assim que ela termina de falar, eu quase me engasgo com a água, antes de cair na gargalhada.

— Você é terrível! — afirmo, quando consigo respirar.

— É a verdade, *mia cara*. — ela diz, piscando para mim.

— Você pelo menos, pode ganhar um cara pela barriga. E eu que se tentar fazer isso enveneno a pessoa? — Carol brinca, fazendo com que a gente caía na gargalhada.

Quatro doses de tequila depois, estou de volta na pista de dança, acompanhada de Mariah e Carol. Sem homens dessa vez, dançamos várias músicas de balada de rock. Em um dado momento, Mariah começou a olhar para os lados e em seguida para baixo, mas disfarça, continuando a dançar. O dia todo saquei que algo estava acontecendo com ele, e isso não tinha nada a ver com o fato dela ter beijado João. Bem, nem tanto. Para mim isso começou a alguns dias. Eu sabia, depois de um estudo minucioso dos últimos mil anos em que nos conhecemos, ou dos quase quatro meses, que Mariah quer e precisa desabafar algo que está entalado na garganta. Olho para ela em um sinal visual, mandando desembuchar e ela parece aliviada ao puxar Carol e eu, para que possamos ouvi-la ao mesmo tempo.

— Aconteceu uma coisa. — Mariah diz, nervosa.

— Ai, meu Deus! Você deu para João! Uh... Ele é bom, né? — Carol grita sem fôlego, através da música alta.

— Não! — Mariah nega, fazendo uma careta, olhando como se Carol fosse louca e eu rio.

— Conversa de meninas? — pergunto, e ela assente com a cabeça, parecendo um pouco insegura. — Uh... Vamos nos sentar no bar. Acho que precisamos de um *Cosmopolitan*, como em *Sex and the City*. Nos sentir cosmopolita resolve metade dos nossos problemas. — digo, pisco para elas, que caem na gargalhada, antes de me acompanharem em direção ao bar.

É, eu sei que não é muito inteligente da minha parte misturar vodca e *Cointreau* à tequila. Mas entenda: é uma questão de emergência feminina. Mariah precisa de nós e de uma bebida fabulosa para desabafar.

Um Cosmo não vai me fazer perder a mente. Vai? Bem... Eu realmente espero que não!

— Transei com Thiago. — Mariah fala em um fôlego só, assim que toma um gole da sua bebida.

Carol e eu olhamos para ela, pois estamos em uma mistura de surpresa e confusão ao mesmo tempo.

Uh... Acho que talvez não seja tão novidade assim...

— Como assim? Thiago? — Carol pergunta, com a sobrancelha quase atravessando sua testa de tão intrigada.

— No dia do meu aniversário — Mariah revela, constrangida.

Ok. Agora sim, isso é novidade!

Olha para Mariah e ela está visivelmente nervosa. Ela começou a falar rápido, parecendo minha mãe, emendando as palavras, como se quisesse atropelá-las. Mandamos que ela respirasse e se acalmasse para só depois continuar. Então, Mariah nos contou em detalhes tudo o que aconteceu: Que ela estava muito bêbada e puta da vida com Luca pelo que aconteceu com Jéssica e que Thiago ficou ao meu lado. Ou no dela, no caso. Quando ele a levou para seu apart hotel, eles se beijaram, e uma coisa levou à outra. Quando ela acordou, já sóbria, simplesmente mandou ele partir.

— Oh! — eu e Carol murmuramos, ao mesmo tempo.

Bem. Tá na cara que eu não sou a especialista para lhe dizer algo.

— É só isso que vocês me dizem? — Mariah pergunta, parecendo ofendida. — Vocês não vão me xingar? Dizer que sou uma puta ou uma burra? Estou aqui em parafusos, porque dei para ele enquanto ainda estava com Enzo, e depois, o dispensei... E é só isso que minhas amigas me falam? — pergunta, desesperada, seus olhos arregalados.

— Você é uma vaca! — afirmo, ironicamente, e Carol concorda com a cabeça.

— É... Você é — Carol complementa, fazendo Mariah olhar de mim para Carol, incrédula e nós duas caímos na risada.

— Para com isso. Estamos brincando — digo, dando-lhe um tapinha na perna. — Tudo bem que não foi certo você ter dormido com outro enquanto estava namorando, mas...

— Mas ele é Thiago Ryan, Mariah, pelo amor de Deus! — Carol grita, jogando as mãos pra cima, fazendo-me cair na gargalhada e Mariah nos lançar um olhar fulminante.

— Por que você não dá uma chance para ele? Afinal, eu sei que vocês se amam. — pergunto, séria.

— Ele não merece. — ela responde, friamente, desviando o olhar do meu.

— Sério, Mariah? Me conte o porque ele não merece. Desde que conheci Thiago tenho essa curiosidade, mas você nunca fala sobre isso. Perguntei a Luca qual foi o motivo de vocês para terminar, mas ele me disse que foi apenas aquilo. Que você estava na Itália e, por ele ter que adiar a ida dele pra lá, você simplesmente terminou com ele. — Tomo mais um gole da minha bebida. — Nós sabemos que existe mais do que isso. Tem de existir. Você não terminaria com ele apenas por isso. Não é verdade? — pergunto.

— Sim. — ela confessa, irritada. — Eu apenas preferia ser taxada como uma puta mimada. — Dá

de ombros.

— Se não foi apenas isso, o que houve então? — Carol pergunta e o celular de Mariah começar a tocar, e ela apenas olha para tela, antes de ignorar.

— Thiago? — pergunto.

— Não. — Mariah endurece os lábios, antes de responder: — Luca. — Aceno com a cabeça e tento não me deixar pensar nele depois da mensagem.

Respira fundo. Nada de fraquejar! Você ainda precisa ganhar aquela aposta. Sapatos... Sapatos...

— Cospe logo a verdade. — brinco, tentando mudar de assunto.

— Tá. Prometem que vocês não vão rir? — pergunta, séria e nós duas concordamos, um pouco assustadas. — Ok. Terminei com ele não apenas porque ele não pôde ir pra Itália... — Ela suspira. — Eu sempre quis ir para Itália e me formar em Gastronomia lá. Minha vontade de ir aumentou ainda mais quando fui visitar Luca, Mia e Henrique, assim que eles foram para lá. Quando finalmente fui pra Itália, Thiago estava começando aquela novela das sete, que esqueci o nome agora. Mas não importa... — Ela bufa, antes de continuar: — Então, combinamos que assim que ele terminasse, iria ficar comigo na Itália até que eu terminasse meu curso. Inclusive ele estava olhando uns para ele. — Mariah endurece seu rosto. — Mas, antes mesmo que ele terminasse a novela, foi escalado para a novela das oito, em que ele teria o seu primeiro papel principal. — Ela faz uma pausa, para tomar mais um gole, e milhões de razões aparecem na minha cabeça. — Só que a personagem que faria par romântico com ele nessa novela, era a Bia Soares... Aquela vadia! — diz, entre os dentes.

— Vocês conhecem Bia Soares também? — Carol pergunta, surpresa.

— Infelizmente. — Mariah resmunga, terminando de tomar seu coquetel.

— O que houve? Thiago te traiu? — Pergunto nervosa.

Sim. Absolutamente tenho trauma de traição!

— Não. Senão, ele não estaria enfiando o bilau dele em tudo quanto é atriz da televisão, pois eu já o teria cortado. — Mariah bufa. — Eu odeio a Bia. Mia mais ainda. Eles se pegaram na escola, e ela continuou a dar para todo mundo. Inclusive Luca e Henrique. — É a minha vez de engulir em seco. — Eu disse a Thiago que não queria que ele fizesse essa novela... Mas, aí, ele fez pior. — Mariah diz, ainda mais irritada.

— O quê? — perguntamos, em uníssono.

— Ele me pediu em casamento. — Mariah fala, séria, como se fosse a pior coisa do mundo.

Putaquepariu! Foi só isso?

Um dos maiores galãs de novelas de todos os tempos, que inclusive era seu amor de infância, pediu Mariah em casamento e ela simplesmente resolveu descartá-lo? Definitivamente alguém tem problemas por aqui, e, ineditamente, não sou eu.

— Como assim “casamento”? — Carol pergunta, tirando as palavras da minha boca, pois sua expressão me diz que ela está pensando da mesma forma que eu.

— Eu tinha dezoito anos... Pelo amor de Deus! Quem se casa com dezoito anos? — Mariah afirma, perguntou retoricamente. — E eu não ia largar minha carreira, para virar uma madame ou dona de casa, sendo a sombra de um homem famoso. Não sou a vadia da Anitta! — ela diz, parecendo que está cuspiendo fogo. — Fora que um pedido de casamento fodido pelo telefone é broxante! — Bufa, irritada, mais uma vez.

Senhor! Absolutamente... Ela está brincando, não é?

— Recapitulemos. — Coloco minha taça vazia no balcão e respiro fundo, tentando me controlar, porque Mariah sempre esteve ao meu lado. Aponto para ela e continuo: — Você terminou com

Thiago porque não queria largar sua carreira? — Ela acena com a cabeça. —... Porque você estava com ciúmes da atriz que faria par romântico com ele? — Ela hesita por alguns instantes, antes de concordar. — E, também, porque você tinha dezoito anos e não queria se amarrar? — Mariah acena de novo. — Ele não fez o pedido de forma romântica? — Dessa vez, ela concorda enfaticamente. — Mas você queria que ele fizesse exatamente a mesma coisa com você? Que ele largasse tudo, a oportunidade de ter o primeiro papel principal em uma novela das oito, uma carreira artística pela qual ele trabalhou para construir desde pequeno, por sua causa? — concluo meu ponto, mostrando o óbvio.

Nota mental para mim mesma: O foda é você ser psicólogo para os seus amigos e não saber o que fazer da sua vida!

Quando terminei de falar, Mariah me olha embasbacada. Por um momento acho que ela está brinca da brincadeira da estátua, porque está com a boca aberta em um “O” perfeito, como sempre acontece quando ela se surpreende com algo, não pisca e parece nem ao menos respirar. Mas, logo em seguida, seus olhos se enchem de lágrimas e seus lábios começam a tremer. Sei o que está por vir e como eu pensei que aconteceria, ela se joga em meus braços e começa a chorar.

— Eu. Estraguei. Tudo — ela soluça, em meu ombro.

— Não estragou, querida. Apesar de tudo, apesar de tantos anos terem se passado, sei que ele ainda ama você. — murmuro, enquanto faço carinho nos seus cabelos.

— Você acha, mesmo? — Mariah se levanta e me olha com a cara do gatinho do *Shrek*.

— Claro! — afirmo, limpando suas lágrimas com o guardanapo.

— Por que você não liga para ele quando voltarmos? Acho que, se você colocar para fora a forma como se sentia, ele vai te entender perfeitamente. — Carol sorri, incentivando-a e Mariah sorri de volta concordando.

— É sério! — Mariah afirma, séria. — Mia me falou tanto sobre isso... Mas eu estava tão cega que não dei ouvidos. O que seria da minha vida sem vocês?

— Isso você nunca vai saber. — Carol responde sorrindo, arrogante.

— Obrigada por tudo. — Mariah diz, antes de nos abraçar, enquanto tento enxugar minhas próprias lágrimas de emoção.

É. Pelo menos alguém terá um final feliz!

Depois da oitava dose de tequila, voltamos a dançar. Sinceramente, não estava mais sentindo o mesmo formigamento na garganta enquanto entornava a bebida. Estava começando a ficar fácil demais para mim. Dançamos, rimos e, pela primeira vez em semanas, me senti um pouco mais viva outra vez. Até a hora em que começa aquela maldita música.

Quem nunca passou por isso?

Essas coisas não pedem licença para acontecer. Mas quando acontecem, pegam a gente de surpresa. É bem assim, em um segundo você está dançando, cuidando da sua vida, bebendo sua bebida “não sei que número”, e apenas uma canção toca e muda tudo.

Isso se chama ironia, ou como prefiro dizer, sacanagem do destino!

A música é aquela e diz exatamente o que você está pensando e sentindo, mesmo se você não sabe que é o que está sentindo. É quase como uma catarse.

*“... A solidão é minha única amiga
Fiel e constante até o fim
Quando lembro da nossa felicidade*

*Eu lembrarei de você
Nós somos quase uma canção de amor, hey...*

*Eu queria te trazer de volta pra mim
Você está perdendo a melodia
Queria que minhas palavras pudessem mover seu coração
Para que você pertence aqui ao meu lado..."*

Merda de Almost a Love Song que diz exatamente o que não tenho coragem de dizer! Merda de Rick Martin!

Fecho os olhos e me deixo envolver pela música. A alegria faz você dançar a música, mas a tristeza faz você entender a letra. Comecei a me balançar ao ritmo dela, e instantaneamente minhas mãos foram para cima. Minha cabeça e meus longos cabelos balançavam em todos os lugares.

Não me importo com nada, e nem ninguém... Quero apenas sentir isso tudo.

Por um momento, sinto como se Luca estivesse comigo. Seu corpo junto ao meu. Com ele me abraçando apertado, como quem tivesse medo de me deixar sair. Seus lábios sussurrando coisas meigas e quentes em meu ouvido. Coisas que só Luca diria para mim e fariam com que eu me sentisse a mulher mais sortuda do mundo. E eu sabia que tinha sido. Sinto que preciso dele tanto quanto preciso do ar que respiro. E isso é uma das coisas que mais me doem. Eu queria não me sentir assim. Não queria me sentir dependente de um homem para ser feliz. Mas, infelizmente sou.

Vou ao banheiro e percebi que estava meio que oscilando em frente ao espelho. Tenho uma preocupação inoportuna de querer saber que horas são. Olho para meu pulso e só depois me lembro que meu relógio não combinou com minha roupa, por isso, não estou usando um. Pego o celular em meu decote, porque é o único lugar disponível para colocá-lo, e olho a hora. Antes que perceba o que estou fazendo, digito uma mensagem para o meu terapeuta, que não vejo há dois anos:

Caro Dr. Garcia, sinto lhe informar, mas você se fodeu estudando a vida inteira, para fazer por mim um centésimo do que a música certa, drinks e meus amigos foram capazes.

Não enviei. Tratei logo de apagar a mensagem, até mesmo exclui seu número, antes que ficasse um pouco mais bêbada e o suficiente para fazê-lo. As meninas saem para descansar, mas não me importei de ficar sozinha e preferi ficar. Voltei logo a dançar, porque estava me fazendo bem. Comecei a achar que estava possuída pelo ritmo *Ragatanga* pela forma alucinada como estava agindo na pista de dança.

Jack chega ao meu lado e sorri para mim, me fazendo sorrir de volta para ele. Ele me puxa para dançar, e eu realmente não me importo. Apenas sei que isso está me fazendo bem. Não ele, mas o momento: dançar, relaxar e deixar que a música toque e fale diretamente em meu coração. No olhar de carinho que ele me dá, sei que não há nada sobre jogos entre nós neste momento. Estamos apenas aproveitando a dança. E a playlist de Rick Martin vem fodendo comigo.

Maldito Rick Martin! Já não bastava ser lindo e, ainda por cima, Gay? Por que Rick ainda tinha que escrever suas músicas com tantas palavras que dizem tudo sobre mim, sobre nós, sobre a nossa história?

Eu o odeio. Mas também o amo, ao mesmo tempo. Só queria acabar com isso. Mas também sei que não se afoga um sentimento do dia para a noite. É isso que me deixa mais fora de mim: me sentir incapaz diante do que sinto.

Jack brinca comigo, e nós rodamos pela boate. O último acorde musical toca, e ele me joga para baixo de forma exagerada, o que me faz rir tanto. Era exatamente disso que eu estava precisando.

Mas então tudo mudou ao meu redor. É como se eu sentisse que ele estava ali. Como se cada poro do meu corpo simplesmente me alertasse da sua aproximação. Como um radar, procuro por ele e no instante que meu olhar sobe, posso vê-lo diante de mim. Ainda que esteja vendo tudo de cabeça para baixo, sei que é ele, porque conheço aqueles olhos azuis e aquele homem perfeito até debaixo d'água. Ou estou louca ou malditamente bêbada, o que provavelmente é verdade. Ou é apenas uma miragem, de quem está sedenta. Mas não, definitivamente era Luca quem estava ali.

Capítulo 18

Merda!

Jogo minhas mãos para o ombro de Jack, tentando me levantar e ele me olha, sem entender, antes de levantar seu olhar até encontrar o de Luca. O olhar em seu rosto, faz com que Jack imediatamente recue e se afaste de mim, pois certamente ele sabe quem está diante de nós. Luca continua olhando fixamente para mim, e eu continuo tão paralisada quanto um guarda britânico.

Oh meu Deus! Isso realmente está acontecendo?

Fico passada e pendurada no cabide. Tanta coisa passa na minha cabeça nesse momento: raiva, saudades, frustração, mágoa, tesão... *Aff, que droga!* Imagens de todos os nossos momentos juntos passam em minha cabeça como um filme. As pessoas continuam a dançar ao nosso redor, mas não vejo mais nada, apenas ele. Luca dá um passo para frente e acabamos ficando cara a cara, trazendo consigo um calor instantâneo com sua aproximação.

— O que você está fazendo aqui? — finalmente pergunto, ainda atordoada.

— Vim ver você. — ele responde, com a sobancelha cerrada.

— O que você quer, Luca? Você veio a Margarita para me ver? — pergunto, incrédula.

Bom Deus! O que ele quer afinal?

— Eu estava resolvendo umas coisas antes de vir, mas já estava em meus planos te encontrar. E, depois de mandar a mensagem que você me mandou, às quatro da manhã, o que me leva a crer que você estava fodidamente bêbada, você honestamente acha que eu ia ficar parado, esperando um gringo qualquer pegar minha mulher? — afirma, fazendo gesto para Jack, que misteriosamente não estava mais ali.

Oh merda! A mensagem de novo, não!

— Eu... — Ele coloca a mão na minha boca, tapando-a.

— Não! — Ele me impede de continuar. — Nós vamos conversar, sim, e você não vai fugir de mim essa vez. Vamos sair daqui. Lá fora nós conversamos — diz, sério, e eu estremeço de medo e...

Meu Deus... de tesão? O que diabos está acontecendo comigo?

— Tudo bem. — Engulo em seco. — Mas me desculpe, primeiro eu tenho uma aposta para ganhar. — informo a ele, assim que retiro sua mão da minha boca e começo a fazer meu caminho de volta à mesa.

Enquanto fazemos nosso caminho pela multidão, Luca segura em minha cintura, fazendo-me estremecer. Uma corrente elétrica sobe forte e voraz pelo meu corpo, chegando rapidamente até meu coração, me fazendo começar a suar frio. Honestamente, parece que vou ter um ataque cardíaco.

Odeio que ele faça com que eu perca meu propósito! Odeio mais ainda como ele tem poder sobre mim!

Se antes eu já sabia que o álcool não era uma combinação boa para os meus hormônios, depois de Luca, tenho mais do que certeza, porque da maneira que me sinto com apenas um toque dele, definitivamente não preciso nem estar bêbada. Mas preciso lembrar aos meus hormônios estúpidos de que Luca é um traidor!

Um lindo e muito, muito gostoso traidor! Aff!!

Meus amigos estão bêbados, e ainda estão tão chocados vendo Luca ao meu lado, quanto fiquei quando Sandy & Júnior se separaram. Eles trocam olhares inseguros pela mesa e ninguém parece saber como vou reagir ou como ele vai reagir de agora em diante. Inclusive eu.

Pelo menos não foi só eu quem ficou surpresa em tudo...

Luca cumprimenta Carol com um beijo no rosto e os meninos com um cumprimento de homem.

— Cadê Mariah? — pergunto a Carol, que neste momento, parece meio confusa por causa da bebida.

— Não sei. — Ela sacode a cabeça. — Não estava com você? Pensei...

— Não...

— Mariah saiu para conversar com Thiago — Lucas me interrompe, falando ao meu pé ouvido.

Hm... Muito perto. Muito, muito perto... Maldito seja o que causa isso em mim! Peraê. hormônios, desçam e se estabeleçam lá embaixo!

Respiro fundo e me recupero.

Thiago? O que ele está fazendo aqui também?

Por que diabos Thiago não me disse que estava vindo para cá quando conversou comigo quando falou comigo hoje mais cedo? E agora toda a conversa que tivemos mais cedo parecem fazer sentido.

Que merda que esses dois querem chegando aqui de surpresa?

— O que Thiago está fazendo aqui? — Viro-me bruscamente, fitando-o, intrigada.

— O que você acha? O mesmo que eu estou fazendo. Pelo visto hoje é o dia de todo mundo resolver seus assuntos pendentes — responde, com seus olhos cerrados e uma voz estupidamente irritada.

— Vocês não poderiam ao menos avisar que chegariam? — pergunto, irritada.

— Para quê? Para vocês surtarem? — ele pergunta com desdém, mas percebi que sua pergunta era retórica, quando ele sacudiu a cabeça em negação. — Desculpe, mas acho que não.

— Que seja. — Viro-me de volta à mesa, ainda mais aborrecida.

Não posso perder meu propósito! Sapatos, sapatos...

Focalizo minha aposta e tento me concentrar nisso, que é o que é realmente importante para mim nesse momento. Ainda me restavam duas doses. Respiro fundo e percebo que meus amigos olham de um para o outro, e em seguida, de mim para Luca. Agora, eles parecem ainda mais inseguros com a chegada dele.

— *Sophie.* — Carol chama meu nome, querendo chamar minha atenção.

— Você ainda vai beber? — Duda pergunta, parecendo preocupado.

— Mais certo do que dois e dois, são quatro — confirmo, pegando o penúltimo copo de *shot* em cima da mesa.

Quando ela está a caminho da minha boca, Luca segura a minha mão, impedindo-me de beber e completar minha missão.

— O que diabos você está fazendo? — Luca questiona, parecendo ainda mais irritado agora.

— O que você acha? — respondo, cerrando meu olhar para ele, mais irritada ainda.

— Não. Você não está fazendo isso. Já vi que você bebeu demais. — Luca me repreende, mas não me importo, apenas solto sua mão que segura a minha.

— Em primeiro lugar, você não é nada meu e não manda em mim. — Luca me lança um olhar frio.

— Em segundo lugar, estou à duas doses de ganhar o par de sapatos que eu quiser. Não é você quem vai me impedir. — enfrento-o, pronta para briga pelos meus sapatos, se for possível.

— *Baby*, se for pelos sapatos... — Luca começa, e eu o interrompo:

— Foda-se! Eu não quero nada de você! — respondo e não dando tempo de Luca pensar em contestar, viro o copo na boca.

Sim. Luca está definitivamente atrapalhando meu jogo!

Agora o álcool ardeu um pouco enquanto descia com dificuldade pela minha garganta, mas respirei fundo e empurrei para baixo a vontade de vomitar. Fechei os olhos e sacudo a cabeça,

tentando manter meu foco em mente e não essa delícia morena.

Concentre-se! Sapatos, sapatos...

Mas acho que Luca está determinado a fazer as coisas mais difíceis para mim, pois me puxa para perto dele e fala entre os dentes em meu ouvido:

— Esse é o último. Não vou deixar você beber mais caralho de nada!

— Desculpe te contrariar, mas falta a décima. Não é você quem vai me impedir de terminar isso.

— rebato, soltando-me novamente do seu braço e enquanto pego a última dose, ouço Luca murmurar vários palavrões irritado.

Pela décima vez naquela noite, inclino a cabeça para trás e deixo a tequila fluir garganta abaixo. Meus dentes e lábios estão amortecidos desde a dose número... *Sei lá qual*. O efeito do álcool já percorreu o caminho para o meu cérebro faz tempo. Mas isso não quer dizer que não estou em uma nuvem um pouco confusa, porque estou me sentindo meio zonzinha, principalmente depois da chegada de Luca. Só que não posso deixar sua presença me afetar mais do que já afeta. Quando emborqueei o último copo sob a mesa, meus amigos romperam o silêncio com assobios e aplausos. Eu havia bebido tudo até a última gota, sorri animada demais para o meu gosto, mas sorri, antes de me inclinar para frente, agradecendo. Rodrigo uivou, provocando Duda, e eu estava mais do que satisfeita pela minha pequena vitória.

Sim. Absolutamente acho que estou bêbada agora.

— Bem, senhor Eduardo. Acho que amanhã você, eu e seu cartão de crédito nos veremos no shopping. — digo, piscando para Duda e sorrio, vitoriosa, fazendo com que ele comece a rir.

— Com gosto, gata. Tenho que me lembrar de não apostar mais nada com você. — provoca-me, e eu solto um beijo no ar para ele.

— *Iupi!* — Mariah rompe em nossa frente. — O que eu perdi? — pergunta, animada.

— Ganhei a aposta! — grito, animada, e Mariah, começa a pular e emitir esses sons e gritos patetas.

Ok. Claramente ela está bêbada ou algo assim. Ou nós duas estamos.

Se eu não a conhecesse melhor, diria que ela havia fumado um baseado ou qualquer coisa assim, mas acho que isso tem a ver com um certo moreno atrás dela. Thiago sorri para mim antes de me agarrar e abraçar, para logo em seguida me levantar e me rodar no ar. Tenho que fechar os olhos para a minha cabeça não rodar mais.

— *Ohhh*, você! — digo, apertando-o ainda mais em um abraço. — Feliz e com raiva de você por você não ter dito merda nenhuma de que estavam vindo. — digo, batendo no seu peitoral, quando ele me coloca no chão e Thiago ri.

— Desculpa. Eu sabia que você ficaria assim. — Thiago aponta para Luca. — Em minha defesa, a culpa é de Luca. Ele não queria que vocês desligassem o GPS do celular de vocês. — Ele volta a rir, e eu olho dele para Luca, embasbacada.

Que diabos! Ele me monitora por GPS?

— GPS? — Viro-me bruscamente, com um olhar acusador para Luca.

Nesse momento, todos os nossos amigos olham de mim para ele, parecendo esperar que eu coloque o inferno para fora de mim. Luca parece mais desconfortável agora, e eu não sei se eu poderia estar mais irritada com ele nesse momento.

Nem acredito que ele controla meus passos!

— Er... Sim... Hm... Podemos conversar lá fora? — Luca pergunta, quase sem fala.

— Um minuto — digo, sem dar brechas para contestação, antes de me virar para Carol, que está tomando uma *piña colada*. — Amiga, você me dá licença, mas acho que preciso disso aqui mais do

que você. — Sorrio, irônica, e continuo: — Porque, acho que Luca deve ter vindo até aqui para me convidar para um maldito chá de bebê, ou, quem sabe, um casamento. — afirmo, com minha voz escorrendo sarcasmo, enquanto mantenho um falso sorriso em meu rosto.

Um silêncio ensurdecedor pareceu cercar nossa mesa causado pela minha ironia. Nick me olha, preocupado. Carol está branca. Mariah está com a boca tremendo, sem conseguir dizer uma única palavra. Os meninos parecem estar esperando mais algum movimento meu, para poder me segurar de quebrar a linda cara de Luca. Simplesmente ignoro tudo isso e viro a bebida de uma só vez.

Quase certeza que o álcool destruiu o filtro do meu cérebro. Já não sei se é possível ficar mais bêbada do que estou!

Sinto o olhar de Luca me perfurando, mesmo que eu ainda esteja de costas para ele.

O quê? Ele mereceu não?

— Você já fez seu ponto. Feliz, agora? — Luca murmura, irritado pra caralho, segurando meu cotovelo. — Agora, chega. Você já bebeu o que deveria e o que não deveria. Vamos. Agora! — ele diz, enquanto toma a taça de Carol da minha mão e a coloca em cima da mesa, com um estrondo.

Ele logo começa a me puxar para sair e ainda que ele não veja, faço uma careta para ele e volto meu olhar para meus amigos.

— Desculpe, gente. Papai vai me dar uma bronca! — provoco, e meus amigos parecem finalmente relaxar e caem na risada, mas Luca apenas bufa, irritado. — Se eu não voltar em cinco minutos, procurem pelo meu corpo! — grito, enquanto Luca me continua a me arrastar para fora, mas ainda assim consegui ouvi-los rindo.

Enquanto era rebocada, um milhão de coisas passavam pela minha cabeça. Fora a saudade filha da puta que estava dele, estou fodicamente irritada pela forma como ele está agindo, cheio de razão para cima de mim. Assim que nos encontramos fora da boate, ele me solta e começa a andar de um lado para o outro, visivelmente irritado, em uma tentativa de se acalmar. Agora, que estamos fora, reparo na roupa que ele está vestindo e vejo que ele usa uma *t-shirt* preta e uma calça *jeans*. Luca é bem alto, mas mesmo eu estando com um salto de mais de dez centímetros, nossa diferença de altura ainda é gritante e parece ser de mais de um metro.

Sério. É altamente irritante ele ser tão intimidador e gostoso, ao mesmo tempo!

— O que você pensa que está fazendo? Fico todos esses dias sem falar com você, tentando te ligar, resolver nossa situação, e, quando venho até você, te encontro nesse estado...

— Desculpa se eu não te respondi. É que eu estava fazendo coisas mais importantes. Tipo te ignorando. — respondo, irritada.

— Para com isso, Sophia! — ele diz, depois de suspirar.

— Que merda você quer? Me deixar pior do que já estou? — pergunto, com uma puta raiva pela situação e ele bufa, em frustração.

— Venho aqui para tentar consertar as coisas com você e a encontro bêbada, dançando com outro cara. — acusa-me, com voz ameaçadora.

— *Oh!* — Coloco minhas mãos na cintura para enfrentá-lo. — Você tem muita moral para falar qualquer porra, né, papai? — ironizo e Luca cerra a mandíbula, visivelmente chateado pelo meu comentário sarcástico.

— Essa merda, de novo, não! Eu já disse que não lembro de porra nenhuma, Sophia! — brada.

— Ah, é? De novo, sim, porque pelo que sei, pai é pai a vida toda! — enfrento-o, sem querer deixá-lo comandar esse show. — Você teve bem mais de um mês para arrumar a porra de uma desculpa melhor... Mas agora ainda temos um nova surpresa, que chegará em uns oito meses. Então, acho bom você se adiantar, porque sinto lhe informar, mas as suas desculpas já estão ultrapassadas

pra caralho! — Encaro-o, bufando de raiva, e ele ri em frustração.

— Até enquanto estamos aqui, discutindo nosso futuro, você tem que fazer suas ironias? — pergunta, de forma irônica.

— Oi? — Coloco a mão no ouvido, fingindo que não escutei a indireta que ele deu. — Você sabia que eu era assim, Luca Campanaro. Não fingi ser outra pessoa com você desde o primeiro encontro. Se você não suporta a minha ironia, entre na porra do seu avião e dê meia volta! — Sinalizo, com ódio.

Eu quase podia sentir o álcool bombeando meu sangue, e eu certamente estava necessitando de mais nesse momento.

— Você só pode estar brincando, né? — Luca coloca as mãos na cintura, olhando-me, boquiaberto e eu o encaro de volta, decidida a não deixá-lo me intimidar. — Estou há quase dois meses rastejando, pedindo perdão a você como um idiota, por uma merda que eu não lembro que fiz, porque estava muito bêbado por ter pegado você beijando seu ex-namorado. — Faz uma pausa e bufa, irritado. — Ainda assim, faço qualquer coisa que você me pede! Até te dar a merda de um tempo, por mais que isso faça parecer rasgar meu coração. E você simplesmente acha que eu posso aceitar você pegando outros caras e fingir que essa porra de vida continua? — ele termina seu discurso, e engulo em seco, tendo a sensação de que vou engasgar a qualquer minuto.

Droga! Por que ele sempre diz as coisas certas?

Estando errada ou não, esta é exatamente a verdade: ambos sabemos a forma como nos sentimos um pelo outro. É quase impossível de ignorar. Sei que tenho razão para estar longe dele, mas, às vezes, estar em paz consigo mesma é melhor do que estar certa. Só não sei se sou forte o suficiente para isso.

— O que você quer que eu faça, Luca? Que eu simplesmente ignore tudo o que aconteceu? Que eu ignore que, em alguns meses, terei que aceitar que você se dedique a uma criança que é fruto de uma traição do nosso relacionamento? — pergunto, com lágrimas nos olhos.

— Sophia... — ele murmura, com um semblante agoniado, querendo me tocar e eu recuo.

— Não, Luca! Eu não posso! — Limpo as lágrimas que escorrem sem cessar. — Você sabe a forma como me sinto em relação à traição, e, ainda assim, resolvi ignorar a forma como me sentia, porque eu achei que merecíamos uma chance. Mas um filho, Luca? Um filho fruto de uma traição? É demais para qualquer pessoa... Ainda mais uma pessoa que tem tantos problemas, como eu. — Termino de falar aos prantos, sentindo-me cada vez mais exausta.

— Olhe para mim — ele pede, com a voz suave, e levanta meu queixo, fazendo-me olhar para seus olhos lindos, que nesse momento estão cheio de lágrimas ainda não derramadas. — Eu não queria ter de te dizer nada antes que conseguisse resolver tudo, mas eu preciso, porque não aguento mais que passemos por isso. Não consigo mais sequer pensar na possibilidade de ficar longe de você. — Ele respira fundo e eu fungo. — No mesmo dia em que aconteceu aquilo em Gramado, Thiago me atentou ao fato da maneira como eu estava me sentindo quando acordei. Minha cabeça doía demais. Na verdade, todo o meu corpo estava doendo. Eu estava meio zozinho, desorientado. Tudo parecia estar girando ao meu redor. Meus sentidos pareciam muito mais lentos do que o normal. Até hoje não sei como consegui correr atrás de você. Acho que meu desespero de te perder foi tanto, que a adrenalina fez meu corpo reagir de maneira rápida. — conta.

— Por favor, não fala sobre esse dia. — suplico, voltando a soluçar desesperadamente.

— Desculpe, mas eu preciso falar, amor. — Acaricia minhas costas. — Como eu ia dizendo, Thiago me atentou ao fato de que toda essa situação estava muito estranha. Em todos os porres que já tomei em minha vida, nunca esqueci nada que fiz. Juntamente com todos os meus sintomas, só

indicava uma coisa: fui drogado — confessa e minha boca cai em aberto.

Claro que essa possibilidade havia passado pela minha cabeça, afinal, não sou tão burra assim. Mas meu cérebro se recusou a dar esperanças ao meu coração, depois de tanto sofrer por mentiras e traições. Só que agora voltamos justamente a isso.

— Eu fiz o exame no mesmo dia — continua, e, agora, olho atentamente para ele. — O laboratório constatou que existia uma substância desconhecida na amostra sanguínea que havia sido recolhida, mas eles não sabiam identificar qual era. Sendo assim, me indicaram eu procurasse um laboratório especializado fora do Brasil. Mas...

— Mas o quê? — pergunto, com meu coração batendo disparado.

— Não sei explicar direito, mas como já tinham se passado alguns dias, o sangue que foi colhido não tinha tantos resíduos dessa substância para que pudessem identificar. Era quase inexistente, e o que tinha ali não poderia comprovar nada. Pedi que meu advogado entrasse com um pedido para ver a possibilidade de pegar a amostra de sangue que havia sido colhida no primeiro laboratório que realizei meu exame... — Luca para de falar e seu semblante parece perdido.

— O que aconteceu, Luca? — pergunto, agoniada.

— A ampola tinha sido trocada — fala, engolindo em seco.

— Como assim “trocada”? — pergunto, sem entender nada.

— Trocada. Sabemos disso, porque o sangue estava limpo, e o resultado tinha sido modificado no sistema do laboratório. Para confirmar, meu advogado entrou com um recurso, para que uma nova colheita do meu exame fosse feita, para que confirmasse que o sangue não era meu. E realmente foi constatado que o sangue não batia com o meu. Nem o tipo sanguíneo era o mesmo. — explica.

— O que isso quer dizer? — pergunto, cada vez mais nervosa com o rumo que essa conversa está tomando.

— Isso quer dizer que alguém descobriu que fiz esse exame e tratou de apagar todas as provas que comprovassem que fui drogado. Alguém que provavelmente quer me prejudicar. Ou pior: nos separar. — conclui, com um semblante derrotado.

Ai. Meu. Deus.

Começo a chorar, por tudo, mas apesar do medo que inevitavelmente senti, fiquei avaliada por Luca me amparar nesse momento. É muita coisa para pensar, e estou mais do que confusa com o turbilhão de sentimentos contraditórios que tenho. Alguém fez tudo isso de propósito, e eu não sei se fico aliviada, por saber a verdade, ou com medo do que pode vir a acontecer.

— Por que você não me disse nada disso? — pergunto.

— Dizer o que, *baby*? Que eu não havia realmente te traído e devo ter sido drogado? Como eu te diria isso sem provas? — pergunta, com o rosto angustiado.

— Me dizia o que estava acontecendo...

— Sophia, quantas vezes você foi traída e ouviu desculpas? Eu não queria ser mais uma desculpa para você. Queria te provar que tudo não passou de uma armação, e não te dar mais uma desculpa para você colocar no seu currículo. Isso não seria justo, nem comigo e muito menos com você, porque sempre iria pairar a dúvida sobre nós. Não queria que nossa vida juntos fosse construída em cima disso. — explica-se, acariciando meu rosto.

Aquiesço, porque apesar de preferir que as coisas entre nós fossem diferentes, eu entendo o que ele quer dizer. Luca não queria que eu sempre tenha um pé atrás em nossa relação. Ele queria me provar que fomos uma vítima dessa armação, e não que a gente seguisse em frente com o uma traição em nossas costas. Ele sabia que em algum momento isso seria um empecilho sobre nós, principalmente sabendo como me sinto em relação a traição.

— Eu só queria que você tivesse dividido isso comigo... — confesso, tentando encontrar minha voz.

— Eu sei, meu amor. Mas eu não queria que você se preocupasse, não queria que você ficasse com medo de fazerem mais alguma coisa contra a gente. — ele diz, limpando minhas lágrimas.

— Entendo. — Assinto. — Você acha que foi Jéssica? — pergunto, tentando manter meu controle.

— Ela é a principal interessada na história, obvio. Principalmente por ter estado lá quando acordei. E, agora, com essa história da gravidez... Mas, com todo esse problema com o laboratório, não podemos descartar a possibilidade de que ela tenha alguém a ajudando com toda essa armação. Porque, se ela realmente está envolvida nisso, tenho certeza de que ela não está sozinha nessa. — explica e eu concordo.

— Também não acredito que ela faria tudo isso sozinha. Não sei se ela é tão inteligente assim. — Suspiro. — Ainda assim, isso não muda o fato de ela estar grávida de um filho seu. — digo, tentando engolir o enorme carço na minha garganta.

— Bom. Isso é outra coisa que eu queria conversar com você. — Ele suspira fortemente e passa a mão no cabelo, nervoso. — Eu demorei para vir atrás de você desde aquele dia da boate, por causa disso. Deixei que você viajasse para tentar espairer, porque, na verdade, eu estava tentando resolver essa situação. Entrei com um pedido, junto ao meu advogado, para que Jéssica mantivesse o caso da gravidez em sigilo. Ela não pode se manifestar para a mídia sobre nossa história e tentar ganhar popularidade com isso, muito menos tentar denegrir nossa imagem com essa situação. Sei que é uma merda complicada e fodida, mas meu advogado também entrou com pedido de exames de DNA etc. Porém...

— Porém, se ele for realmente seu filho, você assumirá. — complemento, em um fio de voz, e ele assente. — Eu sei. Não esperava nada menos de você, e muito menos pediria que você renegasse um filho seu. — falo, com lágrimas nos olhos.

— Sei que você sabe, *princesa*. Sei que você está com medo. Confesso que também estou. Mas de qualquer maneira quero que nos dê essa chance. Por mais que seja meu filho e que eu vá amá-lo quando nascer, isso não muda nada em minha relação com Jéssica. Mesmo que você não tivesse aparecido, não teria mudado. Quanto mais agora. — Ele segura meu queixo, me fazendo olhar para ele. — Eu amo você, Sophia. Sei que essa merda toda está sendo complicada para mim e para você. Que você sofreu tanto quanto sofri. Mas eu sou egoísta quando se trata de você. Não consigo ficar longe. Quero apenas te pedir para ficar ao meu lado. Quero te pedir para ser essa pessoa maravilhosa e compreensiva que é. Que me ame, que me apoie. Sei que, se esse filho for meu, você vai sofrer. Acredite: também vou sofrer, porque o que eu mais queria era um filho, mas não de qualquer pessoa, não de outra mulher, muito menos nessa situação. E sim um filho seu, um fruto do nosso amor. Ainda quero isso. Mas, por mais fodido que seja tudo o que está acontecendo, não me peça para te deixar, para me afastar, porque não vou suportar. Eu simplesmente não posso passar por tudo isso e, muito menos, viver sem você. — confessa, com lágrimas escorrendo nos seus olhos e eu já não podia mais parar de chorar.

Merda! Por que tem que ser assim? Por que temos que estar passando por tudo isso?

Sei o quanto é complicado para nós dois, mas simplesmente não posso ignorar a verdade. Fomos vítimas de uma armação, e eu seria uma idiota se deixasse tudo isso que sentimos um pelo outro por capricho. Luca me ama, eu sei. Ele não precisaria estar tentando provar tudo isso se não fosse verdade. Apesar de todo o meu medo, de toda a minha insegurança, não posso ficar longe dele. Afastar-me dele sabendo de toda a verdade é o mesmo que ignorar um pedaço meu. Não posso.

— Eu não vou sair do seu lado. — prometo e ele me olha com um enorme sorriso, emocionado.

— Jura? Então, você me perdoa por toda essa confusão? Vai realmente me ajudar a passar por tudo isso? Juntos? — Luca pergunta, esperançoso, mas sei que ainda está inseguro.

Ele ainda está angustiado. Sei o quanto nós ficamos quebrados com toda essa história, mas Luca foi mais vítima do que eu em tudo, pois ele estava sofrendo por algo que ele definitivamente não fez. E eu não estava ao seu lado para te apoiar. Mas isso está mudando agora.

— Você não teve culpa, Luca... E... Sim, meu amor... Juntos. — Acaricio seu rosto e ele beija minha mão, antes de me abraçar apertado e encostar sua boca na minha, dando-me um beijo de leve.

— Obrigado — ele murmura, em minha boca, antes de avançar a sua sobre a minha e me dar um beijo de tirar o fôlego.

Luca me encosta na parede do corredor onde estamos, prendendo-me à superfície com seu corpo. Meus braços automaticamente rodeiam seu pescoço, enquanto ele gruda seu corpo grande ao meu, enrolando seus braços em minha cintura. Através da roupa, posso sentir a rigidez do seu membro contra a minha barriga e isso tudo me põe louca.

Eu o quero... Não, eu preciso dele!

Minha mão vai para a sua nuca, necessitando trazê-lo mais perto de mim. Ele geme em minha boca, roçando seu membro, cada vez mais rijo em mim. Luca tem, como sempre, o total controle sobre meu corpo. Como sempre estou completamente entregue a ele. Por sabermos que estamos no meio da rua, inevitavelmente nosso beijo diminui a intensidade, até que ele descola os lábios dos meus, descendo pelo meu pescoço, enquanto nós dois respiramos pesadamente.

— Merda! É só eu tocar em você, que eu me esqueço onde estou. — Mordisca minha orelha, e eu estremeço. — Agora, vamos sair daqui? Preciso da minha mulher... Agora. Quero ter você na minha cama, nos meus braços e, principalmente, quero ter meu pau dentro de você. — sussurra, em meu ouvido, fazendo-me arrepiar e um gemido involuntário escapa dos meus lábios.

Oh doce Jesus! Esse homem é a minha perdição!

Sorrindo, saímos de mãos dadas, quase correndo até o carro. Sentados no carro, Luca pega na direção, e eu coloco minha cabeça em seu ombro. Quando paramos em um sinal, ele me aperta, enterrando o rosto em meu pescoço e quando sinto sua respiração em minha pele, esqueço completamente sobre traição, armação, gravidez ou medo de nunca ser suficiente para ele. Estou exatamente onde quero estar.

Capítulo 19

O hotel em que Luca havia reservado uma suíte é maravilho, mas nem tive tempo de ver como as coisas ao meu redor eram, porque assim que Luca trancou a porta do quarto, ele pressiona na parede e vem até minha boca, em um beijo faminto. Suas mãos estavam por toda parte, fazendo com que eu não queira outra coisa a não ser sentir suas mãos em mim. Enrosco minhas pernas em volta dos seus quadris e enterro meu rosto em seu pescoço, sentindo seu perfume divino, enquanto ele desliza sua boca pelo meu. Ele dá um grunhido alto quando começamos a andar, e eu aproveito para me esfregar ainda mais sobre sua ereção.

Meu corpo encontra a cama macia, e meus longos cabelos loiros caem ao meu redor. Luca me olha por um momento com ternura e paixão, antes de começar a me despir daquela forma que só ele faz, em uma tortura deliciosa. Ele tira minhas sandálias e massageia meus pés levemente, antes de beijar minha tatuagem. Suas mãos vão subindo pela minha perna, continuando uma massagem sensual, fazendo-me sentir seu toque magnífico sobre minha pele. Suas mãos deslizam pela minha coxa, e quando ele encontra o cós da saia na minha cintura, levanto os quadris, ajudando-o a tirá-la, querendo desesperadamente que não haja mais nenhuma barreira entre nós.

Luca geme, no momento em que a pequena tanga branca que uso se revela para sua felicidade. Seus olhos não deixam os meus, acompanhando cada etapa descoberta da minha pele, brilhando de forma intensa, predadora. Ele chega ao meu top, e assim que levanto os braços para ajudar a tirá-lo, meus seios saltam, duros para sua apreciação. Ele lambe os lábios e belisca suavemente um mamilo, ao mesmo tempo em que seus olhos azuis me devoram de maneira apaixonada.

— Puta merda, *baby!* Você é tão linda... Porra! Você tem um corpo tão perfeito que me deixa sem palavras. — murmura, com a voz rouca, pesada de desejo.

Com os dedos, ele traça a curva dos meus seios, em um toque delicado e possessivo. Luca aparece me reverenciar a cada vez que faz amor comigo, e isso me faz doer ainda mais de desejo por ele. Não conseguindo mais me segurar, inclino-me para mais perto de suas mãos.

— Amor... — gemo, e ele logo cobre um mamilo com sua boca, antes de chupá-lo com força.

— *Shhh...* Vou cuidar de você, amor. Vou cuidar desse corpo delicioso, que parece que foi feito exclusivamente para mim. Esse corpo que me tira completamente o juízo. Vou te provar o quanto eu te amo e te venero essa noite. E, depois de hoje, vou fazer isso para o resto de nossas vidas. — murmura, antes de abrir minhas pernas e se abaixar entre elas, olhando sem nenhum pudor para minha boceta depilada. — Porra! Aqui eu posso sentir o cheiro da sua excitação. — Passa os dedos entre meu sexo molhado, fazendo-me gemer. — Adoro o fato de você estar sempre assim, toda molhadinha, pronta para mim. — Faz um movimento circular com o dedo no meu clitóris. — Mas eu adoro mais ainda seu gosto. Passaria a vida toda provando essa sua boceta doce. — afirma, antes de deslizar sua língua em meu sexo.

— Meu deus, Luca! — grito, forma de mim.

Ele movimenta sua língua em meu sexo, rodando e dançando com ela em meu clitóris, em um ritmo enlouquecedor. Não consigo me manter quieta, pois todo o meu corpo estava vibrando por sua causa. Mesmo com ele me segurando, levanto meu quadril, querendo, precisando de mais dele. Ele coloca um dedo em meu canal escorregadio, e eu gemo, antes do orgasmo vir tão rapidamente e de uma maneira tão fora do normal, que me ouço gritando, entorpecida de prazer.

— Minha delícia! — diz, lambendo-me delicadamente antes de beijar cada coxa minha.

Luca se afasta para tirar sua roupa, e, como não sou boba, nem nada, levanto meu tronco para

apreciar a vista, pois vê-lo se despir é definitivamente uma espetáculo a ser reverenciado. Primeiro, ele tira sua camisa para logo em seguida, livrar-se dos sapatos, da calça e da cueca, sorrindo malicioso quando vê meu olhar se apreciação pelo seu corpo.

Meu Deus do céu! Luca é lindo demais, e eu não canso disso!

Seu peitoral, que parecia ter sido esculpido por aqueles músculos bem feitos. Seu abdômen, com aqueles seis gominhos trabalhados. Aquele “V” perfeito, que sei que é o mais delicioso caminho da felicidade. Seu membro, rijo, grande e impressionantemente lindo. Tudo isso me dava a visão mais perfeita que poderia ter. Não tinha como não ficar hipnotizada com tamanha perfeição. Luca era definitivamente, o homem mais lindo que já vi em toda a minha vida. Ele era tão perfeito, que não parecia real. É uma verdadeira injustiça com o resto dos homens ele ser tão bonito assim.

Sorte a minha, né?

— Não faz isso. — ele murmura, com a voz ainda mais grossa de desejo.

— O quê? — pergunto, como quem não quer nada. Sentando-me para encontrá-lo ao pé da cama. — Quer dizer que só você pode olhar pra mim? Nada disso. Também quero olhar pra você. Quero poder apreciar o homem lindo que tenho. — digo, sem esconder meu desejo e admiração por ele. Passeio minhas mãos pelo seu corpo, sentindo a maciez e o calor da sua pele morena, descendo minhas mãos pelos seus gominhos desenhados. — Você é lindo, amor... Perfeito! — digo, antes de me inclinar pra frente e encostar os lábios bem no meio do peitoral dele.

Ele faz um som gutural, e seu corpo se enrijece. Nossos olhos se encontram, e consigo ler, nos seus, os mesmos sentimentos que me dominam. Amor, paixão, admiração, tesão... E um desejo descomunal. Nós nos desejamos como dois loucos, mas isso sempre foi além de sexo. Nós nos amamos como nunca imaginei que fosse possível amar alguém e, principalmente, ser retribuída com a mesma proporção.

Sem dizer nada, desço meus lábios pelo seu peitoral, cortando seu abdômen com a língua. Com as mãos, seguro seu membro rijo e o masturbo levemente, fazendo Luca soltar um som gostoso de aprovação. Lentamente deslizo minha língua de cima para baixo, para em seguida bombear seu membro em minha boca. Ele joga a cabeça pra trás quando começo a chupar forte e devagar, intercalando os movimentos combinados com o ritmo da minha mão.

Ele começa a dizer coisas incoerentes e murmurar o quanto ama e fica louco por mim, pelo o que faço com seu pau enquanto o chupo com vontade. Ver aquele homem todo falar essas coisas indecentes e perceber o quanto ele perde o controle por minha causa, só me deixa ainda mais louca por ele. Quando sinto que ele está prestes a gozar em minha boca, ele me levanta pelos cabelos e a beija de forma quase esfomeada.

Luca separa nossos lábios e abre minhas pernas para ele, roçando seu membro em minha entrada, brincando comigo, provocando-me, deixando-me cada vez mais enlouquecida por ele. Carinhosamente ele vai entrando em mim, fazendo-nos gemer com o contato. Quando me vejo completamente preenchida por ele, naquele encaixe perfeito, tenho aquela sensação de realização, que só ele é capaz de me proporcionar. Luca provoca uma reação diferente de tudo que já senti antes e foi assim desde a primeira vez que nos vimos, da primeira vez que nos beijamos, que nos amamos... Em tudo.

É bom demais. Difícil até de explicar.

Nossos corpos começam a se movimentarem juntos, naquele ritmo só nosso. Nossos movimentos sincronizados se completando. Enquanto nossos corpos se movimentam, Luca começa a falar várias baixarias deliciosas em meu ouvido, sobre como é gostoso tanto fazer amor, quanto me foder. Isso só me deixa mais louca ainda. Ele respira fundo e prende os lábios, na certa tentando segurar essa

torrente de emoções que sentimos quando nos encaixamos. Sei que ele está próximo, mas Luca nunca goza sem mim, pois sempre se preocupa primeiro com meu prazer, para só depois pensar nele próprio. Não demora muito e eu gozo. Sinto aquele turbilhão de sensações que dominam cada pedacinho do meu corpo, em um êxtase esplendido que me deixa aérea.

Sempre perfeito!

Cada vez mais perfeito com ele. Fazer amor com Luca é a coisa mais incrível e completa que já senti em minha vida. Luca geme quando sente meu canal apertando seu membro, que continua naquele ritmo maravilhoso, sem cessar. Ele então enterra seu rosto em meu ombro, suas investidas se tornam mais intensas e profundas, não demorando muito até ele se derramar dentro de mim.

— Eu te amo! — ele murmura, quando estamos deitados, envolvidos um no outro.

— Eu também te amo. — murmuro, antes de mergulhar em um sono profundo.

Ser acordada com café da manhã na cama? Maravilhoso. Ser acordada com café da manhã na cama e Luca me dando um delicioso sexo oral? Melhor impossível! Demorei um pouco para entender o que estava acontecendo. Achava que talvez estivesse sonhando, mas logo estava toda aberta para ele, pois meu delicioso homem me levou de sonolenta a loucamente excitada em menos de um segundo.

— Bom dia! Aproveite seu café, *baby*! Porque já estou me fartando com o meu. — ele murmura, com um sorriso safado, antes de voltar ao ataque divino com sua língua.

Sim! Inferno! Eu absolutamente vou aproveitar!

Pego uma vasilha de frutas na bandeja ao meu lado. Começando a comer os morangos e fecho os olhos, enquanto desfrutava de todas as sensações deliciosas que ele me provocava. Já disse que, por mim, eu morreria assim, e nada mais seria que uma morte digna e feliz.

Depois do melhor café da manhã da minha vida e de Luca me prender na cama durante toda a manhã, tomamos banho. Vesti a mesma roupa que havia usando ontem, e Luca me fez colocar uma camisa sua por cima, pois disse que estava muito indecente. Eu ri, mas ainda assim obedeci. Fiz com que ele arrumasse a mala com suas coisas e fazer *check-in* no hotel, porque acertamos que iríamos ficar juntos com todos na casa. Não é porque Luca e eu fizemos as pazes que esquecerei tudo o que meus amigos fizeram para me trazer para cá. Não mesmo.

Chegamos à casa que havíamos alugado, e aparentemente todos haviam acabado de acordar, pois estavam na mesa com uma cara péssima causada pela ressaca, enquanto ainda tomavam café da manhã ao meio-dia.

— Bom dia! — falo, animada, e eles murmuram um “bom dia” desanimado para mim.

— Bom dia só se for para você, porque estou com uma ressaca do caralho! — Duda murmura, irritado.

— Se meu dia for bom, amanhã eu te digo. — João responde, mal-humorado.

— *Oh*, que peninha! Trouxe *Engove* pra todo mundo. Achei que talvez vocês fossem precisar! — falo, e imediatamente ganho o amor dos meus amigos.

Como não amar essas pessoas interesseiras?

Fizemos uma re-arrumação dos habitantes da nossa casa. Nick se mudou definitivamente para o quarto de João e Duda, então Luca e eu ficamos com seu quarto, já que Mariah e Thiago já estavam instalados no outro em que nós duas dormíamos antes. Mais tarde, depois de tomarem o remedinho

milagroso que eu havia trazido e depois de termos descansado mais um pouco, todos já estavam visivelmente melhores das suas ressacas. Depois de almoçarmos, estavam querendo passar o restante do dia na praia, o que eu era terminantemente contra.

— Me poupe, Sophia! Vamos, sim. O dia está lindo, e agora que estou melhor, não estou a fim de passar o resto do dia enfurnada dentro de casa. — Mariah fala, e os outros concordam.

— Com certeza! Preciso arranjar uma companhia feminina. Não pretendo passar minhas noites com esses idiotas ao meu lado. — João fala.

— Pra que praia, gente? Essa não é uma hora saudável para nos expormos ao Sol. Vocês têm noção do quanto o câncer de pele tem aumentado nos últimos anos? — indago, séria e vejo todos os meus amigos revirando os olhos.

O que? Não estou mentando quanto a isso!

Luca me olha atentamente, provavelmente tentando descobrir a verdadeira razão por eu não querer ir pra praia. Desvio meus olhos do dele, porque não quero que ele encontre o porquê da minha desculpa esfarrapada. Mas eu sabia que não seria tão fácil assim.

— Por que você não quer ir pra praia, Sophia? — Luca pergunta, sério.

Não disse?

— Porque não estou a fim. — Viro meu rosto, indo em direção à cozinha.

— Mentira, Luca. Ela não quer passar pela prova do biquíni — Carol entrega o jogo.

Vou matá-la!

— O quê? — Luca pergunta, provavelmente sem entender o que ela quis dizer com isso.

— Nada! — respondo, cerrando meu olhar para Carol, que só sorri para mim.

— Mentira! Sophia tem pavor de passar pela prova do biquíni. Diz que, quando o namorado vê a mulher de biquíni, “ou vai ou racha” — explica e eu faço uma careta para ela, enquanto todo mundo ri.

Estou mentando? Não, mesmo!

Essa prova é de extrema importância para um relacionamento, e eu não sei se estou preparada para tal. Muita gente perdeu o namorado depois disso.

— Sério isso? — Luca pergunta, incrédulo.

— Claro que sim! Muitos relacionamentos terminam depois que um homem vê a mulher de biquíni. Não é todo mundo que está preparado para isso. — falo, séria, e ele começa a rir.

— Amor! Pelo amor de Deus, né? Eu já te vi nua mais vezes do que me lembro. Conheço cada centímetro do seu corpo. Por que você acha que seria diferente ao vê-la de biquíni? — Luca pergunta, ainda rindo.

— Por favor, poupem-nos dos detalhes! — Mariah murmura, irritada.

— Não, não nos poupem. Detalhes são de extrema importância — João diz, sério, tirando uma risada de todos e eu lhe dou o dedo.

— Por quê? Primeiro, que você não estaria vendo meu corpo para seu bel prazer, mas sim exposto em um pedaço de pano, que cobre apenas as partes que necessariamente lhe interessam na hora do sexo. Exatamente por isso todos os meus defeitos não serão mais ignorados. Estrias, celulites, gordurinhas localizadas etc... Todas as minhas imperfeições em exposição, para seu horror. Você acha mesmo que quero isso? Não, obrigada! — digo, irritada.

— Amor. — Ele me puxa, juntando meu corpo ao dele. — Deixe de pensar merda! Como eu já disse, conheço cada centímetro do seu corpo. Até os que você diz serem imperfeitos, para mim são mais do que perfeitos. Você pode me ver até correr, mas só se for para correr atrás de quem não tira os olhos do corpo da minha mulher — diz, beijando-me.

Não disse? Perfeito! Como não me derreter por uma criatura dessas?

— *Oh que lindo!* — Carol murmura, também emocionada pelas palavras de Luca.

— Carolzinha, amor, também adoro suas imperfeições. Vem cá, minha linda! — Duda provoca, chamando-a.

— Vá procurar o que fazer, Duda! De preferência, tome uma aula de romantismo com Luca, caso pretenda segurar uma mulher. Algo me diz que não vai ser fácil você conseguir segurar uma mulher. Não sei se isso que você tem no meio das pernas é o bastante para isso. — Carol rebate, arrancando gargalhadas de todo mundo.

Relutantemente, acabei concordando ir à praia. Enquanto me arrumava, pedi para me trocar sozinha, pois Luca quando viu meus biquínis, começou a dizer que era tudo indecente, e eu o mandei pastar do quarto antes que eu mudasse de ideia. A praia estava bem cheia, e mais uma vez, comecei a me questionar se esse povo não tinha o que fazer. Enquanto estava ponderando se devo tirar ou não minha roupa e passar pela maldita prova do biquíni, Luca começou a tirar a sua, ganhando imediatamente minha devida atenção.

Quando ele tira sua camisa, esqueço tudo que estava pensando. Acho que até meu nome. Pois meu homem tem um corpo incrível, que eu não cansava de me surpreender e admirar. Mas assim que seu short caiu, perdi definitivamente meu raciocínio.

Santo inferno! Ele está usando uma sunga branca? Francamente... Isso deveria ser considerado um atentado!

Nunca o nome de um dos blogs que mais gosto, “*Ai Morri de Sunga Branca*”, fez tanto sentido para mim. A forma divina que a sunga envolve seu corpo, é um completo insulto aos menos favorecidos de beleza e um crime consumado de provocação. Seus braços fortes, sua barriga de tanquinho e aquele “V” sexy apontando para a pélvis, eram o supremo da minha existência, meu céu e inferno embrulhados em um pacote delicioso. É tão divino que parece que vai derreter meus neurônios.

Putá merda! Voltando pra casa. Absolutamente. Acho que eu deveria levar ele pra casa antes que eu cometa um crime!

Luca percebeu meu olhar de cobiça sobre seu corpo tentador e me recompensa com um sorriso arrogante, com suas covinhas aparecendo daquela forma deliciosamente sexy, que pode ser muito perturbadora quando se é loucamente apaixonada por essa criatura linda. Resolvo acabar logo com essa “coisa” de ter medo da prova do biquíni, porque se Luca me ama, terá que aceitar todos os meus defeitos, não? E é pensando exatamente nisso que deslizo meu short *jeans* e puxo minha camiseta para cima da cabeça.

Normalmente compro biquínis cortininha no busto e de amarrar na parte de baixo, para não ficar com marcas de bronzeados diferentes. Como já estava moreninha por causa desses dias de Sol que tomei, hoje me arrisquei e estava usando um branco com detalhes pretos. Sério. Parecia até que Luca e eu combinamos. Quando terminei de tirar minha roupa, surpreendo-me com Luca demonstrando o mesmo olhar de apreciação que eu estava lhe dando quando foi a sua vez de se despir. Ele chega até mim e sussurra em meu ouvido:

— Perfeita. Melhor do que isso, só nua e embaixo de mim, com meu pau enterrado em você, enquanto grita meu nome. — Estremeço, ficando rapidamente vermelha e loucamente excitada.

Como ficar sã depois de essa pessoa me descompensar desse jeito?

Mas acho que alguma coisa havia dado errado, pois quando me viro para me abaixar e forrar a espreguiçadeira em que tomarei sol, pude escutar claramente um rosnado vindo atrás de mim.

— Não mesmo! — Luca murmura irritado, fazendo-me me virar para ele.

— O quê? — pergunto, sem entender.

— Que porra é essa, Sophia? Você acha mesmo que vai ficar com essa porra de biquíni? Não mesmo! Vista minha blusa, ou voltamos pra casa, para colocar outro. — ordena, jogando sua blusa para mim.

Levo um tempo para entender, mas entendo. Todo mundo já ri do ataque de ciúmes de Luca. Como minha bunda é grande, mesmo que o biquíni não seja fio dental, costuma ficar bem pequeno na parte de trás, o que era o caso. Mas a culpa não é minha, pois, para uma bunda normal, meu biquíni é normal.

Ele que culpe minha bunda por isso!

Não resisti e acompanhei a risada de todos os nossos amigos, o que só parece deixá-lo ainda mais irritado.

— Tudo bem, amor. Podemos voltar pra casa, mas garanto a você que esse é o mais comportado que você vai achar na minha mala. — falo, sorrindo, e ele faz uma careta.

— Foda! Já vi que hoje vou matar, no mínimo dois! — diz, com a cara emburrada, fazendo-nos rir mais ainda.

Passamos o resto da tarde na praia. Meu amor não quis sair do meu lado de jeito nenhum. Parecia uma sombra. Luca quase cumpriu o que havia feito mais cedo, pois quando estava de braços tomando sol, dois caras simplesmente pararam para analisar a minha bunda e as das meninas, que também estavam deitadas ao meu lado pegando uma cor. Rodrigo, Luca e Thiago quase enlouquecerem, mas conseguimos contê-los, porque quase pude ver Luca como nos desenhos animados, com a fumaça saindo na orelha, de tão irritado que ficou com a situação.

Tirando esse episódio, a praia foi ótima, e depois de tantos anos sem pegar Sol, estava quase morena jambo. Luca disse que estava da cor do pecado e que estava doido para pecar quando chegar em casa. O que concordei, porque ele agora bronzeado, conseguiu ficar uma tentação ainda maior. Quando chegamos em casa, ele realmente cumpriu sua promessa.

Pecar nunca me pareceu tão bom antes!

À noite, fomos para o *El Gondolero* nos divertir. Lá era um lugar bem popular. Lá dificilmente encontramos turistas. Como estávamos levemente cansados da noite anterior, tivemos uma noite mais *light*, mas isso não quer dizer que havia sido menos divertida. Muito pelo contrário: a presença de Thiago e Luca só abrilhantaram ainda o nosso dia. Estava tudo perfeito. Não poderia estar melhor. Só espero que continue assim.

Capítulo 20

No dia seguinte, fizemos um passeio de lancha pela Ilha. Na verdade, a lancha parecia mais um iate de tão grande que era, cortesia do meu amor, nada exagerado. Apesar de tirarem sarro da minha cara pelo meu enjoo com o balanço do mar, o passeio foi bem agradável.

É, eu sei, sou uma baiana fuleira!

Mas enfim, a Ilha é linda, e o Mar Caribenho é realmente um local digno de tantos elogios. Estava meio enjoada do almoço que fizemos em alto mar, mas confesso que gostei mais ainda quando paramos em umas piscinas no meio do mar. Não me arrependi de não querer descer, pois Luca e eu fizemos um amor delicioso na lancha.

Ah! Já disse como eu amo Margarita?

À noite, resolvemos ir para o *British Bulldog*, um pub inglês com rock ao vivo. Mais uma vez fui surpreendida pela quantidade de gente que está ali no meio da semana, parecia até período de férias. Não que isso me incomode, porque não me incomoda nem um pouco realmente. Estou mais do que feliz estando ao lado dos meus amigos e meu amor.

Luca e eu dançamos algumas músicas, e ele me conquistou mais um pouco, porque amo dançar com ele e nós não temos realmente muitas oportunidades para curtir assim. Luca é um ótimo dançarino, e a maneira como me conduz durante a dança, com seu corpo junto ao meu, é realmente de pirar o juízo. Deixando-me ansiando por ele. Literalmente.

Encontramos com algumas pessoas que fizemos amizade ao decorrer dos dias, e apresentei Luca a todos. Apesar de meio enciumado, ele foi super gentil com eles, até mesmo com Jack. Tenho uma relação muito aberta com ele e Luca e eu não costumamos ter segredos, e ele não precisou juntar dois mais dois para saber que foi Jack quem havia me beijou, como eu havia lhe dito por mensagem.

Ele ficou meio furioso quando o vê chegando à nossa mesa, mas falei com ele, e ele pareceu se acalmar. Claro que ciumento do jeito que é, ele fez questão de marcar território, me dando um beijo de tirar o fôlego e, depois abraçando-me possessivamente, antes de se apresentar para ele como meu marido.

É. Fui promovida a esposa, e nem sabia disso. Não que eu esteja reclamando, claro!

A noite estava ótima, e todos estavam divertindo. Depois de mais algumas doses de tequila e alguns coquetéis, subitamente notei a ausência de Luca a nossa mesa. Procurei por ele ao redor, mas não o encontrei. E foi exatamente nessa hora que a banda parou de tocar no palco, e uma voz irreconhecível chamou a minha atenção ao falar no microfone.

— *Buenas noches!* — a voz de Luca soa pelo bar, e nossos amigos gritam e assobiam na nossa mesa, fazendo-me rir.

Que diabos ele está fazendo lá em cima?

Não faço a mínima ideia do que Luca estava fazendo no palco, mas nesse momento, depois de algumas doses de álcool no meu sistema, estava achando muito engraçado e emocionante. Fora que se fosse para o que eu estava pensando, eu achava ótimo, porque realmente amo vê-lo cantar.

— Eu vim aqui perturbar a banda, para cantar uma canção para minha garota. Ela é aquele tipo de mulher que te conquista mais a cada dia, fazendo-me amá-la mais e mais a cada segundo, me tornando dependente dela para viver. E, como louco que sou por essa mulher, não posso deixar isso passar. — Aponta para mim. — *Baby*, eu te amo. Essa é pra você. — ele diz, fazendo-me suspirar e nossa mesa e o público ao redor se romper em gritos.

No entanto, quando ele pega o vilão e começa a tocá-lo, com a banda acompanhando e abrindo a

boca para cantar a música, minha gargalhada morreu pela piada que todos estavam fazendo ao meu redor. Conhecia essa música de cor e salteado. Não sei se é a dose excessiva de álcool no meu sangue, mas não consigo registrar tudo de uma vez. Luca está cantando para mim uma canção de Bruno Mars que nós já escutamos várias vezes juntos: “*Marry You*”.

Bom Deus! Ele quer me matar?

Já o vi cantar outras músicas inúmeras vezes e até a cantarolar essa música quando escutávamos, mas ele é tão bom nisso que não me canso. Ouvir sua voz grave e profunda cantando a música e principalmente o significado da letra da canção, me traz lágrimas aos olhos. Como tudo o que ele faz, Luca domina tudo. Todo o ar ao nosso redor some. Todo o bar para pra escutá-lo e vê-lo cantando. As mulheres literalmente babam por esse show de homem, que canta divinamente segurando o violão na mão e nos deixa ainda mais encantadas pela sua visão. E felizmente posso dizer que é por quem sou loucamente apaixonada.

Sua voz me arrepiava, me deixando hipnotizada, mexendo comigo daquela maneira que não consigo colocar em palavras. Sem tirar os olhos de mim, Luca canta a música toda com aquele sorriso estupidamente irresistível em seu rosto, fazendo com que o sorriso bobo que tenho, só aumente, juntamente como as batidas do meu coração. Quando chega à última frase do refrão, ele deixa o violão em cima do banco e desce do palco, segurando uma dúzia de balões e um buquê perfeito de rosas vermelhas, que Thiago lhe entregou quando desceu. Quando ele chegou em minha frente, levo minhas mãos à boca ao vê-lo se ajoelhar na minha frente e cantar a última parte, mais uma vez, só para mim:

*“...É uma noite linda.
Estamos à procura de algo idiota para fazer.
Ei, baby,
Eu acho que quero me casar com você...”*

Com os olhos embaçados pelas lágrimas que derramava e o coração batendo disparado em meu peito, vejo que nos balões está escrito: “*Will you marry me?*”. É assim que Luca, ajoelhado aos meus pés, abre a caixinha com a minha aliança e me pede em casamento, pela segunda vez:

— Sophia de Almeida Montenegro. Você é a tampa da minha panela, a metade da minha laranja, o meu pé de meia perdido, a última peça do meu quebra-cabeças, minha vida, meu ar, meu chão, minha âncora, meu tudo! Sou um homem loucamente apaixonado e extremamente dependente de você. Nada mais importa para mim se eu não tiver você ao meu lado. Sophia Montenegro, amor da minha vida. Exatamente por esse sentimento imensurável que sinto por você que eu lhe pergunto mais uma vez: você aceita se casar comigo? — pergunta, emocionado, fazendo-me chorar mais ainda.

Como dizer “não” quando se sente da mesma forma?

— Sim. Mil vezes sim! — respondo, com lágrimas nos olhos, e ele repete o mesmo gesto que fez da primeira vez: coloca o anel em meu dedo anelar e beija a aliança, antes de me beijar suavemente.

— *Princesa*, eu te amo mais que tudo. Por favor, nunca mais tire isso de novo. — pede, segurando meu rosto próximo ao seu.

— Não. Nunca mais — prometo, voltando a beijá-lo.

Capítulo 21

Sempre fui aquela pessoa de aproveitar intensamente meus momentos. Antes de Luca, fazia isso com meus amigos, pois por mais que eu não estivesse bem, eram eles que estavam do meu lado. Estar em Margarita com meus amigos e o homem que amo estava sendo maravilhoso. Ver que meus amigos se dando bem com Luca é como se garantisse metade da minha felicidade ao lado dele. Só não estava perfeito porque estou morrendo de saudades da minha princesa.

Giovanna estava adorando o cruzeiro e se divertindo muito, o que me deixa inevitavelmente enciumada, pois quero e estou carente da minha pequena. Coisa de mãe saudosa. Acho que estou perto do meu período, porque ando muito emotiva ultimamente. Mas ainda que esteja morrendo de saudades, o que importa é que minha filha está feliz, e tenho mais do que certeza de que ela está em boas mãos com os avós. Toda noite nós nos falamos, mas acaba que ela fala muito mais tempo com Luca do que comigo. Como Luca diz, tenho que me contentar com o fato de não ser a única princesa na vida dele. Posso com isso?

Na quinta-feira pela manhã, Thiago precisou voltar para o Rio, pois ia ter um compromisso profissional nos próximos dias. Passamos a manhã na piscina, e João fez sua especialidade no almoço: lasanha à bolonhesa com bacon.

Sério. Se a lasanha de João falasse, eu namoraria e, depois casaria com ela, sem pensar duas vezes!

O restante do dia ficamos na praia, e à noite quando voltamos, não estava me sentindo bem. Acho que alguma coisa havia me feito mal. Enquanto todo mundo saiu para se divertir, Luca e eu resolvemos ficar em casa. Não que eu esteja reclamando, pois meu amor estava ainda mais cuidadoso e carinhoso comigo do que já é normalmente.

Enquanto Luca desceu para pegar um copo de suco para mim, aproveitei para correr para o banheiro e colocar tudo pra fora antes que ele chegasse, porque se só não me sentindo bem ele já queria me levar para o hospital, imagine desse jeito.

Quero nem pensar!

Escovo os dentes e lavei o rosto rapidamente, antes de enxugá-lo. Assim que voltei para o quarto, vejo Luca ao telefone, com em um semblante preocupado e uma cara péssima, fazendo logo com que eu ficasse em alerta. Odeio ter a sensação de algo ruim.

— Tudo bem. Vamos para aí o mais rápido possível. Você sabe o que fazer. Me mantenha informado. — murmura, antes de desligar.

— O que houve? — pergunto, preocupada, enquanto me aproximo dele e Luca suspira, antes de me dar um abraço forte e beijar meu cabelo.

A forma como ele me abraça, como se não quisesse me soltar e garantisse que está tudo bem, só me deixa ainda mais preocupada.

— Vamos nos sentar. — ele diz.

Merda! Nos filmes, todas as notícias ruins começam com essa frase...

— *Baby*, eu quero que você não se preocupe, ok? — pergunta, deixando-me cada vez mais tensa.

— Luca. O que houve? Você está me deixando mais preocupada ainda. — confesso, quando nos sentamos e ele suspira.

— Sem querer, acabei levando seu celular lá pra baixo, em vez de levar o meu. Ligaram, e eu resolvi atender. Era da concessionária em que você deixou seu carro para revisão. Eles disseram que houve um roubo essa noite, e seu carro foi levado. Eles acionaram a polícia, e em pouco tempo,

localizaram um carro já na BR.

— Era o meu carro? — pergunto, preocupada, e ele acena. — Então, já que o encontraram, não tem problema. — falo, ainda sem entender a sensação esquisita que sinto.

— Amor, não é só isso. — Ele para de falar, antes de dar um longo suspiro. — Colocaram fogo no seu carro.

Deus! Essa noite não poderia ficar pior...

Ainda não consegui assimilar o que está acontecendo. Não posso acreditar que simplesmente roubaram meu carro e fizeram uma coisa dessas. Por quê? Para quê? Por mais que obviamente ficasse preocupada por terem roubado meu carro, lembro-me do que meu pai sempre dizia quando as coisas se apertavam: “vão-se os anéis, ficam os dedos”. Então, com isso tento me acalmar.

— Eles deixaram um recado... Me enviaram a foto do bilhete. — Luca continua.

— Recado? — pergunto, sem entender aonde isso vai chegar.

— O fogo já estava abrandado quando a polícia localizou. Lá, havia um bilhete.

Bilhete? Que merda é essa?

— O que ele dizia, Luca? — pergunto, com meu coração batendo em um ritmo alucinado.

— Merda! Eu não deveria ter te falado nada. — Suspira, passando sua mão no cabelo, em seu gesto nitidamente nervoso.

— Claro que deveria. É meu carro! Se isso tem algo a ver comigo, obviamente você tem que me dizer. — falo e percebo que ele parece mais nervoso.

— Amor, me deixe cuidar disso. — pede, com sua voz derrotada e sinto que além de não querer me dizer, ele não parece querer olhar para mim.

— Luca. — peço, estendendo minha mão para que ele me entregue seu telefone e ele hesita, primeiramente, mas ainda assim faz.

Uma foto do meu carro foi tirada, ainda pegando fogo, e logo em seguida, uma do bilhete, com aquelas letras amadoras de recorte de revista:

“Mate, se preciso for, mas alcance seu objetivo.”

Cuidado, Sophia. Hoje foi seu carro... Amanhã poderá ser
você, ou ele, ou ela... Tanto faz.

Vem aí:

Era uma vez *Para Sempre*,

Livro 3

A continuação da história de Luca & Sophia

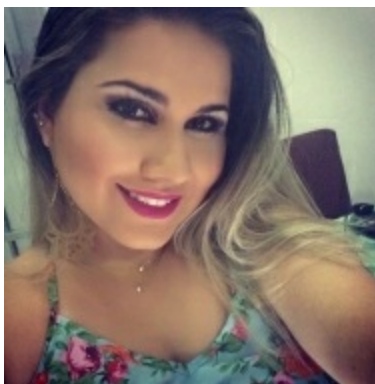
Sophia e Luca se conheceram e mesmo com tantas diferenças entre eles, se apaixonaram perdidamente. Depois de uma armação para separá-los, os dois descobrirão que há muito mais por trás dessa história do que imaginavam.

O medo e a insegurança de Sophia falam mais alto, mas Luca será capaz de tudo para não deixá-la temer pelo desconhecido. Ainda haverão descobertas e muitas lutas pela frente, só que nada será suficiente para afastar quem não consegue viver sem o outro. Afinal, *“Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... até que a morte nos separe...”* Limites foram ultrapassados, o amor postado à prova, surpresas inesperadas, mas a cima de tudo os dois farão de tudo lutando pelo seu final feliz.

Em Fevereiro/2016!!!

Sobre a Autora

MÍDDIAN MEIRELES



Filha única e nada mimada. Mas ainda assim eu era aquela menina que trocava um quarto de brinquedos, por uma caneta e um papel mesmo antes de aprender a escrever. Era aquela que escrevia no diário sobre o seu dia-a-dia, mas também sobre seus medos, sonhos e desejos. Aquela que odiava Matemática, mas adorava Redação. Hoje, Mãe, esposa, amiga, viciada em maquiagem e sapatos. Aquela em que sua fiel companheira para a Insônia são os livros e por essa paixão resolveu usar a imaginação e escrever suas próprias histórias.

Contato: contato@mimeireles.com

[Perfil](#) | [Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#)

Outras obras da Autora:

[Um Casamento Quase Real](#)



Sinopse: Stephanie di Montalcino, é uma jovem recém-formada na Universidade de Nova York, onde viveu nos últimos quatro anos. Ela mesma se considera mimada, impulsiva e dona de um péssimo temperamento. Viveu cercada de luxo, adora uma balada e tem uma compulsão por compras. Mas o que a diferencia das outras jovens? Basicamente o fato dela ser a princesa de um rico pequeno País Europeu, a Campavia.

Théo Caravaggio, é um rapaz que foi criado dentre as leis rígidas da nobreza Campaviana. Depois de duas graduações em Cambridge, como braço direito do Primeiro-Ministro do seu país, seu pai, ele planeja seu próprio futuro político.

E agora os dois vão descobrir que seus destinados foram traçados, antes mesmo de nascerem.